UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL EM
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

APRENDIZAGEM HISTÓRICA: DIÁLOGOS ENTRE A TELENOVELA "GABRIELA" E A HISTORIOGRAFIA

ELISABETE ZIMMER FERREIRA

RIO GRANDE
2014

ELISABETE ZIMMER FERREIRA

APRENDIZAGEM HISTÓRICA: DIÁLOGOS ENTRE A TELENOVELA "GABRIELA" E A HISTORIOGRAFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito final para obtenção do título de Mestre em História – Área de Concentração: História, pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem.
Orientadora: Profª.Drª Júlia Silveira Matos

RIO GRANDE
2014

Dedico a meu filho Maurício e meu esposo Nilton por ter consciência de sempre poder contar com seu apoio.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado filho, Maurício, por ter sido compreensivo em todos os momentos em que não pude lhe dar a atenção que merecia, por ter me apoiado de forma incondicional na etapa final desta pesquisa.

Ao meu querido esposo, Nilton Luiz Paredes Gáz, que esteve ao meu lado sempre incentivando e apoiando, durante a realização desta pesquisa.

A meu pai, Sr. Ayer dos Santos Ferreira, que infelizmente, não está mais aqui para partilhar a conclusão desta etapa, mas que me ensinou a nunca desistir, ou deixar algo inacabado.

A minha mãe Srª. Elsira Zimmer Ferreira, por ter sempre me incentivado.

À minha querida amiga e membro da banca, Professora Doutora Júlia Silveira Matos, que vem partilhando e orientando minhas pesquisas na área de mídia há alguns anos, tendo sido a primeira a me incentivar nesta incursão.

Aos demais membros da banca, Professores Doutores Marcelo Fronza, Adriana Kivanski de Senna, que foram muito importantes, pois esta dissertação somente foi concluída após a consideração de suas sugestões.

Aos colegas do curso de mestrado, em especial ao Marcelo França de Oliveira e a Luciana Gerundo Hornes, por sua amizade e apoio nos momentos difíceis.

[...] Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado [...] (MARX, 2006)

RESUMO

FERREIRA, Elisabete Zimmer. Aprendizagem histórica: diálogos entre a telenovela “Gabriela” e a historiografia. 2014. 201 fs. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/ RS, Brasil, 2014.

Iniciamos esta pesquisa a partir da compreensão que a aprendizagem dos saberes históricos se realiza de diferentes formas, na maioria das vezes para além das salas de aulas, e, está diretamente relacionada às instâncias em que se processa. Estas instâncias são a acadêmica e a de circulação massiva, as quais possuem caracteres distintos. Aprendizagem histórica, portanto, ocorre mediante três fatores: o primeiro diz respeito à consciência histórica surgida no cotidiano, na práxis da vida, regida pela cultura do individuo; o segundo relaciona-se a historiografia, ou seja, o modo como as informações dos eventos históricos inscritos na mente dos homens é transformada em história oficial, o que envolve métodos de pesquisa, referenciais teóricos, argumentação e narrativa; o terceiro fator é próprio sistema escolar e a forma com que se ensina história. Assim, o aprendizado histórico, emerge na narrativa histórica, quando as operações mentais da experiência, da interpretação e da orientação são realizadas, situação em que a história é apontada como responsável pela orientação cultural na vida prática dos sujeitos. Deste modo, objetivamos nesta pesquisa analisar as relações dialéticas entre uma cultura histórica construída através da historiografia sobre os conceitos de coronelismo e clientelismo e a narrativa desses conceitos na telenovela Gabriela e essa como meio de massificação da aprendizagem Histórica. Para isso, adotamos o método do estudo de casos múltiplos, o qual foi suportado nas técnicas de entrevista e da análise de conteúdo. Obtivemos duas categorias de aprendizagem histórica nas narrativas dos participantes: 1) Coronelismo/ clientelismo e 2) Sociedade. Concluímos que as cenas apresentadas em Gabriela em sua maioria convergiram para os apontamentos da historiografia, portanto qualificando-a como uma narrativa histórica. Esta narrativa foi decodificada pelos telespectadores em conformidade com sua própria cultura e permitiu a construção de saberes que se apresentaram interligados nas falas dos participantes. As operações mentais da experiência, interpretação e orientação foram processadas de forma distinta entre os sujeitos do grupo amostral, fator que evidenciou a individualidade do aprendizado de cada participante. Dessa forma, o contato com esta representação televisiva do passado, possibilitou-lhes aquisição do conteúdo histórico, o qual foi ressignificado de modo a possibilitar a compreensão do presente e a criar expectativas de futuro, definindo a ação dos participantes em sua práxis cotidiana.
Palavras - chave: Telenovela, Aprendizagem histórica, Coronelismo, Mulher.

ABSTRACT

FERREIRA, Elisabete Zimmer. Historical learning: dialogues between the soap opera "Gabriela" and historiography. 2014. 201 fs. Dissertation (Professional Master's in History) - Graduate Program in History, Federal University of Rio Grande, Rio Grande / RS, Brazil, in 2014.

We began this research from the understanding that learning of historical knowledge is realized in different ways, most often beyond the classroom, and is directly related to instances in which proceeds. These instances are the academic and the mass movement, which have distinct characters. Historical learning therefore occurs by three factors: the first concerns the historical consciousness arising in daily life, in the praxis of life, governed by the individual culture; the second relates to the historiography, that is, how the information of historical events inscribed in the minds of men is transformed into official story, which involves research methods, theoretical frameworks, argument and narrative; the third factor is the school system itself and the way history is taught. Thus the historical learning, emerges in the historical narrative, when the mental operations of experience, interpretation and guidance are performed, in which the story is seen as responsible for cultural orientation in practical life of the subjects. Thus, this study aimed to analyze the dialectical relationship between a historical culture built through the historiography on the concepts of colonels and clientelism and the narrative of these concepts in the soap opera Gabriela and that as a means of mass of the Historical learning. For this, we adopt the method of study of multiple cases, which was supported on interview techniques and content analysis. We obtained two categories of historical learning in the narratives of the participants: 1) Coronelismo / clientelism and 2) Society. We conclude that the scenes presented in Gabriela mostly converged to the notes of historiography thus qualifying it as a historical narrative. This narrative was decoded by viewers in accordance with their own culture and allowed the construction of knowledge that had interconnected in the speeches of the participants. Mental experience of operations, interpretation and guidance were processed differently among the subjects of the sample group, a factor that showed the individuality of the learning of each participant. Thus, contact with this television representation of the past, enabled them to acquire the historical content, which was reframed to enable the understanding of the present and the future create expectations by setting the action of the participants in their everyday practice.
Keywords: Soap Opera, Historic Learning, Coronelismo, woman.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Esquema teórico da Teoria social e crítica da comunicação de massa.....24
FIGURA 2 – Modelo Teórico da Pesquisa.....25
FIGURA 3 – Esquema explicativo da Técnica da análise de conteúdo.....28
FIGURA 4 – Esquema do Método de Estudo de Caso 30
FIGURA 5 – Coronel Ramiro Bastos 37
FIGURA 6 – Dr. Mundinho Falcão 37
FIGURA 7 – Esquema de apresentação dos personagens que compõem as parentelas do coronel Ramiro Bastos e de Mundinho Falcão 40
FIGURA 8 – Procissão religiosa encomendada pelos coronéis para obtenção de chuva ..... .46
FIGURA 9 – Mundinho Falcão após o barco ter encalhado no porto de Ilhéus..... 47
FIGURA 10 – Reunião de Mundinho Falcão sobre a estrada que ligava Ilhéus a Itabuna 48
FIGURA 11 – Invasão comandada por Ramiro Bastos 52
FIGURA 12 – Poder de fogo do invasor..... 53
FIGURA 13 – Tocaia direcionada a Mundinho Falcão 55
FIGURA 14 – Coronel Ramiro combinando com o coronel Melk a tocaia direcionada a Mundinho Falcão 55
FIGURA 15 – Anabela após ter sido surrada pelos capangas do coronel Ramiro....56
FIGURA 16 – Castração do Príncipe Sandra 56
FIGURA 17 – Sinhazinha sendo acusada de infertilidade pelo coronel Jesuíno 58
FIGURA 18 – Sinhazinha sendo agredida pelo coronel Jesuíno..... 59
FIGURA 19 – Morte de Dona Sinhazinha e Dr. Osmundo 60
FIGURA 20 – Malvina sendo agredida pelo pai, e, na sequencia recebendo os cuidados e conselhos da mãe.....63
FIGURA 21 – Acerto do casamento do coronel Jesuíno com Iracema.....65
FIGURA 22 – Noivado de Jerusa..... 66
FIGURA 23 – Malvina ao ser apresentada para o noivo, Berto 66
FIGURA 24 – Berto consolando Lindinalva.....68
FIGURA 25 – Lindinalva cede aos caprichos de Berto 69

FIGURA 26 – Jesuíno retirando Iracema da escola 69
FIGURA 27 – Jerusa submetendo-se a vontade de Ramiro Bastos, seu avô.....71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nichos políticos da novela Gabriela.....42
Gráfico 2 – Personagens da telenovela que foram mais significativos para os participantes.....76
Gráfico 3 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática coronelismo/ clientelismo na narrativa dos participantes.....77
Gráfico 4 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem individual da temática coronelismo/ clientelismo na narrativa dos participantes.....78
Gráfico 5 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática sociedade na narrativa dos participantes.....125
Gráfico 6 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática sociedade na narrativa dos participantes.....126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa 178
Quadro 2 – Extratos das narrativas dos participantes a cerca de coronelismo/ clientelismo.....182
Quadro 3 – Extratos das narrativas dos participantes a cerca do tema sociedade.....193

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
1. MARCO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA 20
1.1 Marco teórico 20
1.1.1 A teoria social e crítica da comunicação de massas e o ensino de história 20
1.1.2 Formas de Interação 21
1.1.3 A comunicação de massa e sua inter-relação com os sujeitos 22
1.2. Percurso metodológico 26
1.2.1 Tipo de pesquisa 26
1.2.2 Primeira parte do estudo 26
1.2.3. Segunda parte do estudo 29
2. O CORONELISMO NARRADO NA TELENOVELA GABRIELA: APRENDIZAGEM HISTÓRICA E HISTORIOGRAFIA 35
2.1 O coronelismo e seu representante 37
2.2 A gente do Coronel 38
2.3 A política coronelista 44
2.4 As práticas coronelistas 51
2.4.1 A Violência 52
2.4.2 O Casamento 64
2.4.3 Submissão 68
3. APRENDIZAGEM HISTÓRICA: GABRIELA E AS NARRATIVAS DOS SUJEITOS COMPOSTAS PELA TEMÁTICA CORONELISMO/CLIENTELISMO 74
3.1 Poder, Mando, Submissão 79
3.2 O coronel e sua gente 85
3.3 Fragmentação do sistema 93
3.4 Violência 98
3.5 Política: clientelismo e alianças 105
4. GABRIELA: APRENDIZAGEM HISTÓRICA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS NARRATIVAS DOS SUJEITOS 123
4.1 Mulher 127
4.2 Violência 143
4.3 Casamento 155
CONSIDERAÇÕES FINAIS 167
FONTES 171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 172
APÊNDICE A 178
APÊNDICE B 180
APÊNDICE C 181
APÊNDICE D 182
APÊNDICE E 193

INTRODUÇÃO

> O sentido social ou da formação cívica que justifica, em grande parte, a aprendizagem da História no Ensino Básico, não deve obscurecer ou ocultar, nem marginalizar outros objetivos fundamentais da Educação Histórica: a aquisição de uma consciência histórica para que os indivíduos possam se situar em relação aos seus ancestrais e a seus contemporâneos, e entenderem melhor a vida que lhes é dada a viver [...] (CERCADILHO, 2009)

Esta pesquisa teve como propósito analisar as relações dialéticas entre uma cultura histórica construída através da historiografia sobre os conceitos de coronelismo e clientelismo e a representação desses conceitos na telenovela Gabriela e essa como meio de massificação da aprendizagem Histórica.

A proposta da pesquisa surgiu diante da percepção da existência de constantes discussões a respeito dos temas abordados nas telenovelas por seus telespectadores em espaços públicos. Diante desta constatação, entendemos que as temáticas enfocadas nas telenovelas épicas podiam incentivar debates sobre fatos históricos fora dos ambientes formais de educação, aprimorando o conhecimento destes. Deste modo, direcionamos nosso olhar para a telenovela **Gabriela**, a qual exibiu uma representação do coronelismo vivido no país no inicio do século XX e da situação da mulher na sociedade da época, trazendo junto a isto uma discussão histórica do presente.

A partir dessa comprovação, alguns questionamentos emergiram para dirigir a pesquisa: A telenovela Gabriela se constituiu como uma narrativa histórica? Os fatos representados na trama são condizentes com os estudados na historiografia dialogando com a cultura histórica referente aos temas coronelismo e clientelismo? Como é a aprendizagem histórica que a telenovela **Gabriela** promove em ambientes externos às salas de aula? Como a aprendizagem histórica oriunda da telenovela incide sobre a consciência histórica de seus telespectadores? Nesta perspectiva, a pesquisa debruçou-se sobre a reconstrução dos fatos históricos através da telenovela, portanto uma nova forma de ensinar história e, como tal se inseriu no campo de pesquisa em Ensino de História. Deste modo, precisamos compreender como a disciplina de História é tratada atualmente.

A disciplina de história foi e ainda é vista por algumas pessoas como algo muito abstrato. Este fato adveio de uma abordagem tradicional do ensino tradicional, pois neste caso, a história foi alocada como uma sucessão de eventos e datas desconexos da realidade, o que a assentou numa posição de ciência do passado.

Em relação ao ensino de história é importante salientar que ele pode ser realizado de formas diferentes, as quais estão diretamente relacionadas às instancias se processa. De acordo com Rocha, Magalhães e Contijo (2009), o ensino de historia se verifica em duas instâncias: acadêmica, e de circulação massiva, as quais possuem estilos distintos.

Na produção de uma história acadêmica ocorre o estudo do passado mediante recortes, os quais se articulam entre si promovendo o exame pelo leitor. Para tanto, na construção do conhecimento acadêmico são empregados métodos de análise e crítica das fontes, além do próprio exercício narrativo (ROCHA, MAGALHÃES, CONTIJO, 2009).

De outra forma, a história de circulação massiva está preocupada com as demandas do presente, estando relacionada ao imaginário social. Ela opera recortes que buscam produzir uma síntese do passado, de modo a produzir um sentido para este passado que possa ser amplamente compartilhado, o que pode mobilizar em menor escala a capacidade crítica do espectador (ROCHA, MAGALHÃES, CONTIJO, 2009).

Ainda, outro tipo de produção histórica, a história escolar seguiu a linha da história de circulação massiva, detendo-se e uniformizando recortes que privilegiassem as histórias nacionais. A história escolar detém sua produção de conhecimento orientada pelas normas pedagógicas, as quais de adéquam aos diferentes níveis de instrução dos alunos, pelas práticas aprendidas pelos professores em seu processo de formação intelectual e pela sua capacidade de relacionar conhecimentos adquiridos ao longo da vida e a experiência obtida no ambiente da sala de aula (ROCHA, MAGALHÃES, CONTIJO, 2009).

Isso denuncia um paradigma a ser superado. É fundamental que o professor/ pesquisador conduza os alunos a outra ótica de história e possibilite a visão desta pelos alunos como a ciência dos homens através do tempo (BLOCH, 2001), pois nesta perspectiva a história deixará de ser somente produto dos homens aos quais foi atribuída notoriedade, e passará a ser de todos os seres humanos. Diante desta premissa, entendemos a necessidade de modificação urgente na postura do ensino

de história, a fim de inserir os alunos como parte deste processo histórico possibilitando-lhes desenvolver sua consciência histórica.

É importante mencionar que já foram promovidos debates sobre a temática do ensino de história e estes sinalizaram para a necessidade de modernizar os currículos de 1º, 2º e 3º graus, como para promover a qualificação e atualização dos professores de história. Algumas mudanças ocorreram, porém estas ainda são insatisfatórias na sala de aula. Infelizmente ainda estamos submetidos ao conteudismo, a uma carga horária reduzida, e ao desprestigio frente às disciplinas de “caráter científico”, consequência dos períodos de ditadura militar vividos no país (SCHIMIDT, 2010).

Como estratégia de mudança na sala de aula, Pinski e Pinski (2010) sugeriram a abordagem da história através de temas e questionamentos, os quais podem ser relevantes tanto ao passado quanto ao presente, cabendo ao professor eleger quais as temáticas de maior relevância para o ensino de história. Logo, é preciso que o professor seja um sujeito engajado culturalmente e adepto a leitura, pois é isso que lhe proporcionará condições para prover debates em sala de aula.

Posto isso, é importante que o professor/historiador busque diferentes fontes documentais para o ensino de história, o que requer do professor uma abertura no que diz respeito a sua própria visão de documento, pois o ensino de história, bem como a tomada de consciência histórica não se processam somente pelos meios tradicionais. Eles se realizam na compreensão dos discursos, dos modos como são produzidos, por quem são produzidos e a quem são dirigidos (SCHIMIDT, 2009).

Assim, é mister que o professor não se limite ao documento escrito, e inicie os alunos na compreensão de documentos iconográficos e fontes orais, além de incluir também os de linguagem contemporânea como o cinema, a fotografia, a informática e a telenovela. No entanto, estes documentos não devem ser usados como mera ilustração dos fatos, mas ser alocados como ponto de partida para o ensino de história. Deste modo, eles devem responder as problematizações, tanto dos alunos como dos professores, estabelecendo um diálogo entre o presente e o passado, mantendo como referência a temática histórica a ser ensinada (SCHIMIDT, 2009).

Sob essa perspectiva, vale ressaltar também que o professor além de todos esses conhecimentos supracitados, ainda precisa lidar com os saberes que os alunos trazem, e, que são construídos em processos de aprendizagem histórica fora

da escola, a partir de uma interpretação própria das mensagens transmitidas através da televisão, dos jornais, e da família.

A televisão, meio de comunicação adotado como suporte nesta pesquisa, tornou-se popular, vindo a concorrer com o cinema a partir da segunda metade do século XX. Com o crescimento da audiência, ela passou a ser utilizada como formadora de opinião, sendo neste sentido que seus programas nos interessam: como agentes transmissores de informação e formadores de opinião, capazes de gerar reflexão, ou até mesmo de inibi-la.

Nossa proposta de pesquisa se insere dentro de uma discussão mais ampla que é o conceito de aprendizagem histórica e através de que meios ela ocorre. Isso porque compreendemos o produto televisivo, em nosso estudo, especificamente, o gênero novelístico como promotor e produto da consciência histórica. Assim, no que tange a consciência histórica pode-se afirmar que este conceito não se constitui como unanimidade para todos que o utilizam, estando relacionado à realidades diferentes ou até excludentes. Deste modo, é preciso pensar se a consciência histórica é um fenômeno inerente a existência humana ou se é uma característica pertencente a um grupo específico (CERRI, 2011).

De acordo com Cerri (2011), para os intelectuais Gadamer e Áries, consciência histórica é algo restritivo e excludente. Gadamer entende a consciência histórica como própria do homem que passou por um processo de modernização, ou de especialização acadêmica. Portanto, as grandes massas populacionais permaneceriam num estado de total inconsciência histórica. Ariès, por sua vez, sustenta que a consciência histórica é algo a ser alcançado mediante um processo evolutivo cultural e o rompimento com o tradicional (CERRI, 2011).

Outra posição a respeito de consciência histórica é dada por Heller e Rüsen. Para estes autores a consciência histórica é inerente ao ser humano, parte de seu pensamento, logo não é privilégio de um ou outro ser humano mais ou menos preparado para reflexão histórica. Com isso, a história passa a ter outra conotação, não mais como área e de conhecimento especializada, mas como as produções do homem e suas coletividades em função do tempo, proposição esta que vai ao encontro dos pressupostos de Bloch (2001).

A socióloga Agnes Heller concebe a consciência como própria do ser humano, a qual passa por vários estágios que estão relacionados aos diferentes contextos da trajetória da humanidade. Deste modo, não se caracteriza como opção,

mas, como processo de transformação, numa perspectiva de significar os acontecimentos, sobre os quais a humanidade não tem controle. Nesta mesma direção vai o pensamento de Rüsen, pois o autor defende a ideia que o homem age intencionalmente, isso ocorrendo na medida em que interpreta os acontecimentos e a si próprio conforme a intencionalidade de suas ações (CERRI, 2011). Todavia, diferentemente de Heller, Rüsen não concebe a tipologia da consciência histórica como baseada em etapas.

Para Rusen (2010 b), a tipologia da consciência histórica baseia-se em posicionamentos da em relação à tradição, pois os tipos podem surgir simultaneamente em cada sujeito conforme sua relação com o tema histórico, e até mesmo a abordagem do professor. Mais ainda, para esse autor, a consciência histórica vai além do simples conhecimento do passado, ela perpassa a compreensão deste passado, o que se dá pela formulação de um conjunto de operações mentais, as quais finalmente conduzem ao pensamento histórico e sua aplicabilidade no cotidiano (SCHIMIDT, BARCA, MARTINS, 2010).

Em relação à especificidade do conhecimento, uma das primeiras coisas defendidas por Rüsen é que a história não é unicamente propriedade do sistema escolar e como tal não se finda neste espaço, mesmo que tenha nele seu lugar de referência (MARTINS, 2012). A aprendizagem histórica, portanto, ocorre mediante três fatores: o primeiro diz respeito à consciência histórica surgida no cotidiano, na práxis da vida, regida pela cultura do indivíduo, fato já discutido; o segundo relaciona-se com a historiografia, ou seja, o modo como as informações dos eventos históricos inscritos na mente dos homens é transformada em história oficial o que envolve métodos de pesquisa, referenciais teóricos, argumentação e narrativa; o terceiro fator é próprio sistema escolar e forma com que se ensina história (MARTINS 2012).

Nesse processo dialético que se estabelece entre a produção e a recepção do produto televisivo, devemos lembrar que o cinema antecede a televisão enquanto instrumento para a aprendizagem histórica, ao mesmo tempo em que recebe influência de culturas históricas.

Desde as décadas de 1910 e 1920 o cinema foi visto pelos defensores da escola nova como uma maneira de estimular e tornar o processo de aprendizagem interessante para o educando. Com isso, após a Reforma Francisco Campos (Decreto 19.890 de 1931), as Instruções metodológicas recomendaram a utilização

da iconografia, alegando que os adolescentes tinham uma curiosidade natural pela imagem, motivo pelo qual os recursos tecnológicos deveriam ser utilizados no ensino secundário (ABUD, 2003).

Assim o cinema se constituiu como importante recurso didático para o ensino de história, devido à possibilidade de reconstrução do passado e a mobilização de operações mentais que conduzem o aluno a elaborar a consciência histórica. Esta última relacionada com a vida humana prática, constituindo-se no objetivo maior do ensino de História (ABUD, 2003).

Da mesma forma a televisão deve ser pensada. Sua tecnologia é oriunda da década de 1930 e chegou ao Brasil em 1950 vindo a destacar-se em comparação ao cinema. Desde então, ela conquistou a simpatia da população brasileira passando a ocupar o lugar de terceiro bem durável mais presente nos lares brasileiros. Em 2009, conforme a Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio (PNAD) o televisor encontra-se presente em 95,7% das residências avaliadas no censo de 2009 (IBGE, 2010) fato que vem a confirmar a importância relegada ao aparelho de TV e contíguo a ele a mensagem que veicula.

A televisão destaca-se como instrumento de educação por não estar sujeita a penhora conforme a lei 8009/90 (BRASIL, 2010), pois foi vista pelo ministro Nelson Carneiro, então promulgador da referida lei, como bem indispensável nos lares brasileiros devido à divulgação de cultura. Este fato vem a corroborar para a utilização de alguns programas midiáticos como recurso para a educação.

Dentre os programas televisivos destacam-se as telenovelas, por sua abrangência na América Latina. Estas têm como característica o resgate de fatos sociais presentes no cotidiano do telespectador e sua apresentação diluída na história do personagem. No transcorrer das tramas os personagens revelam seu caráter e nesse caráter estão implícitos valores morais que regem a sociedade. Digo, o mocinho ou a mocinha são sempre bons, éticos e sofredores, enquanto os vilões perversos e antiéticos. Os primeiros passam todo enredo sofrendo quer seja, por pobreza, injustiças sociais ou perseguições enquanto os últimos, fazem maldades, mentem, roubam, matam, tudo em nome de sua ganância e inveja. Mas, ao final da novela, em geral no penúltimo e último capítulos, tudo se resolve em favor do bem, do mocinho. Os assassinos são descobertos, os vilões presos ou mortos, encerrando a trama com um final feliz e uma mensagem subentendida que

fica piscando, como uma fluorescente: *seja bom, ser mau não compensa* (FERREIRA, 2010).

Deste modo, a análise deste tipo de documento (do presente) nos permite entender também as relações entre cultura, comunicação e poder, visto que quem possui o poder midiático, dita as regras para o comportamento social, enquanto quem assiste em geral as assimila.

Conforme Tonon (2005), a telenovela algum tempo atrás era olhada vista com desprestígio, mesmo assim, ela atravessou décadas e hoje é assistida como uma possibilidade de identificação entre produtores e telespectadores, edificando-a como um dos principais produtos da indústria cultural e como a maior fonte de renda das emissoras de TV, tal é sua abrangência.

Outro fator discutido por Tonon (2005), é que a telenovela é extraordinariamente abrangente, pois não há distinção entre classe social, nem padrão de idade de seu público, devido ao fato de proporcionar a identificação dos telespectadores com os personagens representados e abordar temáticas presentes no cotidiano, construindo identidade cultural que promove a integração social.

Este tipo de produção midiática, além de promover a identidade cultural, adquire uma simbologia, a qual supera os limites sociais, sendo usadas de modo a satisfazer as necessidades psicológicas, ideológicas e até mesmo de informação de gerações dos diferentes grupos. Nas tramas são abordados assuntos que geram o debate entre o público, do mesmo modo que e a postura dos personagens dita os padrões de comportamento social e sua imagem determina a aceitação ou a rejeição do público.

Ainda de acordo com Tonon (2005), cada sujeito que assiste à telenovela e recebe sua mensagem reelabora um significado para seu conteúdo e este significado está vinculado as suas próprias experiências cotidianas. Diante disso, é incontestável a importância as telenovelas épicas, têm para o ensino de história, fato que justifica esta pesquisa.

Além dessa ampla reflexão sobre o papel da televisão e da telenovela nos processo de ensino-aprendizagem, se faz necessário ainda discorrermos sobre o marco teórico que circundou e orientou essa pesquisa, bem como a metodologia adotada na realização da mesma, fatos que apresentados nos próximo capitulo.

1. MARCO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

> [...] O papel das instituições da mídia é tão fundamental, e seus produtos se constituem em traços tão onipresentes da vida cotidiana, que é difícil, hoje, imaginar o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós [...] (THOMPSON, 2009b).

1.1 Marco teórico

1.1.1 A teoria social e crítica da comunicação de massas e o ensino de história

Na atualidade, vivemos a dinâmica da informação e a era da tecnologia, o que facilita a comunicação. Este fato vem a possibilitar o diálogo, as discussões de ideias na sociedade, numa velocidade antes jamais imaginada, sem discriminar quaisquer grupos, excetuando apenas aqueles que não desejam esta permuta de conhecimentos por incompatibilidade de interesses.

Neste contexto, introduzimos a proposta da programação de TV, em especial a telenovela, como recurso para o ensino de história e desenvolvimento da aprendizagem e consciência histórica. Esta, como objeto passível de análise sob a ótica da teoria social e crítica da comunicação de massa proposta por John B. Thompson e como instrumento de massificação de aprendizagem, conforme os pressupostos de Jörn Rüsen.

A comunicação compreende as diversas formas de transmitir mensagens. Estas mensagens carregam em si a ideologia de seu produtor, um instrumento que chama atenção para um conjunto de fenômenos sociais que podem ser objetos de crítica. Assim, a ideologia traduz como os sentidos são mobilizados a serviço dos grupos dominantes e reproduzidos por formas simbólicas de modo a manter relações sociais estruturadas (THOMPSON, 2009b).

No caso da educação histórica é preciso pensar que a ideologia está vincula da à cultura histórica de seu produtor. Deste modo, a ideologia presente na trama novelística está diluída na história dos personagens. Portanto, sua aceitação ou crítica está vinculada à identificação dos receptores com os assuntos expostos na trama, ou seja, com o simbolismo ali presente. Isso dialoga com o pensamento de Rüsen, pois se pensarmos como produto midiático as telenovelas épicas

encontramos uma representação do passado, e, esta experiência do passado, obtida por meio da telenovela, vem a responder questionamentos do presente proporcionado então uma forma de orientação para a vida prática de seus telespectadores, tal qual denota a orientação dos produtores frente a tais questionamentos do momento presente (RÜSEN, 2010 a).

É importante frisar que o nível de simbolismo nas telenovelas brasileiras é tal, que as colocou como o maior produto da indústria midiática, sendo inclusive algumas destas obras exportadas para outros países, promovendo o diálogo entre culturas, através da comunicação de ideias.

1.1.2 Formas de Interação

A comunicação, por sua vez, prevê interação entre seus partícipes e pode ocorrer de três formas: Interação face a face, interação mediada e quase interação mediada. Na interação face a face, há co-presença dos interlocutores, logo eles partilham do mesmo espaço e do mesmo tempo. Na interação mediada, não há co-presença, logo, os participantes não estão presentes no mesmo espaço ou tempo. Neste caso, a interação procede com o auxílio de um meio técnico como o telefone, as cartas, os bilhetes, memorandos. Todavia, tanto as interações face a face, como as interações mediadas, apresentam um caráter dialógico, pois a comunicação se orienta de um participante para outro, caracterizando a existência de um fluxo de ida e volta de informações (THOMPSON, 2009a).

De outro modo se verifica na quase interação mediada, pois a mensagem é produzida para ser transmitida por meios técnicos, como revistas livros e televisão, sem contexto de co-presença. Ela caracteriza-se por ser destinada a um número indefinido de potenciais receptores, diferindo das duas primeiras interações por seu caráter monológico, pois o sentido da comunicação é predominantemente único. Este é, portanto o tipo de interação usado pela mídia, pela comunicação de massa (THOMPSON, 2009 a). É nesta última forma de comunicação que se enquadra a transmissão da telenovela, pois suas cenas são produzidas para serem exibidas a um vasto público, porém não é esperada sua participação ativa no processo comunicativo.

1.1.3 A comunicação de massa e sua inter-relação com os sujeitos

Para Thompson (2009 b), o termo comunicação de massa diz respeito à capacidade de abrangência dos meios de comunicação. Caracteriza-se por: 1) Estabelecer redes sociais entre os interessados na difusão generalizada de bens simbólicos; 2) Romper com os modos de conversação dialógicos [1], pois sua mensagem é destinada a receptores que não estão fisicamente presentes no local de produção ou de transmissão da mensagem; 3) Aumentar acessibilidade às formas simbólicas no tempo e no espaço, dado o desenvolvimento das telecomunicações, que possibilitou as indústrias da mídia alto público em regiões distantes e num curto espaço de tempo e finalmente 4) Pela circulação pública das formas simbólicas, pois estas são produzidas para uma pluralidade de receptores. Neste ponto também a comunicação de massa se põe como aliada da aprendizagem histórica, pois a capacidade de alcançar potenciais receptores com a representação do passado é infinita, fato oportunizado por meio da interação com os eventos do passado e sua ressignificação no presente, e, com isso uma orientação a práxis do indivíduo, enquanto partícipe da história(RÜSEN, 2010 a).

De acordo com Thompson (2009a), há uma organização social da quase interação mediada, na qual estão alocadas as estruturas interativas de produção e estruturas de interação de recepção. Os participantes destas estruturas mesmo sem uma interação face a face estabelecem uma relação de interdependência entre si, pois tanto produtores quanto receptores interdependem uns dos outros, uma vez que os primeiros precisam do telespectador para manter a audiência e os últimos precisam dos primeiros para obter a informação.

Contudo, mesmo havendo este tipo de interdependência, os receptores entendem os produtores como sujeitos que podem gostar ou odiar, mas que têm uma aura de intocabilidade, a qual somente é vencida por ocorrência de um incidente que os coloque no mesmo espaço. Já os produtores percebem os receptores como seres anônimos e invisíveis que não podem colaborar participar diretamente, mas que sustentam sua existência. No caso da telenovela, o enredo proposto veicula a ideologia e própria crítica social dos produtores da trama até o momento em que seja estabelecido um processo dialógico com os receptores, pois

[1]Neste tipo de comunicação o receptor é também um respondente.

nesta situação é possível aos receptores expressarem sua opinião. Nos casos da telenovela com caráter épico, a trama se constitui como uma narrativa histórica de seu autor, onde ele explica os fatos do passado por meio da historia dos personagens, introduzindo nesta narrativa seu posicionamento e crítica a fatos do presente.

Outro fato sobre a comunicação de massa é a sua ação à distância, a qual se processa pela representação para outros distantes e pela ação responsiva dos receptores em contextos distantes. A representação para outros distantes ocorre de quatro diferentes modos: 1) destino receptor – entrevistas televisadas, mesas redondas, entrevistas coletivas a imprensa painéis de debate; 2) atividade cotidiana mediada – pessoas filmadas em seu cotidiano sem saber, ou sabendo da filmagem, simulações da vida cotidiana; 3) eventos da mídia – grandes convenções previamente organizadas e 4) ação ficcional – por meio da interpretação de personagens que encenam uma história (THOMPSON, 2009a).

Na ação responsiva em contextos distantes os receptores não conseguem contribuir na produção da mensagem, porém fazem uma elaboração discursiva a respeito da mensagem criticando-a, elogiando-a, ou seja, são tomadas como material para alimentar os debates entre si ou expandir a outros receptores que não estiveram presentes no momento da recepção da mensagem. Isso é o que se processa na transmissão das telenovelas, pois em geral a maioria dos receptores não se encontra na mesma localidade dos produtores, portanto não interferindo sobre a mensagem a ser veiculada, mas podendo exercer seu poder de crítica sobre tal mensagem, bem como discuti-lo com outros receptores. Dessa forma, as mensagens na mídia adquirem uma audiência adicional de sujeitos que não se submeteram a interação quase mediada, mas que assimilaram parte do conteúdo veiculado na mídia (THOMPSON, 2009a). Neste ponto, novamente as mensagens veiculadas nas telenovelas, em especial as épicas, se colocam a favor do ensino de história, pois são transmitidas a inúmeros receptores que após decodificá-las vão debater com outros potenciais receptores, vindo a trocar e aprimorar o conhecimento sobre as temáticas abordadas.

Deste modo, no momento que o receptor age de forma responsiva, reelaborando a mensagem midiática, ele apropria-se do conteúdo da mensagem de modo a estabelecer um relacionamento com ele incorporando-o nas suas atividades cotidianas. Ele faz o cruzamento entre as informações recebidas, seu conhecimento

próprio e o conhecimento adquirido nas interações dialógicas que estabelece, produzindo então seus próprios modos comportamentais e ideológicos, incidindo também sobre sua consciência histórica.

No entanto, é importante reafirmar que a própria comunicação pode comprometer o significado da mensagem, quer seja pela forma de produção ou reprodução. Fato este vinculado aos padrões de posse e de controle, ou seja, as relações que se processam entre os meios de comunicação e outras esferas a que os primeiros estão submetidos, como o Estado; a forma com que a informação é construída, onde devemos atentar para o enredo, as imagens, os ângulos, as cores, os sons... e, finalmente, a recepção e apropriação do conteúdo da mensagem, a qual envolve o contexto do ouvinte, o grau de atenção que dispensou a mensagem, suas leituras prévias do assunto presente na mensagem, o gênero, a idade, o lugar social do ouvinte (THOMPSON, 2009b). A seguir, foi ilustrada de forma esquemática a Teoria social e crítica da comunicação de massa proposta como referência nesta pesquisa.

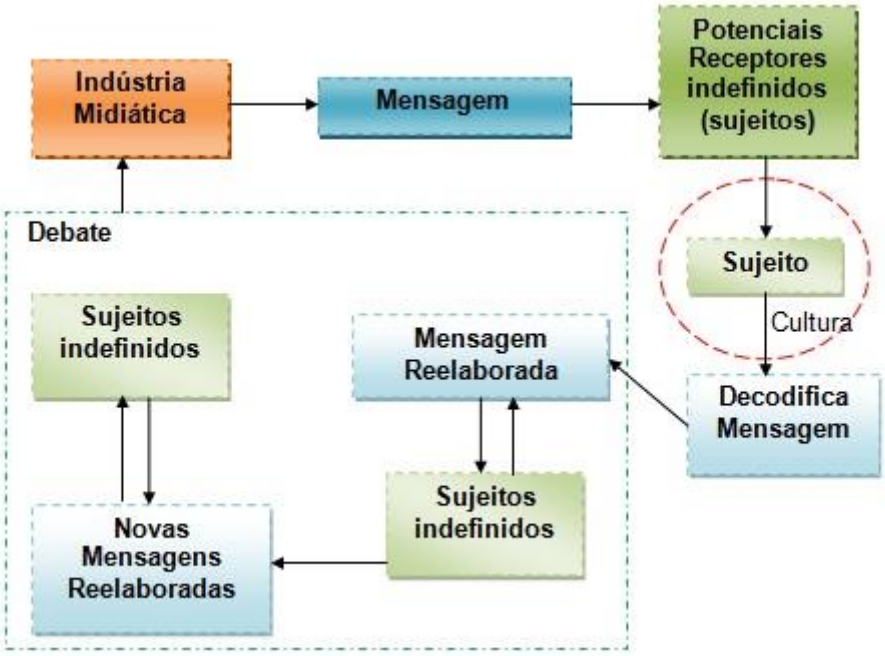


FIGURA 1: Esquema teórico da Teoria Social e Crítica da Comunicação de Massa. in: FERRIRA, EZ. O perfil do idoso apresentado na telenovela brasileira: implicações para a enfermagem, 2013: 47)

Posto isso, se aceita que em geral, que na comunicação de massa, ocorre a transmissão das mensagens numa via de mão única, ou seja, do produtor para o receptor. Isto estabelece um rompimento com as conversações dialógicas, pois

neste caso, o receptor tem poucas chances de contribuir para o conteúdo da mensagem. Porém, não significa que não haja uma critica dos receptores ou que estes sejam inertes.

Thompson (2009b), nega a passividade dos sujeitos envolvidos no processo de comunicação. Para ele, cada pessoa que recebe uma informação, decodifica-a, ressignificando esta mensagem, estando este processo diretamente ligado a cultura dos sujeitos. Sendo esta a premissa da teoria social e crítica da comunicação de massa, sua a aplicabilidade ao estudo se dá no fato da reconstrução midiática dos fatos históricos por meio das telenovelas possibilitar ao público telespectador discuti-los, relacionando-os a momentos históricos da produção das telenovelas, tomando ciência de sua própria historicidade de modo a nortear seu comportamento futuro, alcançando então o estado de consciência histórica.

Modelo Teórico da Pesquisa

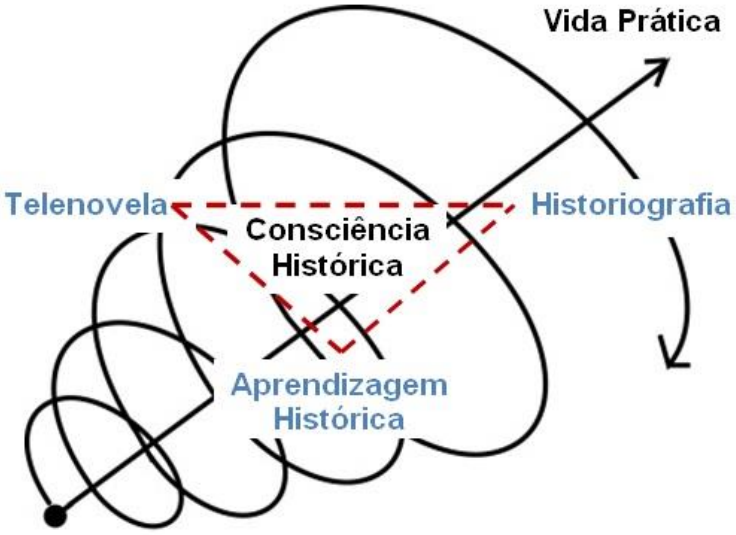


FIGURA 2 – Modelo Teórico da Pesquisa, Rio Grande – RS, 2014.

Este modelo teórico foi idealizado para esta pesquisa de modo a representar a relação dinâmica entre a telenovela, historiografia e aprendizagem histórica, sendo que tudo é permeado pela vida prática. Deste modo, ele apresenta a telenovela como narrativa histórica fundamentada na historiografia, sendo esta o reflexo da aprendizagem histórica do seu autor. Nessa interação dinâmica ele propõe ainda a telenovela como experiência pautada na historiografia capaz de produzir

aprendizagem histórica de seus telespectadores, o que é permeado pelo seu cotidiano, da mesma forma que os orienta para a ação em sua práxis de vida.

Outro caminho fundamental percorrido nessa pesquisa é composto por escolhas metodológicas, as foram descritas a seguir.

1.2. Percurso metodológico

1.2.1 Tipo de pesquisa

Foi realizada uma pesquisa do tipo exploratória, com abordagem qualitativa. O estudo foi dividido em duas partes distintas, sendo a primeira uma pesquisa documental e a segunda o estudo de casos múltiplos. Sua base foi a comunicação de massa, numa perspectiva de compreender como a telenovela **Gabriela** pode promover a aprendizagem e tomada de consciência histórica em seus telespectadores.

A pesquisa exploratória tem por finalidade proporcionar maior conhecimento a respeito de um evento, assim tem maior aplicabilidade quando o tema explorado é pouco conhecido, o que inviabiliza a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis (Gil, 1999). Já uma pesquisa com abordagem qualitativa trabalha com um universo de aspirações, crenças, valores, atitudes e motivos, o que corresponde a uma maior profundidade das relações no mundo dos significados das ações e relações humanas (MINAYO, 2010), Portanto vindo a atender as intenções desta pesquisa.

1.2.2 Primeira parte do estudo

Nesta fase foi realizada análise documental da novela Gabriela exibida pela Rede Globo de Televisão, versão de 2012. Para proceder à análise dos documentos foi adotada a técnica de Análise de Conteúdo. De acordo com Bardin (2011), este método é composto por três fases: 1)Pré-análise, 2) Exploração do material e 3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na primeira fase realizamos a leitura flutuante dos documentos. Neste caso, foi avaliado o enredo das novelas exibidas na TV que apresentaram em seu enredo temas épicos. Foram critérios de inclusão das novelas na pesquisa: 1) Inicio ou fim no ano de 2012; 2) Enredos com temática épica; 3) Transmissão pela Rede Globo de Televisão, devido à capacidade de abrangência do sinal desta emissora em nível nacional; e 4) Relação com a literatura brasileira. Foi critério de exclusão: a exibição no horário da tarde, em virtude destas novelas estarem em processo de reprise.

O processamento desta primeira análise possibilitou a formação do arcabouço documental, ou seja, foi selecionada a telenovela **Gabriela** como documento de maior relevância para a pesquisa, de modo a satisfazer o objetivo proposto pela mesma.

Sobre o documento

"**Gabriela**" foi uma telenovela baseada no romance "Gabriela cravo e canela" de Jorge Amado, o qual se mostrou relevante a ponto ter sido adaptado para a televisão no ano de 1975 e 2012. Estiveram presentes em sua temática fatos históricos como a política vigente na década de 1920, a condição da mulher na sociedade e os valores morais da sociedade da época. Suas duas versões foram exibidas de segunda-feira a sexta-feira, a partir das 22h, tendo classificação como não recomendada para menores de 16 anos.

A versão de 1975 foi adaptada para a TV por Walter George Durst e dirigida por Walter Avancini e Gonzaga Blota, contou com 132 capítulos, iniciou em 14 de abril de 1975 e terminou em 24 de outubro de 1975, tendo sido reprisada diversas vezes pela Rede Globo no programa "Vale a pena ver de novo". Contudo, mesmo tendo sido reconhecida sua importância, a Telenovela Gabriela/ versão 1975 não foi adicionada a pesquisa, por não atender aos critérios de inclusão.

A versão de 2012 da telenovela Gabriela, sobre a qual se debruçou a pesquisa, foi adaptada por Walcyr Carrasco e dirigida por Mauro Mendonça Filho, Frederico Mayrinc e Noa Bressane. Somou 77 capítulos, tendo sido o primeiro exibido em 18 de junho de 2012 e o último em 26 de outubro de 2012. Sua audiência correspondeu a 41 pontos no primeiro capítulo, pois este iniciou às 22h, mas no segundo se caiu em 9 pontos, fato atribuído a troca do horário de transmissão que

passou para as 23h. Por fim, no seu último capítulo Gabriela contabilizou 39 pontos de audiência.

Na segunda fase se iniciamos a coleta de dados. Realizamos a unitarização ou transformação do conteúdo presente no documento em unidades de referência. Para isso, assistimos os capítulos da telenovela Gabriela/2012 via *internet*. A seguir, destacamos as unidades de referência, ou seja, as cenas de maior relevância histórica. Posteriormente, estas unidades de referência foram agrupadas em categorias.

Na terceira fase, procedemos a interpretação dos dados obtidos mediante a análise das categorias elencadas. Ou seja, foram interpretadas as informações contidas nas cenas a partir da consideração dos apontamentos da historiografia a fim de reconhecê-la como instrumento de massificação da aprendizagem histórica. Na sequência, ilustramos, por meio de um esquema, a metodologia adotada nesta parte do estudo e suas interconexões com o objeto analisado.

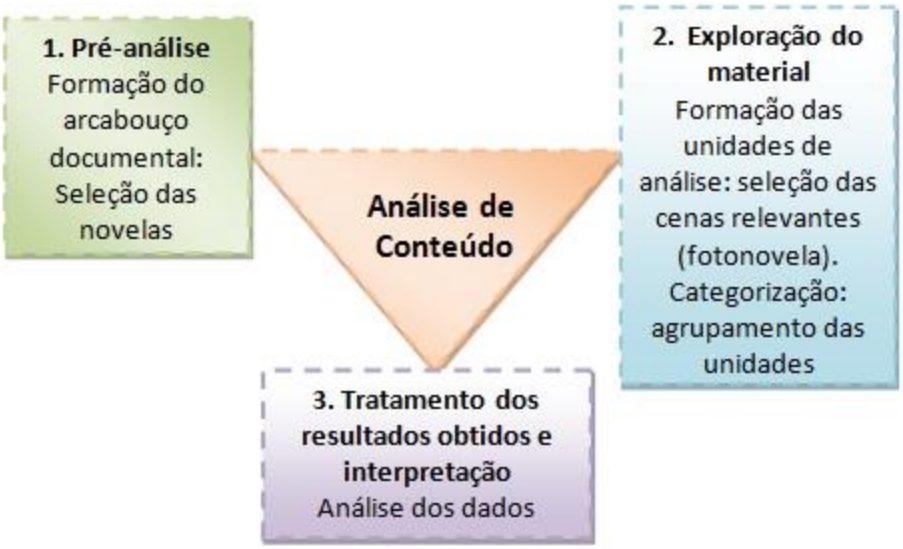


FIGURA 3 – Esquema explicativo da Técnica da Análise de Conteúdo, in: FERRIRA, EZ. O perfil do idoso apresentado na telenovela brasileira: implicações para a enfermagem, 2013: 52).

1.2.3. Segunda parte do estudo

Nessa fase do estudo analisamos a aprendizagem histórica alcançada por meio da telenovela **Gabriela** e sua capacidade de desenvolver a consciência histórica em seus telespectadores. Para isso, adotamos o método de estudo de caso múltiplos, o qual obedeceu a lógica de replicação que evidenciou os fenômenos pelos quais a pesquisa instrumentalizada pela telenovela **Gabriela** enfatizou, ou melhor, demonstrou a aprendizagem histórica sua incidência sobre a consciência histórica de seus telespectadores. É importante ressaltar que o método do estudo de caso não visa observar, apenas a trajetória e a repercussão de seus fenômenos, mas seus efeitos em todo seu contexto, gerando variáveis potencialmente relevantes (MARTINS, 2008; YIN, 2011), motivo pelo qual foi considerado como mais adequado para satisfazer o objetivo desta pesquisa.

Este é um dos métodos de pesquisa mais antigos, remontando o período do médico grego Hipócrates. É próprio para a construção de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real, com pouco controle do pesquisador sobre eventos e manifestações, pois as adversidades constroem as diferenças e as peculiaridades de cada situação. Contribui para os conhecimentos e métodos de análises individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticas, abarcando as áreas da saúde, jornalismo, administração, contabilidade, economia e educação (MARTINS, 2008). Sua aplicação reside na avaliação ou descrição de conjunturas dinâmicas onde o ser humano, torna-se o diferente, o sujeito proativo, decorrente do ato de ser e fazer. Essas atitudes a serem investigadas promovem a dúvida e a construção dos questionamentos de “Como?” ou “Por quê?” e conduzem o desenvolvimento da pesquisa propriamente dita (MARTINS, 2008; YIN, 2010).

Sendo assim, o método do estudo de caso reúne o maior número possível de informações, em função das questões e proposições orientadoras do estudo, por meio de diferentes técnicas de levantamento de informações, dados e evidências (MARTINS, 2008). Trata-se de uma investigação empírica que pesquisa um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites não são claramente evidentes (YIN, 2010).

O estudo de caso é formado por cinco componentes fundamentais: 1) Questão de estudo; 2) A(s) proposição(ões), se houver (em); 3) Unidade(s) de

análise(s); 4) A lógica que une os dados às proposições; 5) Os critérios de interpretação das constatações (YIN, 2011).

A seguir apresentamos o esquema do método do estudo de caso adotado nesta pesquisa.

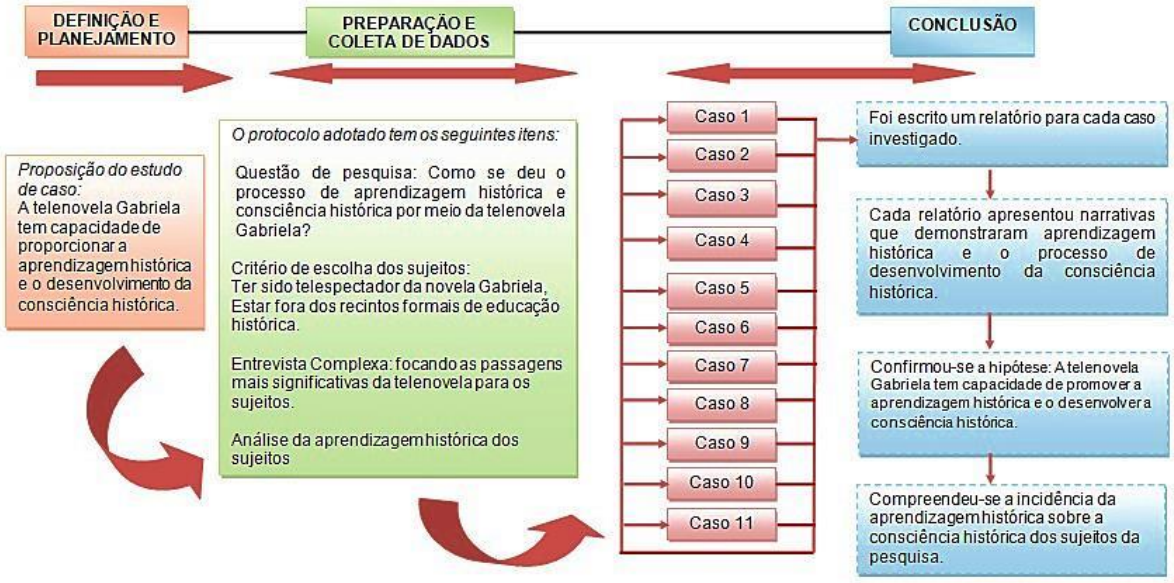


FIGURA 4 – Esquema do Método de Estudo de Caso, adaptado de ÁVILA, 2012: 40, Rio Grande - RS, 2014.

Local da pesquisa

Realizamos as entrevistas no domicílio dos participantes, como forma de verificar o conhecimento histórico destes em seu ambiente e o processo de tomada de consciência histórica, pois segundo Yin (2011), o estudo de caso deve ser realizado no ambiente natural do participante, a fim de criar oportunidades para as observações diretas dos comportamentos relevantes destes.

Participantes da pesquisa

Para desenvolver a pesquisa selecionamos 11 participantes aleatórios, os quais estiveram sujeitos aos seguintes critérios de inclusão: 1) Ambos os sexos; 2)Estar em condições de interagir com a pesquisadora; 3) Ter sido telespectador da telenovela **Gabriela**; 4) Estar fora dos recintos formais de educação histórica, tendo

portanto, como principal fonte de aprendizagem o conteúdo exibido nas cenas da telenovela; 5) Ter algum vínculo com o ambiente hospitalar, pois foi nesse espaço que surgiram os diálogos que apontaram para a possibilidade da educação histórica através da telenovela.

Diante disso, a amostra que compôs o estudo de caso ficou caracterizada da seguinte forma:

- ✓ Quanto ao sexo: 9 participantes eram sexo feminino e 2 do sexo masculino;
- ✓ Quanto à idade: 7 participantes tinham idades entre 20 e 40 anos, 3 tinham idade entre 40 e 60 anos e somente 1 tinha idade entre 60 e 80 anos;
- ✓ Quanto à escolaridade: 5 participantes tinham algum tipo de pós-graduação, 3 possuíam ensino superior completo, 2 haviam concluído o ensino médio e possuía o ensino fundamental;
- ✓ Quanto ao estado civil: 8 participantes eram casados, 2 solteiros e 1 viúvo;
- ✓ Quanto à cor: 6 participantes eram de cor negra e 5 de cor branca;
- ✓ Quanto à religião: 7 participantes eram católicos, 2 umbandistas, 1 espirita e 1 evangélico;
- ✓ Quanto à ocupação/ profissão: 6 participantes eram enfermeiros, 2 eram servidores públicos, 1costureiro, 1 advogado e 1 do lar;
- ✓ Quanto à naturalidade: 9 participantes eram de Rio Grande, 1 de São José do Norte e 1 de Jaguarão

Procedimentos de coleta dos dados

Para a coleta dos dados adotamos as seguintes etapas: 1) Captação de possíveis participantes dispostos em colaborar na construção do conhecimento envolvendo a educação histórica; 2) Estabelecimento, por contato telefônico, de diálogo breve informando-os da pesquisa e reafirmando o convite para participação na pesquisa, marcando o dia e a hora conveniente de entrevista, considerando a rotina do partícipe; 3) Ida ao domicílio do partícipe, com a finalidade de aplicar o protocolo de pesquisa que foi elaborado por meio de questionamentos construídos a

partir da análise da telenovela **Gabriela**, a fim de verificar a aprendizagem e o desenvolvimento consciência histórica a partir desta novela.

Salientamos que seguimos os pressupostos pautados pelo método de estudo de caso, nos quais se destacaram os procedimentos de campo que envolveram a necessidade de um plano de coleta de dados. Assim, construímos um roteiro contendo questões que funcionaram como lembretes para a captação das entrevistas, o qual teve como finalidade principal impedir que nos desviássemos da linha investigativa da pesquisa durante o procedimento de coleta de dados (Yin, 2011), sendo que esta se deu por meio de entrevista com os participantes.

A entrevista, por sua vez, é uma técnica que orienta um diálogo com um determinado propósito, que se caracteriza como promotora da abertura e aprofundamento em uma comunicação, trazendo perguntas abertas, as quais permitem que o entrevistado exponha suas opiniões sem uma determinada condição pré-estabelecida (POPE, MAYS, 2009). Ela constitui uma porta de acesso às realidades sociais, porém nem sempre são facilmente apreendidas, sendo transmitidas por meio do jogo e questões de interações que a relação da entrevista implica, como em um jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos (POUPART et al, 2008). Assim, é preciso considerar o pensamento que compõe a entrevista como não linear, o qual é caracterizado por um constante vai e vem de ideias, que se completam a partir da autonomia do ser e das partes da temática abordada (BARROS, 2012).

Também adotamos a prática da observação sistemática, a qual prevê anotações para descrever e compreender uma determinada situação e os comportamentos de forma aleatória, e com isso reportar em profundidade a realidade e possibilitar a construção de um saber sobre a subjetividade e a relação sujeito-objeto, por meio de explicação lógica (BARROS, 2012). Desta forma, conforme Yin (2011), a observação nos serviu como uma segunda fonte de evidência no estudo de caso.

Acordamos com o respondente que as entrevistas seriam gravadas em MP3. Posteriormente, elas foram transcritas em sua íntegra preservando o caráter típico de cada fala, excluindo-se alguns dos vícios de linguagem. Depois de transcrito o texto, oportunizamos aos participantes a leitura dos mesmos para sua certificação e concordância a respeito do depoimento. Somente então, procedemos a análise do material.

Destacamos que os procedimentos éticos foram assegurados nesta pesquisa. Asseguramos aos entrevistados total sigilo sobre sua identidade, motivo pelo qual foram identificados no texto com nomes de pedras preciosas (Jade, Esmeralda, Granada, Ágata, Ametista, Turquesa, Pérola, Zircônia, Turmalina, Citrino, Ônix). Além disso, utilizamos somente as narrativas que tiveram autorização de inclusão na pesquisa mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice C).

Procedimentos de análise dos dados

Para analisar os dados submetemos as narrativas dos sujeitos à técnica de análise de conteúdo, já descrita anteriormente. Porém destacamos algumas diferenças no que tange o manuseio do material, uma vez que na primeira parte do estudo analisamos uma telenovela e nesta parte trabalhamos com entrevistas.

Ainda de acordo com a técnica descrita por Bardin (2011), na primeira fase realizamos a transcrição das entrevistas dos participantes e a leitura flutuante deste material. Neste caso, avaliamos a narrativa do participante envolvendo os personagens da telenovela **Gabriela**. Isto fato possibilitou a formação do arcabouço documental.

Na segunda fase procedemos a coleta dos dados. Foram novamente lidas as narrativas dos participantes em busca de afirmações que estivessem relacionadas ao sistema coronelístico e principalmente às três dimensões da aprendizagem histórica (experiência, interpretação e orientação), as quais se constituíram enquanto categorias analíticas nesse trabalho. Procedemos a extração das unidades de referência e a alocação das mesmas em dois quadros (Apêndice D e E). Neste quadro foram identificamos cada uma das unidades de referência conforme a narrativa a que pertenciam, conforme proposta metodológica de Laurence Bardin (2011). Posteriormente os extratos das narrativas foram agrupadas em unidades de referência a fim de delinear a aprendizagem histórica dos participantes tendo como referência a telenovela Gabriela.

Na terceira fase, procedemos a interpretação dos dados obtidos mediante a análise das categorias elencadas, a qual esteve pautada em três pontos. O primeiro esteve focado sobre o reconhecimento dos fatos históricos apresentados na telenovela. O segundo na correlação que o respondente fez entre os fatos históricos apresentados na telenovela e o contexto de produção e exibição da mesma,

considerando os pressupostos da teoria social e critica de comunicação de massa. O terceiro na correlação que os participantes fizeram entre as cenas da telenovela, os saberes que construíram e a aplicação destes em suas vidas práticas, o que possibilitou verificar a hipótese da telenovela **Gabriela** como um agente promotor da aprendizagem histórica.

Os resultados da pesquisa bem como a discussão dos mesmos, foram apresentados nos capítulos sequenciais, sendo que o capitulo 2 corresponde a primeira parte do estudo- a análise da telenovela, e os capítulos 3 e 4 ao estudo de casos múltiplos, o qual revelou aprendizagem histórica obtida pelos telespectadores da telenovela **Gabriela**.

2. O CORONELISMO NARRADO NA TELENOVELA GABRIELA: APRENDIZAGEM HISTÓRICA E HISTORIOGRAFIA

> [...] Os personagens que se apresentam nos filmes e nos programas de televisão tornam-se referências comuns para milhões de indivíduos que podem nunca interagir um com o outro, mas que partilham, em função de sua participação numa cultura mediada, de uma experiência comum e de uma memória coletiva [...] (THOMPSON, 2009 b)

A telenovela é um gênero de programa da televisão brasileira que relata uma história. Este relato ocorre por meio de diálogos e representações cênicas, operações estas permitem a mente humana construir uma síntese histórica das dimensões de tempo simultaneamente as de valor e da experiência. Com isso, podemos notar que apesar de Jörn Rusen não se centrar na análise da televisão, deve-se perceber que a telenovela em seu enredo edifica-se como uma narrativa dentro da qual, "a consciência histórica realiza sua função de orientação" (RÜSEN, 2010a: 59).

Diante desta premissa, nosso objetivo neste capítulo foi identificar qual narrativa do conceito de coronelismo foi apresentada na telenovela Gabriela em 2012 e como esta narrativa dialogou com a historiografia, de forma a analisá-la como instrumento de massificação da aprendizagem histórica.

A telenovela **Gabriela** apresentou uma reconstrução do período conhecido como República Velha e, como tal, apresentou a visão de seu autor a cerca das práticas do sistema coronelista vigente nesta época. Esta visão esteve vinculada à cultura histórica, ou seja, "o campo da interpretação do mundo e de si mesmo, pelo ser humano, no qual devem efetivar-se as operações de constituição de sentido da experiência do tempo, determinantes da consciência histórica humana" (RÜSEN: 2010b: 121).

Diante disso, é mister avaliarmos a telenovela como possível fonte de aprendizagem histórica e agente promotor de consciência histórica. Para tanto, o enredo da telenovela foi submetido à técnica de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin como forma de conhecer os pontos chaves abordados pelo autor e

compará-los aos apontamentos da historiografia. Dentre os pontos abordados pelo autor no que tange o conceito de coronelismo encontramos as seguintes categorias: 1) O coronelismo e seu representante, 2) A gente do Coronel, 3) A política coronelista e 4) As práticas coronelistas. A partir deste momento discutimos cada categoria a partir do ponto de vista historiográfico, sempre as considerando como parte da narrativa histórica do autor.

Inicialmente, para melhor compreendermos a narrativa histórica em **Gabriela** é preciso voltarmos ao documento e pensar que o enredo trouxe a história da jovem Gabriela, uma moça pobre que foi criada pelo tio. Gabriela era uma retirante da seca, que veio para Ilhéus na companhia do tio e de dois jagunços. Chegando à cidade ela foi contratada como cozinheira pelo comerciante Nacib. Gabriela era, completamente alheia às convenções sociais da época. Com isso, despertava os olhares dos demais integrantes da trama, principalmente dos homens da cidade. Estes estavam ocupados com o negócio do cacau e eram liderados pelo coronel Ramiro Bastos. Na cidade também chegou o Dr. Mundinho Falcão, jovem letrado vindo da capital, que se constituiu como adversário político do coronel Ramiro. A partir daí a trama seguiu evidenciando como era vida dos habitantes da localidade.

Contudo, destacamos que neste documento a relevância para aprendizagem histórica está no pano de fundo do romance e não no romance propriamente dito. Neste universo estão contidos locais que merecem destaque, pois é nestes espaços que os personagens se encontram oportunizando o desenrolar da trama.

Entre os pontos de encontro dos personagens destacaram-se o bar Vesúvio, a igreja, o Bataclan, as fazendas e a sede do jornal local. O Vesúvio pertencia ao “turco” Nacib, local onde os coronéis encontravam-se para uma bebida e para discutir a política local. A igreja teve seu papel devido à forte religiosidade do período e como forma de manter a ordem política e moral devido a sua capacidade de influência. O Bataclan era o bordel da cidade, local de diversão dos coronéis e também recinto de discussão política. As fazendas constituíam-se como fonte de renda da região e como abrigo da gente do coronel, portanto, como parte de sua força política. Por outro lado, a sede do jornal se caracterizou como espaço de resistência ao grupo dominante e de questionamentos as suas práticas.

Nestes cenários percebemos a abordagem de duas temáticas que se

articularam entre si: o sistema coronelista[2] e a condição da mulher nesta época, as quais foram descritas e discutidas sob a perspectiva da historiografia e da aprendizagem histórica.

2.1 O coronelismo e seu representante

Em **Gabriela** foi representado um sistema de mando, o coronelismo. Na trama o chefe regional era o coronel Ramiro Bastos (FIG. 5), o qual conduzia a localidade com mão de ferro. Toda a trama girou em torno do mando de Ramiro Bastos, de suas práticas clientelísticas e da rivalidade política entre o coronel e o Dr. Mundinho Falcão (FIG. 6).

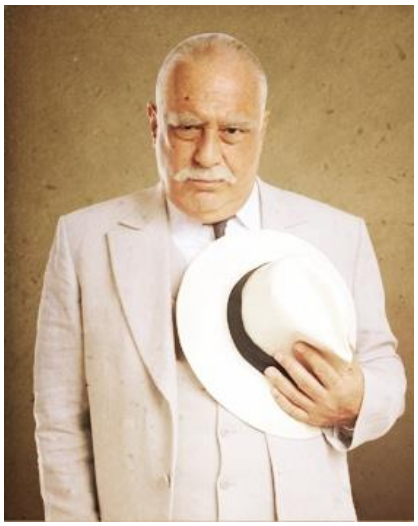


FIGURA 5 – Coronel Ramiro Bastos **FIGURA 6** – Dr. Mundinho Falcão
Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/personagens/

O coronelismo, enquanto fenômeno histórico, representado na telenovela, teve sua origem ainda no império, sendo calcado na influência econômica que, naquele momento, automaticamente remetia à posse da terra. Sua figura central era o coronel, elemento este, que tinha o poder de estimular o desenvolvimento da mola política local, regional e até nacional, dependendo apenas de suas relações clientelísticas, as quais visavam à manutenção do poder das elites (QUEIRÓZ,

[2] Sistema político que vigorou no Brasil no final do século XIX, tendo seu ápice no início do século XX. Era caracterizado por relações de compromisso entre os mandantes locais, os coronéis e os representantes do Estado; e, pela relação de fidelidade estabelecida entre o coronel e os habitantes da localidade sob seu mando.

1975).

Conforme Raymundo Faoro (2012), o titulo de coronel proveio da Guarda Nacional surgida ainda no império, para o qual era designado como chefe municipal o indivíduo socialmente mais qualificado, ou seja, o detentor de maiores riquezas. Estes títulos foram adquiridos no momento em que o governo colocou as patentes da Guarda Nacional a venda, sendo preservados apenas o posto de general. De acordo com Nohara e Silva (s.d.), isto permitiu que os mais abastados tomassem para si os cargos mais altos de sua hierarquia e consentiu na visão popular de sua dependência dos coronéis.

Nesta perspectiva, o coronel antes de ser um líder político, era um líder econômico, que exercia poder político sendo o governo configurado como reflexo de seu patrimônio. Seu poder estava no reconhecimento de sua liderança através de um pacto não escrito, sendo que o estado lhe outorgava poderes públicos, os quais eram oriundos do aliciamento e do preparo das eleições (FAORO, 2012).

No entanto, o coronel não era uma pessoa isolada no exercício de seu poder. Ele tinha aliados que estavam no seu próprio nível e em níveis inferiores ao seu, os quais seriam designados como sua gente e vinham a formar a sua parentela.

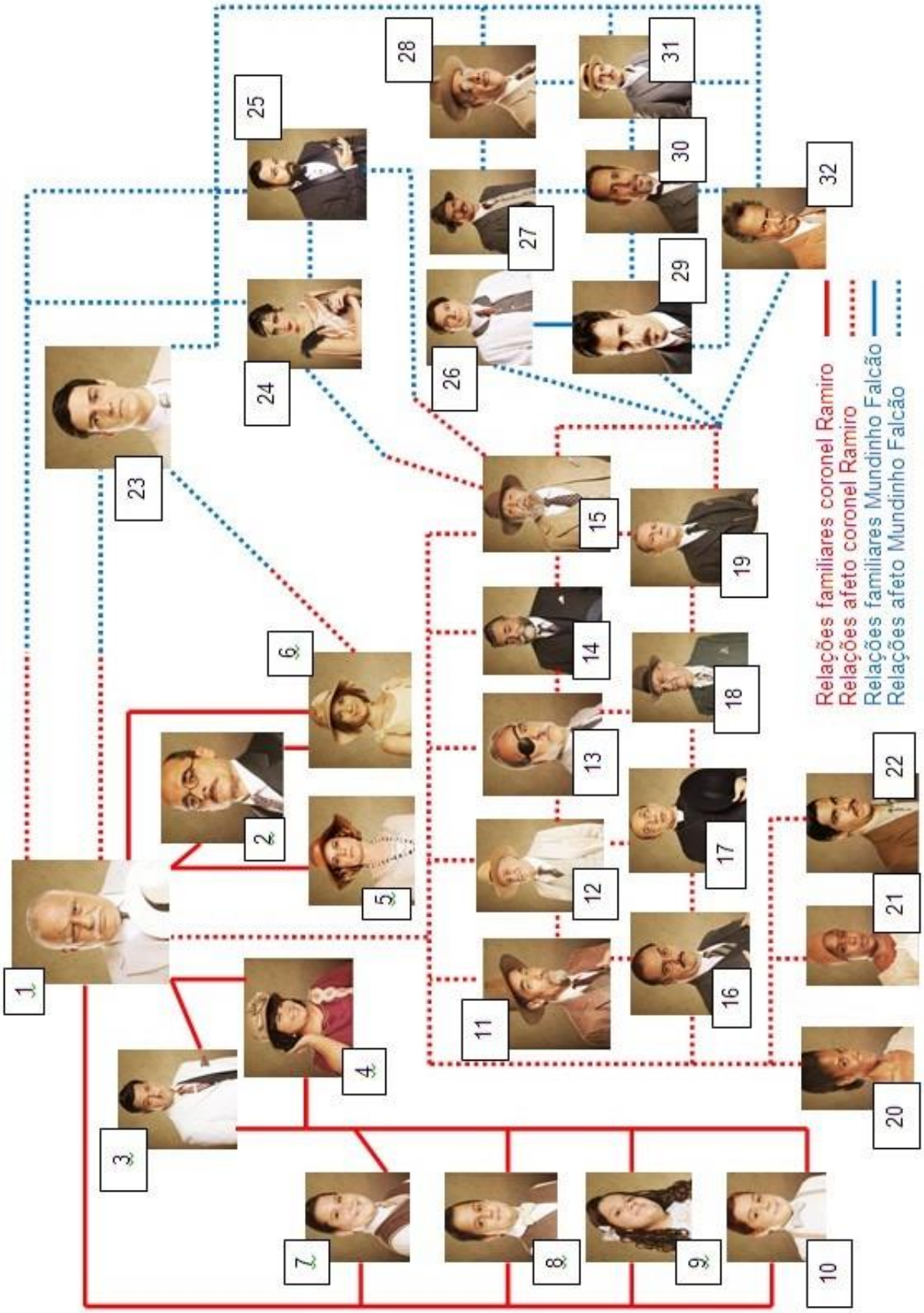
2.2 A gente do Coronel

Na trama de **Gabriela**/versão 2012, a qual foi exibida pela Rede Globo de Televisão, ficou claro o domínio do coronel Ramiro Bastos. Este domínio foi abalado pela chegada do Dr. Mundinho Falcão, o qual se colocou como adversário político do mandante local. Com isso, os moradores ficaram divididos entre a liderança do coronel Ramiro ou do novo habitante de Ilhéus, fato que fez o primeiro lançar mão de uma série de práticas para perpetuar o seu mando. É importante ressaltar que o coronel Ramiro era o intendente da pequena cidade. Logo, gozava de posição de destaque, enquanto o Dr. Mundinho Falcão teve que conquistar seu grupo de aliados políticos.

O coronel Ramiro tinha um grupo de aliados que garantia sua força política, o qual era composto por seus familiares (esposa, filhos e netos), os coronéis da região que compartilhavam de suas ideias, a população urbana (comerciantes locais, servidores públicos e trabalhadores) e a população rural (camponeses, e trabalhadores rurais).

Todos estes personagens constituíram as relações de afeto do coronel Ramiro Bastos. Na primeira linha estavam seus familiares: Tonico e Alfredo, seus filhos; Olga e Conceição, suas noras; Gerusa, Maria Lupcínia, Ramirinho, Bento e Ladislau, seus netos. Na segunda linha estava a representação da amizade através dos personagens: Coronéis Melk, Manoel das Onças, Jesuíno, Coriolano, Amâncio, Ribeirinho; Padre Cecílio, Dr. Ribeirinho, Dr. Maurício, advogado e diretor do colégio da cidade, amigos e aliados políticos do coronel Ramiro. Na terceira fila também estavam representados personagens que compunham o núcleo de amizades, porém esse grupo era formado pelos agregados, ou seja, pessoais mais humildes: Fabiana, Prazeres e Serapião, empregados da casa do coronel.

De outra forma, o Dr. Mundinho Falcão estava construindo um grupo de simpatizantes a sua liderança, o qual esteve alicerçado em suas relações de amizade, pois seus familiares encontravam-se distantes, na capital. Deste modo, destacaram-se como parte das relações do Dr. Mundinho, o casal de artistas Príncipe Sandra e Anabela; Dr. Osmundo, dentista que veio morar na cidade, Osório Pimentel, irmão de Osmundo; Rômulo, engenheiro responsável pelas obras em Ilhéus; Douglas, jornalista da cidade; João Fulgêncio, dono da papelaria – centro intelectual da cidade; Dr. Pelópidas, um dos articuladores da oposição a Ramiro Bastos e o coronel Altino. Assim, se constituiu, à grosso modo, a divisão dos habitantes de Ilhéus: entre a influência do coronel Ramiro e de Mundinho Falcão, conforme ilustra o esquema de relações entre os membros dos dois grupos (FIG. 7).


1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
Relações familiares coronel Ramiro
Relações afeto coronel Ramiro
Relações familiares Mundinho Falcão
Relações afeto Mundinho Falcão

Legenda: 1.Coronel Ramiro Bastos; 2.Alfredo Bastos; 3.Tonico Bastos; 4. Olga Bastos; 5.Conceição Bastos; 6.Gerusa Bastos; 7.Maria Lupicínia; 8.Ramirinho; 9.Bento; 10. Ladislau; 11.Coronel Melk Tavares ; 12.Coronel Coriolano; 13. Coronel Amâncio Leal; 14.Dr. Ezequiel;15.Coronel Manoel das Onças; 16.Dr. Maurício; 17.Padre Cecílio; 18.Coronel Ribeirinho; 19.Coronel Jesuíno Mendonça; 20.Fabiana; 21.Prazeres; 22.Serapião; 23.Mundinho Falcão; 24.Anabela; 25.Príncipe Sandra; 26.Dr. Osmundo Pimentel; 27.Douglas; 28.João Fulgêncio; 29.Osório Pimentel; 30.Dr. Pelópidas Ávila; 31.Rômulo; 32.Coronel Altino Brandão.
FIGURA 7 – Esquema de apresentação dos personagens que compõem as a gente do coronel Ramiro Bastos e de Mundinho Falcão, Rio Grande – RS, 2013

No período da República Velha foi comum os habitantes de determinadas localidades, sob a influência de uma pessoa de grande expressão nesta região, ao serem questionados sobre quem eram, responderem desta forma: "*sou gente do coronel Fulano*", ou ainda, "*sou gente do coronel sicrano"* (QUEIRÓZ, 1975). Este modo de responder expressava os laços de amizade do sujeito questionado, ou seja, a quem ele dedicava sua fidelidade. No caso de **Gabriela**, percebemos que parte da população identificava-se como sendo gente do coronel Ramiro, enquanto que outros se aproximaram das ideias de Mundinho Falcão formando seu grupo de apoiadores.

De acordo com Queiróz (1975), o coronel era o líder local e tinha sob sua influência os habitantes de determinada região. Sua liderança era conquistada por seu carisma, por sua habilidade de liderança e, ainda, por sua possibilidade de garantir a proteção de seus seguidores.

É importante especificar que os seguidores dos coronéis se organizavam de forma hierárquica (QUEIRÓZ, 1975). Para melhor compreensão, é preciso imaginar uma pirâmide dividida em camadas sociais. No topo da pirâmide teremos o coronel, logo abaixo seus familiares de sangue, sua parentela[3], e na base desta pirâmide os clientes (sitiantes, empregados). Conforme podemos visualizar no gráfico a seguir:

[3] É um termo utilizado para designar o conjunto de familiares, parentes de forma estendida.

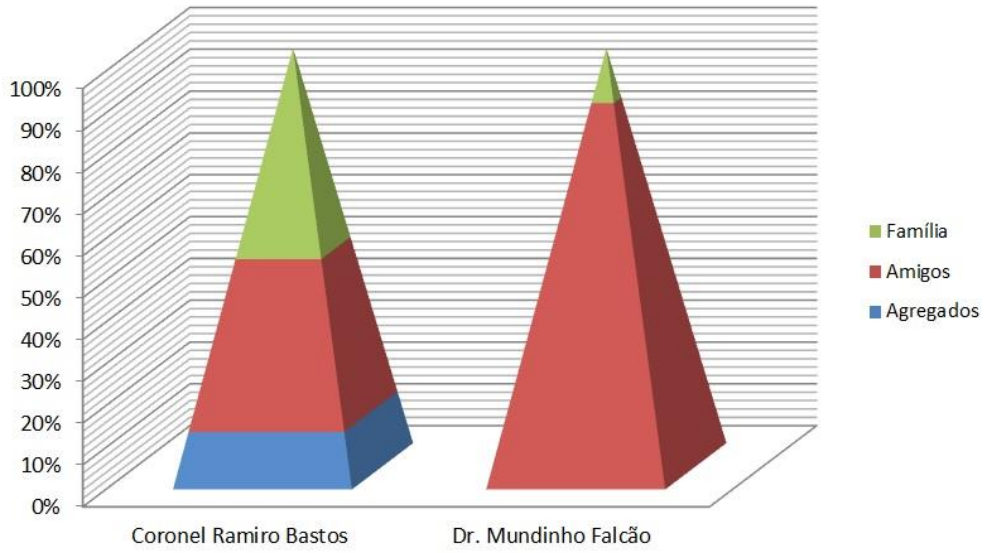


Gráfico 1 – Nichos políticos da telenovela Gabriela, Rio Grande - RS, 2014.

É relevante explicarmos que as relações dos coronéis com sua gente eram dadas sob a forma de alianças e sob as relações de compadrio. Quanto mais alto o local que a pessoa fosse inserida na pirâmide hierárquica, maior seria sua proximidade afetiva com o coronel. Posto isso, foi possível identificar na narrativa de Walcyr Carrasco, autor de **Gabriela** – 2012, dois grupos de interesses comuns na região de Ilhéus.

A gente do coronel Ramiro representava o que Queiróz (1975) afirmou, ou seja, a hierarquia do coronel começa num plano com direção vertical e sentido de cima para baixo. Do mesmo modo, encontrou-se uma representação para o grupo com interesses comuns aos de Mundinho Falcão. Todavia, este grupo não se configurou como a pirâmide que representava as relações entre a gente do coronel.

Neste ponto, destacamos que Mundinho Falcão inicialmente portou-se como o jovem que Capistrano de Abreu descreveu, que, longe de sua casa foi obrigado adquirir um senso de responsabilidade, que até então não lhe tinha sido despertado (HOLANDA, 1995). Ou seja, o personagem enquanto vivia na capital não havia conhecido situações que confrontassem aquelas em que havia vivido. Deste modo, ao mudar-se para Ilhéus, Mundinho se deparou com uma conjuntura social completamente diferente daquela que conhecia. Com isso, ao perceber as necessidades da região, e o modo de vida da população, buscou através de ideias de modernidade a transformação da sociedade eliminar as práticas coronelistas. No

entanto, acabou sucumbindo a uma das práticas do coronelismo, o clientelismo. Assim, no topo da pirâmide que representou sua gente, se colocou o próprio Mundinho Falcão, imediatamente seguido por seus amigos, não havendo uma terceira camada para inserção de agregados.

Diante disso, percebemos que a narrativa de Walcyr Carrasco, concretizada na forma da telenovela **Gabriela**, evidenciou uma espécie de literacia histórica de seu autor. Pois, representou o coronel preservando o conceito que a historiografia lhe conferiu, bem como demonstrou a existência de dois grupos distintos e rivais, a gente do coronel e os seguidores de Mundinho, que disputavam a influência sobre a população local como forma de assegurar o poder de mando.

Na telenovela destacamos como mandante local o coronel Ramiro. Por outro lado, entendemos Mundinho Falcão como o seu oposto. Mundinho era oriundo de família rica e influente na política da capital, estava se estabelecendo como comerciante na cidade e não tinha a representatividade de Ramiro Bastos. No entanto, através de seu carisma, das ideias de modernidade e contatos nas esferas políticas: estadual e federal passou a realizar reformas na região. Isso lhe rendeu um grupo de simpatizantes postos nos diversos setores da sociedade ilheense, o qual veio a compor sua gente.

Salientamos que o aprendizado histórico do autor esteve representado na telenovela através da organização da gente do coronel, pois na representação da gente de Ramiro Bastos ele mostrou o coronel tradicional, da roça. Por outro lado, ao conceber a gente de Mundinho Falcão, o autor apresentou a constituição de uma nova forma de clientelismo, onde o mandante estava interessado no progresso, mas nem por isso deixou de usar os mesmos artifícios dos antigos coronéis, buscando auxilio de amigos em esferas políticas superiores para realizar benfeitorias na cidade.

Na análise da trama representada na telenovela percebemos a partir do viés histórico-interpretativo proposto por Queiróz, que:

> “Além de uma primeira tarefa, que é determinar a estrutura coronelística de uma região, quando se decide estudá-la em seu fato político, há que se verificar também se se trata de local em que o mando de um coronel, ou de uma parentela é único ou rígido; ou se se trata de local em que diversas famílias disputam o poder. No primeiro caso, trata-se realmente de um poder absoluto, mas por isso mesmo que é absoluto não dá margem quase a lutas. Estas podem ser terríveis quando duas ou mais famílias pretendem reinar. A presença de duas ou mais famílias tende a dar mais agressividade as relações políticas [...]” (QUEIRÓZ, 1975:158).

De acordo com a autora, ao estudarmos o fenômeno político do coronelismo precisamos considerar a organização da população local em relação aos seus influenciadores. Ou seja, é importante entendermos quem são os mandões da região e como os habitantes se colocam em relação a eles, oferecendo sua fidelidade. Isso nos possibilita identificar quais famílias dominam a região: uma, duas ou mais, para então, situar a existência de domínio absoluto na região, ou de conflitos, o que pode gerar lutas violentas.

Neste ponto podemos situar o enredo da telenovela **Gabriela** como uma narrativa, pois:

> As narrativas têm a característica de descrever um percurso no tempo; seu plano, para não falar de seu título é, principalmente, cronológico. No mínimo, partem de um primeiro elemento para chegarem a um segundo elemento mais tardio e explicam como se fez a passagem do primeiro para ao segundo... (PROST, 2012: 213)

De acordo com Prost, as narrativas descrevem um percurso no tempo e tem como finalidade explicar a transição de um elemento para outro ao longo do tempo, ou seja, descrevem como um fato histórico se transforma. É aqui que a telenovela épica serve ao ensino de história e pode ser agente na aprendizagem histórica, pois encenou fatos históricos e sua transformação no tempo, o que pode determinar a orientação de seus telespectadores.

Na narrativa apresentada em **Gabriela**, identificamos primeiro o domínio do coronel Ramiro, a seguir a chegada de Mundinho Falcão e na sequência a formação de dois grupos, os quais eram oponentes: a gente do coronel Ramiro e a gente de Mundinho Falcão. Portanto, percebemos a instalação do conflito, o qual esteve representado pela disputa entre os dois personagens. Este fato até então era impensado, pois havia apenas o domínio do coronel Ramiro incidindo sobre a política. Diante disso, passamos a estudar a política que sustentava o sistema coronelista.

2.3 A política coronelista

Após o advento da Proclamação da República o coronel imperial deixou de existir e deu lugar ao coronel da república e os articuladores desta tiveram seus interesses assegurados em primeira instância na nova Constituição. Assim sendo, o novo sistema de governo se configurou numa República federativa mostrando

seguinte quadro:

> ... O senhor da sabedoria, o povo que vota e decide, cala e obedece, permanece mudo ao apelo à sua palavra. O bacharel reformista, o militar devorado de ideais, o revolucionário intoxicado de retórica, e de sonhos, todos modernizadores nos seus propósitos, tem os pés embaraçados pelo lodo secular. Os extraviados cedem o lugar, forçados pela mensagem da realidade, aos homens práticos, despidos de teorias e, não raro, de letras. No campo, no distrito, no município, o chefe político, o coronel tardo e solene, realista e autoritário, amortece, na linguagem corrente, o francês mal traduzido e o inglês indigerido. Ele municipaliza a expressão erudita, comunicando-lhe, de seu lado, sentido e conteúdo, converte o freio jurídico do governo no buçal caboclo (FAORO, 2012: 697).

O coronel dentro da nascente República brasileira era de fato quem exercia o poder efetivo em nível local, como discorreu Faoro. A República por sua vez, foi articulada por três grupos sociais: os militares, os coronéis imperiais e os profissionais liberais intelectuais. Todavia, quando o regime foi efetivado aboliu-se o voto censitário, mas instituiu-se a obrigatoriedade do letramento, excluindo-se as camadas populares e as mulheres. Edificou-se num sistema federativo, onde existia um poder central representado pelo Presidente da República, cargo ocupado inicialmente por militares, e as federações, as quais tinham suas próprias constituições, ficaram sob o domínio regional, ou seja, dos coronéis, agora da República e que estão representados em **Gabriela**.

Sabe-se também que a economia do país era rural, logo os coronéis tinham maior nível de influência, sendo nomeados como governadores dos estados e se pondo como os mandões locais. Já o grupo de intelectuais participante no projeto republicano acabou sendo relegado a um segundo plano sem ver seus anseios atendidos, estes representados em **Gabriela**, em sua maioria, como aliados de Mundinho Falcão. Isto nos permitiu inferir que a historiografia foi um dos intrumentalizadores para Walcyr Carrasco na construção do enredo da telenovela, pois os fatos históricos destacados estão em acordo com o que a historiografia preconiza. Aqui é importante lembrar novamente que a telenovela foi baseada no romance **Gabriela, cravo e canela** de Jorge Amado. Logo, o que foi mostrado na trama novelística também fez parte da cultura histórica deste autor, pois Carrasco buscou na obra literária de Jorge Amado a base para a telenovela.

É preciso lembrar que inicialmente a República teve um teor mais centralista visto que os cargos dos governadores eram nomeações do presidente. Porém, este caráter mudou ao longo do tempo, pois o centralismo inicial provocou a união dos

pequenos frente aos maiores. Então, ao final do governo de Floriano Peixoto em 1894, assumiu o governo o civil Prudente de Moraes, e, em seu mandato os governadores passaram a ser eleitos resultando no deslocamento da política da linha central para a regional (FAORO, 2012).

Com isso, governadores e coronéis colocaram-se como aliados, o que afirmou o coronelismo, pois, os coronéis garantiam os governadores nos cargos e estes faziam vistas grossas aos mandos e desmandos daqueles, caracterizando uma da forma de clientelismo evidente neste sistema (FAORO, 2012), fato presente na narrativa apresentada por Walcyr Carrasco, pois nos diálogos entre o coronel Ramiro e o coronel Melk, um lembra ao outro os favores trocados com o governador.

Outro fato a ser pensado é que **Gabriela** representou o ano de 1925. Logo se inseriu no período em que o país passava uma crise financeira, sobretudo no campo, pois os fazendeiros não conseguiam mercado para os produtos, fato que deflagrou a perda de autonomia coronelística na década seguinte (FAORO, 2012). No entanto, na telenovela não foi reconstruída dificuldade de colocação do produto no mercado, mas a interferência do clima sobre a produção cacaueira, o que foi representado pela longa estiagem que ocorria na localidade. Este fato, aliado a forte religiosidade da população fez com que os coronéis apelassem à comunidade para a realização de uma procissão em pedido de chuvas (FIG. 8) a fim de solucionar o problema, o que evidenciou o papel da igreja como agregador da população em torno das vontades e necessidades dos coronéis.

FIGURA 8 – Procissão religiosa encomendada pelos coronéis para obtenção de chuva. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Na narrativa apresentada em Gabriela também foi encenado o encalhe dos barcos (FIG. 9), fator que denunciou a necessidade de obras de aprofundamento do calado do porto de Ilhéus a fim de permitir a passagem de navios maiores. Relacionado a isso esteve o diálogo do coronel Ramiro com o coronel Melk, onde o primeiro relatou que não desejava estas obras, pois tinha um acordo com o governador do estado, beneficiando-se financeiramente da situação do porto, uma vez que eram seus barcos que faziam o transporte do cacau até a capital.

FIGURA 9 – Mundinho Falcão após o barco ter encalhado no porto de Ilhéus. Fonte:http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

A narrativa também apresentou um grave acidente automobilístico que teve como condicionante a falta de manutenção da estrada que ligava Ilhéus a Itabuna. Nos diálogos dos personagens foi evidenciada a existência de buracos, os quais causaram o acidente com a marinete e vitimaram cidadãos de ilhéus. Este fato fez com que a rivalidade entre Mundinho Falcão e Ramiro Bastos ficasse ainda mais acirrada. Pois, o filho do coronel Ramiro, que era deputado estadual não havia conseguido verbas para realizar a manutenção da referida estrada. Assim, logo após o infortúnio, Mundinho Falcão entrou na questão e reuniu os coronéis da região a fim de comunicá-los que buscaria auxílio para as obras (FIG. 10), pois contava com o apoio de políticos influentes na capital.

FIGURA 10 – Reunião de Mundinho Falcão sobre a estrada que ligava Ilhéus a Itabuna. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Ambas as passagens demonstraram uma relação de troca de favores. Na primeira passagem isso ocorreu entre o coronel e o governador; já na segunda situação Mundinho Falcão lançou mão da influência de sua própria família e de amigos atuantes na política da capital para conseguir a verba necessária às obras, caracterizando um artifício da política coronelista, o clientelismo. Diante disso, para melhor compreensão do que foi abordado na telenovela é mister lançar a discussão conceitual dos termos: coronelismo, clientelismo e mandonismo.

O termo coronelismo representava um complexo sistema político, que segundo Faoro, era perpassado por relações que envolviam desde os coronéis até o presidente da República. Estas relações eram qualificadas como trocas de favores, onde seus partícipes – no caso os coronéis – desfrutavam de boas condições econômicas no passado, mas que entraram em decadência financeira em função da crise do café (FAORO, 2012).

Diante desta premissa, precisamos salientar que foi abordado em **Gabriela** o período em que já havia maior autonomia dos estados, portanto os governadores estaduais não eram mais indicados pelo presidente, mas eleitos pelo voto popular. Assim, a telenovela reconstruiu o momento no qual o voto era a moeda de troca, pois era por dele que se garantiam as autoridades estaduais meios para apoiar as autoridades federais, as quais legitimavam a autonomia das federações. Sendo assim, neste período cabia aos coronéis, e, no caso da telenovela, aos coronéis regidos por Ramiro Bastos, realizar a cooptação dos votos, a fim de projetar o

estado nacionalmente. Este fator afiançou também o acordo financeiro entre o coronel Ramiro e o governador, que envolvia o transporte do cacau até Salvador.

A questão do mando foi algo muito presente na telenovela **Gabriela**, sendo encenado por meio dos personagens: coronel Ramiro e coronel Melk. Ramiro ocupava lugar no topo da pirâmide do sistema coronelista e detinha o poder de mando sobre toda sua gente, da qual fazia parte o coronel Melk. Este, por sua vez, também tinha constituída uma parentela na qual mandava, aumentando o poder de mando do coronel Ramiro.

A relação de mando presente em **Gabriela** explica-se nas palavras de Carvalho:

> "...O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e a à sociedade política. O mandonismo não é um sistema , é uma característica da política tradicional. Existe desde o início da colonização e sobrevive ainda hoje em regiões isoladas. A tendência é que desapareça completamente a medida que os direitos civis e políticos alcancem todos os cidadãos. A história do mandonismo confunde-se com a história da formação da cidadania." (CARVALHO, 1997: s/p)

Logo, em **Gabriela** os coronéis Ramiro e Melk apareceram como os típicos mandões, pois usaram recursos para manter a população sob seu domínio, sendo estes suas posses ou até mesmo atos de violência.

Contudo, é preciso salientar que para Carvalho (1997), o mandonismo vai além do sistema político coronelista, sendo uma prática tradicional existente desde os tempos de nossa colonização, a qual somente será extinta mediante a conscientização dos indivíduos de seus direitos e do real exercício de sua cidadania. Deste modo, o coronelismo se encaixa como parte do mandonismo ao longo da história, onde o primeiro representa o momento em que os mandões começaram seu desgaste econômico e precisaram recorrer ao Estado para manter sua posição social, e, para isso, utilizaram-se da "ação de mando", que se configurou como uma característica do coronelismo (LEAL, 2012).

Ainda, ao avaliar o clientelismo e o coronelismo encenados na narrativa de Walcyr Carrasco, Carvalho (1997) pontuou que o clientelismo é uma prática anterior ao surgimento do coronelismo e não findou com o declínio deste sistema político. Ao contrário, persistiu mesmo sem a figura do coronel e na atualidade ganhou destaque entre as classes pobres da população, os candidatos e o governo (CARVALHO,

1997). Já no sistema coronelista, foi a decadência econômica dos coronéis que os levou a buscar apoio no Estado, como forma de garantir sua posição de classe dominante. Deste modo, a essência do compromisso coronelista por parte dos coronéis consistiu no incondicional apoio aos candidatos do oficialato das esferas estadual e federal. Em contrapartida os governadores concediam total apoio aos chefes locais (LEAL, 2012). Logo, o compromisso político foi formado nas relações de troca, ou seja, no clientelismo.

Esta relação de troca foi reconstruída em **Gabriela** pelo personagem Ramiro Bastos, que oferecia apoio incondicional ao governador do Estado e obtinha deste, carta branca para seu mando, bem como para a nomeação para cargos públicos: de delegado de polícia, de escrivão, ambos pertencentes a parentela deste coronel.

Com isso, o jogo político se processava da seguinte forma: os coronéis garantiam o voto para os governadores e estes lhe davam carta branca em seus domínios; os governadores direcionavam seu apoio para a outra esfera, ou seja, para o presidente, e estes legitimava o poder dos governadores nos Estados.

Assim, pela troca de favores instituída, o coronelismo se firmou como sistema político nacional, tendo como mediador do sistema, o governador do estado. O governador por sua vez, em nível local garantia aos coronéis cargos públicos que eram distribuídos entre seus familiares e seus aliados políticos, os quais iam do delegado de polícia a professora primária, fato que fez aparecer “o juiz nosso, o delegado nosso...” (CARVALHO, 1997: s/p).

Do ponto de vista da aprendizagem histórica, a telenovela **Gabriela** pôde ser identificada como literacia histórica do próprio autor, a qual se caracteriza como a construção de sujeitos detentores de uma imagem do passado que lhes possibilite a orientação no tempo através do domínio de conteúdos históricos que determinam a compreensão coerente deste passado, bem como a capacidade desenvolver uma explicação e narrativa do passado, através da representação de conceitos substantivos (SCHIMIDT, 2009). Ou seja, a representação cênica do sistema coronelista presente no enredo da telenovela **Gabriela** pode colaborar na experimentação do passado, bem como na organização do conhecimento a cerca deste.

Assim, telenovela **Gabriela** compreendida enquanto uma narrativa histórica exibida em canais de TV da rede aberta pode possibilitar maior interesse e discussão dos fatos históricos pela população devido a sua presença diária nos lares

dos assistentes. Isto ocorre porque, tanto o filme como a novela épica, postam-se como uma reconstrução do passado que trás em suas entrelinhas uma discussão do presente (FERRO, 1976).

Neste ponto, precisamos pensar sobre como a comunicação das mensagens presentes no enredo da telenovela é feita. A televisão usa a comunicação quase mediada, ou seja, ela se processa sem que os partícipes do processo estejam no mesmo contexto de co-presença, sem que haja um número definido de receptores, e, como a telenovela foi exibida por uma rede de televisão que tem um amplo sinal de alcance, sua mensagem pôde ser apreendida por um vasto número de telespectadores (THOMPSON, 2009a). Estes telespectadores entram em contato com outros partícipes do processo de comunicação, quer seja de forma mediada ou ainda face a face, momento em que se proporcionará o debate da mensagem veiculada (THOMPSON, 2009a), fato que acaba orquestrando a aprendizagem histórica, pois esta se dá por meios distintos. Todavia, é preciso lembrar que o que os fatos reconstruídos na telenovela estiveram vinculados a consciência histórica de seu autor e serão reinterpretados por seus assistentes de acordo com sua cultura, culminando na formação sua consciência histórica.

Nesta perspectiva, continuamos a discussão dos assuntos abordados na telenovela **Gabriela**, a fim de conhecer sua capacidade como instrumento para aprendizagem histórica.

2.4 As práticas coronelistas

Os coronéis lançavam mão de várias artimanhas para manter seu poder de mando. Na representação exibida na telenovela **Gabriela** estas práticas envolveram as parentelas, os nativos da região e se aprofundaram na reconstrução da condição da mulher no período coronelista.

2.4.1 A Violência

Já no primeiro capítulo da telenovela foi apresentada a conquista do território pelos coronéis.[4] Nestas cenas foi representada a invasão comandada por Ramiro Bastos (FIG. 11), evento que evidenciou a expropriação do caboclo humilde pelo poder de fogo do invasor (FIG. 12). Aos humildes habitantes da terra restou abandonar suas casas e terras ou servir ao novo mandante da região.

FIGURA 11 – Invasão comandada por Ramiro Bastos. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

[4] Nesta passagem não encontramos na literatura ligação com a história de Ilhéus. Não encontrarmos referência de expropriações de terra, apenas conflitos entre ex-escravos que permaneceram com trabalhadores nas terras de seus donos, os quais tiveram como origem o não pagamento pelo trabalho prestado. Também encontramos referencia a rivalidades entre coronéis que habitavam o território de Ilhéus, mas estas rivalidades não mencionavam a expropriação de terra. Deste modo, consideramos as cenas mostradas nas telenovelas como ficcionais, as quais foram utilizadas como forma de mostrar uma prática coronelista, mas que não recaíram diretamente sobre a história da cidade de Ilhéus.

FIGURA 12 – Poder de fogo do invasor. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

As primeiras distribuições de terra no Brasil estiveram apoiadas numa legislação fundiária defasada. No século XVIII, a aquisição de terras se deu sob a forma de posse. A posse da terra pelo pequeno lavrador surgiu como uma ameaça aos sesmeiros. Porém, com o tempo os próprios fazendeiros se converteram em posseiros, aumentando de forma respeitável as proporções territoriais sob seu domínio, configurando-as em enormes latifúndios (CAVALCANTE, 2005).

Diante disso, e devido à perda do controle sobre a posse da terra, em 1821, José Bonifácio de Andrada e Silva propôs uma nova legislação sobre as sesmarias. Onde se deveria observar se as terras concedidas por sesmarias estavam sendo cultivadas. Caso não estivessem, deveriam voltar ao patrimônio nacional, o que qualificaria a desapropriação. Para Bonifácio, o ex-proprietário deveria ficar com somente meia légua quadrada, sendo que esta extensão deveria ser logo cultivada (CAVALCANTE, 2005).

Em julho de 1822, foi suspensa a concessão de sesmarias pelo príncipe Pedro I. O fato de não existir mais a possibilidade da doação de sesmarias e impossibilidade de novos apossamentos, elevou os posseiros de outrora, mediante o reconhecimento de sua propriedade pelo governo, a uma condição de partícipe social, devido ao seu desempenho como produtor rural. Porém, mesmo assim, a distribuição de terras continuou sem controle (CAVALCANTE, 2005).

O Padre Feijó, regente nacional, também procurou legalizar a posse da terra: aos sesmeiros foi exigido que detivessem a terra por mais de dez anos e que sua medição e localização estivessem corretas em seu título. Caso os sesmeiros e

grandes posseiros não cultivassem suas terras seriam obrigados a vendê-las, e, para as novas distribuições seriam priorizadas as pequenas propriedades – unidades familiares. Todavia, isso se configurou como mais um projeto não efetivado (CAVALCANTE, 2005).

Somente em 1850, após a proibição do tráfico negreiro, foram tomadas medidas desenvolvimentistas compatíveis com o “nascente” capitalismo, procurando transferir o valor do cativo para a terra como propriedade. Assim, surgiu a Lei de Terras, a qual estabeleceu que a terra somente poderia ser adquirida, após esta data, mediante a compra (CAVALCANTE, 2005).

Contudo, a própria lei de terras fracassou, pois foi estabelecido que os proprietários deveriam comparecer a suas paróquias e declarar a sua propriedade, nas quais constariam o nome do proprietário, a metragem da terra, a localidade onde estava situada e se possível os limite da mesma. Mas, poucos foram os fazendeiros que fizeram a revalidação de suas terras (CAVALCANTE, 2005).

No sul do país ocorreram conflitos entre ervateiros e latifundiários, devidos às expropriações. Assim, tem-se que os latifúndios ou foram revalidados no país através da lei de terras ou aumentaram através dela, mediante a compra em nome de outra pessoa e a transferência para os latifundiários por quantias irrisórias, uma prática coronelística (CRISTILLINO, 2008).

Com relação à telenovela **Gabriela** o que assistimos foi a encenação da expropriação através da violência, ou seja, o coronel Ramiro e seus aliados usaram de um dos artifícios coronelísticos, anteriormente adotado pelos coronéis estudados pela historiografia. Com isso, o autor trouxe à tona a discussão sobre a “posse”, ou seja, o ato de tomar posse, de apropriar-se de algo, o que ainda pode ser de forma violenta ou pacífica e sem títulos – caracterizando-a como ilegal.

Outra forma reconstruída na telenovela do uso da violência foi a tocaia, esta, como forma silenciar ou de minar adversários políticos. Na telenovela foi representada uma tocaia encomendada pelo coronel Ramiro, a qual era direcionada a seu adversário no pleito eleitoral, o Dr. Mundinho Falcão (FIG. 13). Neste episódio observamos o apoio incondicional dos integrantes das parentelas aos seus líderes de forma sucessiva. Primeiro Ramiro encomendou a tocaia a seu amigo, coronel Melk (FIG.14), que fazia parte da camada intermediária da parentela de Ramiro. O coronel Melk, por sua vez deu a ordem a seu empregado, Negro Fagundes, que fazia parte da camada inferior de sua parentela.

Figura 13 – Tocaia direcionada a Mundinho Falcão. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Figura 14 – Coronel Ramiro combinando com o coronel Melk a tocaia direcionada a Mundinho Falcão. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Na telenovela foi encenado também o ato de mutilação do personagem Príncipe Sandra, e agressão a sua companheira, Anabela, pois estes haviam cometido o atrevimento de tentar extorquir dinheiro do coronel Ramiro. O coronel profundamente ofendido ordenou a seus capangas que surrassem a moça (FIG. 15) e castrassem o rapaz (FIG. 16). No momento da execução das ordens o coronel se fez presente dizendo a ambos, que imploravam por suas vidas, “ninguém mexe com Ramiro Bastos”. O ato de violência foi empregado de forma a coagir o casal e mostra-lhes quem era o mandante e qual era a sua capacidade de mando.

FIGURA 15 – Anabela após ter sido surrada pelos capangas do coronel Ramiro. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

FIGURA 16 – Castração do Príncipe Sandra. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Percebemos que na telenovela a violência foi representada como forma de superar a lei. No caso da expropriação das terras, a força física obrigou os nativos a abandonarem suas casas e na questão da tocaia contra Mundinho Falcão, sua morte, fato que não se concretizou, o retiraria da disputa eleitoral. Diante disso, a população obedecia aos mandões e por eles era manipulada conforme o tipo de pressão que exerciam (Lopez, 1994).

A representação em **Gabriela** sobre a posse da terra, como sobre a capacidade de mando do coronel evidenciou a presença forte de uma cultura histórica na narrativa de seu autor. Entenda-se por cultura histórica “o campo em

que os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática" (RÜSEN, 2010b: 121). Deste modo, entendemos que o autor de **Gabriela**, tendo conhecimento sobre os fatos históricos sobre a posse da terra, aplicou-os em sua narrativa e que o enredo da telenovela pode proporcionar a aprendizagem histórica dos telespectadores da telenovela e incentivar a reflexões sobre a vida prática dos mesmos.

Mas, a violência representada na narrativa de Walcyr Carrasco, também esteve associada à atualidade, demonstrando sua consciência histórica a cerca da violência presente no cotidiano de algumas mulheres.

Na trama novelística as personagens Sinhazinha, Malvina, Marialva estiveram constantemente expostas à violência. Isto representou as relações entre homens e mulheres na narrativa do autor e enfatizou a coisificação feminina. Nessa direção, Andrea Gonçalves afirmou que a relação entre homens e mulheres revelou "as diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações históricas e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens (...)" (GONÇALVES, 2006:73).

Nessa perspectiva, os papeis edificaram-se distintos, como se o homem em sua condição sexual de dominante tivesse o direito de se relacionar com a mulher como um objeto que tinha apenas a função de servi-lo. Portanto, para esta autora, a noção de gênero deve: "ser compreendida como a história da construção social das categorias do masculino e feminino, por meio de discursos e práticas" (GONÇALVES, 2006:77). Com isso, a violência sofrida pelas personagens Sinhazinha, Malvina e Marialva demonstrou a representação de papéis definidos e distintos dentro da esfera privada e pública.

No caso de Sinhazinha, casada com o coronel Jesuíno, um homem rude ao extremo, o autor representou a mulher como progenitora e objeto sexual. Exemplo disso é a falta de um herdeiro, situação pela qual Jesuíno culpava a esposa alegando que ela tinha problemas de concepção, pois as irmãs de Jesuíno tinham vários filhos enquanto sua esposa não havia lhe dado nenhum (FIG.17).

FIGURA 17 – Sinhazinha sendo acusada de infertilidade pelo coronel Jesuíno. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

De acordo com a historiografia, a reação de Jesuíno frente à ausência de uma gravidez destacou a necessidade que os coronéis tinham de perpetuar suas famílias, seu nome. Na rede de poder estabelecida pelo coronel, a figura do filho homem era indispensável para a manutenção do poder, pois, representava a continuidade da influência e do poder político local, regional ou até nacional. O filho representava o herdeiro do poder estabelecido e exercido pelo coronel. Assim, o coronel Jesuíno vivia o conflito de ser obrigado a procurar outra pessoa para sucedê-lo, sendo que, conforme Queiróz (1975), este sucessor poderia ser um parente próximo com quem o coronel tivesse afinidade e que demonstrasse habilidade de liderança.

Observamos que na representação do relacionamento do casal não havia troca de carinho, nem respeito de Jesuíno pela esposa, apenas agressões e cobranças (FIG.18). O sexo era exclusivamente para a satisfação do marido e para conceber um herdeiro para as fazendas da família. Isto foi demonstrado pela constante frase proferida por Jesuíno: “Vá pro quarto se aprontar que vou lhe usar hoje” (GABRIELA, 2012). O ato sexual era uma obrigação da mulher, muitas vezes sendo forçado pelo marido, que violava o corpo feminino apenas para satisfazer suas necessidades.

FIGURA 18 – Sinhazinha sendo agredida pelo coronel Jesuíno. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

De acordo com Lima (2009), na década de 1940 foi instituída a ação penal privada como regra nos chamados crimes contra os costumes. Portanto, só as vítimas podiam denunciar o criminoso e pedir sua punição, fato que visava proteger a intimidade das vítimas e evitar escândalos. Por ofensa contra os costumes entendia-se a violência sexual, o qual se referia aos costumes sexuais e não a pessoa que sofria agressão.

Desta forma, na sociedade coronelista era permitido ao marido violar a esposa em nome do débito conjugal, já que isso não era considerado estupro. Porém, se ela fosse estuprada por terceiro também não poderia dar queixa por decisão própria da agressão, pois o ato de prestar queixa crime somente poderia ocorrer mediante a autorização do marido. Isto ocorria porque a mulher era considerada incapaz, condição esta posta no Código de Processo Penal vigente na época e que somente foi revogado em 1997. Nos casos de estupro por terceiros, o ato era considerado crime, sendo que este crime era considerado uma desonra/ vergonha para a família e para a vítima, nunca para o estuprador, visto que sempre se reconheceu o direito do homem desejar violentamente uma mulher (LIMA, 2009).

O estupro reflete, de forma violenta, uma face do poder masculino implícito nas relações de gênero, as quais implicam em relações de poder do homem sobre a mulher. Logo, nos casos de estupro as mulheres não dispõem de seu próprio corpo, ótica esta, constituída a partir da lógica androcentrista, que disponibiliza do corpo feminino para a satisfação sexual do homem (LIMA, 2009). No caso representado na telenovela, a personagem vivia o contexto de 1925, anterior aos desígnios de 1940. Deste modo, a mulher negar-se ao marido era inconcebível, da mesma forma que

considerar o ato sexual sem o consentimento de um dos partícipes como estupro.

Neste ponto percebemos que o autor detinha o conhecimento histórico que envolvia tanto a existência, quanto a legalidade da violência sexual do marido contra a mulher trazendo-a em sua narrativa de modo a instrumentalizar os telespectadores a cerca das condições vividas pela mulher no espaço privado. Logo, a competência emprestada à narrativa interfere diretamente sobre a interpretação dos telespectadores a cerca da condição da mulher e esta incide sobre a consciência histórica que está relacionada aos valores morais de cada indivíduo (RÜSEN, 2010a).

Na sequência da narrativa, Walcyr Carrasco, abordou a violência direcionada a mulher como forma da lavar a honra do homem. Ainda nos primeiros capítulos da trama foi encenado o romance entre o Dr. Osmundo, dentista recém-formado que se instalou em Ilhéus, e dona Sinhazinha, esposa do coronel Jesuíno. O relacionamento amoroso feriu os padrões morais da época. Dona Dorotéia descobriu o envolvimento entre o casal e contou o que estava acontecendo para Jesuíno. A traição era algo inconcebível na época. Diante disso, Jesuíno tendo seu o orgulho ferido, surpreendeu o casal em cena íntima e matou ambos (FIG. 19).

FIGURA 19 – Morte de Dona Sinhazinha e Dr. Osmundo. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

A vida da mulher foi construída ao longo de séculos como menos valiosa que a vida e a honra dos homens, fato que concedeu a estes o direito de assassinar

suas companheiras (RAMOS, 2012). Jesuíno e Dona Sinhazinha, personagens de **Gabriela**, representaram bem este fato histórico, pois o primeiro matou a esposa em defesa de sua honra.

O estudo da legislação brasileira mostrou que a mulher ocupou um lugar de inferioridade em detrimento da honra masculina. Este estudo permitiu conhecer as transformações legislativas que envolveram a mulher ao longo dos anos, possibilitando a compreensão dos discursos jurídico e social, que munidos de suas técnicas, produziram uma forma de pensar a mulher como um sujeito inumano.

A honra, motivo pelo qual Jesuíno matou Dona Sinhazinha, conforme Ramos (2012), já era tida desde o medievo como um tesouro a ser portado e passou a ser legitimada como um bem jurídico tutelado pelo Estado, sendo considerada como um bem mais valioso que a vida da mulher adúltera. Deste modo, foi legitimado o direito do homem matar a mulher no Código de Penal de 1890, ou seja, o homem estaria apenas defendendo um bem que lhe foi lesado anteriormente ao crime de assassinato, não havendo motivos para ele pagar pelo crime de morte, pois o havia cometido em prol da legítima defesa da honra. Esta era a lógica dos homens da época do coronel Jesuíno, o qual após a morte da esposa sofria com sua ausência, mas acreditava ter feito o que era certo. Observamos que o ato de Jesuíno foi representado na trama como aceito pela sociedade do período, sendo criticado apenas por alguns.

Contudo, no final da trama Jesuíno foi julgado, questão em que Mundinho falcão interviu. Os coronéis que estavam acostumados a existência do "*juiz nosso*", tentaram coagir Mundinho, mas foram obrigados a ceder. Assim, o juiz que presidiu o julgamento veio de outra região. O juiz também sofreu pressão dos coronéis, mas manteve uma postura firme. Finalmente Jesuíno foi sentenciado como culpado, evento este que, na narrativa de Walcyr Carrasco, pode estar sinalizando para a evolução das conquistas nos direitos civis da mulher e levantar a discussão sobre as condições em que ainda vivem algumas mulheres nos tempos atuais, mesmo estando em vigor a lei Maria da Penha, a qual resguarda os direitos da mulher .

Todavia, a este ponto é preciso pensar que, conforme Ramos (2012), a condenação pelo assassinato da esposa divergia da legislação da época, pois, em 1916, o direito do homem defender sua honra em relação ao adultério foi estendido também para os casos de uniões estáveis e só em 1940 os crimes de adultério passaram a ser vistos e julgados como iguais, pelo menos no papel, para ambos os

cônjuges, cabendo-lhes uma pena de detenção de 15 dias a seis meses. Portanto, na telenovela percebemos uma divergência em relação a narrativa dos eventos históricos quanto a legislação e uma ênfase sobre a questão do clientelismo que permitia nomeações para cargos públicos. Deste modo, este trecho da narrativa de Walcyr Carrasco deve ser estudado com cuidado de modo a enfatizar a existência do clientelismo e destacar o anacronismo relacionado ao motivo da condenação do coronel Jesuíno, pois conforme a legislação vigente o coronel tinha o direito de lavar sua honra. Na época existia a condenação de homens que desonrassem suas famílias, ou seja, se constituíam como vergonha para as mesmas. Todavia, este não era o caso do coronel, já que o mesmo personalizava o ideal do homem honrado, o qual seria um trabalhador respeitável e respeitador e que mantivesse boa relação com os próximos (SANTOS, 2008).

Em todo caso reconhecemos que o autor esta inserido em uma cultura histórica e esta incidiu sobre a formação de sua consciência histórica. As cenas exibidas em **Gabriela** tiveram um desfecho que contradiz a legislação da época, mas essa divergência pode estar apontando para a necessidade de trazer a tona uma discussão quanto às práticas presentes no cotidiano feminino ainda hoje, mesmo que de forma velada.

A agressão física foi uma constante no dia a dia das personagens Malvina e Marialva. Malvina era uma jovem com ideias muito avançadas para sua época: queria estudar na capital, ser professora e casar somente se encontrasse um grande amor. Seus ideais iam contra os anseios de Melk, sei pai, que desejava vê-la casada, com família constituída com um jovem filho de algum coronel. Marialva não concordava com as ideias de Melk, seu marido, mas acreditava que devia obedecê-lo. Ambas as personagens eram espancadas por Melk cada vez que Malvina o afrontava, sendo que Marialva recebia toda a culpa pelo comportamento da filha. Marialva aconselhava Malvina a não desobedecer ao coronel, mas a filha não atendia a mãe (FIG. 20).

FIGURA 20 – Malvina sendo agredida pelo pai, e, na sequencia recebendo os cuidados e conselhos da mãe. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Na época, a agressão do pai a filha não era vista como um problema social, mas como uma questão de disciplinarização da mulher. Pois, a mulher era um indivíduo, que de acordo com a sociedade patriacal estabelecida e dita laica (mas que guardava em sua legislação fortes indícios da moral católica que havia sido norteadora dos padrões legais e dos comportamentos sociais nos tempos do império) precisava ser disciplinado. Isso contribuiu de forma incisiva e performativa para a condição da mulher como ser desqualificado de direito e passível de violência, possibilitando a manutenção da subjugação da mulher ao homem (RAMOS, 2012).

As cenas de violência em Gabriela podem instigar o processo de aprendizagem histórica, pois a mensagem exibida alcança um grande número de telespectadores por fazer uso de comunicação quase mediada, a qual não exige a presença do telespectador no espaço de produção da mensagem. Além disso, a exposição diária do telespectador permite que este a interprete, fato que envolve sua própria cultura histórica, para então repassá-la a outros sujeitos promovendo o debate e até mesmo a comparação dos direitos da mulher na atualidade e das questões de gênero sempre presentes nas relações entre os seres humanos.

Na mesma direção, as questões que cercam o tema casamento proporcionam debates sobre a condição da mulher na sociedade.

2.4.2 O Casamento

Na sociedade coronelista destinavam-se as mulheres os papéis de filhas, de mães e de esposas. Algumas destas mulheres também tinham formação de professora, porém suas atividades profissionais eram exercidas mediante o consentimento dos pais e dos maridos, sendo raras exceções que desafiavam a norma social vigente.

Em **Gabriela**, o casamento foi amplamente representado ora como desejo das moças, ora como forma de alastrar ou solidificar os laços entre as parentelas. Na época, casamento era entendido como:

> ... um contrato bilateral e solene, pelo qual um homem e uma mulher se unem indissoluvelmente, legalizando por ele suas relações sexuais, estabelecendo a mais estreita comunhão de vida e de interesses, e comprometendo-se a criar a educar a prole, que de ambos nascer". (SENNA, 2001:15 apud BEVILAQUA, 1938)

Uma das definições para o casamento era a de um contrato que oficializava a união entre homem e mulher e que tinha como característica ser indissolúvel, onde os interesses seriam partilhados e haveria um comprometimento da parte dos envolvidos na criação e educação de seus filhos. Tendo esta definição, o casamento servia bem ao interesse das moças como ao dos coronéis.

O interesse por parte das mulheres no casamento foi evidenciado através das personagens irmãs Quinquina e Florzinha dos Reis, as quais eram duas solteironas, que apesar de já não gozarem de plena jovialidade expressavam o desejo de se casar algum dia. Na telenovela, após o episódio da morte de dona Sinhazinha, o coronel Jesuíno anunciou que ia se casar novamente. Isso gerou a disputa entre as irmãs pela atenção do coronel, pois conferia as mulheres amparo e respeito na sociedade do período. Na trama ficou claro que o fato do coronel ter assassinado sua primeira esposa não era motivo de preocupação, uma vez que as pretendentes demonstraram acreditar que Jesuíno estava certo em lavar sua honra, representação esta que esteve de acordo com a mentalidade da época.

Todavia, o coronel Jesuíno desejava como noiva uma moça jovem, em plena capacidade de lhe dar os filhos que não tivera com Dona Sinhazinha, e, deste modo, dar continuidade ao seu nome e manter a liderança de sua parentela. Assim, ele elegeu como sua futura noiva a jovem Iracema, filha de comerciantes e estudante do colégio da cidade. O pedido foi feito de surpresa ao pai da moça. O pai da jovem

arguiu que o coronel havia matado sua primeira esposa, ao que Jesuíno retorquiu: "*matei porque tinha que matar, se sua filha não merecer não mato"*. Ao pai de Iracema a afirmativa pareceu justa (FIG. 21). Deste modo, foi acertado um valor com o coronel para custear as despesas que haveria.

FIGURA 21 – Acerto do casamento do coronel Jesuíno com Iracema. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Percebemos que na trama foi representado o questionamento do pai de Iracema a Jesuíno, porém o próprio pai da moça, tendo em sua cultura legitimado o direito do homem defender sua honra concordou com o casamento. Além disso, foi encenado um acordo financeiro entre sogro e genro, no qual o noivo ofereceu um dote à família da noiva, que considerou apropriado, pois isso era uma tradição. Contudo o dinheiro oferecido por Jesuíno também explicitou a existência da troca de favor, onde Iracema foi a moeda trocada, pois Jesuíno recebeu a noiva e o pai da moça recebeu auxílio financeiro. Para Michelle Perrot e Georges Duby, as mulheres eram o objeto do poder masculino, em trocas matrimoniais (PERROT, 1988). Assim, este ato também pode ser associado às praticas coronelistas, pois no momento da concessão da mão de Iracema em casamento a Jesuíno, a família da noiva passou a integrar a parentela do coronel e o último passou a zelar por seu bem estar, podendo cobrar a fidelidade da família a seus ideais.

Jerusa também teve seu noivo escolhido pelo avô, o poderoso coronel Ramiro Bastos. A escolha se deu entre os filhos dos coronéis que pertenciam a sua parentela como forma de fortalecer sua união com os demais coronéis (FIG. 22). Da mesma forma, o coronel Melk procedeu ao escolher Berto como noivo de Malvina

(FIG. 23), pois além de ser filho do coronel Amâncio, o jovem rapaz possuía ideias semelhantes as suas, portanto era o genro ideal, que conseguiria dominar Malvina.

FIGURA 22 – Noivado de Jerusa. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

FIGURA 23 – Malvina ao ser apresentada para o noivo, Berto. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

O casamento era utilizado internamente nas parentelas como forma de reforçar suas alianças, e, entre parentelas distantes como forma de expandir a área de influência de um determinado coronel, ou seja, o coronel que tivesse grande influência já sobre uma região podia alastrar sua zona de mando se conquistasse uma aliança com outro coronel com menor influência (QUEIRÓZ, 1975). Deste

modo, o casamento entre os filhos dos coronéis era mais um instrumento de ampliação do poder destes coronéis, pois todo sistema se sustentava na fidelidade e na solidariedade estabelecida dentro da parentela.

Nota-se que a mulher era utilizada como moeda de troca no período coronelista, porém Malvina se mostrou menos submissa à vontade do pai que Jerusa a do avô. A primeira não aceitou o noivo que lhe foi designado, por não amá-lo e por não concordar com as atitudes de Berto em relação à Lindinalva, que fora sua primeira noiva. Este fato demonstrou que a narrativa de Walcyr Carrasco foi bem marcada pela questão do gênero, a mulher por meio do personagem de Malvina começou a se perceber enquanto um ser de direitos, contrariando o pensamento machista da época, motivo pelo qual foi vítima do castigo físico aplicado por seu pai. A violência física usada pelo coronel decorreu em função da negativa de Malvina em casar-se e do constrangimento que enfrentou diante da família do coronel Amâncio, seu amigo e pai do noivo.

O castigo físico imposto pelo coronel Melk a Malvina trouxe a discussão sobre o tratamento dispensado a mulher neste período, propiciando a aprendizagem histórica com relação à mentalidade de uma sociedade regida por homens, os quais viam a mulher como um indivíduo que precisava ser disciplinarizado.

Além destas intenções de realizar casamentos, também foi encenado o casamento de Gabriela e Nacib. Neste caso, o casamento não foi arranjado, mas uma forma da noiva satisfazer o desejo de Nacib e de atender as convenções da sociedade da época. Destacamos também que o casamento de Gabriela além fugir aos arranjos de matrimônio da época, trouxe a discussão duas situações: a interferência do coronel na realização dos casamentos e a falsificação de documentos.

Na primeira situação, Nacib teve que pedir o auxílio do coronel Ramiro para que o padre da cidade realizasse o seu casamento, fato que encontrou sustentação na historiografia, pois de acordo com Santos (2006) o coronel interferia também nestas decisões, avalizando a realização dos casamentos. A segunda situação foi representada na ação de Tonico Bastos, filho do coronel Ramiro, que forjou uma certidão de nascimento para Gabriela, mesmo a moça não sendo filha daquela localidade e não tendo nada que comprovasse sua origem. Isso remeteu a assuntos já tratados pela historiografia, destacando as facilidades de ter aliados em postos estratégicos da municipalidade, como os cartórios.

2.4.3 Submissão

A submissão foi representada através das personagens Lindinalva, Iracema e Gabriela e Jerusa, pois aceitaram a vontade masculina, abandonando os próprios anseios (mesmo que por algum tempo) e dos próprios coronéis, que percebiam as possibilidades de progresso para a região, caso apoiassem Mundinho Falcão, mas que permaneciam submissos a vontade do coronel Ramiro.

Lindinalva estava noiva de Berto, mas próximo aos dias do casamento os pais da moça foram vítimas fatais de um acidente automobilístico, ficando a jovem desamparada e com muitas dívidas. O noivo muito solícito consolou Lindinalva (FIG. 24) e prometeu ampará-la, mas para isso ele exigiu que a jovem cedesse e antecipasse sua noite de núpcias ao dia do casamento. A jovem desamparada e confiante no noivo cedeu a seus caprichos. Vestiu-se de noiva e entregou-se a ele (FIG. 25). Porém, o jovem não cumpriu suas promessas abandonando-a a própria sorte, influenciado pela avó, dona Dorotéia que agia como a guardiã da moral de Ilhéus.

FIGURA 24 – Berto consolando Lindinalva. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

FIGURA 25 – Lindinalva cede aos caprichos de Berto. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Iracema como as garotas de sua idade, em razoáveis condições financeiras, estudava na escola de Ilhéus. Porém, com a aceitação do pedido de casamento do coronel, a jovem abandonou o namorado que amava para obedecer às ordens de seu pai. Após a confirmação de seu noivado Iracema foi retirada da escola pelo noivo (FIG. 26), pois ele acreditava que mulher não precisava estudar. Na concepção do coronel, ter ideias não seria coisa para mulher, somente o cuidado com a família. Assim, a jovem se submeteu, primeiro à vontade do pai e depois a do coronel abandonando seus próprios anseios.

FIGURA 26 – Jesuíno retirando Iracema da escola. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

Gabriela, a protagonista da trama novelística, foi mostrada como uma jovem ingênua, que ignorava as convenções sociais e os padrões de comportamento estabelecidos para a mulher na sociedade. Foi representada como uma moça que

se sentia livre. Gostava de brincar com a molecada, dançar, andar descalça e com vestidos simples. No entanto, ao apaixonar-se por Nacib, um comerciante bem sucedido da cidade, Gabriela foi forçada a se comportar como as senhoras da sociedade.

Sua submissão começou quando Gabriela casou com Nacib. Ela não entendia como um papel oficializando o casamento podia interferir sobre a felicidade de ambos, mas mesmo assim se submeteu ao desejo de Nacib. Após o casamento Nacib passou a determinar seu jeito de vestir, de andar, suas amizades, fazendo de sua vida uma tristeza, visto que a pessoa Gabriela deixou de existir, tomando seu lugar um modelo de mulher idealizado pelo marido a fim de atender os padrões de comportamento exigidos pela sociedade.

Jerusa, neta do coronel Ramiro Bastos, apaixonou-se pelo rival político do avô, mas para proteger o amado acabou se submetendo a vontade do avô. Se Jerusa continuasse a encontrar-se com Mundinho Falcão a vida dele estaria em risco, pois o avô já o havia tocaiado. Deste modo, para protegê-lo a garota aceitou entrar para um convento como Ramiro Bastos ordenou. O avô tomava todas as decisões da família e mesmo a mãe da garota sendo contra a reclusão de Jerusa a um convento, as mulheres da casa restou apenas acatar as decisões do coronel (FIG. 27).

FIGURA 27 – Jerusa submetendo-se a vontade de Ramiro Bastos, seu avô. Fonte: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html

De acordo com o Código Civil de 1916, a família era organizada de forma hierárquica, o homem era o chefe e a mulher estava em condição de inferioridade legal. No texto de 1916 houve a prevalência do patriarcado em detrimento do matriarcado, estabelecendo-se então, a exigência da monogamia, da nulidade dos casamentos em que a moça não fosse virgem e afastou-se possibilidade de herança das filhas mulheres que tivessem comportamento desonesto. Assim, a mulher perdeu sua capacidade civil plena, não podendo praticar sem o consentimento do marido inúmeros atos que praticaria sendo maior de idade e solteira (RAMOS, 2012). Com isso, as mulheres passavam da autoridade do pai a do marido, visto que as moças casavam-se muito jovens naquele período.

Nas cenas representadas, Jerusa teve a tutoria do avô que exercia o mando sobre toda a família, inclusive sobre os pais da jovem. Lindinalva teve em Berto seu provedor após a morte dos pais, logo acatou o seu mando, enquanto Iracema e Gabriela passaram a ser tuteladas pelos maridos após o casamento. Em razão da cultura vigorante na época as personagens não se percebiam como seres de direitos, mas como indivíduos que deviam obedecer aos mandos de seus tutores, pois estes eram seus provedores, logo tinham autoridade sobre seus pensamentos e

corpos.

Percebemos a partir dessa análise que o caminho percorrido pela mulher em busca de seus direitos foi árduo, pois as ideias oriundas da sociedade grega se perpetuaram até algum tempo atrás. Entre estas, destacaram-se as diferenciações entre mulheres e homens, pois liberdade, igualdade e fraternidade estiveram pautadas em características como sexo, perpassando pela cor da pele (branca), heterossexualidade e posses. Isso acirrou as diferenças entre os gêneros, colocando os indivíduos que não atendiam tais características em desvantagem. Deste modo, a mulher permaneceu numa posição de indivíduo incapaz por muito tempo (CARVALHO, 2011).

Todavia, na década de 1930, as condições de igualdade das mulheres em alguns aspectos foram legalizadas, iniciando-se um processo lento de mudança na estrutura social. A partir da década de 1970, foram intensificadas as lutas por condições de igualdade de gênero, surgindo os movimentos feministas. Em 1975 surgiu a década da mulher, momento em que aconteceram encontros focados no fim da discriminação da mulher, a fim de enquadrá-la nos planos de desenvolvimento. Tais encontros foram um espaço para o fortalecimento e discussão das questões de gênero, visando a implementação de estratégias e políticas públicas voltadas a valoração da mulher e da aceitação da mesma como individuo igual ao homem (CARVALHO, 2011).

Da mesma forma, em **Gabriela**, os coronéis e a população se mostraram submissos à vontade do coronel Ramiro. Submissão esta, que acontecia em função das trocas de favores ou por imposição de violência. Este fato somente foi alterado, pela ruptura das parentelas, o que ocorreu devido a percepção por parte alguns coronéis do poder de influência de Mundinho Falcão na esfera do governo federal. Isto promoveu, conforme Queiróz (1975), a reorganização das parentelas, e consolidou como novo mandante local Mundinho Falcão.

Do ponto de vista da aprendizagem histórica, a telenovela **Gabriela** portou-se como a literacia histórica de seu autor, pois a literacia suportada na ideia de cognição situada, baseando-se “no entendimento de que se deve propiciar e obter condições para podermos fazer escolhas intencionais a respeito do passado” (SCHIMIDT, 2009:14).

Nesta perspectiva, o estudo das mensagens colocadas na telenovela pode impulsionar a aprendizagem histórica, pois ao assistir cenas que revelaram a

condição da mulher no período coronelista, o telespectador pode iniciar um debate sobre as mesmas. Para Rüsen (2012), a aprendizagem histórica se processa em espaços para além dos ambientes acadêmicos. Assim, nesse trabalho compreendemos que as cenas da telenovela podem instigar o conhecimento e promover a aprendizagem histórica.

O debate gerado pelas cenas exibidas em **Gabriela** pode provocar na população telespectadora uma troca de conhecimentos, pois cada telespectador que assistiu os capítulos da telenovela decodificou/ interpretou a mensagem exibida na telenovela com base em sua própria cultura e repassou a outros debatedores/telespectadores (THOMPSON, 2009 a). Esta troca de informações que se ocorre em ambientes cotidianos propicia a aprendizagem histórica e faz os homens analisarem e repensarem os próprios atos uma vez que são sujeitos participes no processo histórico.

Percebemos que o contexto de co-presença dos personagens, bem como suas vivências na trama podem gerar um padrão de identificação com o telespectador, proporcionando a discussão das temáticas abordadas pela telenovela com outros telespectadores. Este processo de troca de ideias e saberes que são norteados pela cultura em que o telespectador está inserido ocasiona a aprendizagem histórica. Desta forma, afirmamos que as cenas de **Gabriela** podem funcionar como instrumentos para o conhecimento histórico, pois este se constrói também em espaços além da academia, mediante a alocação do telespectador num espaço de cultura mediada que possibilite a formação de uma memória coletiva a cerca dos processos históricos, sobretudo os que envolvem transformação da posição da mulher na sociedade, já que esta foi a temática mais fortemente abordada pelo autor.

3. APRENDIZAGEM HISTÓRICA: GABRIELA E AS NARRATIVAS DOS SUJEITOS COMPOSTAS PELA TEMÁTICA CORONELISMO/CLIENTELISMO

> "A política... há muito tempo deixou de ser ciência do bom governo e, em vez disso, tornou-se arte da conquista e da conservação do poder." (Luciano Bianciardi, s/d)

Conforme discorremos em nosso primeiro capítulo, o princípio desse trabalho foi evidenciar outro modo de aprendizagem histórica se que realiza para além dos ambientes de escolarização, mas que atua de forma contundente nas formas de orientação para a vida prática dos sujeitos. A maneira e veículo que estabelecemos como promotor de aprendizagens históricas é a telenovela. Essa, ao mesmo tempo em que é um produto social e cultural, também é produtora de saberes.

Nessa perspectiva, para pensarmos nosso objeto que é a telenovela **Gabriela**, antes devemos considerar que a consciência histórica é intrínseca no ser humano, portanto indo além do plano cognitivo. Logo, precisamos acolher o que é pré-cognitivo para que operem formações históricas de sentido, bem como o aprendizado histórico. É neste ponto que surgem os modelos interpretativos da consciência histórica classificando de forma sensitiva e pré-racional as informações. Isto produz as primeiras orientações na história, as quais em consonância as experiências de vida e sua racionalização são desenvolvidas de forma parcialmente consciente (RÜSEN, 2012).

A partir dessa percepção, devemos atentar para o fato de que essas esferas de pré-consciência são resultados de inúmeras influências do cotidiano tanto no campo educacional, social, cultural, quanto político. Nessa direção podemos tomar a telenovela como um objeto que estabelece uma relação dialética com a sociedade, da qual é produto e produtora de modelos e arquétipos de comportamento. Tal percepção nos levou a compreender como a telenovela pode estabelecer um caráter educativo e constituinte da consciência histórica dos seus telespectadores.

Deste modo, pautamos nossa pesquisa na narrativa histórica construída pelos participantes, pois a forma de linguagem que os sujeitos expressam consciência histórica e esta realiza sua função de orientação no tempo é a narração (RÜSEN,

2010 a). Logo, a narrativa histórica é uma operação mental constitutiva, onde particularidade e processualidade são especificadas demonstrando a construção de sentido sobre a experiência do tempo (RÜSEN, 2010 a). Diante disso, o aprendizado histórico que ocorreu sobre o tema coronelismo, emergiu na narrativa histórica, quando operações mentais especificas foram adquiridas mediante a função produtiva do sujeito, situação esta que a história foi apontada como responsável pela orientação cultural na vida prática dos sujeitos.

Considerando o exposto, a competência narrativa é capacidade que a consciência humana tem de usar procedimentos que dão sentido ao passado, realizando uma orientação temporal na vida cotidiana por meio de uma lembrança de uma realidade passada (RÜSEN, 2010 a), o que em nosso caso advém das representações do coronelismo na telenovela **Gabriela**. Assim, é fundamental considerar o conteúdo, a forma e a função como elementos chaves da narrativa histórica, pois foram eles os responsáveis pelas operações mentais da: experiência histórica, interpretação histórica e orientação histórica respectivamente.

A operação mental da experiência caracteriza-se como consciência histórica, implicando na capacidade de olhar o passado e percebendo sua qualidade temporal (RÜSEN, 2010 a). Ou seja, olhar as cenas apresentadas na telenovela e compreendê-las como representações de parte de um tempo passado.

A operação mental da interpretação caracteriza-se como consciência histórica, tendo por meta reduzir as diferenças de tempo entre passado presente e futuro resultando na concepção de um todo temporal (RÜSEN, 2010 a). Ou seja, a interpretação é a relação que a telenovela tem com a historiografia e com os significados históricos dados pelos telespectadores. De modo que os telespectadores possam conceber uma compreensão dos fatos do presente mediante os acontecimentos representados na telenovela.

Finalmente a operação mental da orientação vem a caracterizar a consciência histórica e tem por finalidade usar o todo temporal, vinculado com a experiência (conteúdo), a fim de orientar a vida (RÜSEN, 2010 a). Ou seja, na tomada de decisão, na ação que ocorre, neste caso, a partir da apreensão do conteúdo da telenovela, entendendo-o como uma representação do passado, mas capaz de orientar a vida humana.

Diante disso, objetivamos apresentar os saberes históricos construídos pelos participantes da pesquisa a respeito do tema coronelismo/clientelismo e

compreender como se processou sua aprendizagem histórica a partir da experiência televisiva com a telenovela **Gabriela**.

Na primeira leitura das narrativas constatamos que alguns personagens presentes na telenovela **Gabriela** tiveram maior significância para os participantes que outros. Considerando aqui que significância histórica, segundo Cercadilho (2000), pode ser analisada em duas óticas, uma multicultural e outra atribuída no contexto das próprias narrativas. Sendo assim, ao analisarmos as narrativas dos sujeitos entrevistados, partimos do conceito de significância multicultural, a qual é atribuída, segundo Maria Olinda Pereira Alves, “em função dos interesses e motivações dos alunos dependendo das suas idades e dos grupos culturais de pertença” (ALVES, 2008: 61). Ou seja, para nossa pesquisa, ao invés de alunos, são sujeitos telespectadores e por isso buscamos o conceito de significância multicultural para fundamentar a percepção dos entrevistados e de seus interesses na trama novelística. Assim, percebemos nas entrevistas em geral, que estes personagens foram os responsáveis pela construção dos saberes presentes nas narrativas históricas, bem como pela aprendizagem dos sujeitos, pois de acordo com Rüsen (2012), as histórias, nesse caso, a história contada por cada uma dos personagens, produzem orientações temporais que são necessárias ao controle da vida prática. A relevância dos personagens para os participantes foi ilustrada no gráfico a seguir.

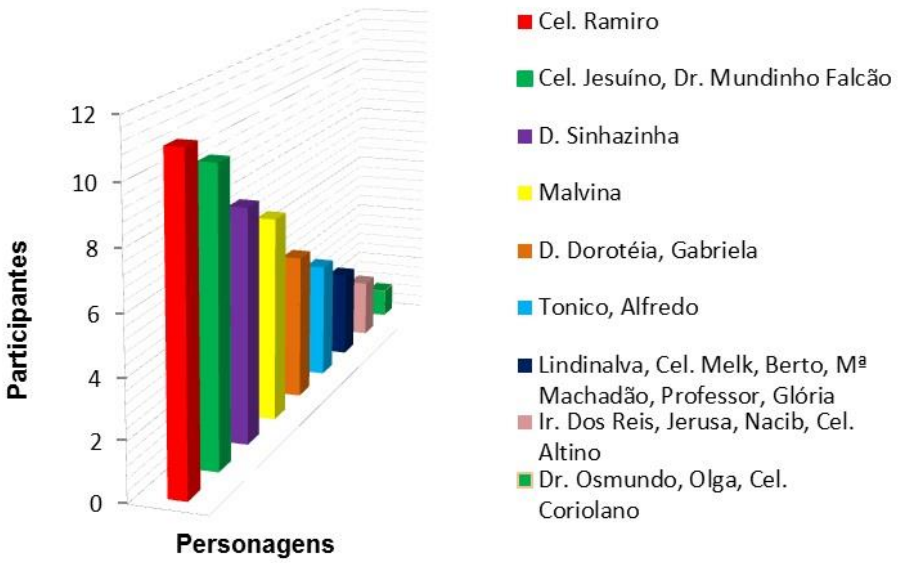


Gráfico 2 – Personagens da telenovela que foram mais significativos para os participantes, Rio Grande – RS, 2014.

A menção aos personagens e a história de cada um deles nas narrativas dos participantes permitiu extrair as unidades de referência que evidenciaram os saberes construídos pelos participantes por meio do acompanhamento sequencial e regular dos capítulos da telenovela Gabriela. As unidades de referência com a temática: coronelismo/ clientelismo foram agrupadas conforme o teor dos saberes construídos em cinco categorias: 1) Poder, mando e submissão, 2) O coronel e sua gente, 3) Fragmentação do sistema, 4) Violência, 5) Política: clientelismo e alianças. Estes saberes foram ilustrados em sua totalidade no gráfico a seguir.

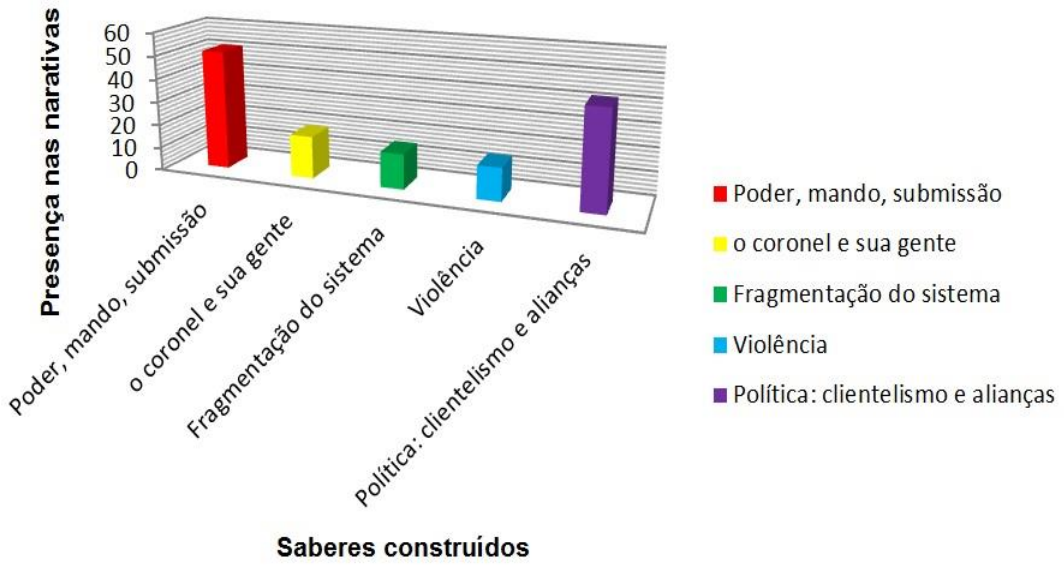


Gráfico 3 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática coronelismo/ clientelismo na narrativa dos participantes, Rio Grande – RS, 2014.

Contudo, ao se tratarmos de aprendizagem histórica é relevante salientarmos que o processo não é uniforme para todos, como bem mostrou nossa pesquisa. Sobre os processos de aprendizagem histórica, Jörn Rüsen ao citar Schörken, afirmou que “trata-se de ‘processos de pensamento e de formação estruturadores de consciência’, ‘que geralmente encontram-se ‘por trás’ dos conteúdos e que habitualmente ficam velados ao aprendiz’, de ‘atos’ mentais determinantes do comportamento, que subjazem à lida com a História” (RÜSEN, 2010 a: 42). Nessa citação, o autor se referiu especificamente a didática da história ou da História mediada didaticamente. Entretanto, apesar de nosso objeto de pesquisa não se tratar de uma experiência realizada em ambientes de escolarização, apreendemos a

telenovela como um meio pelo qual a História pode ser mediada didaticamente, ou seja, meio pelo qual a História ou mais especificamente um “tipo de narrativa ou literacia[5] da História” é e pode ser transmitida. Portanto, a partir da experiência televisiva, os telespectadores estruturam seus processos de pensamento e consciência sobre os fatos e conceitos representados na trama novelística. Aqui apresentamos o conceito de literacia histórica como um processo de letramento histórico que acompanha os sujeitos letrados para além da experiência escolar, pois o autor da telenovela apresenta na trama sua compreensão do passado e mais do que isso, a forma pela qual se apropria deste passado para pensar um objeto que estabelecerá diálogos com o público e, portanto, uma utilidade prática da História para a vida. Desta forma, ilustramos também num gráfico comparativo a construção individual dos saberes históricos orientados na telenovela Gabriela de cada um dos participantes.

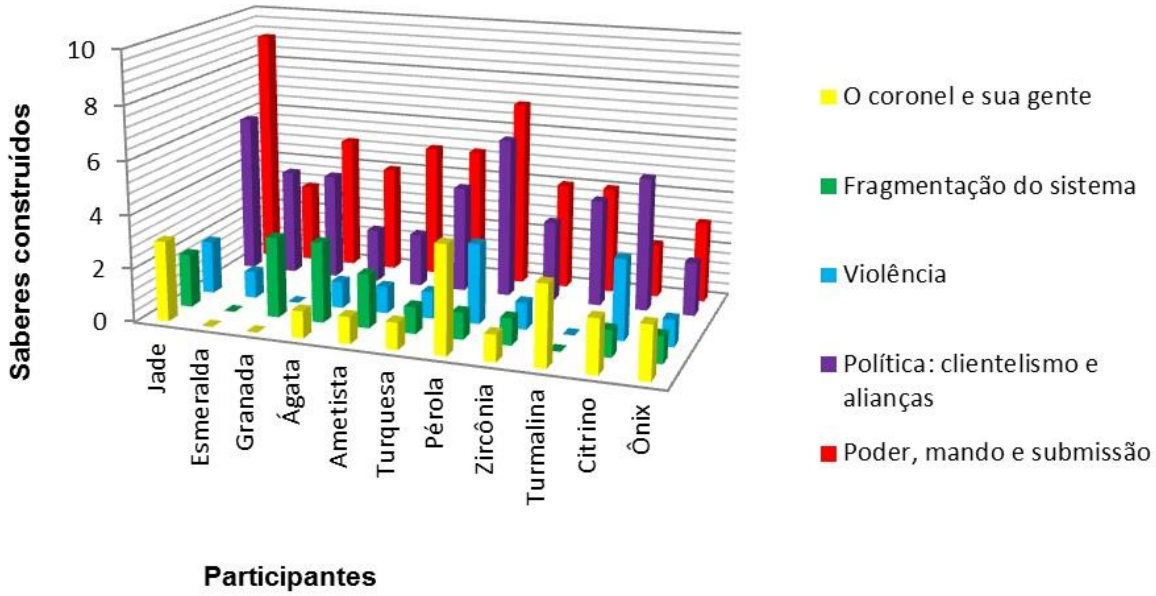


Gráfico 4 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem individual da temática coronelismo/ clientelismo Rio Grande – RS, 2014.

[5] Literacia da História aqui como discorreu Maria Auxiliadora Schmidt, “pode-se caracterizar a literacia histórica como a construção de sujeitos historicamente letrados, que sejam minimamente capazes de, segundo Lee (200R) realizar algumas coisas, como: ter uma imagem do passado que lhes permita orientarem-se no tempo, a qual exige o domínio de determinados conteúdos históricos ou uma compreensão substantiva coerente do passado; um conhecimento de como desenvolver uma explicação e narrativa do passado, o que pressupõe o domínio das ideias substantivas e de segunda ordem que colaborem para organizar o passado, fazendo com que o conhecimento do passado seja possível” (SCHMIDT, 2009:17-18).

Percebemos nas falas, que apesar dos temas da telenovela não terem sido apresentados aos telespectadores centrados em discussões historiográficas, o diálogo entre o aprendido e a historiografia se estabeleceu de forma não fundamentada. Ou seja, os telespectadores da telenovela não sabiam quais foram os marcos de fundamentação do autor de Gabriela para veicular tais conceitos e ideias, apenas apreenderam o sentido dos temas como se os mesmos fossem definitivos e históricos. Esse fenômeno experienciado nas narrativas dos sujeitos nos demonstrou que os mesmos construíram sentido sobre o passado, a partir da recepção televisiva, e com isso aprenderam história, pois segundo Rüsen "o aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para a tal narrativa surgem e se desenvolvem" (RÜSEN, 2010 a: 43). Ao expressarem em suas narrativas os sentidos dados sobre suas experiências no tempo, construída a partir da mediação da telenovela, percebemos seus processos de aprendizado e como se constituiu para cada sujeito de forma diferente. Nesse sentido, apesar dos entrevistados perceberem a telenovela como uma ficção, entenderam o conteúdo histórico do tema discutido. Observamos também que as unidades de referência construídas em caráter de unanimidade pelos telespectadores categorizadas em "Coronelismo/Clientelismo", foram: mando poder e submissão, e, Política: clientelismo e alianças. Também se percebeu recorrência nas narrativas estudadas sobre, a violência, a fragmentação do sistema e sobre o próprio coronel e sua gente. Portanto, percebemos que apesar de não terem recebido seus aprendizados em um espaço de escolarização, suas falas apresentaram conceitos e motes de diálogo com a historiografia sobre coronelismo no Brasil, conforme analisamos nesse capítulo. A seguir realizamos a discussão da categoria "Coronelismo/Clientelismo" a partir de suas unidades referenciais, ordenando-as de modo a mostrar o processo de aprendizagem e consciência histórica dos participantes.

3.1 Poder, Mando, Submissão

Nas narrativas dos participantes observamos a construção de um saber coletivo relacionando coronelismo ao mando, sendo este mando diretamente

interligado ao poder que os coronéis exerciam em suas regiões, bem como a submissão da população que habitava os nichos sob seu domínio. Observamos também que esta foi a categoria mais presente nas narrativas estando intimamente ligada as outras categorias presentes nas falas dos participantes. Deste modo, apresentamos nesse momento uma discussão dos extratos das narrativas que envolvem especificamente: mando, poder e submissão.

Compreendemos que os saberes históricos relacionados ao mando foram construídos pelos participantes focando prerrogativas distintas como mostraram os extratos a seguir.

> Os coronéis dominavam a política porque antes era assim, um coronel **mandava** em toda a cidade na questão do voto, então era sempre ele que **mandava** na cidade. E, quando o Mundinho chega ele **tenta mudar** aquilo ali, mas os coronéis tentam se manter unidos para não perder o poder(Jade, grifo nosso)
>
> o sistema coronelista é **um sistema de mando**, onde a **política tem as trocas de favores** e vai em busca dos benefícios próprios (Granada, grifo nosso)

Notamos que Jade e Granada associaram o mando do coronel à política. Porém, Jade colocou o mando como uma forma de sustentação do poder do coronel, enquanto Granada percebeu o mando como coadjuvante numa política que teve por sustentáculo as trocas de favores e o beneficiamento próprio. Ambos os sujeitos entrevistados apresentaram uma compreensão clara de um dos fundamentos do sistema coronelístico e mais do que isso, apresentaram a noção de mando como algo que sustentava o modelo político. Entretanto, Jade conseguiu perceber uma diferença entre o presente e o passado ao expressar “porque antes era assim”, ou seja, hoje é diferente. Essa percepção demonstrou que Jade avaliou o tempo presente em relação ao passado e conferiu um sentido para ambos, que possui uma competência narrativa, pois segundo Rüsen a narração “... tem a função geral de servir para orientar a vida prática no tempo. Mobiliza a memória da experiência temporal, desenvolvendo a noção de um todo temporal abrangente, e confere uma perspectiva temporal interna e externa à vida prática” (RÜSEN, 2010 a: 62). Como bem discorreu o autor, ao demonstrar em sua narração a percepção de que existiram diferenças entre o presente vivido e o passado analisado através da telenovela, Jade, apresentou uma perspectiva e experiência temporal.

Da mesma forma a questão do mando no coronelismo foi construída por Ágata e Turmalina.

> Pelo que eu entendi coronelismo era uma época política que **já havia uma estrutura de lei**, **tinha um governador, um presidente** e isso é salientado na novela, porém isso não tinha valor nenhum. **Isso não interessava ali**, o que **interessava era o que o coronel decidia e como mandava** (Ágata, grifo nosso)

> Em cidades pequenas onde **o poder é muito grande**, o poder é muito aflorado, onde o **estado não manda tanto**, existem as leis, **é o coronel que assume as responsabilidades e vai mandar** como se fosse o dono da cidade, ele é aquele antigo senhor de escravos, ou o dono de terras, e, ele **acaba mandando no juiz, no delegado,** ele é o dono da cidade (Turmalina, grifo nosso)

Percebemos neste momento que as participantes demonstraram o conhecimento de uma estrutura governamental e de um sistema de leis, mas afirmaram que quem mandava em regiões pequenas era o coronel. Notamos que Turmalina, foi além e explicou que o coronel mandava porque o estado não se fazia presente nessas localidades. Quanto à aprendizagem destacamos na fala de Ágata um distanciamento temporal, ou seja, por meio das palavras “o coronelismo era uma época”, a participante mostrou que percebeu o período coronelista como outro período histórico e, portanto, diferente do atual, apesar de já contar com uma estrutura administrativa e legislativa. Isso demonstrou a realização da operação mental da narrativa da experiência, a qual pressupõe que o sujeito possa olhar o passado diferenciando-o do presente (RÜSEN, 2010 a).

Pérola, Zircônia e Citrino seguiram a lógica do mando dos coronéis:

> o Mundinho e um coronel que era amigo dele se veste de padre para tentar resgatar a Jerusa, mas não deu certo **porque a madre tem medo do coronel porque o coronel mandava lá. Mandava no padre, na escola em tudo, o coronel mandava em tudo.** O coronel Ramiro mandava em todos na cidade, até nos outros coronéis (Pérola, grifo nosso)

> O coronel **mandava em todos**, ou pelo menos queria mandar, já o **Mundinho veio para revolucionar e tirar aquele mando do coronel, fazer algumas mudanças**. O coronel Jesuíno era um machão, era um homem que não deixava nem sequer ter opinião própria, as coisas tinham que ser do jeito dele, nada podia ser de outro jeito (Zircônia, grifo nosso)

> O coronelismo, naquela época, foi **um sistema de mando visível.** Eu me lembro do Amâncio, do Ramiro do Jesuíno. Eles praticavam a força, **tinham dinheiro e poder**, principalmente poder, e **aquele que apresentava mais conquistas era superior aos outros** (Citrino, grifo nosso)

Eles apontaram que o mando era exercido sobre toda a população, atingindo todos os indivíduos da sociedade. De acordo com Pérola e Citrino, um coronel podia exercer o mando também sobre os outros coronéis, o que segundo Citrino acontecia em função das conquistas deste coronel. Esta proposição nos levou a inferir que os participantes perceberam a existência de uma hierarquia clara no sistema coronelista, a qual se estendia também sobre os próprios coronéis, na qual um coronel exercia o mando enquanto os outros se submetiam a ele, fator este que estava vinculado ao poder do próprio coronel. Esta percepção dos participantes denotou a apreensão do conteúdo, pois os participantes aprenderam sobre a hierarquia do mando no coronelismo, o que segundo Rüsen (2010 a), revelou a realização da operação mental da narrativa da experiência, uma vez que esta se traduziu pela capacidade que os sujeitos tiveram de ter experiências temporais. Deste modo, as cenas da telenovela se colocaram como o fato experenciado, pois segundo Thompson (2009 b) os personagens tornaram-se referência comuns para os telespectadores que podem não ter interagido entre si, mas partilharam, por meio de uma cultura mediada, de uma experiência comum e da memória coletiva, que neste caso foi a própria situação da hierarquia do mando.

Para os participantes o poder do coronel estava nas suas ações sobre as ações dos outros, sendo que estas ações determinavam o comportamento daqueles sobre os quais o coronel exercia a ação. Isto foi referenciado nas falas de outros participantes.

> Eu lembro do **Ramiro dizer que conhecia o governador, então ele tinha aliança que ia além daquelas com os coronéis**. **O poder dele ia um pouco mais além da cidade de ilhéus e isso era uma forma dele também conseguir se manter.** (Jade, grifo nosso)

> O coronel Ramiro Bastos era o grande coronel e tinha também o Dr. Mundinho Falcão, acontece que eles eram rivais um do outro, mas o Mundinho não era coronel. Só que o **coronel é quem mandava na cidade**. O Mundinho era diferente do Ramiro, ele veio do Rio de Janeiro, **tinha inteligência e poder**. O **Ramiro não tinha poder, quer dizer só na cidade onde ele morava**, ele era bem dizer uma **pessoa ignorante**. **Ele era coronel porque ele comprou o nome de coronel** (Pérola, grifo nosso)

Destacamos que os participantes entenderam que o coronel era um indivíduo que detinha o poder, o qual era utilizado sob a forma de mando e este mando reafirmava-o como um ser poderoso. No entanto, Pérola acrescentou que havia outro indivíduo na trama que possuía relações em esferas superiores e que, portanto

tinha poder maior que o coronel, fato que evidenciou que o coronel era um individuo circunscrito em uma determinada zona de mando, onde ele figurava como a personalidade dominante, situação esta que não poderia ser posta sob ameaça conforme revelou Ametista:

> eu aprendi sobre o **poder dos coronéis**. **Eles mandavam** na cidade, no povo e não aceitavam que outro viesse de fora com ideias diferentes, que quisesse mudar aquela realidade porque eles queriam manter o monopólio, **manter o poder** (Ametista, grifo nosso)

Esta ameaça emergia em consonância com ideias divergentes das dos coronéis, ou seja, de outros integrantes da sociedade que por ventura pudessem fazer colocações que pudessem vir a desestabilizar o sistema vigente e, por conseguinte o seu poder.

Analisando as afirmações dos participantes pela lógica de Faoro (2012), compreendemos que tanto o coronel como o Mundinho praticava ações hora de mando (coronel) porque lhe era reconhecido esse direito num pacto não escrito, hora de estabelecimento de parcerias (coronel e Mundinho) mediante cooptação de aliados. Sendo que estas ações determinavam o comportamento destas pessoas em relação a eles.

Ainda em função do poder e do mando do coronel os participantes afirmaram que:

> Os coronéis queriam explorar a população e não só a exploração, mas a **acumulação de riqueza e de poder**, no sentido de eles se sobressaírem como donos e proprietários da região onde eles moravam, de certa **forma mantendo a população submissa a eles** (Turquesa, grifo nosso)

> quando a Jerusa defendeu mundinho, porque para mim o Ramiro ter colocado ela num convento foi uma violência. Ele tirou a liberdade dela, que era o que ela e a Malvina prezavam muito, e ninguém fez nada nem o pai nem a mãe dela. **Todos, mesmo não concordando fizeram a vontade do coronel**(Jade, grifo nosso)

> **A violência era usada para tudo**. No primeiro capitulo mostra uma família que morava na terra e eles chegaram, tiraram, mataram e tomaram a terra e já se colocaram, então já começa a crescer aquela sociedade **e um, que tem mais força passa a mandar ali.** Eles **também usavam a violência para impor a lei, só que a lei era próprio corone**l (Jade, grifo nosso)

Observamos que tanto Turquesa quanto Jade trouxeram a ideia da submissão. Turquesa vinculou a submissão ao poder e a riqueza do coronel e Jade ligou a submissão à supressão dos direitos dos indivíduos, a qual estava

diretamente relacionada ao mando. De qualquer forma, a ação desempenhada pelo coronel resultava na submissão da população a sua pessoa. Jade relatou que o mando esteve estreitamente ligado à violência e acumulação de terras. As terras tornaram-se latifúndios e criou-se o imaginário que o mandante local possuía grandes fortunas, usava o título de coronel e exercia o poder, digo, ações de mando de forma desmedida tornando a população submissa.

Foi pertinente a construção da ideia do latifúndio como a base do coronelismo, por que foi sobre a grande propriedade que se edificaram os primeiros coronéis. No entanto, lembramos que de acordo com a historiografia, o coronel em primeira instancia era um líder nato, geralmente tinha como base o latifúndio, mas também podia ser um homem com outras atividades lucrativas bem sucedidas como o comércio, desde que essa atividade pudesse lhe dar condições de realizar práticas clientelistas (QUEIRÓZ, 1975).

No que tange a aprendizagem histórica, os saberes construídos pelos participantes demonstraram a apreensão de conteúdos veiculados na trama de **Gabriela** e estiveram em acordo com a historiografia, mesmo que esta não tenha sido mencionada como fonte para as cenas exibidas. Outro fato que destacamos é o fascínio que a trama exerce sobre os telespectadores por seu caráter épico, o que funciona como estímulo para a aprendizagem, mas este fator isolado não garante a aprendizagem histórica, sendo necessária uma discrepância entre presente e futuro para atrair a atenção sobre o passado (RÜSEN, 2010 a).

Diante desta premissa, consideramos que “a aprendizagem histórica é o crescimento da experiência ganha a partir do passado humano” (RÜSEN, 2010 a: 85). Logo, foi neste ponto que as cenas de **Gabriela** promoveram a aprendizagem histórica, pois mesmo que os participantes não tenham demonstrado em todas as falas, sabemos que eles tinham ciência que a versão de **Gabriela** usada nesta pesquisa é uma obra ficcional do momento presente, que trouxe em seu enredo uma representação do passado. Assim, as cenas exibidas na telenovela configuraram-se como as experiências e interpretações no tempo, que foram apreendidas de forma única, por cada telespectador. Isso possibilitou aos participantes estabelecerem uma diferença qualitativa entre presente e passado, que veio a promover aprendizado histórico em conjunto com os questionamentos do presente e este aprendizado determinou uma ressignificação, ou seja, a mudança nos modos de interpretação do passado (RÜSEN, 2010 a).

Posto isto, frisamos que os participantes interpretaram os fatos representados na telenovela de forma particular, o que correspondeu aos pressupostos de Rüsen sobre a aprendizagem histórica, pois a aprendizagem histórica se processa pela experiência a fim de responder como orientações no vida prática (RÜSEN, 2010 a). Destacamos que apesar do mando, do poder e da submissão ter permeado os saberes de todos os participantes a cerca do coronelismo, eles não foram a essência do coronelismo, pois a eles somaram-se outras práticas como as trocas de favores, a imposição da força, a aliança entre os coronéis e o reconhecimento social desta figura perante a sociedade, além de sua participação na política quer fosse como protagonista ou como coadjuvante. Sendo assim, podemos afirmar que os participantes demonstraram apreensão do conteúdo de forma condizente com a historiografia, entendendo na experiência do mando, do poder e da submissão um dos suportes para a manutenção do coronelismo, um sistema que vigorou no país, no passado.

3.2 O coronel e sua gente

Os participantes da pesquisa demonstraram saber histórico construído a respeito do próprio coronel e da sua gente. A primeira construção sobre o coronel que apareceu nas narrativas debruçou-se sobre o titulo do coronel conforme extratos da narrativa de Pérola.

> O coronel Ramiro Bastos era o grande coronel e tinha também o Dr. Mundinho Falcão, acontece que eles eram rivais um do outro, mas o Mundinho não era coronel. Só que o **coronel é quem mandava na cidade**. O Mundinho era diferente do Ramiro, ele veio do Rio de Janeiro, **tinha inteligência e poder**. O **Ramiro não tinha poder, quer dizer só na cidade onde ele morava**, ele era bem dizer uma **pessoa ignorante**. **Ele era coronel porque ele comprou o nome de coronel** (Pérola, grifo nosso)

Observamos que Pérola manteve uma forte ligação com a telenovela em sua narrativa histórica e nesse ponto surgiu a questão do título de coronel. Inicialmente Pérola lembrou que o coronel Ramiro (personagem) tinha um rival (Dr. Mundinho) e que este não era coronel. De acordo com Pérola o coronel era o mandante da região tendo poder sobre este local, enquanto seu rival era um jovem que apesar de não ter o título de coronel tinha poder até mesmo superior ao do coronel devido a sua inteligência.

Ressaltamos que Pérola mencionou um fato do período coronelista, as rivalidades políticas. Nesse ponto, podemos destacar que a experiência da participante por meio da telenovela lhe proporcionou uma reflexão a respeito do poder do coronel, a qual ficou evidenciada na fala “O Ramiro não tinha poder, quer dizer só na cidade onde ele morava”, pois nesta fala Pérola demonstrou sua interpretação sobre o alcance do poder do coronel, entendendo que mesmo no passado, o poder do coronel estava circunscrito a uma determinada zona, não tendo alcance em outras. Esse entendimento sobre o passado mobilizou uma ressignificação de fatos do presente através da redução temporal entre presente passado e futuro, ou seja, a operação mental da interpretação (RÜSEN, 2010 a), a qual pode incidir sobre sua percepção da política na atualidade.

Pérola reafirmou em outro momento de sua narrativa: “Eles eram uns homens brutos, uns animais e quando começaram a enriquecer **compraram o título de coronel e ficavam coronel mesmo”**(Pérola, grifo nosso). A participante explicou que o título de coronel era adquirido conforme seus detentores iam enriquecendo. Da mesma forma, Jade construiu seu saber, pois destacou em sua narrativa que este título era utilizado por homens com grandes quantidades de terra e que o título em primeira instância tinha sido militar, mas que no período representado na telenovela ele era usado também por civis e não somente por militares, estando diretamente relacionado a posse da terra.

> Primeiro ele **era um título militar**, depois ele passou a ser de quem tinha mais poder. Porque ele tomou aquele lugar e ele acabou tendo a maior terra, a maior plantação de cacau. Na verdade na época da novela **não é coronelismo por militarismo, eles não eram graduados por serem militares**. Eram os coronéis do café, do cacau, graduados pelo poder pela posse e pelo poder de mando (Jade, grifo nosso)

De fato, o termo coronel dispensado como identificação dos personagens na telenovela remeteu ao exposto pela historiografia, ou seja, o termo veio ainda do período imperial, momento em que era utilizado por latifundiários que haviam conquistado a patente por integrarem a guarda nacional. Porém, na república os coronéis deixaram de ser militares para serem patentes de integrantes das oligarquias que agrupadas passaram a dominar a política no período da primeira república lançando mão de artimanhas como clientelismo e relações de compadrio (BARBALHO, 2007).

A partir disso entendemos que tanto Pérola como Jade estabeleceram a construção de conhecimento a partir da visão dos capítulos da telenovela. Porém a mensagem posta no enredo da telenovela foi decodificada e acrescida de conhecimentos prévios pelas participantes, acréscimo e interpretação parecem estar intrinsecamente ligados à cultura histórica destas participantes, ou seja, motivados no seu presente, pois a forma de aquisição do título de coronel não foi mencionada na telenovela.

Salientamos que a aprendizagem histórica destas participantes esteve diretamente ligada à interpretação do conteúdo veiculado na telenovela, o que ocorreu em parte pela atenção dispensada por elas ao assistir os capítulos de **Gabriela** (THOMPSON, 2009 a), pois somente Pérola e Jade demonstraram atenção ao título de coronel, bem como apresentaram a construção de saberes relacionados à forma com que o título de coronel foi adotado pelos sujeitos que foram figuras ativas do sistema coronelista. Isto demonstrou a realização em suas narrativas da operação mental da experiência a qual trata da integração entre presente e passado, o que foi demonstrado pela interpretação e conclusão a cerca do título de coronel.

Diante disso, frisamos que tanto a aprendizagem histórica, como a consciência histórica de cada participante estiveram intrinsecamente ligadas a cultura histórica de cada uma destas participantes, sendo seu aprendizado histórico também foi determinado por pontos de vista emocionais, estéticos, normativos e de interesses dos mesmos (RÜSEN, 2010 a). Estes pontos de vista podem ser observados como responsáveis pela apreensão do conteúdo, pela interpretação e orientação. Em se tratando da titulação do coronel, inferimos que houve um ponto desencadeador que chamou a atenção de Jade e Pérola para este conteúdo, fato este, provavelmente, presente no cotidiano das participantes, ou seja, constituinte de sua própria cultura histórica.

Dentre o conteúdo apreendido pelos participantes esteve a própria gente do coronel e a organização de sua parentela conforme apresentamos nas narrativas a seguir:

> **Havia a necessidade de ter filhos, principalmente o filho homem, para ter um herdeiro masculino, e continuar perpetuando o nome da família**. Essa parte era muito cobrada, e como ninguém nunca colocava quem era o infértil, se era o homem ou a mulher, a culpa caia em cima da mulher, mesmo que o casal tivesse filhas, a culpa ainda seria da mulher (Citrino, grifo nosso)

> Na novela **o coronel queria ter um filho** para mostrar que além de ser poderoso, era macho e tinha para quem **passar o seu poder de mando**. Essa necessidade já é algo mais antropológico, e algo do animal interno do ser humano, perpetuar a família e o poder (Turmalina, grifo nosso)

Tanto Citrino quanto Turmalina evidenciaram a necessidade que o coronel tinha de ter filhos. Ora se pensarmos nos relatos de Queirós (1975), entenderemos o saber construído pelos participantes, pois os filhos estavam alocados o mais próximo do coronel em sua relação parentelar, logo, a família também fazia parte de sua gente. De acordo com esta autora, na hierarquização da parentela o próprio coronel ocupava o lugar mais alto da pirâmide e era imediatamente seguido por seus familiares. Outro ponto a ser pensado é que o coronel tinha um legado pessoal que deveria ser deixado a alguém quando ele não pudesse mais exercer suas atividades. Deste modo, construía-se a necessidade de um herdeiro, um varão, que pudesse dar continuidade ao seu legado, o qual já era escolhido pelo próprio coronel a fim de evitar a fragmentação da parentela, por rivalidades em função do mando.

Seguindo a lógica do entendimento da formação da gente do coronel, nos próximos extratos observamos a presença de outros elementos da parentela:

> Os **amigos do coronel Ramiro eram da família**, filhos, netos e **depois todos aqueles coronéis**. **O Dr. Mundinho Falcão era só, ele veio sozinho do Rio de Janeiro, a onde começou a construir amizade com o repórter e outro mais que era advogado.** Assim que ele começou a fazer amizade e eles se aproximam dele por causa da inimizade que tinham com o coronel Ramiro. Eles queriam derrotar o coronel Ramiro e não sabiam como até que vem o Mundinho para ali. **O Ramiro tinha também outros amigos que eram os coronéis dali e os empregados dele** (Jade, grifo nosso)
>
> **Ele tinha um grupo de amigos que se formavam por interesses,** cada um queria ganhar uma vantagem, ser amigo do poderoso porque por ser o coronel era o mais rico, ele podia tudo (Zircônia, grifo nosso)
>
> **era um grupo de coronéis**, onde se tinha o chefão principal, depois os **mais próximos a ele** que também eram dominantes e depois tinham **aqueles que eram mais afastados** e que não vou me lembrar o nome mas, eram mais frágeis. Eu lembro também de um coronel que se submetia ao coronel Ramiro, mas ele já tinha ideias contrárias (referência ao coronel Altino), eu não lembro com clareza as situações, mas sei que existia uma fragmentação (Ágata, grifo nosso)

Pérola, Zircônia e Ágata perceberam que parte da parentela era construída pelos amigos do coronel, que podiam ser muito próximos ou mais afastados dele. Esses amigos mais próximos eram os outros coronéis da região, comerciantes entre

outros, que ocupariam a faixa intermediaria da pirâmide, enquanto os integrantes mais afastados seriam os sitiantes e agregados, os quais estariam na base da mesma pirâmide (QUEIRÓZ, 1975). Também foi destacada por Zircônia a questão dos interesses, ou seja, esta parentela se formava também de acordo com os interesses dos integrantes da mesma.

Houve ainda a construção sobre as diferenças de interesse dentro da própria parentela, fato mencionado por Ágata, a qual salientou a existência de ideias divergentes entre os próprios coronéis. Isto demonstrou a aprendizagem sobre a possibilidades de rivalidades internas, assunto discutido por Queiróz (1975), o qual poderia vir a ser responsável pela ruptura entre as parentelas.

Pérola fez a colocação sobre o personagem rival do coronel Ramiro na telenovela. Segundo Pérola, este personagem não tinha um grupo de amigos, ou apoiadores, digo, uma gente, pois ele não era da região, então, em principio, estava só. Contudo, passou a conquistar a amizade de alguns membros da cidade por ter interesses que iam ao encontro dos mesmos, fato que o levou a edificar um grupo de seguidores. Neste ponto destacamos que não ocorreu a construção de uma parentela como a do coronel Ramiro, nos moldes estudados por Queiróz (1975). Pois, o personagem do Dr. Mundinho não era um coronel, mas um jovem idealista que se mudou para Ilhéus e que ao se envolver na política acabou por fazer oposição ao coronel Ramiro.

Notamos que até o presente momento, a construção das narrativas destacaram a apreensão do conteúdo a respeito da gente do coronel, compreendendo estes personagens como figuras de um passado, portanto, realizando a operação mental da experiência. Do mesmo modo, os participantes processaram operações mentais de interpretação, pois conseguiram fazer a leitura dos papéis sociais dos personagens, bem como identificar a diferença em sua postura de ação, fato que foi melhor evidenciado nas narrativas seguintes, visto que mostraram uma ligação com o presente.

> Eu acho que o que acontecia era **eu sou amigo do coronel**, se eu sou amigo do rei, **eu tenho que botar meu interesse** perto do coronel, e se eu estou perto do coronel, estou bem. Hoje na cidade ela representa que **a cada troca de governo eu sou amigo do governo e do governador,** e se eu estivar próximo, **eu tenho minhas vantagens,** eu ganho alguma coisa. E isso continua até hoje (Ônix, grifo nosso).

> a gente vê a evolução da sociedade, as guerras, as lutas que as pessoas têm para ter um pouco de humanidade, mas nunca a gente perde **essa questão do coronelismo, do mando, é cultural.** Primeiro a gente foi súdito de reis, depois foi **apadrinhado do coronel**. Se tu fores ver na cidade e observar a prefeitura verás **cargos de comissão**, tem o amigo do fulaninho que consegue sempre ascender, isso a gente viu na novela e continua vendo nos dias de hoje, são os **favorecimentos** (Turmalina, grifo nosso)

Os participantes Ônix e Turmalina compreenderam o conteúdo a cerca da construção das parentelas, pois, segundo Ônix quem fosse amigo do coronel teria seus interesses resguardados de alguma forma. Turmalina mostrou uma reconstrução histórica e destacou os apadrinhamentos. Mas, nestes extratos observamos que questões da atualidade sobressaíram, ou seja, Ônix e Turmalina foram além da apreensão do conteúdo, pois eles conseguiram fazer uma integração entre presente e passado ao destacar fatos da atualidade dando uma significação de peso a este passado. Logo, eles expressaram as operações mentais da experiência e da interpretação pressupostas por Rüsen, as quais conferem sentido ao passado, determinando sua aplicabilidade na vida prática (RÜSEN, 2010 a). Ainda, ao considerarmos as últimas frases de Ônix, podemos perceber que ele também expressou a operação mental da orientação, pois ao se colocar em primeira pessoa ele demonstrou o curso de sua ação.

Outro ponto destacado pelos participantes foi o uso da proximidade com o mandante como um fato recorrente, como uma permanência deste passado, quase como uma regra. Assim, percebemos na fala de Turmalina e Ônix a formação de sentido exemplar, pois ambos relacionaram a experiência passada a experiências que permaneceram na atualidade, o que na visão ruseniana significou correlacionar experiências a ponto de reconhecê-las como uma regra abrangente, relacionável a casos análogos que venham a ocorrer tanto em situações de vida cotidiana, quanto em situações de vida futura (RÜSEN, 2012).

Ainda pensando na constituição das parentelas, apareceu nas falas dos participantes a questão do casamento:

> O primeiro capítulo trouxe a invasão das terras que era uma forma de centrar o poder e os demais **a política o mando** e a família. O coronel tinha um filho, este filho **herdava o poder do mando**, o poder ficava nas famílias, **os casamentos eram entre os filhos dos coronéis, ou pessoas de influencia e sempre entre pessoas com as mesmas ideias**, não aceitando o novo, era tudo imposto sempre de cima para baixo. Eu acho

> que **o casamento era para os homens uma forma de manter o poder político**. (Ametista, grifo nosso)

A participante Ametista retomou a questão dos filhos na construção das parentelas, tendo percebido no filho a ideia do herdeiro do poder do coronel e de seu legado e destacou o casamento como uma forma de manutenção do poder político e do mando. A ideia do casamento interferindo na política também foi lançada nas narrativas a seguir:

> Os **filhos de coronéis casavam entre eles**, para manter os bens e para manter a estrutura do coronelismo. Assim eles mantinham o mesmo estilo de vida. Se o pai já fosse coronel, o filho agiria da mesma forma que o pai e que o sogro pensavam. **O casamento interferia também na política** porque era conveniente. Casar a filha com o filho do fulano porque aí era **mais um aliado** por causa da família (Jade, grifo nosso)

Observamos que Jade relacionou o casamento ao alargamento da gente do coronel, pois, os casamentos proporcionavam a entrada de novos integrantes nas parentelas, com isso o circulo de aliados do coronel aumentava. Do mesmo modo que Jade, Pérola manteve a ideia da interferência do casamento na política, porém acrescentou a ideia do fortalecimento de uma parentela em relação à outra.

> Quando eles **casavam filhos de coronéis com filhas de coronéis também interferia na política**. Porque aquele dinheiro que eles custaram a adquirir matando as pessoas não podia se dividir, então eles costumavam juntar os filhos para adquirir mais alta fortuna, eles não podiam casar com gente pobre. **O casamento também servia pra botar um no poder e tirar outro, então poder dos que se juntavam era maior que o do outro.** Minha filha, naquela época o casamento era sagrado, era usado para tudo, eu fui cria da assim (Pérola, grifo nosso)

A participante explicou que através do casamento era possível ao integrante assumir o poder sobre uma região, fato que ocorria em função da sobreposição de uma parentela a outra. Isto, de acordo com Queiróz (1975), ocorria em função do alastramento do poder de uma parentela pela aliança a outra e neste sentido aumento do número de integrantes, o que tinha por consequência direta o aumento do poder e do mando do coronel que se sobressaia como líder entre as parentelas.

Em suas falas as participantes demonstraram a compreensão sobre uma das formas de manter a força do coronel, ou seja, o aumento da sua gente, de seus seguidores fiéis. Entendemos isso como aprendizagem histórica, que “é o

crescimento da experiência ganha a partir do passado humano" (RÜSEN, 2010 a: 85), o que neste caso foi a representação do passado exibida em **Gabriela**. Salientamos que a aprendizagem se processou em conformidade com a vontade dos participantes para selecionar o que é histórico, sendo que nem tudo é histórico, visto que somente podemos considerar como tal o que nos possibilita perceber diferenças temporais (RÜSEN, 2010 a). Isto ocorreu pela valorização de determinadas cenas da telenovela, que de alguma forma puderam responder questionamentos do seu presente, portanto inscritos na consciência dos indivíduos.

O casamento também foi visto como uma relação de troca conforme Turmalina e Turquesa:

> As **relações de troca**, como os **casamentos**, pois as mulheres sempre foram moedas de troca, estiveram presentes na política coronelistas. Isso **deter um amigo em cada parte, em geral é por troca de favores**, e dá um característica ao coronelismo, pois o coronel que tinha poder, comprava a amizade dos outros integrantes da cidade, como os tabeliões, mercadores (Turmalina, grifo nosso)

A mulher foi entendida como moeda de troca, ou seja, ela era necessária como elemento passivo no contrato de casamento, o qual servia de forma ativa na politica através da aliança formada entre os coronéis. Desse modo, casavam-se filhos de coronéis com filhas para que os pais pudessem construir uma aliança que viria a interferir na política.

> **O casamento também interferia na política** porque se eu casasse com m rico ou então alguém casa comigo eu sendo **filha de um coronel era muito mais fácil manter os negócios e o poder político**. O poder político nessa época está muito atrelado ao ser fazendeiro, a ter um poder aquisitivo maior então quem **tinha mais poder mandava na região justamente pela opressão social**, porque as pessoas eram subjugadas pelos coronéis que **detinham o poder** justamente por ter um poder aquisitivo maior. Então **o casamento era com certeza uma forma de trocar favores e construir alianças políticas para em períodos de eleição** garantir a estabilização no poder político (Turquesa, grifo nosso)

Na fala de Turquesa notamos o mesmo pressuposto, que ainda foi colocado como forma de manter a estabilização do poder político, pois com as alianças os coronéis conseguiam, mesmo em períodos de pleitos eleitorais manterem-se estáveis no poder.

As narrativas envolvendo o coronel e sua gente, mostraram a operação mental da experiência, pois as participantes conseguiram apreender conteúdos

como: o título do coronel, a forma de construção e hierarquização das parentelas e do casamento, este como instrumento de alargamento da parentela e de fortalecimento das mesmas, o que incidiria diretamente sobre os pleitos eleitorais. Nesta construção de saberes ficou evidente apreensão da experiência passada e interpretação das mesmas, que foram suportadas na experiência coletiva presente na história de cada personagem, os quais de alguma forma despertaram um padrão de identificação com os participantes (THOMPSON, 2009 a), ou responderam a seus questionamentos (RÜSEN, 2010 a).

Além da aprendizagem já destacada, os participantes mostraram em suas narrativas a preocupação com a fragmentação do sistema coronelista, a qual discutimos na sequencia.

3.3 Fragmentação do sistema

Com relação ao sistema coronelista, antes de analisarmos os saberes construídos pelos participantes, consideramos os pontos de vista de Carvalho e Leal.

Leal sustentou que o sistema coronelista teria se mantido até a contemporaneidade por haver sofrido marchas e contra-marchas, fator que seria responsável por uma nova relação de compromissos. Contudo, pensar nisto seria uma incoerência da parte de Leal, pois para Carvalho, a sociedade já havia sofrido mudanças de cunho demográfico, o que inviabilizaria a manutenção do sistema o coronelístico nos moldes tradicionais (PIERANTI, 2008). Tendo isso em mente partimos para a análise das narrativas dos participantes:

> Os coronéis dominavam a política porque antes era assim, um coronel **mandava** em toda a cidade na questão do voto, então era sempre ele que **mandava** na cidade. E, quando o Mundinho chega ele **tenta mudar** aquilo ali, mas os coronéis tentam se manter unidos para não perder o poder.... na capital até podia ter um pouco da política do coronelismo, mas ali era muito forte porque **o coronel mandava desde o padre, até o mais miserável**. Eu acredito que na capital isso era menor, porque **na época da novela o sistema do coronelismo já está falido**. Na capital ainda se tinha partidos que se enfrentavam e **ali não tinha, era o partido do coronel porque os outros tinham que votar nele ou em quem ele queria** porque eram amigos, ou porque o filho tinha casado com a filha (Jade, grifo nosso)

Notamos na fala de Jade sua consciência a cerca do mando do coronel, que recaía sobre toda a população local. Ao mesmo tempo ela revelou um

distanciamento entre presente (seu próprio tempo) e passado (tempo dos coronéis) por meio da expressão “antes era assim”. Com isso, Jade resgatou a qualidade temporal da experiência (RÜSEN 2010 a).

A participante percebeu a presença de um novo integrante neste cenário, sendo esta uma pessoa de fora da municipalidade e com uma visão diferente de política. Também se constatou que Jade tinha ciência que o sistema coronelista estava falido e que na capital a política se processava de forma distinta. Com relação à política coronelista, Jade demonstrou uma apreensão complexa do passado, pois percebeu as artimanhas do mando do coronel e ao mesmo tempo revelou que o sistema está ruindo. Isto ocorreu porque o estado passou a retomar funções que antes tinha abandonado, e haviam sido assumidas pelos coronéis (PIERANTI, 2008).

Do mesmo modo, Granada, Ágata e Ônix perceberam que havia diferenças das regiões interioranas, onde o coronelismo ainda se sustentava, para as regiões mais urbanizadas.

> **em relação ao Mundinho, eu até nunca tinha pensado nele como um coronel,** eu não penso nele como um coronel. Eu **pensei nele como o contrário do coronel**, sempre ele como o contrário do coronel. **Ele veio para quebrar a impunidade**, pelo menos na minha cabeça, não sei se estou certa (Ágata, grifo nosso)

O personagem Mundinho foi percebido como diferente do coronel, como o oposto dele, como alguém que estava disposto acabar com os mandos e desmandos do coronel. Nesse ponto percebemos que Ágata absorveu a ideia de comportamento do coronel e interpretou o personagem de Mundinho como uma possibilidade de mudança para o sistema vigente. Seu aprendizado compreendeu conteúdo, ou seja, expressou a operação mental da narrativa da experiência (RÜSEN, 2010 a) pelo reconhecimento das atitudes do coronel e interpretação mediante a comparação da figura do coronel com a do Mundinho, os quais foram direcionados para uma ação, que é a própria mudança no sistema vigente.

> o Mundinho chega na cidade eu vejo ele **vindo para mudar**, para revolucionar, ele é um cara que tem ideias novas, é um visionário. Ele vem da capital e lá era diferente, então ele vem com a ideia de modernizar. Ele queria construir estradas, ampliar e para ele Ilhéus foi uma cidade muito chocante, onde o coronel mandava e todos obedeciam. **Ele vem com uma ideia diferente de política, de sociedade, de relacionamento. Ele tinha uma ideia diferente da politica dos coronéis, O Mundinho é o novo porque ele vem com transformações**....para o povo que estava cansado do mando dos coronéis ele foi a salvação daquela cidade, para aqueles mais revoltosos, para os partidos que faziam oposição ao Ramiro e como

> ele tinha poder e dinheiro e conseguiu também afrontar os demais que eram do Ramiro Bastos por influências não só financeiras mas políticas é assim que eu vejo, o predomínio do coronelismo naquela época marcando um período histórico que perdurou por um bom tempo, talvez uns 50 anos, não sei com certeza o período(Granada, grifo nosso)

> O Mundinho tinha uma cultura diferente, ele procurou meios de enfrentamento para bater de frente com a cultura que existia. Ao invés de ele entrar em sua zona de conforto, ele **resolveu utilizar-se de seus conhecimentos e sua política para combater os coronéis**. Naquela região, o que existia era um costume e não leis ou politicas de direitos. **Ele era um mensageiro de uma nova política na região então, com os coronéis, ele tinha certo confronto,** pois ele contrariava as culturas da região, sendo considerado um rebelde. A política que ele queria implantar, que seria a politica correta e justa, era uma política rebelde, eram leis completamente estranhas para os moradores da cidade, **leis que tiveram apoio externo** (Ônix, grifo nosso)

Os participantes Granada e Ônix partiram já para o aprendizado que compreende a ação, ou seja, perceberam no personagem de Mundinho a determinação de um novo curso de ação. Neste ponto a experiência mediante seu conteúdo revelou uma ação transformadora. Os participantes viram em Mundinho a mudança do sistema, e esta mudança estava posta como a ação, não dos participantes propriamente ditos, mas uma ação de mudança e de transformação na história. Deste modo, nestas falas percebemos que as operações mentais da consciência histórica se puseram em movimento em favor de compreender o que aconteceu no passado, o que incidiu sobre o padrão de interpretação, conferindo-lhes um significado histórico, com isso puderam refletir sobre o passado baseados nos seus próprios pontos de vistas (RÜSEN, 2010 a).

A consciência histórica destes sujeitos apareceu como crítico-genética, pois primeiramente eles falam de rupturas e depois de transformação. Assim, a significação histórica construída por eles mostrou-se diretamente ligada a rupturas das totalidades temporais, devido à negação de sua validade, indo além, mostrando uma relação de desenvolvimento dos modelos culturais e de vida (RÜSEN, 2010 a). Do mesmo modo, em sua narrativa apareceu como orientação exterior a delimitação do reconhecimento da existência de pontos de vista distintos, bem como a aceitação destes pontos de vista que culminou na mudança e transformação do próprio sistema (RÜSEN, 2010 a), os quais são características da consciência histórica crítico-genética.

> O **coronelismo terminou**, porque se tu fores ver **não tem mais coronéis, mas isso ainda ocorre**. Por exemplo: hoje em dia nós temos a Dilma que é uma representação do Lula, porque o Lula trouxe mudanças, mas mudanças que persistem um pouco da linha direita. **Ele teve que se**

> **vincular a linha direita para poder se eleger, então isso foi troca, também como foi relacionado com o Mundinho Falcão** O Lula se aliou a linha da direita que eram os grandes poderosos, foi o mesmo que o Mundinho fez cooptou os coronéis que eram favoráveis ao Ramiro Bastos e acabou se dando bem e se elegendo claro que de uma forma diferenciada porque o tempo é outro, o espaço é outro, com acesso a informação, porque é um período diferente, mas a essência é a mesma...hoje é assim, um se alia a outro em troca de favores, um exemplo disso é que quem está em cargo de confiança ganha as vezes quatro vezes do que os outros para ser os olhos e ouvidos de quem manda, aqui na prefeitura é assim (Granada, grifo nosso)
>
> **os coronéis sempre mandaram e ainda continuaram mandando,** porque eles eram ricos, tinham muita terra, então ainda mandavam porque ainda tinha os que dependiam dele. **O fim do coronel foi quando o Ramiro faleceu sentado na praça ai começou o fim dos coronéis**. Isso eu acho que era o fim do governo dos coronéis e **o começo do governo das pessoas com mais estudo como o Mundinho** (Pérola, grifo nosso)
>
> O **Mundinho é diferente dos coronéis.** Eu acho que ele age diferente porque ele vem de outra região com outros valores. **Quando o Ramiro morre ocorre a quebra, a fragmentação de um período e a ascensão de outro**. Eu acho que não há manutenção justamente porque o Mundinho vem de outra região com outros valores, e ele já vem com esses valores contextualizados no dia a dia dele (Turquesa, grifo nosso)

Observamos na fala das participantes o conhecimento sobre o fim do coronelismo, o que está posto nas seguintes expressões: “coronelismo terminou”, “não tem mais coronéis”, “O fim do coronel foi quando o Ramiro faleceu sentado na praça ai começou o fim dos coronéis. Isso eu acho que era o fim do governo dos coronéis e o começo do governo das pessoas com mais estudo como o Mundinho”, “Quando o Ramiro morre ocorre a quebra, a fragmentação de um período e a ascensão de outro”, as quais demonstram a ruptura com o sistema coronelista, aqui entendido como o passado, o que segundo Rüsen (2010 a), evidenciou uma aprendizagem histórica critica.

Todavia na fala de Granada foi evidenciada a redução de tempo entre o passado e o presente, por meio da concepção de um todo temporal Rüsen (2010 a), através da expressão “mas isso ainda ocorre. Por exemplo: hoje em dia nós temos a Dilma que é uma representação do Lula, porque o Lula trouxe mudanças, mas mudanças que persistem um pouco da linha direita”, por meio da qual Granada, conforme Rüsen (2010 a) realizou sua interpretação do passado e sua orientação para a vida prática. Neste momento ela revelou uma consciência histórica genética, pois re-significou a história onde os modelos culturais e de vida sofrem mudanças a fim de manter-se. Com isso, orientou-se para o convívio em sociedade demonstrando a aceitação de distintos pontos de vista em prol do desenvolvimento

comum (RÜSEN, 2010 a).

Salientamos também a interpretação das participantes a respeito da reconstrução histórica mostrada na telenovela, ou seja, da narrativa histórica que a telenovela apresentou, pois ela foi o instrumento adotado como massificador da aprendizagem histórica.

> O coronel Ramiro era **todo o poder**, era própria essência do coronelismo e o Mundinho representava o antagonismo às ideias do coronel. Tanto que no fim da novela o **Ramiro morre e o Mundinho passa a ter o poder**. Isso representa a mudança, porque ele conseguiu fazer algumas pessoas enxergar outra realidade e ele veio trazer uma realidade diferente, interferir na realidade das pessoas, de alguns, porque talvez houvesse os que continuassem fiéis àquele ser humano que morreu, pois ele era o que detinha maior poder. Mas **a morte do Ramiro mostra o fim e o Mundinho a transição, a mudança**, mas que é lenta, como toda mudança (Ametista, grifo nosso)
>
> A morte do Ramiro representa algo poético**, a morte do coronelismo e o inicio da democracia.** Na grande maioria não muda muita coisa, pois **no nordeste o coronelismo era muito forte naquela época** (Citrino, grifo nosso)
>
> O Mundinho veio de uma cidade grande com outra visão e então se deparou com uma cidade a moda antiga. Ele quer mudanças, não aceita o que o coronel vinha impondo na cidade aquelas leis absurdas, e nem era lei, era o mando mesmo. Então eu entendi que no fim, **a morte do Ramiro quis dizer que ia haver mudanças,** devagar, mas ia haver mudanças. **Alguns coronéis iam ser contra** as leis que o Mundinho ia lançar, as decisões que ele ia tomar porque ia ser diferente do eles tinham vivido, **mas ia acontecer muita coisa ainda** (Zircônia, grifo nosso)

Os participantes construíram um aprendizado que compreendeu o personagem Ramiro como representante máximo do coronelismo, estando neste saber inserida como uma de suas artimanhas o mando, sendo então, o momento de sua morte interpretado como o fim do sistema coronelista. Destacamos que na narrativa de **Gabriela** não foi pontuada a questão do golpe de estado de 1930, evento este apontado por Pieranti (2008), como responsável pelo fim do sistema coronelista e da política dos governadores.

Diante desta premissa entendemos que a apreensão do conteúdo exibido em **Gabriela**, tal qual a interpretação realizada pelos participantes foi condizente. Deste modo, consideramos suas narrativas como evidências da aprendizagem, pois “com ela, particularidade e processualidade da consciência histórica podem ser explicitados didaticamente e constituídas como uma determinada construção de sentido sobre a experiência do tempo” (RÜSEN, 2010 a: 43), ou seja, é pela

narrativa a particularidade e processualidade da consciência da história revelaram a construção de sentido sobre a experiência do tempo. Diante disso, compreendemos que o aprendizado histórico é o processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo, experiência manifesta nas cenas da telenovela que tem sua construção de sentido revelada nas falas de Ametista, Citrino e Zircônia. Salientamos também a percepção de uma consciência histórica classificada como genética, pois ficou evidente a apreensão a cerca das transformações dos modelos culturais no que tange a experiência do tempo, bem como a aceitação de pontos de vista distintos relacionados a significação histórica os quais orientam para a aceitação de novos pontos de vista bem como para a transformação de um período histórico tal qual foi pontuado por Rüsen (2010 a).

No entanto, a aprendizagem histórica pressupõe a aplicação na vida prática, ou seja, no cotidiano do indivíduo e esta reinterpretação da experiência histórica vinculada ao presente foi evidenciada na narrativa: “O sistema na época **era o coronelismo, hoje a gente não vê mais falar nesse nome**, mas, algumas coisas daquela essência ainda permanecem” (Ametista, grifo nosso). Para Ametista o coronelismo existiu e teve fim, não se vê mais falar em coronelismo, mas algumas coisas do sistema permaneceram. Neste ponto ficou manifesta a reflexão do participante, ou seja, sua narrativa pode ser descrita como uma operação mental que construiu sentido sobre uma experiência do passado, a qual desenvolveu todas as operações mentais da narrativa e que culminaram numa avaliação do presente com possibilidades de interferência no curso das ações do próprio participante, tal qual pontuou Rüsen (2010 a).

3.4 Violência

Ao pensarmos em coronelismo não podemos deixar de mencionar a violência, a qual pode ser entendida como uma ação física praticada de forma deliberada por um indivíduo ou mais indivíduos sobre um ou mais indivíduos no com a finalidade de afrontar ou mesmo eliminar a vítima (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998). Posto isto, a violência se edificou como um artificio de grande expressividade no coronelismo, estando instituída nas relações cotidianas e manifesto nas várias dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade (SILVA, 2010).

Sob essa perspectiva lembramos que no coronelismo havia uma figura central, o coronel, o qual desejava dominar tanto o campo econômico quanto o político, figura esta que detinha o poder local.

Assim, dentro do sistema coronelista, a violência foi percebida da seguinte forma pelas participantes:

> **A violência era usada para tudo**. No primeiro capitulo mostra uma família que morava na terra e eles chegaram, tiraram, mataram e tomaram a terra e já se colocaram, então já começa a crescer aquela sociedade **e um, que tem mais força passa a mandar ali.** Eles **também usavam a violência para impor a lei, só que a lei era próprio corone**l (Jade, grifo nosso)
>
> Não tinha lei, era **o coronel que decidia e usava a violência para impor a sua vontade.** Do mesmo modo que foi com o Jesuíno, quando ele matou a sinhazinha **o Ramiro que mandava na cidade não deixou o delegado prender o Jesuíno porque era amigo dele** (Jade, grifo nosso)
>
> Um coronel tem a visão de que a cidade é dele e que ele não pode ser contrariado. Quem o contrariasse tornava-se seu inimigo e dali ele **mandava fazer coisas horríveis com as pessoas, até matar.**. Na cidade do coronel **ele era a lei, era ele quem fazia a lei** (Zircônia, grifo nosso)
>
> Se **o coronel queria alguma coisa não tinha o que impedisse**, **tu tinha que ceder** de alguma forma ou tu morria, porque era assim que funcionava, pela **questão da violência**(Ágata, grifo nosso)

Observamos que as participantes Jade, Zircônia e Ágata de imediato identificaram a figura central do coronel como o mandante da região. A partir disso, Jade entendeu que a violência era usada para tudo, principalmente como forma de manter o poder de mando do coronel, fato este compartilhado também por Zircônia, saberes estes em acordo com a historiografia, pois tanto a violência quanto atos de crueldade e as práticas clientelistas foram artimanhas dos coronéis para exercer seu poder de mando (QUEIROZ, 1975).

Já a participante Ágata entendeu que não havia nada que impedisse o coronel de realizar sua vontade e para isso ele lançava mão da violência. Em complemento a ideia de total domínio da situação Jade e Zircônia colocaram que o coronel era a própria lei, ou seja, nas regiões de sua atuação a lei era o desejo do coronel, sendo as penalidades somente aplicadas em conformidade como sua vontade.

Nas falas das participantes notamos uma construção de saber através da experiência do passado, ou seja, as participantes aprenderam o conteúdo histórico. No entanto, o conteúdo aprendido não passou pela fase da interpretação, pela qual seria estabelecida uma ligação com o presente. Com isso, percebemos que sua

aprendizagem não teve um efeito prático, pois, sem realizar a operação mental da interpretação não se realiza a operação mental da orientação, a qual prevê uma ação na vida prática (RÜSEN, 2010).

A violência seguiu sendo vista como uma artimanha frequente do coronelismo:

> A **busca do poder relacionada com a violência**, como adquirir terras, determinadas propriedades que são do outro, **usando para isso a violência**, assim o maior engole o menor, ou seja, quem tem mais armas e maior poder de fogo acaba tirando as pessoas de seus lares e até **matam para isso** (Esmeralda, grifo nosso)

Para Esmeralda a violência estava diretamente relacionada a busca e manutenção do poder do coronel sendo que este poder estava ligado a posse da terra. A construção do poder do coronel vinculado a terra foi pertinente, pois que no sistema coronelista o país tinha uma economia agrária. Todavia, conforme a historiografia, também havia coronéis urbanos. Segundo Faoro (2012), a patente de coronel era ostentada também por indivíduos remediados, os quais em muitos casos não tinham como fonte de renda a terra. Havia coronéis que eram, por exemplo, comerciantes, pois sua titulação estava vinculada a uma renda mínima, mas sua legitimação estava sustentada na relação de compromisso, situação em que o clientelismo se concretizava.

Observamos que houve apreensão do conteúdo do coronelismo, no que tange a relação violência, terra e mando, e mesmo que não tenha sido evidenciado nesta fala podemos entender um distanciamento entre presente e passado, logo a operação mental da experiência foi processada, pois ao narrar a participante estabeleceu operações mentais da consciência histórica que se tornaram a própria aprendizagem por aumentar o conhecimento a cerca do passado (RÜSEN, 2010 a)

Para Pérola a terra constituiu-se como chave para o poder do coronel:

> as cenas do primeiro capítulo foram horríveis, mas era assim mesmo. No tempo dos meus pais a minha mãe dizia que quando chegavam àqueles coronéis, **eles entravam na casa de uma família e até matavam o homem para pegar a terra**. Foi aí que eles começaram a pegar **a riqueza por causa de matar as pessoas e pegar as terras das pessoas**. Minha mãe contava que chegavam em certas fazendas, diz que até na fazenda da finada vovó foram, que eles faziam estripulias, mas quando chegaram na fazenda da vovó, a vovó deu comida para todos eles e eles não fizeram nada então. A minha mãe viveu isso porque se ela fosse viva ela ia estar com 95 anos (Pérola, grifo nosso)

Além da experiência da telenovela Pérola revelou sua própria experiência. A participante revelou um saber construído a partir de uma experiência familiar, a qual foi interpretada em conjunto com os saberes construídos a partir dos capítulos da telenovela. Em sua interpretação os fatos contados por seus ancestrais assemelharam-se aos representados na telenovela, fato que veio a reafirmar seu ideário da telenovela como representação fiel do passado, bem como a experiência obtida pela narrativa familiar, que é parte de sua cultura e possibilitou a interpretação das cenas exibidas na telenovela. Neste ponto destacamos que a cultura, na qual a participante está inscrita, possibilitou a decodificação da mensagem veiculada pela mídia (THOMPSON, 2009 a), sendo a mesma, o campo da interpretação que o ser humano tem de si e do mundo, espaço onde se realizam as operações da construção de sentido da experiência temporal e que determinam a consciência histórica humana Rüsen (2010, b), que, portanto, incidiram diretamente sobre o seu o seu aprendizado histórico.

A lógica da posse de terra foi seguida pelos participantes Citrino e Ônix:

> Já os coronéis, mesmo sem achar uma terra sem dono, em varias ocasiões, **as pessoas eram obrigadas a ceder a terra, ou caso não cedessem, era exterminada toda a família** e não ia ter dono mesmo e agrupavam ao seu prazer (Citrino, grifo nosso)

> A terra era um grande problema, naquela época a terra era conquistada por meio de lutas, barganhas**. Tinha latifundiários, e empregados, que eram colocados na ponta de uma parte de terra e os latifundiários compravam a terra por mixaria das pessoas porque forçavam eles a sair**. Então o que se via era o latifundiário empurrando o mais pobre para fora de tal terreno, com um convite particular, sair ou sair. **Por eu ter morado para fora, eu conheço bem essa parte da terra**. A quantidade de campo não era conhecida ao todo, não se tinha uma base de distância, mas era **o desejo do espaço deste campo pelo poder que fazia aumentar as propriedades,** quanto mais, melhor. **Hoje, aquele espaço não é importante ou interessante para os filhos e parentes de quem conquistou tal terra, pois geralmente não se sabe como lidar com esse espaço todo, e ele acaba sendo vendido ou deixado de lado**. Essa novela teve tantos anos, e se tratando de hoje, existe muito disso até hoje (Ônix, grifo nosso)

Ambos os participantes entenderam que a terra era o bem maior do período coronelista, fato que está em acordo com a economia agrária da época. Eles entenderam que a terra era conquistada de forma violenta, edificando seus saberes em torno dos casos de expropriação. O participante Citrino destacou o fato das famílias abandonarem suas terras como forma de preservar suas vidas, enquanto Ônix acrescentou o evento das compras forçadas. Para Ônix, as pequenas

propriedades lindeiras aos latifúndios eram engolidas pelo proprietário do latifúndio por meio de vendas obrigadas, que tinham como pagamento quantias irrisórias.

Ônix acrescentou em sua narrativa que seu conhecimento teve como base sua experiência de vida no meio rural e revelou que para o habitante do campo era importante adquirir grandes quantidades de terra. Notamos que, Ônix demonstrou transitar entre temporalidades distintas no momento em que revelou sua infância no campo, o que promoveu o desenvolvimento da aprendizagem histórica. Aqui entendemos que a experiência da diferença de tempo aumenta aprendizagem histórica: 1) quantitativamente, quando se experimentam qualidades temporais distintas e qualitativamente no momento em que se percebem qualidades temporais próprias dentro da diferença de qualidade temporal do passado (RUSEN, 2012).

Nesta parte da narrativa, ele comparou presente, passado e o próprio presente histórico, que são suas recordações da infância, e estabeleceu uma ligação entre as distintas temporalidades, expressando a operação mental da interpretação, ou seja, uma das etapas da aprendizagem histórica. A partir daí construiu sua orientação, concluindo que nem sempre a descendência atribui os mesmos valores a terra que sua ascendência. Em outras palavras, Ônix, percebeu que pais e filhos têm visões diferentes sobre a terra, as quais podem ficar improdutivas ou serem vendidas. Notamos que Ônix revelou estar ciente da transformação da mentalidade entre as gerações, ou seja, aceitou a mudança de valores, ao mesmo tempo em destacou que o tema da posse de terra enfocado na telenovela é um problema do contexto atual.

A violência foi usada também como artifício eleitoral:

> a violência estava ligada ao fato de que **quanto mais terras o coronel tinha maior era o seu poder**. Então, **a violência era uma forma de coação, uma forma de exercer ações coercitivas sobre a população, também obrigando as pessoas a votar em quem o coronel queria**, porque se não podiam **mata-la, ou retirar sua casa**. Então, muitos desses **coronéis se afirmavam justamente por meio da violência** (Turquesa, grifo nosso)

Para Turquesa a violência estava intimamente ligada ao poder do coronel, sendo usada como uma forma de coagir a população, obrigando-a a votar em quem o mandante votasse, sob pena de perder a vida ou os poucos bens materiais que possuía. Conforme Leal (2012), após o advento da Proclamação da República, houve a concretização da violência e do mando. Assim, mesmo que no decorrer do

tempo houvesse sido estabelecido o voto secreto por ocasião do governo provisório de Getúlio Vargas, o coronelismo político manteve-se, visto que os coronéis adaptaram-se a este novo momento por vezes lançando mão da violência. Este fato, reflete em denúncias de práticas de violência tais como torturas cotidianas, execuções sumárias e trabalho escravo, os quais em conjunto com a corrupção da máquina estatal colocaram o país em posição negativa a nível mundial no que tange os direitos humanos (SANTOS; CAPPARELLI, 2005).

Observamos que a participante experienciou o passado através da telenovela e construiu sua interpretação associando a violência ao pleito eleitoral. Na novela foram mostradas cenas referentes ao pleito eleitoral, porém a violência estaria relacionada à ação de eliminar o inimigo, não estando voltada a população em geral, nem a situações de voto de cabresto. Deste modo, entendemos que a participante interpretou o conteúdo da experiência de forma a satisfazer seus próprios questionamentos, os quais surgiram no presente (RÜSEN, 2010 a) e para isso associou um conhecimento prévio. Com isso, a interpretação da experiência novelística em associação com outras experiências podem vir a satisfazer uma necessidade de orientação.

Da mesma forma Ametista e Pérola destacaram o uso da violência na política.

> Tinha **violência que era extrema**; tudo era na base da violência. Havia **violência na política**, entre adversários políticos que fossem contra as ideias do coronel, então a **violência era permitida**, aceita, era parte do sistema, tudo em nome do poder (Ametista, grifo nosso)

> Eles conseguiam **tudo abaixo de violência, matar e mandar matar com os capangas,** né. Ele **mandou tocaiar o Mundinho** porque ele viu que a cidade ia ser construída e eles não queriam porque queriam ficar mandando na coisa de cidadezinha pequena. **Mandaram matar ele** porque queriam que ele parasse com aquela coisa de construir a cidade, porque viram que ele era muito inteligente. Se as coisas que o mundinho queria acontecessem todos **os coronéis iam perder o poder**, principalmente o Ramiro porque era ele que mandava em todos os coronéis. Ele **não queria perder o poder** que tinha na cidade, aquilo era um reino (Pérola, grifo nosso)

Ambos as participantes destacaram o uso da violência na política, sendo que Pérola construiu a partir das cenas da telenovela a ideia de eliminar o adversário, como forma de manter o poder. Nesse ponto, foi posto em cena outro personagem do período coronelista, aqui descrito pela participante como capanga, ou jagunço. Os jagunços eram empregados dos fazendeiros que foram arregimentados entre os homens sem terra e sem trabalho, ou ainda entre os homens livre da plebe rural pelos coronéis. Assim, eles colocavam-se a seu serviço numa relação de

dependência e subserviência, na qual a moeda de troca era o braço armado do jagunço pela proteção do coronel (VASCONCELOS, 2002).

A telenovela trouxe o coronel Ramiro e o Dr. Mundinho como adversários políticos, conteúdo destacado pela participante Pérola, fato que evidenciou um aprendizado que foi ao encontro da historiografia, pois as relações entre os chefes locais e seus adversários eram de hostilidade, evidenciadas por meio de provocações, ausência de relações sociais e atos de violência (LEAL, 2012). A adversidade política era demonstrada em todo espaço de abrangência do coronelismo, tanto em zonas rurais quanto urbanas, pois as rixas entre coronéis situacionistas ou oposicionistas em liberdade de ação e impunidade para os primeiros e em perseguições para os últimos, o que implicava em revides de ambas as partes (QUEIROZ, 1975). No entanto, lembramos que as participantes não caracterizaram o personagem Mundinho como um coronel. Assim, a tocaia direcionada ao Dr. Mundinho na telenovela, promoveu a construção da violência como forma de eliminar o inimigo, ato característico do coronel, mas que não teve o revide do Dr. Mundinho, pois este não tinha o mesmo comportamento dos coronéis, fato que o colocou como o indivíduo diferente, possível transformador da situação vigente.

Observamos que as participantes tiveram uma experiência a partir das cenas de **Gabriela**, aprendendo o conteúdo veiculado na telenovela, logo expressaram a operação mental da narrativa da experiência. Nesse ponto Ametista e Pérola se diferenciaram de Turquesa, mesmo que todas tenham apreendido a ideia da violência associada ao pleito eleitoral. Turquesa demonstrou um ganho na sua aprendizagem por ter associado outras experiências na busca da satisfação de seus questionamentos. De outro modo Ametista e Pérola permaneceram restritas a experiência novelística.

A violência também foi apontada como forma de demonstrar poder.

> Houve **muita violência**, teve a **cena da castração** que foi horrível, mas naquele tempo as coisas eram assim mesmo. Foi mais uma **demonstração de poder dele**, do Ramiro Bastos, pois **era ele que mandava** em tudo. Foi para mostrar que com ele ninguém podia mexer que ele mandava matar em seguidinha (Pérola, grifo nosso)

A cena mencionada por Pérola exibiu a castração do personagem Príncipe Sandra e a surra a sua companheira Anabela. Na trama de **Gabriela**, os dois personagens haviam tentado enganar o coronel Ramiro para extorquir-lhe dinheiro.

Ao descobrir as intenções do casal, o coronel mandou seus capangas espancar a mulher e castrar o homem, evento este que presenciou. A participante interpretou a referida cena como um ato de total demonstração de poder de mando, tanto pela subserviência de seus capangas, quanto pela própria castração do personagem. Ação esta, que atingiu o indivíduo diretamente na construção de sua identidade como homem.

As observações de Pérola demonstraram uma apreensão mais ampla, pois ela destacou outras situações de violência além das já mencionadas, as quais estiveram vinculadas a política. Além disso, Pérola demonstrou em sua fala o distanciamento entre o presente e o passado pela expressão “naquele tempo as coisas eram assim mesmo”, com isso a participante usou sua capacidade de olhar o passado e entende-lo como tal, diferenciando-o do presente (RÜSEN, 2010 a). Seu aprendizado foi do tipo exemplar, pois, entendeu o comportamento do coronel como uma regra, ou seja, caso outros indivíduos viessem a ofender o coronel seriam tratados da mesma forma.

3.5 Política: clientelismo e alianças

O coronelismo caracterizou-se por ter como figura central o coronel e entre seus artifícios a troca de favor. Segundo Faoro (2012), os coronéis eram homens ricos, detentores de fortunas que eram gastas com diversões legais e ilegais, os quais acabaram por ser vistos como os “indivíduos que pagavam as contas”.

O coronel era primeiramente um líder econômico, para a posteriore se configurar com um líder político. Sua fortuna provinha em geral da posse da terra, já que esta era a riqueza da sociedade agrária, que existia no Brasil da época. Mas, havia também coronéis em uma situação financeira remediada. Deste modo, o coronel exercia seu poder não só pela sua situação financeira, posição em que não caberia um indivíduo pobre, mas por meio de seu reconhecimento através de um pacto não escrito (FAORO, 2012).

Ainda segundo Faoro (2012), o coronel tinha sua posição reafirmada na falha do estado para com a municipalidade. Assim, era o coronel que assumia a responsabilidade de agir onde os serviços essenciais do estado não chegavam.

Logo, o coronel era o indivíduo que lidava com a polícia, os cobradores de impostos, pleiteava obras públicas para o pobre cidadão que habitava as regiões negligenciadas pelo estado.

Com isso, o coronel se sobressaiu como um indivíduo capaz de proporcionar o que a população necessitava fato este que passou a ser um favor ao pobre indivíduo esquecido pelo poder público. Sob esta perspectiva deflagrou-se a relação de troca de favores, pois o coronel realizava um favor ao pobre cidadão do mesmo modo que este cidadão passava a lhe dever um favor, firmando assim a prática clientelista.

De acordo com Burke (2012), a relação clientelista esteve presente em muitas culturas, não sendo exclusiva do coronelismo, mas tanto no Brasil como em outros continentes manteve como base uma relação de troca, onde "os seguidores procuram os líderes que lhe oferecem as maiores vantagens e confiança. Em troca, oferecem serviços e lealdade. Ter bom número de seguidores dava ao líder honra (izat) e o poder de humilhar os rivais" (BURKE, 2012: 117). Desta mesma forma ocorria no coronelismo, pois a gente do coronel procurava o líder em busca de maiores vantagens e segurança, oferecendo a esse líder serviços e lealdade. Assim, no sistema coronelista a relação de compromisso se constituiu porque o coronel garantia favores que supriam a falha do Estado e sua gente oferecia-lhe lealdade.

Posto isto seguimos com a análise das narrativas dos participantes, as quais, a partir deste momento, foram analisadas uma a uma, a fim demonstrar sua aprendizagem na totalidade.

Seguindo a lógica clientelista da troca de favor, Jade construiu a seguinte narrativa:

> **o Ramiro captava os votos pelo poder que tinha na cidade até sobre os outros coronéis. O Mundinho começou a captar trazendo aliados para ele**, mas oferecendo mudança que trariam vantagens para a cidade e por consequência para quem se aliasse a ele. **É uma troca de favor, é assim tu manténs as trocas. A maneira com que vai ser feito é diferente, mas chega no mesmo ponto**. O Ramiro oferece algumas vantagens, e quando não funciona ele impõe e quem não trabalhava no ritmo dele vai sofrer as consequências, eu via todo mundo com medo dele. O Mundinho não usa a mesma coisa**, mas no final ele também usa a troca** (Jade, grifo nosso)
>
> Eu lembro do **Ramiro dizer que conhecia o governador, então ele tinha aliança que ia além daquelas com os coronéis**. O poder dele ia um pouco mais além da cidade de ilhéus e **isso era uma forma dele também conseguir se manter**. (Jade, grifo nosso)

> **A aliança se mantinha também pela troca de favor**, assim como o Mundinho não vai se diferenciar muito nisso. **Do tipo eu conheço o fulano que trabalha, ai tem uma troca de favor no meio, até que se consiga chegar no presidente e ele autorizar,** que seja essa autorização federal vai além do estado, que era o que o Ramiro ia só até o estado.... Eu acho que **os dois constroem seus nichos políticos com favorecimento** e o Ramiro usa também a violência (Jade, grifo nosso)

A logica em torno da troca de favor construída por Jade foi de que um coronel exercia o mando na região, sendo que este mando estendia-se também sobre os outros coronéis, o qual era usado para cooptação de votos. Sob o ponto de vista de Faoro (2012), o coronel exercia o mando como um direito que lhe era reconhecido, da mesma forma, ele era o sujeito capaz de conquistar benesses para a região. Assim, se colocou como “aquele que podia oferecer algo”, mas que desejava outra coisa em troca, nesse caso o voto. Da mesma forma, se comportavam os outros coronéis com sua gente, que ficava em débito com sua pessoa.

Mas, Jade foi além, em sua narrativa. Ela percebeu que o favor prestado era um sustentáculo para as alianças políticas. Neste ponto, Jade destacou outra pessoa contraditória a postura do coronel, que foi representada no personagem Mundinho, mas, que também teve a necessidade de cooptar votos e que em troca disso prometeu a realização de benfeitorias na municipalidade. Além das benfeitorias apareceu o favor trocado em função de alianças políticas, nas quais Mundinho estava em posição de superioridade ao coronel, visto que seus aliados ocupavam esferas de poder superiores.

As primeiras falas de Jade demonstraram, de acordo com Rüsen (2010 a), que a participante apresentou em sua narrativa a operação mental da experiência, pois Jade assistiu as cenas da telenovela e percebeu sua qualidade temporal, ou seja, entendeu-as como uma vivência do passado. Ela apreendeu o conteúdo histórico que a cenas referentes à política coronelista trouxeram, demonstrando o entendimento do que era fundamental e histórico.

Lembramos também, que na categoria sobre a fragmentação do sistema coronelista a participante construiu o saber sobre o fim do coronelismo. Deste modo, ela estabeleceu uma ruptura com este sistema, negando sua existência na atualidade. Isso demonstrou a realização da operação mental da interpretação, pois houve o estabelecimento da ligação entre presente e passado, momento em que suas diferenças temporais foram reduzidas (RÜSEN, 2010 a).

No entanto, Jade relatou ainda:

> .....**continuou tendo as mesmas trocas de favor**, mas não tanto com a força, não usando tanto a força para conseguir tudo o que queria. Então, **hoje o que se vê nas eleições é venda de voto, um grupo de pessoas que não têm nada, troca o voto por uma televisão, um voto por um sacolão** (Jade, grifo nosso)

Assim, Jade entendeu que mesmo o coronelismo tendo acabado, algumas de suas artimanhas políticas permaneceram até a atualidade. Desse modo, percebemos que sua consciência histórica caracterizou-se como crítico-genética, pois a participante viu a mudança no sistema político, ou seja, ocorreu a mudança do que era ameaçador e abriu-se a possibilidade para que a atividade humana criasse um novo mundo (RÜSEN, 2010 a). Mas, permaneceu a relação clientelística que sustentava o coronelismo, motivo que norteia a orientação crítica da participante à política atual.

Do mesmo modo, Esmeralda apresentou uma reflexão sobre as trocas de favor e sua permanência na atualidade,

> O Melk é um dos coronéis, é poderoso, e aliado dos outros coronéis, mais do Ramiro. O Melk deixa bem claro aquele político que se **alia a outros políticos pelo poder**, pela vantagem financeira, que é o que ele fazia ...E na política existem os Melks que como mostrou a novela era **aliado dos outros coronéis e do que era o que mandava mais**, que era o Ramiro. Eu acho que eu estou muito desacreditada do ser humano, ou da política, porque eu acredito nas vantagens. Eu acho que as pessoas vão onde tem vantagem, é claro que tem algumas que acreditam em proporcionar uma vida melhor para os outros, mas se a gente analisar os partidos políticos se **aliam para ter vantagem uns sobre os outros** (Esmeralda, grifo nosso)

Esmeralda demonstrou entender como se processavam as alianças e para que elas eram usadas no sistema coronelístico, da mesma forma que entendeu as cenas da telenovela como a representação de um período histórico, logo esboçou a operação mental da experiência, pois, conforme (RÜSEN 2010 a), mostrou um distanciamento entre presente e passado, bem como entendeu o conteúdo histórico exibido nas cenas da telenovela. No entanto, reconheceu a permanência da politica coronelista hoje:

> atualmente ainda ocorrem atos como os do Mundinho Falcão e os do coronel Ramiro. Tanto que em algumas regiões aqui do sul, do norte e nordeste você consegue **visualizar essas trocas de favores, de intimidação com as pessoas, esse crescimento financeiro, essa intimidação das pessoas para conseguir votos, outros favores financeiros,** eu acho essa política muito visível, isso é uma permanência daquela época, mesmo que um pouquinho mais camuflada, mas que se for pesquisar a fundo está ali (Esmeralda, grifo nosso)

Nesta fala, Esmeralda apresentou a operação mental da interpretação, pois ela mostrou que na atualidade ocorrem fatos como os representados pelos personagens da telenovela. Ou seja, ela transportou-os para o presente reduzindo a temporalidade entre presente e passado e com isso interpretou o momento presente (RÜSEN, 2010 a), expressando a seguir sua conclusão a respeito da política atual. Enfatizou que permanecem as artimanhas coronelistas, mas de uma forma camuflada, revelando sua consciência histórica como exemplar com tendência crítica. Percebemos essa caracterização porque Esmeralda compreendeu que o coronelismo é um sistema político do passado já findado. Logo, existiu a ruptura, a negação deste sistema. Em contrapartida, ao mesmo tempo que interpretou a existência de trocas de favor relacionando-as aos pleitos eleitorais como uma artimanha para captar votos, percebeu um curso de ação histórico que revelou reminiscências do passado.

Também entendeu que as alianças existiram como uma forma de obter vantagens permanecendo na contemporaneidade principalmente no que se refere à política partidária. Assim, desenvolveu uma consciência crítica do seu momento cotidiano, reconhecendo que as trocas ainda aparecem como regras em alguns casos. Ela revelou o entendimento da transformação do passado, ou seja, a ocorrência de mudanças, mesmo que não havido um abandono por completo de condutas adotadas no passado. Suas observações foram ao encontro dos pressupostos de Rüsen, (2010 a), visto que essas permanências do coronelismo podem ser entendidas como regras gerais de conduta que permanecem de forma atemporal na vida prática.

Na narrativa de Granada foi construído outro ponto de vista em relação às trocas de favor:

> **A política era bem troca, tu votas em mim que tu vais ter tal privilégio,** seja ele por prestígio social, por recursos financeiros ou por terras, foi bem visto isso também, o domínio do voto... O Ramiro Bastos que tem **um filho que é médico e outro que é dono do cartório** em Ilhéus, e eu me lembro que a Gabriela não tinha documentos e o cara, aquele, eu não lembro o nome, o do bigodinho que vivia no bordel, **providencia os documentos** para ela, para mim isso era comum na época. Então eu acho que isso existia também para outras coisas (Granada, grifo nosso)

Notamos a manutenção da troca como artifício político, sendo que a participante enfatizou uma das formas como a troca era realizada, ou seja, surgiu

um novo conteúdo que a falsificação documental. Neste ponto, Granada relatou que o filho do coronel que ocupava o posto de escriturário forjou documentos para que a personagem Gabriela casasse com o personagem Nacib, pois a personagem Gabriela não tinha nenhum registro de sua existência. Além disso, a participante construiu o saber que a falsificação de documentos era usada em outros casos. Diante desta construção de saber, entendemos que a experiência de Granada mostrou a apreensão de outros conteúdos históricos, como a falsificação de documentos. Sua operação mental narrativa se revelou na compreensão do arrolamento de possibilidades para o uso dos cartórios, bem como na relação de compromisso, pois o favor prestado por Tonico Bastos, membro da parentela do coronel Ramiro, colocou o comerciante Nacib em posição de débito com a parentela do coronel Ramiro. Sua narrativa seguiu:

> O **coronelismo terminou**, porque se tu fores ver **não tem mais coronéis, mas isso ainda ocorre**. Por exemplo: hoje em dia nós temos a Dilma que é uma representação do Lula, porque o Lula trouxe mudanças, mas mudanças que persistem um pouco da linha direita. **Ele teve que se vincular a linha direita para poder se eleger, então isso foi troca, também como foi relacionado com o Mundinho Falcão** O Lula se aliou a linha da direita que eram os grandes poderosos, foi o mesmo que o Mundinho fez cooptou os coronéis que eram favoráveis ao Ramiro Bastos e acabou se dando bem e se elegendo claro que de uma forma diferenciada porque o tempo é outro, o espaço é outro, com acesso a informação, porque é um período diferente, mas a essência é a mesma...hoje é assim, um se alia a outro em troca de favores, um exemplo disso é que quem está em cargo de confiança ganha as vezes quatro vezes do que os outros para ser os olhos e ouvidos de quem manda, aqui na prefeitura é assim (Granada, grifo nosso)

Tal qual foi destacado na categoria fragmentação do sistema houve o fim do coronelismo, mas permaneceram as alianças políticas como forma, neste caso, de alcançar o poder. Para isto, citou o momento da permuta de governantes do país, ocasião em que um representante dos trabalhadores assumiu a liderança do país. Argumentou que para isto acontecer o representante da classe trabalhadora teve que aliar-se a classe patronal, fato que comparou ao representado na telenovela, configurando uma aliança entre situação e oposição.

Diante disto entendemos a revelação de uma consciência genética, pois houve a percepção da transformação de um modelo em outro mais aceitável, fato que aconteceu pela aceitação de pontos de vista distintos em prol da permanência e desenvolvimento dos mesmos (RÜSEN, 2010 a). Percebemos também sua crítica a

algumas permanências do passado, as quais estão relacionadas a benefícios concedidos a “gente do mandante”, e sua manutenção como regras atemporais da vida social (RÜSEN, 2010 a). Com isso, a participante apresentou uma consciência histórica que transitou entre exemplar, crítica e genética.

A participante Ágata retomou a questão do mando como artimanha eleitoral, uma prática coronelista, que na vigência deste sistema recebeu o nome de voto de cabresto.

> Existe ainda a questão de **votar com quem o mandante vota**, até hoje se discute a **compra de votos**, tem um processo rolando aí de cassação, isso e aquilo, de cassação. Isso é a nossa realidade que está por baixo do pano, e, a gente só descobre depois, mas isso está por baixo do pano: as **compras de voto**. E eu tive uma experiência de vida num local pequeno, morei num local pequeno, numa cidade muito pequena onde isso é nítido. As **pessoas mandavam: vota no fulano agora, entro contigo e voto contigo para ti votar no fulano....e o fulano** é o dono da cidade, **mas ele não tem o nome de coronel, ele tem o nome de prefeito**, entendeste? E aí o prefeito sai, mas fica no lugar dele, e isso não é tão longe da gente, quem ele determinou, é assim que acontece, não é mais coronel o nome (Ágata, grifo nosso)

Em sua narrativa, Ágata descreveu uma experiência pessoal de vida, na qual observou que o mandante local impunha a quem devia ser destinado o voto. Notamos inclusive um tom de denuncia em sua fala, pois Ágata revelou a possibilidade dos eleitores serem acompanhados no momento da votação, fato que garantiria o destino do voto.

Neste ponto, entendemos que sua aprendizagem teve um ganho, pois conforme Rüsen (2012) foi evidenciada a associação de experiências com temporalidades distintas, sendo uma oriunda das cenas da telenovela e a outra de sua experiência no mercado de trabalho durante um pleito eleitoral, as quais diferem do seu momento atual. Deste modo, percebemos um aumento de caráter qualitativo em sua aprendizagem histórica, que ocorreu quando, dentro da qualidade de diferença temporal, foram percebidas diferenças temporais próprias, cada época experimenta seu próprio perfil (RÜSEN, 2012). Ou seja, ao experienciar o passado por meio da telenovela, que temporalmente diferiu do presente, Ágata resgatou por meio da memória uma experiência que viveu num passado recente. Ao relatar sua própria experiência, a participante reconheceu que os fatos exibidos na telenovela se fizeram presentes na contemporaneidade e os interpretou como artimanhas eleitorais.

> .....acho que a novela trás e mostra a realidade do que é a política sim, porque a política é assim mesmo. Eu **enxergo a política assim: um jogo de favores**, hoje eu cedo para ti que amanhã tu cede para mim. Eu acho que os políticos dominam, não sei nem se não são os coronéis daquela época porque na verdade quando a gente acaba descobrindo alguma coisa, já tem uma proporção tão grande que a gente é ignorante, eu me sinto às vezes ignorante em relação à política... Eu tive essa experiência muito próxima de mim, e eu vivi isso muito próximo porque lá a política era muito forte, e eu trabalhava na rede básica, e se **fazia muita política** ali, a saúde era muito envolvida com a política, então mesmo sem eu querer eu estava envolvida, eu não tinha porque, pois não era minha cidade, não era meu estado, foi muito distante daqui, e eu vivi apenas 1 ano e ½ ali. **Nós tínhamos um dia para não trabalhar, que nós não trabalhávamos porque nós tínhamos que sair e fazer carreata com o prefeito**, eu sendo ou não do partido dele, eu tinha que pegar o meu carro e colocar a bandeira dele e sair atrás, só que **eu não ia, por isso que eu fui demitida** (Ágata, grifo nosso)

A participante relatou que sua postura frente às alianças e o próprio pleito eleitoral tiveram como consequência a sua demissão do posto de saúde em que trabalhava. Com isso, Ágata aprendeu o conteúdo a cerca das trocas de favores e interpretou-o como responsável pela política atual, a qual ainda é sustentada por trocas de favores. Este fato orientou sua postura crítica e seu descrédito nos pleitos eleitorais. Diante disso, percebemos seu aprendizado como coadjuvante na sua prática cotidiana, o qual orienta sua consciência crítica que rompe com o passado construído como o sistema coronelista e com seu presente histórico, e que orienta suas ações na vida prática.

A participante Ametista também discorreu sobre as alianças políticas, mas colocou as trocas de favor como existentes na esfera governamental:

> A novela mostrou a sociedade daquela época e como a política era feita, também **tinha essa coisa de um se aliar a outro,** coisa que nós ainda podemos ver hoje. Isso acontece muito na própria política: no próprio congresso, em relação ao partido do governo, quando quer ganhar votação, ele **oferece cargos políticos para fazer com que um projeto seja aprovado**, **isso é uma troca de favor**, como a gente chama, e isso também acontece com a população porque próximo às eleições aparece coisas como: têm problemas que não se resolvem num mandato inteiro, ai as pessoas querem continuar no poder, então a estrada tal que era para ser duplicada há muitos anos, começa a obra a ser feita. E **quando a gente tem uma troca de poder trocam os cargos de confiança**, como as secretárias da saúde ou daquilo outro, igual o coronel tinha, pessoas de confiança em pontos chaves, o principio é esse e se mantem (Ametista, grifo nosso)

Para a participante os cargos políticos ainda hoje são distribuídos de forma clientelística, ou seja, mediante a troca. Também as obras públicas, primeiramente projetadas para a coletividade, perdem o lugar de sua existência, passando a ocupar

outro, que é a manutenção do mandante no poder. Do mesmo modo que Ágata, Ametista retomou a questão da “parentela”, fato que não foi colocado como tal, mas que na sua interpretação do presente, reflete a fidelidade parentelar, existente no sistema coronelístico, pela alocação de indivíduos em cargos de confiança. Confiança esta, estabelecida não pela competência no desempenho da função, mas pela fidelidade aos ideais do novo governante.

Considerando os pressupostos de Rüsen (2010 a), observamos que Ametista aprendeu os conteúdos históricos mostrados na telenovela e os entendeu como uma experiência do passado devido ao seu caráter representativo, bem como interpretou-os mediante a sua ressignificação no presente.

> Hoje, de certa forma, tem coisas que permanecem daquela época, como **a troca de favor**. É questão da política, o favor político, na questão do poder. Tem os partidos políticos: eles concorrem, concorrem de novo, então é aquela **disputa de poder, do voto, é a compra de votos.** Seguidamente próximo às eleições tem casos de **denúncias de compra de votos, como dar churrasco**, mas a gente sabe que não é só isso, **é oferecido o churrasco como forma de conseguir votos** e na novela foi mostrado de outra forma, mas é o que ainda acontece hoje (Ametista, grifo nosso)

Para a participante, o clientelismo é um resquício da política coronelista, claro que na atualidade posto e arranjado de forma diferente, mas ainda por meio do assistencialismo. No entanto, Ametista salientou a existência de denúncias destas práticas clientelistas e a consciência da população a esse respeito. Deste modo, mobilizou uma experiência, neste caso por meio das encenações dos fatos na telenovela, experiência esta ressignificada no presente criando uma expectativa de futuro, a qual lhe possibilitou a orientação para a ação (RÜSEN, 2010 a), quer seja ela para a manutenção do *status quo* ou para o rompimento do mesmo.

Turquesa retomou a ideia construída por Ágata:

> O **poder dos coronéis está muito atrelado à submissão** do povo, justamente por ser oprimido pelo **curral eleitoral** mantido pelos coronéis, então o povo idolatrava essas pessoas e votavam conforme o coronel votava. Então, o **poder do coronel tornava as pessoas submissas**, oprimia o dia a dia dessas pessoas para que eles ficassem donos da região e **pudessem mandar** nesta região (Turquesa, grifo nosso)

Para Turquesa, o mando estava diretamente ligado à política, tornando as pessoas submissas ao mandante, privando os eleitores de escolhas, mantendo os

resultados favoráveis à vontade do coronel por meio do voto do cabresto e do curral eleitoral. Em sua percepção, o curral eleitoral seria a própria gente do coronel, que seria incapaz de reagir ao seu poder de mando. Deste modo, seu aprendizado histórico se construiu de forma semelhante ao de Ágata, pois ambas voltaram sua atenção e construíram seus saberes em torno do pleito eleitoral e do mando.

> Vamos para a questão política então. Bom então a gente tem algumas questões do país que não mudaram muito. É bem visível o quadro que foi retratado na novela que é o **curral eleitoral.** O que seria isso? **Eu dou algo para alguém** de menor valor, não com boas características, mas para aquela pessoa o receber ou dar alguma coisa funcionaria como moeda de troca como o voto ou outras coisas relacionadas a política e a novela mostra bem isso. **Eu dou alguma coisa para ti, ou faço uma melhoria na tua casa, logo tu tens o compromisso de me dar um voto, de estar comigo**, ou de idolatrar a mim como alguém que realmente pode fazer alguma modificação e muitas vezes isso era só momentâneo e logo a região passava a ser desvalorizada novamente (Turquesa, grifo nosso)

Na atualidade, a participante percebe a manutenção do curral eleitoral. Ao compreender a prática eleitoral do passado, Turquesa reconheceu sua presença na contemporaneidade, bem como a manutenção deste grupo de indivíduos fiéis a uma determinada pessoa. Fidelidade esta constituída por uma relação clientelística, onde se estabelece um compromisso entre os envolvidos, tendo o voto como moeda de troca, situação caracterizada pela diferença de valores dos bens trocados, a qual foi exemplificada na fala a seguir:

> A própria forma de fazer política mudou, mas ainda mantém algumas coisas veladas. Tem algumas regiões, principalmente aquelas representadas na novela, como o nordeste e o norte têm essas coisas bem definidas. Um exemplo disso é **o pleito eleitoral**, **eu tenho mais poder**, então **te dou um saquinho de feijão; Aí tu ficas feliz, então tu votas em mim**. Então tem algumas questões, como isso que eu falei agora é mantido, em algumas regiões é escancarado e em outras é velado. Só que eu acho que isso **a nível nacional é tão escancarado que tomou outro formato, exemplo é o bolsa família.**O Bolsa Família é uma forma de manter o curral eleitoral porque se estou no poder e dou R$ 70,00 e apareço na televisão dizendo que dou 10% de aumento no bolsa família, usando uma mídia que é vista nacionalmente. Então, eu não estou dizendo diretamente vota em mim, mas estou mostrando como sou bom. De certa forma, de forma indireta, digo: vota em mim, até porque eu também sou candidato nas próximas eleições. É aí que a gente percebe que **o curral eleitoral** e as antigas ações se mantêm (Turquesa, grifo nosso).

Notamos que Turquesa entendeu que a forma de fazer política mudou, ou seja, houve o rompimento com o passado, porém permaneceram as práticas deste passado. Tais práticas caracterizam-se pelas trocas de bens, onde o capital simbólico do que é trocado tem um valor inferior ao outro, sendo que um dos bens tem seu valor legitimado pelo seu próprio legitimador (BOURDIEU, 1998), ou seja,

bens de menor valor passam a ter o mesmo valor de outros, ou até maior em função de quem está participando da troca.

Percebemos que Turquesa destacou também o papel da televisão, meio de comunicação que tem capacidade de formar opinião devido à abrangência de sua audiência. Este fato é de mister importância, pois ao mesmo tempo que a TV pode gerar um debate, também pode inibi-lo em função do campo cultural dos seus telespectadores. Turquesa realizou sua crítica ao mencionar as trocas de votos por produtos alimentícios e ao Plano Assistencial Bolsa Família, pois foi nesta fala que apareceu sua interpretação do presente, bem como sua posição indignada frente as práticas assistencialistas governamentais divulgadas na mídia televisiva. Esta crítica reflete sobre sua consciência histórica mediante a operação mental da orientação, pois segundo Rüsen (2010 a) será essa orientação que determinará suas ações tanto no presente como no futuro, uma vez que, conforme a cultura histórica de cada indivíduo se processará ou não o estabelecimento do compromisso eleitoral.

A participante Pérola apresentou uma ampla narrativa comtemplando o mando, descrevendo as formas de alianças, e exemplificando com suas próprias experiências de vida. Para ela "**O voto** naquela época **era como o coronel mandava**. Eles também **trocavam favor entre os coronéis** (Pérola, grifo nosso)". Observamos a recorrência na construção do saber do mando e o entendimento que o mandante era o coronel. Também observamos que ela visualizou o passado por meio de sua representação, a telenovela, diferenciando-a do presente, revelando sua sensibilidade histórica (RÜSEN, 2010 a).

> Também tinha o porto que o Ramiro não queria que melhorasse, então o Mundinho começou entrar nesse negocio de política e trouxe o engenheiro, para que entrasse os navios para poder levar o cacau. Com isso, **o coronel Ramiro não pode mais levar o cacau, então ele não deu mais apoio para o governador, porque tudo na política é assim, acordo com um e acordo com outro, é uma troca de favor porque nada é gratuito** (Pérola, grifo nosso)

Notamos que em sua narrativa houve também a apreensão de fatos como aliança entre o coronel e o governador, a relação de compromisso entre eles, onde o coronel Ramiro tinha um acordo com o governador do estado e este último com o primeiro, tal qual pontuou Pérola. Esta fala mostrou a apreensão exata deste conteúdo mostrado na telenovela, bem como o nível de atenção dedicado a visualização dos capítulos de Gabriela, pois este assunto apesar de evidenciado na trama teve pouco destaque, visto que apareceu em uma conversa entre o coronel

Ramiro e o coronel Melk. Logo, o conhecimento histórico adquirido por meio da telenovela esteve diretamente ligado à forma com que o telespectador esteve exposto a mensagem veiculada na mídia (THOMPSON 2009 a), ou seja, sua apreensão está vinculada a frequência e a atenção que dedicou ao assistir os capítulos. É importante destacar que o conteúdo apreendido pela participante dialoga com a historiografia, já que entre o coronel e o governador se estabelecia uma relação de compromisso, onde o coronel captava votos para o governador e este fazia vista grossa aos seus mandos e desmandos (FAORO, 2012).

> O Ramiro **tinha dois filhos** um que era **médico e que era deputado**, mas ele não gostava; e **o outro, que era dono do cartório**... Ele **falsificou os documentos** dela pra ela poder casar, porque ela não tinha nada e isso era normal naquela época, sabe porque vou te fazer um caso: meu tio, vinha as pessoas do Uruguai e ele dava o endereço dele e fazia certidão para todo mundo. Até para minha prima que morava lá no Uruguai ele deu certidão porque ele tinha amizade lá dentro com as pessoas, isso valia pra tudo até para a posse da terra. **A terra era roubada, claro que valia. Era bom ter uma parente ou um amigo nos lugares importantes**, tu vê: o filho era médico, mas não fazia essa função, ele era político. O Ramiro não queria que ele fosse médico, queria que fosse deputado para ter uma pessoa no rio de janeiro como conhecimento com os outros políticos. O filho foi lá, mas não fez nada. Também **o Ramiro era amigo do delegado e quando o aquele coronel matou a mulher ele até veio para prender, mas todo mundo foi a favor dele, então o delegado desistiu**. A Lei só valia para quem não fosse da turma do coronel Ramiro. Se fosse do lado do coronel podia até matar, porque o que ele fazia nem que fosse malfeito estava certo (Pérola, grifo nosso)

Nesta fala Pérola destacou a própria parentela do coronel Ramiro, ou seja, seus filhos, colocando-os como seus aliados. Ela relatou que os filhos do coronel ocupavam cargos importantes tendo sua ação na devolução de favores ao coronel. Seu entendimento a respeito desta representação na telenovela remeteu a questão do coronel ter aliados em pontos estratégicos, como por exemplo, “o juiz nosso” (Faoro, 2012), o que legitimava a expressão “aos amigos tudo, aos inimigos o rigor da lei” (Queiróz, 1975). Observamos até este ponto a formação do arcabouço de conhecimento adquiridos por Pérola através do acompanhamento dos capítulos da telenovela. Estes conhecimentos, segundo Rüsen (2010 a), integraram a operação mental da experiência, a qual mostrou uma amplitude de conhecimentos históricos.

Pérola mencionou também a própria história, reconhecendo nas práticas de seus familiares ações semelhante às representadas na telenovela. Ela interpretou o conteúdo presente em Gabriela e sua própria experiência de vida, destacando-a como parte de um passado histórico. De acordo com Rüsen (2012), a dinâmica da aprendizagem histórica se caracteriza por acréscimo das experiências, sendo que o

conteúdo destas experiências é a diferença qualitativa no tempo entre passado e presente. Deste modo, o passado só será aprendido quando for experimentado e quando for feita a distinção entre passado e presente. Assim, ao experimentar o passado mediante a telenovela, e incorporar a esta experiências sua próprias experiências familiares do passado, Pérola teve o desenvolvimento de sua aprendizagem histórica devido ao acréscimo de experiências.

Pérola comparou o conteúdo representado em **Gabriela** com o presente:

> **A política é a mesma coisa que o coronel fazia**, é o que é em Brasília, a mesma do coronel, roubavam. **Continua a mesma coisa uns se aliando** aos outros, só que hoje as coisas são mais escondidas porque tem televisão, internet, então tem que cuidar um pouco mais, mas é mesma coisa que estão fazendo (Pérola, grifo nosso)

> ... hoje como se vê por ai se **oferece um rancho para as pessoas pobres por um voto,** ou levam de ônibus de uma cidade a outra **e as pessoas vendem o voto**, é mesma coisa, o mundo é igual, só que agora tem o modernismo da televisão, do computador e fica mais difícil de enganar o povo como se enganava antigamente. O povo hoje é mais ativo, o povo está sabendo e aceita se quer. **Hoje a gente vê, se revolta e não aceita, não vê o que está acontecendo em Porto Alegre por causa da nossa copa,** atiraram pedras e fizeram estripulias. Não vê o que está acontecendo agora com os nossos vereadores, vão pagar R$ 40.000, 00 para o Fábio Branco, diz que de atrasado e também para os vereadores, mas o nosso prefeito está se debatendo e diz que não tem para pagar. Tu não vê: **o Fábio Branco era um coronel**. **Cresceu na política e só trabalhou na política, e política só ficou na família, começou com o tio depois para o Fábio, depois para o primo e o Fábio de novo, só na família e não fazem nada, o povo aceita eu não sei o que o povo pensa** A política segue toda igual, têm as trocas de favor, as alianças, tudo é a mesma coisa minha filha (Pérola, grifo nosso)

A participante alegou que tanto as alianças, quanto as práticas clientelísticas permaceram como artimanhas da política atual. Porém, isso ocorreu de forma menos explicita devido aos avanços dos canais de comunicação, que facilitaram o acesso à informação. Relatou que o povo, por ter acesso à informação tem condições de protestar, de criticar e de romper com as práticas clientelísticas, fato que depende apenas da ação da população.

Pérola apresentou sua crítica ao sistema quando destacou eventos que causaram grande debate na cidade do Rio Grande, este referentes à votação dos vereadores da cidade em prol da aprovação do pagamento de 13º salários, o que refletiria em um grande ônus, pois o referido pagamento seria retroativo. Também revelou sua postura crítica em relação ao ex-prefeito da cidade, pois o comparou ao coronel, taxando sua trajetória política de semelhante a dos antigos coronéis. Sua consciência histórica transita entre crítica e genética, pois criticou o sistema

alegando a necessidade de ruptura com o mesmo, e parece acreditar na mudança oriunda da ruptura (RÜSEN, 2010 a), ou seja, da ação da própria população em relação às práticas clientelísticas que permeia a política atual.

Novamente foi retomada a ideia da aliança, agora pela participante Zircônia:

> **O coronel tinha os filhos, um que era deputado e outro que era do cartório**, isso facilitava as coisas para ele. Se ele precisava de um **papel forjado tinha como conseguir**, se precisava de alguma coisa lá de cima, do estado, ele conseguia (Zircônia, grifo nosso)
>
> O **coronel matou a mulher, e o delegado até veio prender ele, mas como ele era amigo do Ramiro que mandava na cidade ele não foi preso.** O delegado chegou a conclusão que tinha que prender ele, mas os outros coronéis esconderam ele e **o Ramiro disse para o delegado que ele não podia prender o coronel, então o delegado desistiu**. Isso mostra que uns ajudavam os outros e que eles passavam por cima da lei para proteger os amigos. **O Mundinho mesmo pede um juiz de fora para julgar o coronel Jesuíno**, para que eles não pudessem se proteger. Naquela época, e até hoje, em alguns lugares, eu acredito que ainda exista isso de mandar matar. Eles acham que vão ficar impunes por um tempo, ou talvez eles consigam ficar para sempre, não sei. Mas existe isso de mandar matar por alguma coisa que ficou contra as pessoas (Zircônia, grifo nosso)

Tal qual Pérola, Zircônia entendeu que o coronel tinha aliados em cargos estratégicos. Destacou também a cena em que o coronel Ramiro evitou a prisão do coronel Jesuíno, mesmo ele tendo assassinado a esposa. Este fato está em acordo com os pressupostos da historiografia, pois a gente do coronel podia contar com seu apoio mesmo que houvesse infringido a lei. Zircônia salientou que o Dr. Mundinho, personagem que na telenovela fez oposição política ao coronel Ramiro, solicitou que o coronel Jesuíno fosse julgado por um juiz de outra região, a fim de evitar a proteção entre os membros das parentelas. Notamos que as operações mentais da experiência e da interpretação foram realizadas, pois Pérola compreendeu fatos históricos e interpretou-os, demonstrando a seguir sua orientação pela revelação da crença da permanência deste tipo de atitude (RÜSEN, 2010 a).

Para Turmalina manteve-se a lógica da troca favor da política:

> As **relações de troca**, como os **casamentos**, pois as mulheres sempre foram moedas de troca, estiveram presentes na política coronelistas. Isso **deter um amigo em cada parte, em geral é por troca de favores**, e dá uma característica ao coronelismo, pois o coronel que tinha poder, comprava a amizade dos outros integrantes da cidade, como os tabeliões, mercadores (Turmalina, grifo nosso)
>
> **Essas trocas sempre aconteceram na política e continuam acontecendo,** mas hoje, está camuflado, com uma nova maquiagem. E isso é usado em favorecer os políticos. São **trocas que favorecem alguns e deixam a grande maioria de lado**, pois se tu tens certo poder, tu colocas

> um filho como empregado de fulano, tu pensa em uma carreira política para o filho, para ter o poder em varias regiões (Turmalina, grifo nosso)

Seu saber foi construído de forma a interligar outros saberes já discutidos. Para ela o próprio casamento era uma troca, onde a mulher era a moeda. Segundo Queiróz (1975), o casamento era uma forma de fortalecer e alastrar o poder das parentelas.

Turmalina também entendeu que o coronel mantinha aliados em postos estratégicos da municipalidade com os quais trocava favor. Ela revelou sua consciência histórica pela comparação do conteúdo mostrado na telenovela com a política atual, onde orientou sua crítica ao favorecimento de alguns em detrimento de outros, bem como a alocação de familiares em cargos políticos como forma de manutenção de poder.

Desse modo, Turmalina apresentou uma consciência histórica do tipo genética. Esta trás que "no centro dos procedimentos para dar sentido ao passado encontra em si mesmo a mudança. Nesta estrutura nosso argumento é que os tempos mudam"(RÜSEN, 2010 a: 68). Turmalina tem consciência da mudança, no entanto trouxe em sua fala a permanência de algumas práticas como regras, o que denota uma narrativa histórica baseada nos exemplos, devido à permanência de determinadas atitudes em conformidade com o caso.

Conforme Citrino:

> O coronel é uma pessoa que no geral não tinha um tratamento pessoal muito suave, era uma pessoa de atitude mais bruta, mais malvada, com maldade **em muitas atitudes para poder dominar pela força,** então **as pessoas se uniam a ele e em troca ele dava a segurança**, até contra ele mesmo, como nós temos as milícias hoje, para dar um favor em troca para proteger da milícia (Citrino, grifo nosso)

> Da maneira que eu vejo, **as eleições eram de acordo com o candidato que cada coronel ia apoiar**, o apoio era **baseado em uma troca de favores**, e em troca, o politico tinha certeza de que os empregados do coronel e ele próprio iriam votar em tal politico. O coronel com mais poder nem sempre precisava de falsificação, pois já era garantida a vitória (Citrino, grifo nosso)

Notamos que Citrino viu no coronel um indivíduo que dominava pela força, sujeito ao qual, pessoas se uniam como forma de garantir sua própria segurança. Ele comparou a proteção do coronel a mecanismos de segurança empregados na atualidade, os quais também poderiam ser chamados de insegurança, as milícias. Isto ocorreu porque segundo a lógica de Citrino a segurança oferecida pela milícia se realiza mediante a troca do favor.

> Os coronéis se **uniam para fazer uma troca de favores**, e terem poder para se reafirmarem e poder derrubar algum deles caso precisassem. Hoje **ainda acontecem trocas de favores nas eleições**, pois um determinado vereador estava lá embaixo na contagem de votos e após um tempo ele começou a subir de posição, se tornando uma cabeça de chave. **Isso não ocorre pela força, mas sim pela troca de favores** Hoje as **artimanhas politicas são mais sutis** que no coronelismo, talvez tão difíceis de se ver quanto de ser combatidas, ate porque antigamente, tu via como acontecia com a violência por exemplo. Hoje são **contratos fraudulentos**, envolvimento com o trafico, ocorre utilizando outros braços (Citrino, grifo nosso)

Com relação às eleições os saberes construídos por Citrino dialogaram com a historiografia, pois nem sempre o coronel era o candidato, mas haveria alguém sob seu apoio. Este sujeito recebia os votos mediante trocas de favores entre o coronel e sua gente, fato que garantia o resultado positivo nas urnas. Para Citrino, a fidelidade ao coronel era tal que ele nem precisaria lançar mão da falsificação dos votos, fato que foi descrito como artimanha coronelista por Leal (2012), pois conforme este autor muitos pleitos eleitorais não terminavam enquanto o resultado não estivesse de acordo com o desejo do coronel.

Notamos que o saber construído por Citrino revelou uma aprendizagem nos níveis de experiência, interpretação e orientação denotando transito entre uma consciência crítica-genética, uma vez que não existe mais o coronel. Logo, houve a ruptura com o sistema (RÜSEN, 2010 a), já que sua figura central não existe mais. No entanto, as práticas deste personagem que não persistiu na atualidade, foram reformuladas, transformadas (RÜSEN, 2010 a) para garantir o poder de outros indivíduos na sociedade.

De acordo com Ônix a política coronelista foi bem representada em **Gabriela**:

> Na novela a política era bem representada, **era uma política que era baseada no poder**, quem tem mais força, era o mais respeitado. **Os coronéis se respeitavam, pois sabiam que não deviam fazer uma briga entre eles**, pois logo após de uma briga, geraria certo apadrinhamento, e uma **junção de forças, pois se uniriam dois coronéis para derrubarem outro**, união que **ocorria por meio de casamentos**, o filho de um casaria com a filha de outro. (Ônix, grifo nosso)

Ônix retomou a ideia do de uma política sustentada pelo poder e pelo respeito entre os próprios coronéis. Ele explicou que a divergência entre os coronéis geraria a fragmentação da parentela, motivo pelo qual eles se respeitavam, pois uma ruptura interna poderia provocar um rearranjo na própria parentela. Isto, segundo Queiróz (1975), era algo bastante viável, pois divergências entre os membros das parentelas provocavam a ruptura entre as mesmas. Com isso, alguns dos

integrantes deixavam a parentela e procuravam formar uma nova parentela em outra região, para isso buscando novas alianças a fim de garantir o fortalecimento e a solidificação do novo grupo parentelar. Diante disso, observou-se que o aprendizado de Ônix dialogou com a historiografia. A seguir o participante mostrou sua lógica interpretativa.

> Eu acho que o que acontecia era **eu sou amigo do rei**, se eu sou amigo do rei, **eu tenho que botar meu interesse** perto do rei, e se eu estou perto do rei, estou bem. Hoje na cidade ela representa que **a cada troca de governoeu sou amigo do governo e do governador,** e se eu estivar próximo, **eu tenho minhas vantagens,** eu ganho alguma coisa. E isso continua até hoje (Ônix, grifo nosso).

Nesta fala Ônix usou um ditado popular, onde mencionou a palavra “rei”, mas se percebeu que ele fazia referência ao coronel. Sua fala permeou a construção do próprio saber sobre a gente do coronel, porém colocou-se relevante, neste momento, porque revelou sua interpretação e postura frente aos pleitos eleitorais da atualidade. Sua fala destacou que seu aprendizado histórico manifestou uma consciência histórica exemplar mediante a percepção da manutenção do apoio entre políticos e sua gente como uma regra para a satisfação de interesses próprios, fator que evidenciou a própria orientação do participante frente à política atual.

Após a avaliação e discussão dos extratos das narrativas dos participantes referentes ao aprendizado sobre o mando percebemos que este saber permeou os demais. Também foram construídos saberes a respeito da organização e edificação da parentela, da violência, da política: clientelismo e alianças. Observamos que a questão eleitoral foi destaque perpassando todas as falas. Além disso, houve associações do clientelismo como sustentáculo à parentela e vice versa, que juntamente com a violência sustentavam o poder do coronel e o pleito eleitoral.

Os conteúdos aprendidos pelos participantes por meio da telenovela estiveram em acordo com a historiografia, bem como os participantes perceberam a telenovela como uma representação do passado. Logo, entenderam as diferenças temporais entre o presente e as cenas de **Gabriela**, fato que de acordo com Rüsen (2010 a) caracteriza a realização da operação mental da experiência.

Da mesma forma, foram processadas as operações mentais de interpretação, pois os participantes ressignificaram os conteúdos apreendidos da telenovela e realizaram comparações com o presente, portando reduzindo as diferenças temporais entre presente e passado e futuro (RÜSEN, 2010 a).

Alguns dos participantes demonstraram a operação mental da orientação, pois empregaram os saberes construídos por meio da telenovela – aqui posta como a experiência do passado – na vida prática, fato evidenciado pelas suas críticas, percepções de mudança ou até mesmo da manutenção do *status quo*. Deste modo, afirmamos que na categoria coronelismo/ clientelismo obtivemos aprendizagem histórica. Esta aprendizagem se processou de forma distinta entre os participantes, pois a própria decodificação da mensagem esteve vinculada a cultura dos telespectadores, tal qual seu aprendizado esteve atrelado a sua consciência e cultura histórica. Contudo, a consciência histórica de cada um dos participantes sofreu influencia da experiência de assistir a telenovela **Gabriela**, pois ao narrar os fatos envolvendo coronelismo/ clientelismo os indivíduos realizaram operações mentais que incidiram sobre sua própria postura histórica.

4. GABRIELA: APRENDIZAGEM HISTÓRICA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NAS NARRATIVAS DOS SUJEITOS

> "[...] O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como essencial" (BEAUVOIR, 1980).

As narrativas dos sujeitos entrevistados para o desenvolvimento desta pesquisa nos revelaram uma aprendizagem muito além da que havíamos nos proposto compreender. Isso porque a partir narrativas pudemos perceber como os participantes entenderam e se apropriaram do tema coronelismo/ clientelismo, conforme foi demonstrado no capítulo anterior, e observamos o surgimento de novas temáticas, as quais não estavam inicialmente inscritas como foco de análise nesta pesquisa.

Os assuntos abordados nas entrevistas se alargaram para outros temas vinculados a uma percepção ampliada da sociedade e da condição da mulher. Tais percepções não puderam ser deixadas de lado por nós. Ao contrário; é a análise destas que apresentamos nesse capítulo, pois ao iniciarmos nosso estudo partimos do pressuposto de que ocorre aprendizagem histórica além dos ambientes formais de educação, como já demonstramos nos capítulos anteriores.

Assim, voltamos a validar nossa hipótese nas conjecturas de Rüsen, o qual defende que a aprendizagem histórica "é a consciência humana relativa ao tempo, experimentando o tempo para ser significativa, adquirindo e desenvolvendo a competência para atribuir significado ao tempo" (RÜSEN, 2010 a: 79), a qual se revela por meio da narrativa. O autor ainda afirmou que: "O aprendizado histórico pode ser posto em andamento, portanto, somente a partir de experiências de ações relevantes do presente" (RÜSEN, 2010: 44). No nosso caso, as experiências invocadas por Rüsen devem ser percebidas como a experiência televisiva, na qual os telespectadores experimentaram uma vivência, no seu presente, que estava além do real. Ou seja, eles foram capazes de gostar ou odiar os personagens da trama, falar e discutir sobre eles como se fossem reais, mesmo que tivessem total entendimento de que eram fictícios. O enredo novelístico durante sua veiculação na televisão passou a fazer parte das vidas dos telespectadores, e, portanto, promoveu

“experiências de ações relevantes do presente”, como expresso pelo autor, o que demonstramos novamente nesse capítulo.

Neste ponto relembramos que o aprendizado se processa de duas formas. Uma é a experiência da práxis, a qual se dá no cotidiano e a outra, a escolar, experiência esta que não queremos de forma alguma negar, apenas demonstrar que o aprendizado histórico pode ocorrer também por meio de elementos presentes em parte de nossas atividades diárias, como a televisão.

Ressaltamos também sobre a aprendizagem que aprendemos com o que nos é nos foi posto, no caso deste estudo a telenovela, e com os outros, tal qual outros aprendem conosco. Isso ocorre porque o ato de assistir os capítulos da telenovela gera um aprendizado, mediante decodidicação de uma mensagem, bem como o debate a cerca da mensagem já decodificada pelo telespectador norteado por sua própria cultura, com outros telespectadores que também imprimem seus pontos de vista no momento do repasse da mensagem (THOMPSON, 2009 a).

Sobre o aprendizado histórico é preciso enfatizar que ele tem início a partir de experiências relativamente importantes no presente do aprendiz, momento no qual suas carências de orientação são transformadas em questionamentos a cerca do passado, revelando assim, o potencial da experiência da memória histórica. Isto aponta para o fato que aprender história é mais que acumular conteúdos, mas elaborar respostas a questionamentos provenientes de conhecimentos prévios, sendo tomada pelo seu aprendiz como fator de determinação de orientação para a vida prática (RÜSEN, 2010 a).

Outro fator a ser pensado é que o aprendizado histórico pode ser parcial quando visto somente como processo cognitivo, já que é determinado também por pontos de vista emocionais, estéticos, normativos e de interesses do próprio sujeito (RÜSEN, 2010 a). Diante desta premissa, consideramos relevantes algumas partes das narrativas dos participantes da pesquisa que ultrapassaram a temática do coronelismo/ clientelismo, pois houve evidência da construção de saberes para além destes, os quais apontaram para uma nova temática, a sociedade, como já referido.

Com isso, estabelecemos o seguinte objetivo: identificar os saberes construídos pelos participantes da pesquisa e como se processou a aprendizagem histórica e suas representações sociais, a partir da experiência televisiva com a telenovela Gabriela.

Logo que se procedemos a releitura das narrativas, tendo por temática a sociedade, constatamos que alguns participantes demonstraram ter experienciado situações semelhantes às apontadas na telenovela. Em geral, estas situações estiveram postas em suas narrativas como conteúdos aprendidos tendo a telenovela como instrumento de aprendizagem histórica. Os saberes construídos pelos participantes a cerca da temática sociedade foram esquematizados no gráfico a seguir.

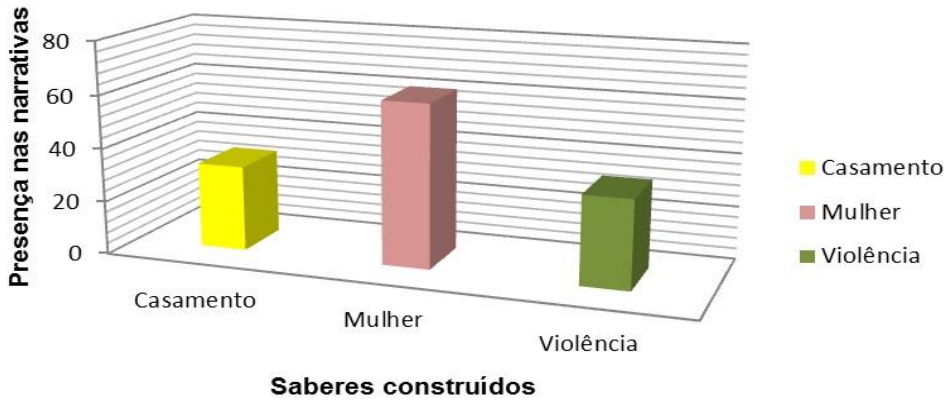


Gráfico 5 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática sociedade na narrativa dos participantes, Rio Grande – RS, 2014.

Nesta temática observamos que o processo de aprendizagem não foi uniforme em todos os saberes construídos, fato também evidenciado na temática coronelismo/clientelismo. Deste modo, novamente ilustramos, por meio de gráfico a construção individual dos saberes históricos orientados na telenovela **Gabriela**.

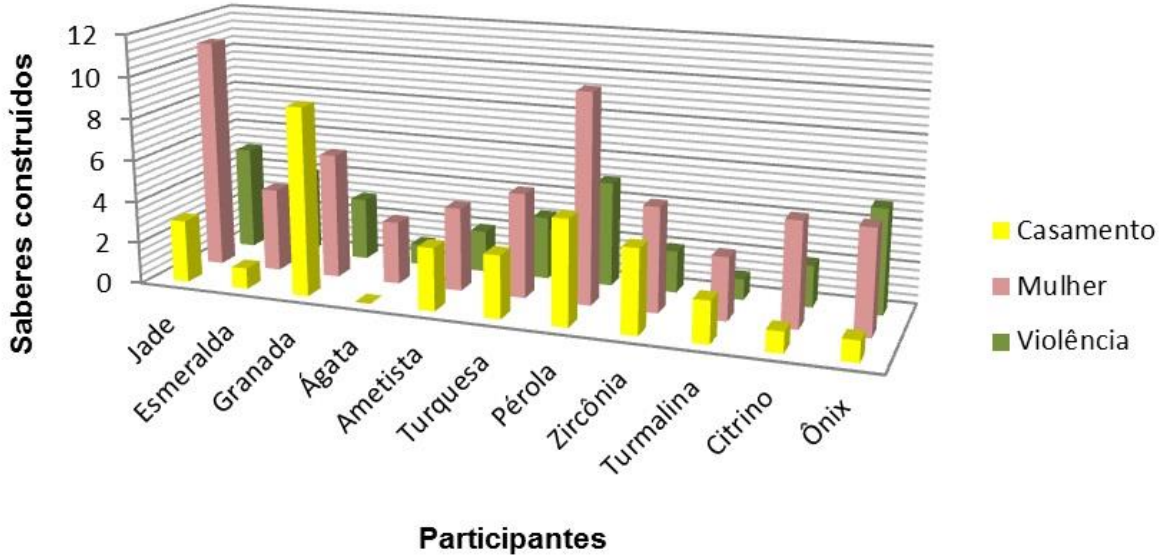


Gráfico 6 – Saberes construídos evidenciando aprendizagem da temática sociedade na narrativa dos participantes, Rio Grande – RS, 2014.

Por meio das narrativas dos participantes constatamos que a lógica do diálogo entre os saberes construídos pelos sujeitos da pesquisa e a historiografia se estabeleceu, mesmo não tendo sido apresentada de forma fundamentada na telenovela. Deste modo, os telespectadores mesmo sem saber qual foi o suporte de Walcir Carrasco para compor sua narrativa histórica, identificaram os temas destacados pelo autor como definitivos e históricos. Mesmo tendo ciência que **Gabriela** não é o real e, sim, uma representação de uma história, inspirada na obra ficcional de Jorge Amado, na qual foi encenado um período de nossa história, identificamos a apreensão por parte dos participantes de conteúdos históricos, bem como sua interpretação, o que lhes possibilitou uma aplicabilidade em sua vida cotidiana.

Na temática Sociedade notamos a unanimidade dos participantes na construção dos saberes mulher e violência, sendo que este último já foi destacado no capítulo anterior como uma engrenagem do sistema coronelista. Além destes, foi também construído o saber sobre o casamento. Assim, reafirmamos a ideia inicial desta pesquisa, pois a aprendizagem histórica se processa também em ambientes externos aos formalizados como espaços de educação. Deste modo, passamos a seguir a discussão da categoria Mulher a qual apresentamos mediante as unidades de referência que a construíram de modo a mostrar processo de aprendizagem e consciência histórica de cada um dos participantes de forma individual.

4.1 Mulher

A mulher foi percebida de forma multifacetada pelos participantes, sendo-lhe atribuídos diferentes papéis na sociedade como: dependente, trabalhadora, submissa, prostituta, revolucionária, entre outros. A seguir discutem-se as construções individuais a cerca da mulher.

De acordo com Jade:

> **Naquela época a mulher não tinha contato com dinheiro**, pelo menos eu tive essa visão da novela, **tanto que quando os pais da Lindinalva morrem, ela não sabe lidar com dinheiro e provavelmente a mãe dela também não sabia porque o pai é que lidava com o dinheiro**. A **mãe também não ia trabalhar no comercio por causa do que a sociedade ia dizer**, e, aí quanto ocorre a morte dos pais ela não sabia o que fazer (Jade, grifo nosso)

Para Jade a mulher estava numa posição de dependência do marido ou do pai, fato este construído a partir do acidente e morte dos pais da personagem Lindinalva. Jade explicou que a mulher que gozava de uma posição mais elevada na sociedade não trabalhava, pois isto não seria de bom tom para a sociedade, motivo pelo qual mãe e filhas ignoravam assuntos monetários. De fato, Jade percebeu a mensagem veiculada na telenovela, a qual esteve de acordo com dados historiográficos, pois conforme Mariucci e Nalesso (2006), no início do século XX, mais precisamente em 1900, as mulheres correspondiam a 45,3% da população economicamente ativa no país. Porém, já nos anos de 1920 e 1940 houve um decréscimo no contingencial de mão de obra feminina. Assim, em 1920 e 1940 a população feminina no mercado de trabalho era de 15,3% e 15,9%, respectivamente. A administração do lar sucumbiu ao seu caráter social no que se refere a administração do lar, tornando-se um serviço privado, sendo a mulher sua primeira-criada (MARIUCCI; NALESSO, 2006). Este fato mostrou que mulher que tinha condições de sobrevivência, retornou ao lar para cumprir sua função de dona de casa, situação esta que a colocou numa posição de dependência de seus mentores homens.

Na visão de Jade existiram mulheres que fugiram aos padrões sociais estipulados para a época:

> ... tinha outras **mulheres que confrontavam esse modo de vida da mulher. As mais novas, a Jerusa e a Malvina mostravam que queriam mais liberdade**, principalmente a Malvina que buscava outra literatura. Ela e a Jerusa liam livros em casa que eram proibidos, a mãe delas até pegou

> elas lendo. Eram livros considerados proibidos, mas elas tinham essa necessidade. Elas já viam isso como uma forma de se libertar. **As duas personagens, elas vão mostrar que não iam aceitar a criação das mães** (Jade, grifo nosso)
>
> **A Gabriela barbarizou**. Ela chocou porque a educação era completamente diferente. **Ela também casou**, mas ela casou por amor e **ela não queria ser preza ao marido**. **Ela era diferente das outras que já viviam naquela cultura de casar por conveniência e se submeter ao marido.** A diferença dela é que **ela casa por amor**, por amar o Nacib, então **o casamento dela não é arranjado**. Eu acho que **ela não chega a se submeter**. Ela começou a tentar mudar para agradar ele porque ele queria ser uma dama da sociedade, ela se esforçou para mudar, mas não conseguiu, tanto que ela presava a liberdade e a maneira dela ser (Jade, grifo nosso)

A participante recorreu às personagens Jerusa e Malvina para demonstrar sua compreensão de que algumas mulheres buscavam um lugar social diferente de suas mães, ou seja, as personagens citadas desejavam para si uma vida diferente da rotina de submissão de suas progenitoras. Jade explicou que as personagens buscavam na leitura uma forma de liberdade. Isso apontou que na visão de Jade a educação se constituiu como um dos marcos de liberdade da mulher.

De outro modo, Jade viu Gabriela. A protagonista da trama foi vista como uma mulher livre, diferente das demais, pois ela era alheia aos padrões convencionais da sociedade, mostrando vontade própria. Jade explicou que Gabriela tentou se adaptar ao meio em que vivia, mas não conseguiu porque presava sua própria cultura. Desta forma, podemos dizer que Jade compreendeu o conteúdo representado na telenovela e entendeu-o como sendo uma experiência do passado realizando a operação mental da experiência (RÜSEN, 2010 a). A partir disso, Jade iniciou seu processo de reflexão sobre o presente, ou seja, a operação mental da interpretação, seguida da operação mental da orientação que prevê uma aplicabilidade na vida prática (RÜSEN, 2010 a), conforme segue:

> **Muda a questão da mulher não mandar no seu próprio dinheiro, pois antes a mulher saia das ordens do pai e passava para as do marido, na novela mostra isso**. **A mulher casava e o marido passava a mandar, então ela saia do domínio do pai para o do marido, inclusive no dinheiro. A mulher era dona de casa, mas não tinha poder sobre o dinheiro. Hoje em dia a mulher mantém esse domínio, é ela quem administra** mesmo não trabalhando porque seus maridos não permitem porque são machistas. Hoje a mulher sabe lidar com dinheiro **ela não é mais dona de casa, ela é que é a dona da casa** (Jade, grifo nosso)
>
> Ainda **tem uma certa submissão por parte da mulher. É claro que isso mudou porque a mulher ocupou espaço.** Primeiro **começou a trabalhar, a casar com quem amava, depois a estudar, aí conforme ela estuda ela vai ter uma profissão**. A gente vê que muitas mulheres já **trabalham e tem boa remuneração, só que a submissão ainda continua, é pela questão**

> **do emocional, porque muitas mulheres ainda continuam dependentes emocionalmente do homem**. Eu acho que isso é cultural e que isso ainda vem lá do pai, porque a minha mãe não trabalhava , mas era dona da casa; ela não trabalhava, mas o pai trabalhava e subsidiava a família, então ela cuidava da casa, do pai, da educação dos filhos (Jade, grifo nosso)

Jade comentou que na atualidade a mulher tem um papel social diferente. Ela passou a trabalhar, controlar seu dinheiro, portanto tornou-se independente, e com isso abandonou a posição de ser dominado pela figura masculina. Na sua visão, isso aconteceu porque passou a trabalhar, estudar e escolher com quem casaria e conviveria. Diante disso, percebemos que Jade ressignificou o papel da mulher na sociedade, entendendo que com o passar dos anos houve uma transformação da função da mulher na sociedade.

Dessa forma, Jade considerou o passado e a posição que a mulher ocupava nesse passado, um sujeito dependente, sendo raras as mulheres que buscavam a mudança. No entanto, Jade reconheceu a mudança, que caracterizou a narrativa genética, pois estas remeteram as transformações de modos de vida alheios a outros mais adequados, onde se configurou como alheio à situação de dependência da mulher no passado e como adequado a sua postura atual. Sua capacidade de avaliar a mudança nos processos históricos, perceber as diferenças entre o presente e o passado, ao mesmo tempo em que compreendeu que as próprias transformações são componentes de uma longa trajetória de reivindicações, lutas e conquistas sociais, revelou um tipo de consciência histórica genética. Conforme conceituado por Rüsen, a consciência histórica do tipo genético tem em seu eixo central a mudança como "... a essência e o que dá à história seu sentido" (RÜSEN, 2010: 68). Isso porque no tipo genético de consciência histórica o princípio da significação da história para o sujeito é a percepção do desenvolvimento dos processos históricos, nos quais as mudanças, conforme Rüsen, ocorrem de forma ordenada.

Todavia, Jade salientou que na atualidade a mulher se mostra submissa ao homem, porque algumas mulheres estabeleceram uma relação de dependência emocional com ele. Para a participante isso é cultural, logo ela demostrou sua orientação para aceitação de pontos de vista distintos, os quais novamente caracterizam a consciência genética (RÜSEN, 2010 a).

A narrativa de Esmeralda revelou sua apreensão a cerca de como eram as mulheres no passado.

> **A novela nos mostra mulheres dependentes, conformadas, e outra rebelde como a Malvina**, que era filha do coronel Melk. **Mulheres como a Malvina que queria sair daquele mundo que vivia buscaram o enfrentamento e foi esse enfrentamento de mulheres corajosas do tipo da Malvina que foi criando a mulher mais independente** (Esmeralda, grifo nosso)

Para Esmeralda existiram tipos distintos de mulheres, porém em sua narrativa ficou clara sua identificação com a personagem Malvina, pois segundo esta participante a personagem representou a mudança e a transformação da mulher na sociedade. Notamos que o conteúdo apreendido da telenovela esteve diretamente relacionado a esta figura dramática. Logo, sua experiência se construiu a partir dos eventos mostrados no enredo da personagem. Diante disso, voltamos a lembrar que a consciência histórica emerge na narrativa, pois as histórias contadas, são uma forma coerente de comunicação que revelam a identidade dos interlocutores (RÜSEN 2010 a), neste caso do comunicador, Esmeralda. Além disso, o significado presente do passado deve ser acolhido pelos sujeitos envolvidos na narrativa (RÜSEN 2010 a), significado este que foi aceito por Esmeralda.

Assim, entendemos que do enredo da trajetória de Malvina (dentro do todo da trama de **Gabriela),** Esmeralda aprendeu o conteúdo sobre a luta das mulheres no que se refere à conquista de seus direitos, bem como permitiu sua interpretação mediante a redução temporal entre passado, presente e futuro (RÜSEN 2010 a), orientando sua ação através da consciência genética ao seu entendimento sobre a transformação da mulher na sociedade.

A participante Granada apresentou em sua narrativa a interpretação referente à mulher na sociedade.

> **Eu vejo um desenvolvimento muito grande principalmente dos anos 80 para cá. Até a nossa geração a família ainda instituía essas figuras na cabeça da mulher**. **Hoje eu vejo que as mulheres estão se inserindo mais no mercado de trabalho tendo uma representatibilidade bem maior, hoje tem mulheres com um salário bem maior que de alguns homens.** Isso tu visualiza nas condições financeiras e capitalistas, tu vê mulheres com carros melhores, propriedades melhores porque ela lutou mais para ter isso e em função disso ela deixa de ter outras, ou de experienciar algumas situações para poder alcançar suas metas. **Hoje eu vejo a mulher não se preocupando tanto com o casamento. Ela se preocupa com a felicidade, que seja momentânea, pois hoje os casamentos são muito fragilizados**. Isso, porque a mulher tem tanto poder de decisão e de escolha quanto o homem, tantos recursos quanto o homem. Hoje ela pode dizer eu não quero cozinhar, não quero lavar a roupa, quero ir a tal lugar sem dar satisfações como antes (Granada, grifo nosso)

Ao relacionar os fatos sobre a mulher representados em **Gabriela** a participante demonstrou a operação mental da experiência, pois apreendeu fatos históricos e reconheceu a diferença temporal do presente e do passado (RÜSEN 2010 a), aqui postas como as cenas exibidas em **Gabriela**. Além disso, Granada reduziu a diferença temporal entre as temporalidades envolvidas (RÜSEN 2010 a) ressignificando os fatos apresentados na telenovela.

Granada explicou que houve um desenvolvimento muito grande a partir da década de 1980, o qual incidiu diretamente sobre a situação social da mulher, pois ela inseriu-se mais no mercado. De acordo com a historiografia recente, a mulher teve sua participação marcada no mercado de trabalho já no inicio do século XX, momento em que a mão de obra feminina correspondia a 45,3% da população trabalhadora. Porém, em 1920, este número reduziu para 15,9% permanecendo em torno disso até 1970, período que se caracterizou por maior abertura ao mercado trabalhista para as mulheres, fato que ocorreu em função do desenvolvimento econômico e da decadência dos níveis de renda real nas camadas mais pobres e médias inferiores. Assim, em 1991, as mulheres no mercado de trabalho equivaliam a 38,85%, porcentagem que subiu para 43,9% em 1992 (MARIUCCI; NALESSO, 2006).

Conforme Granada, quando a mulher retornou ao mercado de trabalho, aumentou seu poder aquisitivo, reviu sua postura frente ao casamento e solidificou seu poder decisório. Esta explicação apontou uma consciência genética a qual tem por fundamento a mudança, ou seja, o argumento de que os tempos mudam, pois não há uma negação total do passado (RÜSEN 2010 a), mas a compreensão de que a situação da mulher mudou.

Por outro lado, na fala:

> **se tu fores ver mantem-se os traços da época, a mulher ainda é subjugada**, **a mulher ainda para conseguir um espaço no mercado tem que comprovar muito conhecimento e além do conhecimento ela tem que estar sempre se atualizando e mesmo assim ela sofre discriminações** e ela nunca vai ter aquela mesma credibilidade masculina as vistas dos olhos da sociedade desde aquela época, que **claro era muito pior porque ela era vista como propriedade e não como um ser humano com direito de ir e vir e de se posicionar** (Granada, grifo nosso)

Granada relatou que a mulher ainda enfrenta circunstâncias de submissão, contra as quais empreende ações para reverter esses casos, com isso mostra uma

consciência histórica do tipo genética, a qual prevê a transformação de modelos culturais através do desenvolvimento e mudança para manter sua permanência (RÜSEN 2010 a). Portanto, orienta-se na vida prática conforme Rüsen (2010 a), de forma a aceitar pontos de vista distintos sua orientação, e transformar conceitos próprios a fim de manter sua autoconfiança.

A submissão feminina e a luta feminina foram os conteúdos apreendidos pela participante Ágata:

> **A mulher que é extremamente submissa, a mulher é um objeto e vem a figura de uma mulher tentando sair disso**. Alguns homens concordando com isso, mas a grande maioria não, a submissão da mulher é muito forte ali (Ágata, grifo nosso)
>
> Tem também **aquela questão da menina que luta muito, da Malvina, isso me chama atenção, a luta que a mulher teve para tentar conquistar um espaço igual, o que não é nada além de ter os direitos dela.** Isso, nessa novela, está muito relacionado com a história. Eu acho que **eu percebo mais as coisas da novela hoje pela própria novela e aliada ao fato de eu estar mais velha, pela minha experiência de vida, pelas vivências e por poder refletir sobre o que aquilo ali está te mostrando**. (Ágata, grifo nosso)

Na visão de Ágata, a mulher era tida como um objeto e em geral portava-se de forma submissa. Todavia, a participante destacou outro tipo de mulher, aquela que lutou pela igualdade de direitos entre mulheres e homens. Alegou que percebeu esta luta da mulher muito marcada nas cenas da telenovela.

Outro fato que observamos é que Ágata avaliou sua própria interpretação a respeito das cenas de **Gabriela**, atribuindo a sua interpretação a sua experiência de vida. Essa interpretação particular de si mesmo demonstrou que Ágata tem ciência de sua cultura histórica, a qual, segundo Rüsen (2010 b) é o campo em que o potencial de racionalidade atua na práxis da vida, configurando-se como o espaço em que o indivíduo interpreta o mundo e a si mesmo através da constituição de sentido das experiências temporais, incidindo diretamente sobre a consciência histórica. A partir disso percebemos aproximação temporal entre o passado representado na telenovela e o presente vivido:

> ...**infelizmente o que eu penso disso até os dias de hoje é que a mulher continua submissa, a mulher ainda é... exemplos que eu vou te dar: a mulher ainda é vista como menor, como menos, claro que como bem menos clareza, porque naquela época isso é escancarado**. **Ainda hoje, as profissões femininas são as que têm remuneração menor, tem menor importância digamos assim, as profissões que tem um predomínio do sexo feminino são aquelas que tem menos valor,** entre aspas, as professoras, as enfermeiras, são profissões predominantemente do sexo feminino e elas aparecem muito menos valoradas socialmente,

culturalmente (Ágata, grifo nosso)

Ágata demonstrou certa negatividade ao interpretar a situação da mulher na sociedade. Para isso, ela utilizou-se das cenas de **Gabriela**, que corresponderam a experiência do passado, ressignificando-as no presente a fim de determinar sua orientação (RÜSEN 2010 a). Para ela a mulher ainda está em posição de submissão social, principalmente no que tange ao mercado de trabalho. Ela demonstrou entender que a mulher se inseriu no mercado de trabalho. No entanto, alegou que profissões que são predominantemente femininas permanecem sendo menos valorizadas.

De acordo com a historiografia recente isso é histórico, pois segundo Mariucci e Nalesso (2006), em 1941 a legislação vigente permitia menor remuneração às mulheres, sendo que elas poderiam receber de 10% a menos que os homens. Outro dado apontado por esses autores é que as mulheres são mais qualificadas profissionalmente, porém permanecem tendo salários inferiores ao dos homens, sendo que 71,3% da população feminina têm renda inferior a dois salários-mínimos e só 9,2% da população feminina ativa recebem valores que ultrapassam a cinco salários-mínimos.

Na interpretação de Ágata percebemos uma consciência histórica do tipo exemplar, a qual tem como ponto-chave as regras, onde as experiências do passado se apresentam como regras gerais de conduta humana (RÜSEN, 2010 a). Diante disso, revelou-se sua orientação na práxis da vida, por meio de um sentimento de impotência e, até mesmo, de crítica à desigualdade e a falta de reconhecimento da mulher no mercado de trabalho.

Na narrativa de Ametista podemos perceber como a mulher se portava no sistema coronelista: "**A mulher que muda, que cansou de ser submissa, como a Malvina que é diferente das outras mulheres dos coronéis que eram submissas**. Aquilo ali era uma cultura, mas cultura aceita" (Ametista, grifo nosso). Ametista destacou três tipos de mulheres baseados em seu comportamento: a mulher submissa, a mulher insubordinada e a mulher que manda, sendo que este último tipo foi apresentado na próxima fala:

> **A Dorotéia também tem um poder de mando na cidade, talvez por estar envolvida com essas questões morais ela influencia as outras mulheres** como um exemplo no ideal de vida, ela era a mulher ideal da época. **Eu diria que ela chega a ser tão importante quanto um coronel, não influencia diretamente na política, mas tem influencia na estrutura,**

> **porque diz com quem os netos podem casar ou não** (Ametista, grifo nosso)

Percebemos que Ametista apenas apresentou as mulheres que considerou submissas, ligando-as imediatamente a figura dos coronéis, tal qual as que considerou como insubordinadas. No entanto, descreveu a personagem Dorotéia como detentora do poder de mando. Também destacou que esta mulher tinha a capacidade de influenciar o comportamento das demais mulheres e indiretamente a politica local, pois determinava os arranjos matrimoniais. Como já mencionamos no capítulo três, o casamento era uma forma de aumentar a parentela e solidificar as relações parentelares. Assim, sob a perspectiva da parentela manter uma relação de fidelidade com o coronel entendemos a lógica de raciocínio de Ametista.

Compreendemos a sua narrativa como uma forma de recuo histórico, onde houve a compreensão do conteúdo histórico, ou seja, a situação da mulher na sociedade, além do acréscimo de um novo saber a cerca da mulher: o sujeito (mulher) em posição de mando. Diante disso, conforme os estudos de Rüsen, podemos considerar a operação mental da experiência como satisfeita.

Na próxima fala Ametista relacionou a telenovela a sua experiência familiar.

> **Eu acho que a novela representa o que se viveu naquela época**, e que **nossas famílias passaram por alguma coisa semelhante**. **O pai mesmo nunca deixou a mãe trabalhar,** era cultura da época dele, "não quero que tu trabalhes", e **ela se submetia**, isso era cultural. **Isso a gente não consegue ver naturalmente, mas sabe que aconteceu** (Ametista, grifo nosso)

Neste momento, Ametista evidenciou um ganho no seu processo de aprendizagem, pois mesclou temporalidades diferentes. Isto é, ela refletiu sobre seu passado histórico, representado pela memória de sua própria vivência, a infância (RÜSEN, 2012), aqui representado pela memória do pai não permitir que sua mãe trabalhasse e pela submissão da mesma ao marido. Observamos que a experiência da telenovela desencadeou o uso de três temporalidades, a do coronelismo representado na telenovela, a da infância do próprio participante e a da atualidade. Sobre isto, Rüsen (2012), afirmou que há um aumento no processo de aprendizagem de forma qualitativamente ao se perceber que dentro da temporalidade do passado são percebidas outras temporalidades próprias, visto que cada época tem o seu próprio perfil.

A partir disso, Ametista revelou sua consciência histórica, como genética, pois entendeu a situação da mulher no passado, mas disse que não consegue aceitar

naturalmente. Ou seja, Ametista não negou simplesmente a vivência da mulher no passado; para ela houve uma mudança cultural, que afetou os padrões de comportamento.

Na visão de Turquesa, a mulher do período coronelista era desfigurada socialmente:

> Então **a mulher tem essa figura oprimida, violentada que a gente pode pensar como uma personagem desfigurada socialmente.** Ela é desfigurada porque ela não tem o ressalte das suas características, **não é vista como mulher por suas características de indivíduo, mas como a mulher que dá o filho, casa, que obedece**, então é uma mulher que fica submissa ao seu marido, e é uma figura contemplativa. Ela **faz parte de um arranjo social, onde todas as coisas da sociedade tinham que estar alinhadas aos ideais masculinos** (Turquesa, grifo nosso)

Para ela a mulher era oprimida, não sendo reconhecida por suas características individuais. Tinha a função de progenitora, o que vem ao encontro da historiografia, pois como vimos no capítulo anterior o homem precisava de um herdeiro para passar seu legado. Os coronéis não fugiam a esta regra, já que os filhos faziam parte da parentela e estavam imediatamente abaixo do coronel, sendo, portanto, geralmente um deles o seu sucessor no mando da região. Logo, o papel social da mulher era de mãe e de esposa, devendo ser submissa ao marido, pois estava arrolada numa sociedade onde interessavam apenas os homens.

> ... **hoje em dia a mulher em si despontou para o mercado de trabalho, busca algo melhor bem diferente do que era antigamente, porque era uma mulher mais oprimida, mais submissa, só que ainda a gente vê que alguns salários são desparelhos se a gente comparar**, porque o homem sempre foi melhor em algumas situações na questão social. Hoje em dia deixa de acontecer isso aí**. Nesse período novo que está se instalando se percebe ainda vão se manter algumas coisas porque é difícil romper com alguns valores sóciais até porque esses valores sociais segundo algumas pessoas é que mantem a estabilidade** (Turquesa, grifo nosso)

Nesta fala iniciou sua interpretação histórica. Ou seja, através da expressão “hoje em dia”, Turquesa minimizou as diferenças temporais entre presente e passado para refletir sobre o presente e futuro tendo em mente a experiência da telenovela (RÜSEN, 2010 a). Revelou uma consciência histórica do tipo genética, pois não negou o passado. Entendeu que aconteceu uma transformação por meio do aumento da inserção da mulher no mercado de trabalho, e orientou-se externamente para aceitação de ideias diferente das suas, bem como para a mudança de seus próprios conceitos (RÜSEN, 2010 a), haja visto que algumas permanências do passado são tidas como responsáveis pela manutenção do

estabilidade social.

Pérola destacou que a vida da mulher era como foi representada na telenovela.

> **A vida da mulher era assim mesmo, como a da dona Sinhazinha**. Diz que o marido chegava, não fazia carinho, era frio assim, só valia para a cama e mais nada. **O homem mandava nos filhos, na mulher, na casa.** A mulher não mandava em coisa nenhuma, nem na casa, nem nos filhos. Isso mesmo é vida real até quase os dias de hoje bem dizer (Pérola, grifo nosso)

De acordo com Pérola a mulher era um objeto de satisfação do marido. Nos relacionamentos entre homens e mulheres não havia carinho, sendo ela, a mulher, mandada pelo marido, postura esta que persistiu até quase a atualidade. Ela citou outra passagem da telenovela envolvendo a mulher:

> ... o que acontece com a Lindinalva é que **o Berto faz ela se entregar para ele antes do casamento, mas a velha não deixa depois ele casar com a coitadinha a onde ela vai para uma cabaré** porque não tinha comida, nem ninguém para lhe dar uma mão. **É como te digo, moça naquele tempo se entregava e se descobriam não tinha mais amizade. Era como na novela, ela chegava nas portas, batia e ninguém atendia,** então o que elas iam porque não tinham mais nada iam parar nos cabaré como os da Maria Machadão. A Lindinalva não gostava do cabaré, de ser meretriz, então ela aguentou tudo que pôde; ai o irmão dele se apaixonou por ela e combinaram de fugir. Ai **ele quase matou ela dando nela porque ele a amava, ele não casou com ela por causa da avó, por causa da família** (Pérola, grifo nosso)

Neste momento, Pérola trouxe o tema da virgindade. Ressaltou que as moças que não se conservassem virgens até o casamento eram marginalizadas pela sociedade, ficando em total desamparo. Com isso, somente lhes restava aderir ao meretrício como forma de obter o próprio sustento.

Entre os anos de 1940 e 1960 as moças solteiras tinham sua honestidade definidas por três pilares: 1) condição ou reconhecimento social, 2) característica moral e 3) estado fisiológico. Logo, a mácula em qualquer um destes repercutia imediatamente sobre a honra da moça. Porém, “a ruptura do “selo” fisiológico era de longe o mais danoso, por ser considerado o seu único dote natural irreparável” (SANTOS, 2008, sp).

Nesta época, havia uma hierarquia da sexualidade, a qual determinava a postura e o destino sexual de cada gênero. A partir daí se constituiu que tanto homens quanto mulheres deviam portar-se de modo a não ultrapassar os limites socialmente prescritos a fim de ter um bom casamento. Nessa conjuntura, destacava-se o desejo dos homens em precipitar as relações sexuais, os quais eram

confrontados pela obsessão da virgindade das moças, momento em que eles ultrapassavam os limites argumentando sobre a necessidade da comprovação da virgindade da parceira, ou pediam a ela a “prova de amor”. Após a cedência da moça surgiam dúvidas sobre sua postura moral, pois seria arriscado casar-se com uma mulher que se revelou fácil (SANTOS, 2008).

Observamos que Pérola aprendeu o conteúdo histórico da telenovela e mais uma vez ressaltou fatos que podem ter passado despercebidos pelos outros participantes, o que nos fez novamente refletir sobre o nível de atenção que dedicou a narrativa histórica presente em **Gabriela**. Deste modo, é relevante pensar que o aprendizado histórico é estimulado por necessidades de orientação de indivíduos ativos e passivos, quando submetidos a experiências desconcertantes, onde se deve lembrar o fascínio que o passado exerce sobre os sujeitos (RÜSEN, 2010 a), fato este que explicou a apreensão detalhada por Pérola de fatos históricos representadas na trama de **Gabriela**.

A seguir Pérola apresentou um contraponto com o passado.

> **A mulher que está diferente, não tem mais a mesma necessidade de casar. Hoje eu vejo a mulher liberal, é dona de si**. Ela não aguenta mais desaforo de homem, hoje uma menina com 13 anos já é mulher, Deus nos livre que naquele tempo já fosse, com treze anos muitas já são mães. **Hoje a mulher é liberal, hoje ela manda na sua vida, não aguenta desaforo de homem, desse jeito muitas não querem casamento porque não querem ser escravas de homens** (Pérola, grifo nosso)
>
> **Os interesses das mulheres estão voltados para outras coisas.** Tu vê minha filha, **hoje elas estão na marinha, no exercito, na brigada, estão em tudo isso aí. Então se a mulher está em todos esses lugares ela é dona de si como o homem também é**, e se tu pensar isso era só dos homens, antes os homens mandavam e hoje elas até mandam nos homens. **Teve uma evolução muito grande da mulher na sociedade, até na política** (Pérola, grifo nosso)

Relatou que a mulher está diferente. Não tem mais a necessidade de casar, pois não quer se submeter às vontades masculinas e deixar de gerir a própria vida. Ela se colocou em diferentes funções antes somente permitidas aos homens e, com isso, conquistou um espaço igual ao dos homens. E concluiu dizendo que houve uma evolução da mulher, porque ela esta se destacando inclusive na política. Diante disto, percebemos que a participante comparou presente e passado, logo atribuiu novo significado a experiência vivida por meio da representação da situação social

da mulher na telenovela. Para ela houve uma evolução, uma transformação da situação social da mulher.

Conforme Rüsen (2010 a), a consciência histórica expressa sua função de orientação na narrativa histórica. Assim, classificamos a narrativa histórica de Pérola como genética, pois de acordo com os pressupostos de Rüsen, a participante apresentou uma retomada do passado e não a sua pura negação. Para a participante houve a percepção de uma evolução, ou seja, uma reconstrução do papel social da mulher de modo a alcançar padrões mais aceitáveis.

Zircônia relatou que "**Naquela época se a mulher se entregasse antes do casamento, ela ficava mal vista e falada, não tinha mais para onde seguir, que rumo tomar depois de dar esse mau passo**, vamos dizer assim" (Zircônia, grifo nosso). A participante explicou que no período estudado a virgindade era de suma importância para a mulher, por que, caso não se guardasse para o casamento seria mal vista socialmente. Neste ponto, observamos que Zircônia partilhou o mesmo conhecimento de Pérola. Ou seja, o conteúdo histórico exibido por meio das cenas de Lindinalva e Berto foi apreendido pelas participantes de modo que ambas compreenderam que as cenas da telenovela representaram o comportamento social esperado para homens e mulheres num período de tempo diferente do atual, fato que denotou a operação mental da experiência.

> Outra coisa**, a mulher ter filhos era uma imposição, acho que a mulher que não tivesse filhos era excomungada pelo marido, porque essa que não tinha filhos não era digna de ser esposa**. Mas hoje é diferente existem vários recursos. **Eu fiz vários tratamentos para engravidar das meninas e sei te dizer foram 13 anos de luta porque a gente queria, o casal,** nunca foi um só (Zircônia, grifo nosso)

Sua narrativa seguiu explicando que a mulher ter filhos era uma imposição social, uma vez que sua função era a de progenitora, ideia esta já mencionada por Turquesa. Isso mostrou que alguns participantes construíram saberes semelhantes, o que nos levou retomar a ideia de que o aprendizado histórico está relacionado a carência de orientações para vida prática (RÜSEN, 2010 a), fato que evidenciou a preocupação dos participantes com a maternidade.

Na mesma fala Zircônia apresentou uma redução temporal entre presente e passado na expressão "Mas hoje é diferente" demonstrando uma comparação entre presente e passado. Ela explicou que a mulher gerar o filho não é mais uma imposição da sociedade, mas um desejo partilhado pelo casal.

Relatou também que se existem dificuldades para engravidar, atualmente pode-se contar com o avanço da ciência médica, pois existem tratamentos. Ocasião esta, em que citou sua própria experiência, ou seja, buscou no seu presente histórico o exemplo: de procurar na ciência médica tratamento para infertilidade, para explicar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Isso mostrou um aumento no processo de aprendizagem, uma vez que Zircônia pelo processo da memória pôde "reviver" as mudanças que ocorreram ao longo tempo (RÜSEN, 2012). Fato que veio a corroborar na sua orientação para a vida prática.

> **Hoje a mulher é criada diferente, aqui em casa nós fizemosquestão que as nossas filhas estudem, que tenham como sobreviver independente ou não de casarem,** nos botamos na cabeça deles de estudarem, porque o estudo é para eles mesmos e não para nós. **Eu vivo esse outro lado que eu vivi na minha infância, a sexta série era de noite e meu pai dizia que as filhas dele não podiam sair de noite**. Agora **com as minhas filhas eu noto que o meu marido dá muita força para elas estudarem**. A de 17 anos já está no cursinho para fazer o ENEM, já com meu pai era a 5ª série e as meninas já não estudavam mais e era só dobrar a esquina e estava no Mascarenhas(colégio), meu pai não nos deixava estudar, ele criou sete filhas para casar. **A mulher que não casava era mal vista, não saia de casa na época dos coronéis, na minha época já era difíci**l (Zircônia, grifo nosso)

Nesta fala Zircônia explicou que a mulher de hoje é criada diferente. Destacou que em sua casa a educação é incentivada, coisa que lhe foi negada na infância e que, portanto, vive atualmente uma experiência distinta da que viveu na infância, momento em que teve que abandonar a escola por imposição do pai. Notamos que Zircônia reafirmou sua ideia de mudança e suportou novamente seu entendimento a cerca da mudança social na própria experiência, ou seja, nas recordações de sua própria história. A participante comparou sua vivência passada com a atualidade e apresentou a partir daí uma consciência histórica aprimorada pela sua própria experiência no tempo, bem como sua orientação para a vida prática, através da oferta de uma educação diferente as suas filhas.

É importante salientar outra vez que Zircônia mostrou uma narrativa do tipo genética, visto que jamais negou o passado. Ao contrário, baseou-se nele, para mostrar a evolução, a transformação na mentalidade social e, a partir disso construir sua orientação para o presente e o futuro (RÜSEN, 2010 a).

Na concepção de Turmalina a tradição ainda dita as regras:

> ... **mantem os preceitos religiosos, do poder, do casamento. Na minha percepção a filha se apaixona, mas não pode dar vazão aos seus sentimentos porque está atrelada a esses preceitos,** por exemplo, no meu caso porque eu não podia ter outra profissão? **Eu queria ser**

> **aeromoça, minha mãe era professora e meu pai me forçou a fazer direito porque advogado ganhava mais e eu acabei fazendo direito não para isso, mas para agradar meu pai porque eu queria agradar meu pai.** Então você abandona seus sonhos para contentar o pai. **A gente acaba se submetendo a coisas porque brigar com o sistema é muito doloroso** (Turmalina, grifo nosso)
>
> **hoje as coisas são estranhas, se vê meninas com velhos acabados, pois ao invés de no passado, terem dinheiro e não terem amor, hoje elas querem dinheiro e não querem o amor**. **Ao invés de a mulher ser ensinada a casar para viver a sua vida, ser feliz, parece que regredimos e ela foi ensinada a casar com quem possa sustenta-la** e dar tudo de bom e do melhor (Turmalina, grifo nosso)

De acordo com Turmalina a mulher ainda se submete em função da manutenção de preceitos tradicionais, pois seria muito difícil ir contra o que está posto, como o respeito à vontade do pai. Para isso, ela citou sua experiência pessoal, pois se submeteu no momento da escolha profissional a vontade do pai. Alegou também que há pouco tempo atrás a mulher desejava o amor no casamento e hoje ela deseja apenas alguém que a sustente, porque está sendo ensinada para isso. Diante disso, entendemos que a participante vê a situação atual como um retrocesso. Ela experienciou o passado e transportou o conteúdo aprendido para atualidade, comparando o comportamento da mulher do passado com o da atual. Percebeu então, que muitas mulheres estão andando na contramão, pois estão abrindo mão de suas conquistas, e voltando a ter um comportamento semelhante ao do passado, como forma de satisfazer suas necessidades.

> **Antigamente era difícil de se ver mulher trabalhando**, e eram poucos nichos em que existiam mulheres trabalhando então **puxando mais para o inicio do século, as imposições que existiam do pai ou do marido de acordo com o que eles quisessem,** sem um pensamento próprio era o normal da época (Citrino, grifo nosso)
>
> Para a parte politica a e social, **a mulher era um troféu do marido, algo que ele apresentaria para a sociedade,** como uma boa mãe, uma boa cozinheira, bonita, nunca uma pessoa com ideias próprias, mas que estivesse ali só pra posar do lado do marido (Citrino, grifo nosso)
>
> Uma coisa que **me chamou a atenção foi o bordel, pois naquela época, as prostitutas eram algo aceito.** Socialmente, elas não podiam entrar em certos lugares, eram discriminadas e a mulher, esposa, não podia fazer algumas coisas que eram de prostitutas, então, **era necessário um bordel para os coronéis**. Existiam algumas regalias e vantagens para as prostitutas se manterem no local (Citrino, grifo nosso)

Citrino iniciou sua fala mostrando que existe uma diferença temporal entre a época representada na telenovela e o momento atual. Citrino entendeu que a mulher era vista pelo homem como um objeto de ostentação social, estando restrita ao lar, por imposição masculina, situação que não questionava. Destacou que havia

prostitutas, as quais eram necessárias devido às convenções sociais da época, e que mesmo sendo aceitas eram impedidas de circular livremente, já que não podiam frequentar determinados lugares.

Sob a ótica do patriarcado brasileiro edificou-se que a mulher seria um sujeito restrito ao lar, onde suas tarefas consistiriam em cuidar da casa, dos filhos e do marido, mantendo-se sempre e totalmente submissa a ele (FOLLADOR, 2009).

No entanto, existiram mulheres que fugiram a este padrão. Conforme este mesmo autor, algumas mulheres pobres e marginalizadas sobreviviam e sustentavam suas famílias se prostituindo. Estas mulheres eram consideradas um "anti-modelo" da mulher-mãe, porém os homens as viam como um "mal necessário". A sociedade as aceitava porque as famílias ricas e a Igreja viam no seu ofício uma forma de proteger a sexualidade das virgens de boa família. Além disso, as prostitutas também tinham a função de iniciar sexualmente os varões das famílias abastadas (FOLLADOR, 2009).

A ideia de Cirino em relação às mulheres está em acordo com a historiografia. Vale destacar também que Citrino construiu o saber sobre a mulher em situação de prostituição, sendo este um dado novo. Este dado não integrou as narrativas das participantes anteriores o que nos levou a confirmar a ideia de Rüsen (2010 a) sobre o aprendizado histórico, pois este ocorre de forma a sanar uma carência de orientação do aprendiz. A partir disso ele interpretou o presente:

> **Hoje, apesar de não ter a visão da mesma liberdade dos homens, já há uma liberdade bem mais aberta para as mulheres.** Mas, **ainda se tem a visão de que se o homem dormiu com dez mulheres, ele é o cara, e se a mulher dormiu com 10 homens, ela é uma vadia.** Isso eu até acho que é culpa da educação que foi dada a mulher, pois **em muitos casos de a mulher não estar satisfeita com o casamento, ela fica nesse casamento, pois não teria condições de sair de dona de casa para uma mulher de trabalho** (Citrino, grifo nosso)

> **Hoje a sociedade mudou, e o que prova isso é, num estado considerado machista, ter uma mulher como governante**. Isso vem da própria mudança de cultura e a mulher já tem um nicho bem maior dentro do governo. **O mercado de trabalho mudou a ponto de que só com o salario do marido, seja muito difícil de manter uma família sem um salário extra, ou seja, o da mulher que vai para o trabalho** (Citrino, grifo nosso)

Para Citrino, atualmente há mais liberdade para as mulheres, mesmo que ainda seja inferior a dos homens. Isso foi demonstrado pelo estigma que se criou no que se refere à liberdade sexual, ele é o "cara" e ela a "vadia", conforme o numero

de parceiros que tiverem. Assim, entendemos que culturalmente ainda é desejado o recato para a mulher. No entanto, Citrino percebeu que houve uma mudança social no que tange à mulher, pois hoje ela integra o mercado de trabalho já que a renda do marido não é suficiente no sustento da família e ocupa altos postos onde tem poder de decisão superior ao dos homens, sendo a prova disso à mulher ter entrado e crescido na política aponto de ocupar o maior cargo de gerência do país.

Diante disso, percebemos uma consciência do tipo genética, pois nesse modelo "a memória histórica prefere representar a experiência da realidade passada como acontecimentos mutáveis, nos quais as formas de vida e de cultura distantes evoluem em configurações modernas mais positivas" (RÜSEN, 2010: 69). Ou seja, as cenas da telenovela, aqui tidas como a experiência passada, foram entendidas pelo participante como eventos passíveis de mudança, onde a forma de vida da mulher evoluiu para um padrão mais aceitável.

Como Citrino, Ônix também deteve sua atenção sobre as mulheres em situação de prostituição:

> **A mulher nessa época, a mulher era unida aos coronéis: esposa, empregada, ou moradora da região, ou então ela era uma prostituta (mulher da vida),** ou era um tipo ou outro, pois não existia um meio termo (Ônix, grifo nosso)
>
> **na época, se a mulher não dava muito carinho para o homem, iriam para um bordel**, e quanto **a discriminação, não era entre os homens, mas sim entre as mulheres, que tinham inveja umas das outras**. No pensamento delas, eram formados grupos, um grupo de elite, que era o grupo discriminador, e o grupo que tinha uma classe mais baixa, o grupo discriminado (Ônix, grifo nosso)

Ônix afirmou que os homens procuravam as prostitutas em função do próprio relacionamento entre marido e mulher, pois na sua visão não havia carinho entre o casal. Ele também relatou que havia discriminação social, mas a discriminação não vinha dos homens e, sim, das mulheres de família, pois estas teriam inveja das prostitutas, e, seguiu sua narrativa abordando o casamento.

> **Elas sentiam a necessidade de casar, pois seriam melhores aceitas na sociedade**, mas para o pensamento delas **não era a solução só o casamento e ali começava a revolução das mulheres**, por mais liberdade, para estudar, trabalhar e separar de seus maridos, aí as mulheres que foram mães solteiras, que traziam uma problemática para a sociedade **começaram a ter mais espaço e a mulher foi se liberando daqueles que oprimiam elas** (Ônix, grifo nosso)

O participante relatou que as mulheres tinham anseios de casar, por que teriam maior reconhecimento social. Mas, após conquistar o direito de escolher seus

maridos, as mulheres passaram a trabalhar, estudar, se fizeram mães solteiras e se tornaram um problema social, fato que culminou na mudança da mentalidade social.

Observamos que o participante percebeu o distanciamento temporal entre as cenas representada em Gabriela e o presente, ou seja, ele mostrou-se capaz de reconhecer as diferenças temporais. Da mesma forma identificamos saberes na fala de Ônix que são condizentes com a historiografia, ao mesmo passo que os saberes se assemelharam aos destacados por Citrino, de modo que podemos inferir que suas carências de orientação são semelhantes. Também podemos considerar as narrativas de Citrino e Ônix de cunho histórico, pois "Histórico, significa aqui que o passado é interpretado, com relação a experiência, no constructo próprio a uma história e que essa interpretação passa a ter uma função na cultura contemporânea" (RÜSEN, 2010 c: 154). Com isso, entendemos que os participantes compreenderam o conteúdo da telenovela e entenderam que houve uma transformação cultural ao longo do tempo.

4.2 Violência

A violência foi um saber amplamente ressaltado pelos participantes da pesquisa. Esteve presente na questão eleitoral e na social, instância esta que se debruçou sobre o sujeito feminino. Voltamos então a destacar que usamos a definição de violência concebida por BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO. Ainda segundo estes autores, "... Exerce Violência quem tortura, fere ou mata; quem, não obstante a resistência imobiliza ou manipula o corpo de outro; quem impede materialmente outro de cumprir determinada ação. Geralmente a Violência é exercida contra a vontade da vítima..." (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998: 1301). Diante disso, entendemos que o conceito de violência foi apreendido pelos participantes e percebido como uma constante na vida de algumas mulheres representadas em **Gabriela**.

De acordo com Jade:

> O Jesuíno também foi importante porque mostrou como a **mulher tinha que ser submissa**, no caso a ele. No relacionamento dele com a dona Sinhazinha o homem mandava e **a mulher tinha que ser submissa, ela só estava ali para servir o homem**, por consequência ela traiu ele, por falta de amor, de atenção. Mas, aí mostra que ela não era totalmente submissa. Então **ele a matou** e lá entre eles, tanto que os coronéis defenderam ele, e a Dorotéia que o fez descobrir a traição achavam que era normal ele lavar a

> honra dele com a morte dela, que era um direito. **A mulher não podia trair e o homem podia matar por ela era uma propriedade dele**. (Jade, grifo nosso)
>
> No final da novela **a Malvina foge, e, isso é uma forma de subversão, de buscar a mudança**. Foi o momento que **ela se libertou**, porque **ela nunca aceitou aquilo ali**, tanto que **ela vivia apanhando do pai**. Ela não baixava para ele tanto que **ela sabia que ia apanhar, mas ela fazia o que ela achava que era certo para ela** (Jade, grifo nosso).

Para Jade a mulher era tratada de forma desigual pelos homens no período representado. Eles empreendiam ações violentas contra aquelas que não se submetiam a sua vontade, ou que realizavam atos que feriam sua honra, como é o caso de Dona Sinhazinha citado pela participante. Jade revelou que o personagem Jesuíno foi importante porque permitiu ver como devia se comportar a mulher na época coronelista. Desse modo, Jade teve uma experiência histórica, pois esta é "principalmente a experiência da diferença no tempo" (RÜSEN, 2010 a: 85), e isto repercutiu sobre seu aprendizado, pois denotou a realização da operação mental da experiência.

Jade seguiu sua narrativa e comparou presente e passado:

> **Ainda por dependência emocional eu acho que a mulher se submete hoje ao homem como a Lindinalva ... A mesma coisa é o que aconteceu com a dona sinhazinha.** Parece que a sociedade está regredindo ao tempo da novela, mas por motivos diferentes**. Os homens pensam assim: eu não aceito, ou tu ficas comigo, ou não ficas com ninguém. Não é mais aquela questão de lavar a honra, mas a posse. Eu estou vendo que os homens não aceitam o fim do relacionamento. E está acontecendo cada vez mais.** A questão não é nem por traição, mas simplesmente por não aceitar que a mulher deixe-os. Eu acho que quanto mais a gente evolui na tecnologia e em outros sentidos, parece que o homem está regredindo e isso há pouco tempo não tinha (Jade, grifo nosso)
>
> **Hoje estão acontecendo as mesmas ações de violência, mas por outros motivos**. Na novela **ele matou porque lavou a honra, porque tinha toda uma sociedade que ele tinha que satisfazer, mas hoje a violência ocorre pela possessividade.** (Jade, grifo nosso)

Nesta fala ao comparar ações praticadas no presente, Jade evidenciou sua interpretação, pois reduziu "as diferenças de tempo entre o passado, presente e o futuro, através de uma concepção de um todo temporal..."(RÜSEN, 2010 a: 60), no qual conseguiu decodificar a mensagem exibida na telenovela e percebeu uma mudança cultural. Deste modo, caracterizamos sua consciência como crítico-exemplar, visto que ela percebeu a evolução cultural através do tempo o que foi retratado na fala "ele matou porque lavou a honra, porque tinha toda uma sociedade que ele tinha que satisfazer", entendendo que era cultura da época. Já na fala "mas

hoje a violência ocorre pela possessividade" ela afirmou que a violência contra algumas mulheres ainda é a regra, pois ela acontece em determinados casos. Para ela a violência é a regra, apenas mudou o motivo.

Para Esmeralda e Turquesa a atualidade se mostra um pouco diferente. Esmeralda reconheceu a violência contra a mulher na fala: depois que **o Jesuíno matou a esposa,** ele buscou casar de novo porque ele queria filhos e **a Sinhazinha não tinha filhos e isso era um problema na época** (Esmeralda, grifo nosso). E Turquesa trouxe a seguinte narrativa:

> **A mulher não tinha voz, ela não era um sujeito pensante**. Ou então, por mais que ela **demonstrasse pensar e querer despontar socialmente, ela era mal vista pela sociedade**. **A violência era uma forma de manter essa mulher calada, de subjugar seus direitos,** era uma forma de fazê-la entender que o casamento era a coisa mais importante, então na escala social ela sempre ficava abaixo do homem. **Essa violência era uma forma coercitiva que eu posso até comparar com a violência eleitoral. Então, existia tanta violência contra a mulher naquele período porque ela não tinha vez, não tinha voz, não tinha leis que a protegessem porque a sociedade retratada era predominantemente paternalista, masculina. Esses homens faziam leis para defesa de si próprios, desse modo a mulher não tinha nenhuma representatividade na sociedade**, assim a violência era com certeza uma forma de opressão (Turquesa, grifo nosso)

No entanto, nas próximas falas, Esmeralda e Turquesa revelaram uma visão que a atualidade é diferente:

> **... hoje existem leis, uma punição prevista para quem desrespeita essas leis, o que antes não existia**, pois **era possível matar em prol da honra... a sociedade hoje esta tentando mudar algumas coisas, com a punição aos agressores**, mas não podemos negar que **a existe bastante violência dirigida a mulher**. Eu acredito que naquele tempo as mulheres sofreram muita violência, como foi mostrado na novela (Esmeralda, grifo nosso)
> **... a mulher ainda sofre muita violência calada, por medo , por submissão, por dependência financeira, dependência afetiva**. Acho eu **essa violência está muito aflorada, acho que estão existindo mudanças, mas que ainda é um passo muito pequeno, porque hoje mesmo tendo a lei Maria da Penha, a mulher ainda é agredida porque não há um policial 24h na porta dela**, ai o marido volta e executa o queria fazer antes, alguns se intimidam, mas outros não. Eu **acho que violência ainda está muito forte, mesmo tendo leis que intimidem** (Esmeralda, grifo nosso)
>
> **Hoje ainda tem violência contra a mulher** até porque como mostrava a novela, uma visão paternalista masculina, **hoje o homem percebeu que tem muito mais mulheres no mercado de trabalho**. A mulher está desenvolvendo algum produto, **ela está conseguindo ficar páreo a páreo com o homem, para ele isso é uma forma de perda e ainda se mantém a tentativa da manutenção do homem como superior na sociedade,** então é muito mais fácil agredir essa mulher porque dessa forma talvez eu pare ela, **não deixa de ser uma forma de calar o outro... Hoje a gente vê campanhas que querem definir qual a roupa que a mulher tem que**

> **usar, mas em afronta se vê outras, que mostram o rompimento com aquele tempo**, como essas que estão circulando na internet, aquelas que as mulheres apareceram nuas e colocaram dizeres que não mereciam serem estupradas, e a própria lei Maria da Penha. A televisão também surge como um ícone para que as mulheres e não só elas, mas **a sociedade como um todo, possam demonstrar esses micro rompimentos que são os geradores da mudança** (Turquesa, grifo nosso)

Nas narrativas de Esmeralda e Turquesa observamos a competência para integrar as ações violentas contra a mulher, "em um conceito de tempo que une aquele antigo período com o presente dando uma significação de peso histórico" (RÜSEN, 2010 a: 60) para as ações de violência de homens para com as mulheres. Ou seja, elas compararam as ações de violência praticadas no passado com as atuais e conceberam uma mudança mediante o destaque que deram a existência de leis que antes não existiam e ao fato da sociedade buscar a punição dos agressores. Isso se caracterizou como a "evolução do direito de uma forma pré-moderna a moderna" (RÜSEN, 2010 a: 60). Com isso, Esmeralda e Turquesa negaram a validade da ação violenta contra a mulher sem maiores efeitos, pois hoje existe uma legislação que protege a mulher.

Neste ponto, Esmeralda e Turquesa citaram a Lei Maria da Penha, a qual:

> ... cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. (BRASIL, Art. 1, 2006)

Diante disso, entendemos que houve uma transformação na legislação brasileira, pois o poder público buscou erradicar a violência contra a mulher estabelecendo medidas assistenciais e de proteção às mulheres que de alguma forma sofrerem violência, como foi mencionado por Esmeralda e Turquesa, fato que veio a corroborar na aprendizagem histórica de ambas, pois conforme Thompson (2009, b) as participantes decodificaram a mensagem midiática e resignificaram a experiência passada, de modo a conduzir sua consciência histórica para o tipo genético, pois evidenciaram um raciocínio moral onde "A mudança temporal se converte em um elemento decisivo para a validade dos valores morais." (RÜSEN,

2010: 63). Assim, a questão da validade da violência contra a mulher perdeu o seu valor e deu lugar a outra forma de comportamento.

Ônix também destacou a violência e o assassinato.

> **A novela representa bem a época do coronelismo por retratar a agressão à mulher, que era um tanto desvalorizada**, era tratada como um objeto pelos coronéis.... naquela época **eles trancavam a mulher na fazenda, pois achavam que se houvesse contato somente com os empregados, não haveria traição**, e ela traiu ele. Naquela época, **ele matou ela para defender a própria honra,** em defesa da honra dele, ele assumia que havia matado a esposa, e **existia uma conivência na justiça, e a lei era burlada** (Ônix, grifo nosso)

Ônix entendeu que a mulher era um ser desvalorizado e visto como um objeto pelos coronéis. Era restrita ao lar, pois para os homens da época a vida pública poderia oportunizar relacionamentos. Contudo, dona Sinhazinha, esposa do coronel Jesuíno, o traiu. Sua morte, segundo o participante, foi tratada como crime de morte, aceito socialmente como forma de defender a honra. Mas, aqui surgiu um dado que diferenciou sua aprendizagem da dos demais participantes, pois ele afirmou que a lei na época era burlada, já que havia uma conivência da justiça. Destacamos que para o participante o crime de honra no período representado na telenovela já se constituía como uma ilegalidade. Diante do exposto, inferimos que o participante tinha conhecimento sobre uma legislação que buscava coibir este tipo de ação.

De acordo a literatura científica, entre 1910 e 1940 era comum os homens vingarem sua honra manchada através do assassinato das mulheres que haviam cometido os chamados ‘crimes de amor’. A parir de 1910 surgiu uma campanha contra esses crimes que perdurou até 1930, a qual acompanhou uma grande preocupação social, pois os referidos crimes, mesmo que não fossem um fenômeno novo, tornaram-se ameaçadores. Outro fato, é que as próprias mulheres começaram a investir sobre seus agressores (BESSE, 1989)

Então, em 1940, a campanha surtiu efeito e o código penal foi revisado. Desse modo, a emoção e a paixão deixaram de ser considerados atenuantes da responsabilidade criminal (BESSE, 1989). No entanto, esse mesmo autor revelou que os advogados encontraram uma brecha para burlar a lei alegando que seus clientes eram honestos e não se constituíam em um perigo para a sociedade. Com isso, os assassinatos continuaram ocorrendo sem que houvesse muita repercussão (BESSE, 1989). Assim, o saber construído por Ônix se sustentou historiograficamente.

> **Hoje a mulher conseguiu um espaço muito grande na sociedade**. Naquela época, **os homens pensavam que ao casar, teriam as mulheres como sua propriedade, coisa que ainda existe muito hoje em dia**. **Hoje ainda existe violência contra a mulher, isso algumas vezes existe nos casos de quando a mulher estuda ou trabalha, pois se um estuda, dificulta o espaço de vida do outro, e vai trabalhar, e o homem não sente seguro quando sua mulher não fez o serviço, pois se foi uma empregada, não foi a mulher**. **Isso vem da educação do homem, uma cultura que todo homem tem dentro de si.** Alguns praticam essa cultura ao pé da letra, mesmo que sem o conhecimento, mas praticam. Hoje existe violência, às vezes batem nas mulheres, e existe um desnivelamento total só que **atualmente, as mulheres tem mais poder, e escolhem o que querem e não querem fazer, mas o homem não aceita isso, por ter desenvolvido um pensamento de domínio** (Ônix, grifo nosso)

Para o participante a mulher conseguiu um espaço na sociedade atual, porém a postura dos homens da época ainda se faz presente no comportamento de alguns homens. Ônix colocou a violência como um fator educacional, sendo que os conflitos desencadeadores estão ligados às práticas cotidianas conquistadas pela mulher, como estudar e trabalhar. Para ele, o homem não aceita os avanços conquistados pelas mulheres porque ainda tem em mente o domínio sobre as mesmas.

> **Os casos de violência contra a mulher, eu conheço por parte de experiência com familiares, e sei que esses casos diminuíram muito hoje, mas, uma mulher que tenta denunciar um agressor, volta atrás por necessidade, por querer estar com o agressor, e se sentir com medo, ameaçada**. Desse modo, elas se retraem, e ficam em uma zona de conforto, pensando que está ruim com ele, mas sem ele ficaria pior. Essa zona de conforto acostuma, mesmo apanhando, sendo surrada... **Hoje os homens são julgados,** pelos vizinhos pela morte da esposa, da companheira, **então o homem tem medo, pois ele terá de pagar na justiça, pois a lei é cumprida, e não burlada como antigamente** (Ônix, grifo nosso)

Ele alegou que os casos de violência contra a mulher diminuíram, saber este edificado mediante experiência com seus próprios familiares. Destacou também que mesmo a mulher tendo condições de sair desta situação de violência doméstica, permanece sendo agredida, para continuar com o parceiro que a agride, pois mesmo seu lar sendo um ambiente violento se constitui como zona de conforto. Ele revelou ainda que hoje os homens têm medo da lei, pois ela é cumprida.

Em sua narrativa notamos a apreensão dos fatos do passado e o uso de saberes próprios para decodificá-los, revelando que a mensagem exibida pela mídia é decodificada de forma distinta pelos receptores, pois estes a interpretam de acordo com a sua cultura (THOMPSON, 2010 b). Logo, a construção do saber embasado na telenovela esteve vinculada ao conhecimento das leis do passado. Percebemos também sua compreensão sobre uma transformação dos padrões sociais. Porém,

para o participante, a violência, mesmo que em menor escala permanece como uma regra para alguns homens e que isso provém de uma cultura que visa dominar a mulher e que rege o imaginário de alguns homens.

Ametista, Pérola e Citrino mantiveram a linha de pensamento de Ônix referente à legalidade da punição com a morte as mulheres adúlteras, conforme as falas a seguir:

> Era assim mesmo, **a mulher que era adultera tinha que pagar, era normal a mulher apanhar do marido**. **Até a cena que eu me lembro, quando o Jesuíno, ele a mata, ele vem descendo as escadas todo mundo esta ali assistindo e ninguém fala nada**. Até a Dorotéia acha muito bem feito ... A própria **mulher sofria violência, era permitido ao homem o direito de matar, de bater** (Ametista, grifo nosso).

> **Ele matou e todo mundo sabia**, até o pai da moça, todo mundo na cidade sabia. Só que **todo mundo achava que ele estava certo, tanto é que ele não foi preso, só depois. Ele lavou a honra, matando ele teve honra de novo, naquele tempo era assim mesmo** porque **Deus nos livre de uma mulher trair um homem**, agora o homem podia trai a vontade (Pérola, grifo nosso)

> **Antigamente lavar a honra com sangue era quase que uma lei, um homem traído, poderia ter o nome com honra, e para isso devia matar a mulher. Considerar isso crime era uma nova politica, era como se hoje pegássemos algo permitido na sociedade, quase como uma lei, e fosse proibido da noite para o dia.** Eles pensavam naquilo como um absurdo. Um juiz local estava coagido pelos coronéis locais, e não conseguiria agir de maneira justa e pessoal, pois a segurança dele e da família estaria em risco por tomar a decisão correta (Citrino, grifo nosso)

Para Ametista, Turquesa e Citrino, na época representada na telenovela era cultural o homem traído assassinar suas esposas, pois isso era aceito socialmente. Ametista ressaltou que até as mulheres viam com naturalidade essa prática e Pérola revelou que isso era uma forma do homem lavar sua honra. Citrino lembrou a mudança do código penal e a aceitação social da nova lei. Ele explicou ainda que os juízes locais eram coagidos em suas decisões pelo poder dos coronéis.

Pérola seguiu sua fala refletindo sobre o presente:

> Minha filha **até hoje tem mulher que é espancada, que apanha do marido porque tem muitos homens que acham que tem direito de bater nas mulheres não sei se porque as mulheres não se dão o valor, se são muito humildes. Eu tenho impressão que é porque elas ficam muito humildes, que fazem tudo o que eles mandam fazer**: vem aqui, não vai ali, não faz isso, **então ele vai se achando como dono da pessoa**, posso fazer dela o que bem entender porque ela vai me aceitar sempre (Pérola, grifo nosso)

Diante das considerações dos participantes entende-se que ambos

demonstraram que aprenderam com a experiência da telenovela. Suas narrativas evidenciaram que “Eles compreendem sua identidade como desenvolvimento ou formação ao mesmo tempo, com isso, aprendem a orientar temporalmente sua vida prática” (RÜSEN, 2010 a: 46). Isso foi evidenciado quando houve a menção por Citrino de uma nova postura política em relação aos crimes contra as mulheres, tal qual a dificuldade de aceitação da mudança pela sociedade. No entanto, nem Ametista, nem Citrino demonstraram sua orientação prática. Apenas Pérola salientou que a mulher ainda sofre agressões nos casos em que se submete a vontade do homem se colocando na condição de propriedade do mesmo.

Granada relatou que “Jesuíno que representa bem a figura forte do homem dominante da família, onde **todos os dias praticamente ele estuprava a mulher, o estupro mostra a questão da mulher não ter vontade na relação sexual**. (Granada, grifo nosso). Nesta fala a participante destacou a violência sexual do marido com a esposa.

Em se tratando de coronelismo, a mulher nada mais seria que um objeto com identidade diferente da masculina que estava ali para satisfazer o homem. Assim, a mulher seria um ser do qual o homem se apoderaria, já que tinha uma anatomia diferente e complementar a sua no sentido do prazer. (SANTOS, 2006).

Diante disso, entendemos que no período coronelista o homem podia usufruir do corpo da mulher para sua satisfação sexual, pois esta nada mais era que um objeto para isso. Com isso, percebemos que apesar de entender que há uma diferença temporal entre o que a telenovela exibiu, Granada imprimiu um conceito atual às cenas mostradas na telenovela, pois estas, apesar de grotescas não seriam consideradas como estupro, mas uma relação normal entre homem e mulher, já que a função da mulher era de satisfazer sexualmente o seu marido.

> **da agressão do homem, coisa que acontecia tanto com as esposas quanto com as filhas mulheres também porque de certa forma eles viam elas como propriedade**. **A violência era uma coisa muito intensa, principalmente contra a mulher porque a mulher passava a ser uma propriedade do homem no momento que ela casava**. O pai deixava de ter ela como propriedade e passava para o marido, então **ele se achava no direito de violenta-la de estupra-la, de agredi-la porque ela era uma propriedade**. **Ela não era vista como um ser humano com desejos, anseios, vontades**, não era uma pessoa que pudesse dizer em qualquer momento eu não quero mais porque era uma propriedade. (Granada, grifo nosso)

Além de um objeto sexual, como já descrito anteriormente, cabia à mulher no

período coronelista, a função de mãe, momento em que desempenharia o papel de guardiã de suas filhas, as quais em momento algum poderiam estabelecer relações de enfrentamento às ordens do pai sob pena de serem submetidas às ações severas do mesmo, ou seja, sua violência (SANTOS, 2006).

Percebeu-se que Granada apreendeu que o homem via a mulher como sua propriedade, provindo desta visão o seu direito de empreender contra sua pessoa com ações violentas. No entanto, ao comentar sobre o estupro, a participante imprimiu um conceito atual, demonstrando confusão no que tange a este conceito, portanto, não assimilando que esta forma de prática sexual entre marido e mulher era aceitável do passado. A seguir, Granada complementou sua narrativa:

> **Hoje mudou, mas ainda há permanências bem fortes, tanto que alguns maridos ainda continuam agredindo esposas, não só maridos, mas homens em geral.** Até hoje **os homens criam em alguns aspectos estereótipos para as mulheres que são muito libertárias, o que não deveria porque tanto o homem quanto a mulher tem direito sexual, liberdade.** Então, se tu fores pensar, **mantêm-se alguns traços muito fortes do passado** (Granada, grifo nosso)

Para Granada houve uma mudança na situação da mulher atual, porém ainda há resquícios de violência contra a sua pessoa e que são criados estereótipos para as mulheres que fogem a padrões pré-estabelecidos. Porém, ela não deixou clara essa mudança, enfatizando que a violência persiste. Desse modo, inferimos que para Granada a violência ainda se constitui como uma regra, como uma continuidade deste passado.

Isso denotou uma narrativa critica, pois a participante compreendeu que a violência também se fazia presente nas relações sexuais. Contudo, Granada não demonstrou entender que esta era uma prática aceitável, já que imprimiu o sentido atual de estupro ao tratamento do marido para com a mulher no momento da relação sexual numa época distinta da atual. Em contrapartida foi mencionado que a violência contra a mulher persiste. Assim, podemos dizer que a aprendizagem histórica nesta narrativa seria do tipo crítica, pois a operação mental da experiência, que pressupõe apreensão do conteúdo (RÜSEN, 2010 a), se realizou. Porém, ao usar o conceito atual de estupro e negar as práticas sexuais do passado como situações aceitáveis, Granada processou a operação mental da interpretação que é propulsora para a orientação para a vida prática (RÜSEN, 2010 a), posicionando-se criticamente ao tratamento violento dispensado a mulher tanto no passado como no presente.

Conforme Zircônia:

> **hoje acontece ainda de alguns homens matarem suas esposas, só que não é mais para lavar a honra, mas por se sentirem donos de suas esposas.** Tem homens que não aceitam a separação e também as mulheres cometem crimes como assassinatos. **Os crimes de hoje ainda vêm daquele tempo antigo, porque mantém o pensamento: eu sou teu dono, se não fores minha não vais ser de mais ninguém**. Eu **acho que isso ainda permanece do passado, talvez pela nossa criação, apesar de toda a evolução** (Zircônia, grifo nosso)

> **Eu não me vejo apanhando de um homem, sendo agredida, então eu não vivi isso,** mas o que eu posso dizer é que eu sei que tem um circulo, onde fica difícil, e , eu estou me guiando por alguns casos que eu sei de pessoas que eu conheço, **que estão vivendo isso, é que o convívio do companheiro que é drogado e então não deixa a mulher sair dessa relação**. Outras vezes eu vejo que a s mulheres até pensam em sair, mas voltam atrás e não denunciam e quando denunciam voltam atrás. Eu não sei bem o que passa na cabeça das mulheres, mas **hoje em dia aceitar ser espancada, violentada pelo companheiro, eu acho um pouco demais, mas sei que ainda acontece.** Acho que pela submissão e pela falta de recursos, é o pai dos filhos que trás algum bem material, algum alimento para dentro de casa. Acho que aí ela se sujeita a ser espancada, violentada e se pensar bem, não vale a pena (Zircônia, grifo nosso)

Zircônia apresentou em sua narrativa já a interpretação do presente e sua orientação. A participante entende que ainda existem casos em que o homem pratica atos violentos contra sua parceira, porém a questão da morte pela honra para Zircônia é passado. Nesse ponto, ela demonstrou uma ruptura com esse passado. Segundo Rüsen, “aqui o aprendizado histórico serve como forma de negar a identidade social com o modelo afirmado” (RÜSEN, 2020 a: 46), ou seja, ela negou a validade dos assassinatos como forma de lavar a honra. Para Zircônia, tais crimes acontecem em função da possessividade masculina, ideia esta que vem ao encontro da leitura que Jade fez da atualidade. Pois, para Zircônia e Jade o sentimento de posse é na atualidade o responsável pela violência e até pelos assassinatos de mulheres. Diante disso, nota-se uma postura crítica a um fato do passado, que é o crime de honra e o reconhecimento da manutenção de outras práticas como regra à posse.

Também na narrativa de Zircônia ficou clara sua orientação mediante à experiência da telenovela, pois em relação à violência encenada e às mulheres submetidas a esse tratamento, a participante negou sua própria sujeição à violência, fato evidenciou na fala “Eu não me vejo apanhando de um homem, sendo agredida”. Deste modo Zircônia demonstrou “autoconfiança na refutação de obrigações

externas” (RÜSEN, 2020 a: 63), ou seja, ela nega-se a se submeter à imposição da prática da violência, mesmo que as ações violentas contra as mulheres permaneçam como parte integrante na cultura masculina.

Na fala de Turmalina observamos sua identificação com um dos personagens da Telenovela **Gabriela**:

> **Eu me vi na Malvina, porque eu passei por muitas coisas. Eu fui espancada, minha mãe foi espancada, meu pai tentou me matar quando eu saí de casa, ele foi atrás e atirou em mim**. Então eu me vejo na personagem por tudo o que o coronel fez com a filha, só que comigo não foi por causa de namorado porque eu já era noiva, mas ele queria que eu cassasse e eu queria levar mais tempo para casar. **Eu saí de casa, pois ele me forçou a casar.** Ele pensava no que os outros iriam dizer, com a própria filha dele morando na casa da tia. Ele ofereceu carro e apartamento para eu ir para outra cidade. Isso é um pensamento de um coronel, e isso é tão arraigado que existe em uma pessoa moderna, **minha mãe, mesmo que com estudos, ainda se submete a isso.** Tudo isso tu nota na atualidade de uma cidade pequena, pois são cidades que não abriram as portas para o conhecimento externo (Turmalina, grifo nosso)

Segundo Turmalina, as cenas da personagem Malvina trouxeram a representação de sua própria vivência quando mais jovem, na qual estiveram presentes os conflitos com o pai e violência empreendida contra a mãe e a própria participante. De acordo com Thompson:

> ... Para muitos indivíduos, durante o percurso de suas vidas diárias, as experiências vividas continuam a produzir poderosa influencia no projeto de formação do self: pensamos em nós mesmo e em nossas trajetórias de vida, principalmente, em relação aos outros e a eventos nos quais encontramos (ou podemos encontrar) contextos práticos de nossa vida cotidiana [...] [...] um indivíduo que lê um romance ou assiste a uma novela não está simplesmente consumindo uma fantasia; ele está explorando possibilidades, imaginando alternativas, fazendo experiências com o projeto do self. (THOMPSON, 2009 b: 202)

Entendemos que a experiência de assistir a telenovela constituiu o padrão de identificação da participante com a personagem. Esta experiência incidiu diretamente sobre a formação do sujeito, pois fez com que Turmalina refletisse sobre sua própria vivência. Assim, a partir da experiência do conteúdo apreendido na telenovela, Turmalina refletiu sobre uma temporalidade distinta da representada na telenovela e da sua vida atual. Esta temporalidade distinta constituiu seu presente histórico que segundo Rüsen (2012), possui uma característica temporal própria que somente pode ser notada por aqueles que pertencem ao verdadeiro presente. Como tal, ele permitiu nossos devaneios, viagens no nosso próprio tempo e, com isso, possibilitou e aumentou a nossa aprendizagem mediante nossas

experiências. Pois, assim interpretamos o passado e presente e reinterpretamos a nós mesmos, obtendo com isso nossa orientação para a ação.

Diante disso, Turmalina interpretou sua vivência com o pai e a mãe entendendo que, apesar de toda uma evolução social, esta transformação não atinge localidades muito pequenas e, portanto, permaneceu nestes locais a força da tradição, quer seja no trato com as pessoas, quer seja, no uso da violência.

A capacidade de influência da mídia foi percebida por Ágata

> me chamou atenção na época, até porque **se divulgou muito na mídia foi aquele coronel que matou a esposa. Me chamou muito a atenção, acho que pela questão do machismo, da impunidade**, até porque para acontecer tudo aquilo, as coisas aconteciam como aquela pessoa determinava (Ágata, grifo nosso)

Ágata demonstrou em sua fala a percepção sobre a forma como a mídia tratou a cena da morte da personagem Sinhazinha. Com isso, evidenciou uma interpretação da telenovela como um documento do presente, ou seja, apresentou sua experiência do presente em relação à telenovela.

> ...como as nossas biografias estão abertas para experiências mediadas, nós também nos sentimos atraídos por relações sociais que ultrapassam o ambiente que vivemos. Nós nos descobrimos não apenas como espectadores de eventos e de outros distantes, mas também envolvidos com eles de alguma maneira. Somos liberados dos locais de vida cotidiana somente para nos descobrirmos dentro de um mundo de desconcertante complexidade. Somos chamados a formar uma opinião, a tomar uma decisão, ou até assumir alguma responsabilidade por questões e ventos que acontecem em partes distantes de um mundo em incessante e crescente interconexão. (THOMPSON, 2009 b: 202)

Com isso, podemos entender que a participante percebeu a ideologia da emissora e do autor ao ressaltar as cenas sobre a morte da Dona Sinhazinha, ou seja, a participante entendeu a tentativa de provocar a formação de opinião em relação às cenas apresentadas.

Com relação à experiência do passado pela telenovela, revelou a questão do machismo e da impunidade, aliando isso à determinação e ao mando do coronel, pois foi exibida nas cenas da telenovela a possibilidade do coronel Jesuíno ficar impune pelo assassinato de sua esposa e do amante da mesma, devido ao fato de ser amigo e aliado político do coronel Ramiro, o qual mandava naquela região. O enfoque dado pela mídia a estas cenas da telenovela despertaram a atenção da participante, e, com isso, possibilitaram o desencadeamento do processo de aprendizagem, o qual somente se fez em primeira instância, visto que a narrativa de

Ágata somente apresentou a compreensão do conteúdo do passado, mas não a sua interpretação e orientação.

4.3 Casamento

Com relação ao casamento, foram construídos pelos participantes três saberes distintos: mais uma condição de submissão da mulher ao homem, uma condição necessária para que a mulher tivesse o reconhecimento, a união entre homem e mulher onde a traição masculina era aceita socialmente.

De acordo com Saad (2008), o conceito de casamento está sujeito a vários elementos, como "os fatores sociais e religiosos, épocas e regiões diferentes semearam terrenos férteis a revelar, ao longo da história, as premissas diversas que orientaram sociólogos, religiosos e juristas na tentativa de formular uma definição universal de família conjugal" (SAAD, 2008: s/p), ou seja, os elementos que caracterizam essa instituição mostram-se diferentes tanto na conjuntura histórica como na regional, e incidem sobre a forma, o conteúdo, a capacidade ou a autonomia de vontade, recaindo sobre concepções puramente morais ou filosóficas e, sobre a disciplinação jurídica. Deste modo, "não há um conceito que possa atender a todos os regimes jurídicos, pois a evolução histórica e social traz novos elementos substanciais que alteram o conteúdo e a estrutura matrimoniais" (SAAD, 2008: s/p).

Conforme Saad (2008), na concepção de Virgílio de Sá Pereira, o casamento é uma convenção criada pelo homem para disciplinar o que foi criado pela natureza – a família, sendo na opinião da autora:

> um negócio jurídico constituído pelo consentimento recíproco de um homem e uma mulher, na forma da lei, estabelecendo a criação de sociedade e vínculo conjugais disciplinados pelo direito positivo, dando origem à família nuclear e aos efeitos jurídicos pessoais e patrimoniais dela decorrentes. (SAAD, 2008: s/p)

Logo, para a autora o casamento estabelece a sociedade entre duas pessoas, o que acontece mediante o consentimento de ambas. Situação esta que dá origem a família nuclear bem como os efeitos jurídicos pessoais e patrimoniais que são oriundos dela.

Nas narrativas de Jade e Ametista o casamento no período coronelista era mais uma forma de submissão da mulher ao homem.

> .... começa as histórias que a gente sabe que aconteceu, da **esposa ter que obedecer o marido**, **a mulher como objeto** que foi demonstrado pela Sinhazinha que tinha que ser submissa ao marido**. As filhas e netas tinham que cumprir a vontade dos pais dos avôs** que mandavam em todas as mulheres, no caso, a mulher não tinha direito. **O casamento era arranjado**. A mulher **tinha que casar com o homem que o pai escolhesse**. Ainda se **mantém a cultura da mulher casar**, porque ainda se fala da mulher não ter casado, é solteirona, sempre alguém fala. Mas, a mulher consegue estudar, hoje já mudou, primeiro a mulher estuda e depois pensa em casar (Jade, grifo nosso)
>
> **a Sinhazinha que era mulher do Jesuíno, porque mostrou que o poder dos coronéis não era só na política, mas também sobre a mulher.** Com **aquela frase que ficou marcada, eu acho que ninguém vai esquecer "vou lhe usar"** (risos), **mostra que o marido era dono da mulher, o poder que ele tinha sobre ela** (Ametista, grifo nosso)
>
> **Para a mulher o casamento era um sofrimento, uma coisa sempre imposta.** A mulher servia só para tornar aquilo possível. A mulher se fosse de uma família influente casava, mas ninguém levava em conta se ela gostava, **ela não tinha o direito de se apaixonar por ninguém, então ela casava e ficava submissa,** isso acontecia frequentemente (Ametista, grifo nosso)

Tanto Ametista quanto Jade construíram a ideia da mulher como objeto. Condição esta percebida através das falas "a mulher como objeto" e "vou lhe usar". A mulher era um ser que não tinha direito de escolha, nem de seu próprio marido, pois os casamentos eram arranjados. Ambas as participantes relataram a questão da submissão da mulher, fato este descrito na historiografia:

> Depois de casar, a mulher se libertava do poder de seu pai mas caía nas entranhas do poder do marido passando a mesma a obedecer a um ser construído de esposo. Pois a mesma tinha nascido e sido educada a servir a esse novo ser. Tendo assim uma identidade definida desde o momento em que a parteira dizia que era do sexo feminino (SANTOS, 2006: s/p).

A submissão ocorria a partir do nascimento, no momento em que o recém-nascido era declarado do sexo feminino. Assim, primeiro, a menina ou a moça era submissa ao seu pai, e, quando mulher casada, ao marido.

Estando o sexo feminino submisso à vontade do masculino, como já foi mencionado, a ideia sobre os casamentos arranjados formada pelas participantes se fez consistente, visto que o casamento arranjado era comum, principalmente no caso das moças, pois este era arranjado pelos pais sem a vontade das mesmas, "mas os homens também não estavam livres de se casar com mulheres mais

velhas, que mal conheciam...”(SANTANA, 2011: 102). Deste modo, o casamento arranjado era banal, principalmente no caso da mulher, pois esta não poderia questionar a vontade de seus pais, porém os homens não estavam exclusos do mesmo destino.

Conforme já foi comentado nos capítulos dois e três, os casamentos arranjados no período coronelista eram utilizados como forma de aumentar as parentelas ou, então, como meio de solidificar as relações parentelares. Portanto, neste período os homens também estavam sujeitos a casamentos arranjados (QUEIRÓZ, 1975). Logo, as participantes compreenderam o conteúdo a respeito da mulher no período, pois ela era um objeto de troca no que tangia a questão política e um objeto de satisfação sexual do marido. Assim, entendemos que as narrativas de Jade e Ametista mostraram aprendizagem histórica, pois, conforme Rüsen (2010 a) ambas demonstraram aumentar o conhecimento sobre o que aconteceu no passado, mediante a experiência com a telenovela.

> Eu acho que **no casamento hoje ainda tem essa submissão da mulher, mais com o homem que é mais violento, ou que é provedor,** e com isso a mulher se intimida e se submete por dependência física, financeira, ou afetiva. **Nesse sentido eu acho que o casamento para algumas mulheres ainda é muito parecido com o do coronel Jesuíno com a Dona Sinhazinha**...mas mesmo algumas mulheres sendo independentes financeiramente são vitimas de violência (Esmeralda, grifo nosso)

Esmeralda entende que a submissão feminina no casamento ainda se faz presente na atualidade, vinculando esta ideia ao fato dos companheiros serem violentos, e referencia os casos de violência doméstica, tão comuns nos dias de hoje. Ela comparou os casamentos que tem em sua rotina a violência doméstica ao casamento do coronel Jesuíno e da Dona sinhazinha. Observamos que Esmeralda interpretou as cenas da telenovela baseada na sua própria cultura, o que envolveu os pressupostos de Thompson (2009 a) na forma do conhecimento de fatos cotidianos aliados a experiência da telenovela. Ou seja, “o saber histórico é essencial e necessário. Não é possível pensar nenhum tipo de dominação cuja legitimação não recorra aos saberes históricos” (RÜSEN, 2010 b: 127). Sendo assim, mediante a experiência da telenovela, a participante se permitiu aceitar que a violência doméstica existe tal qual existia no passado, o que motiva a submissão feminina que ainda ocorre na relação matrimonial, ou seja, é histórico, e nem todas as mulheres conseguiram romper com essa prática.

Na percepção de Zircônia

> **Nos tempos antigos a gente notava que a mulher não tinha voz ativa**. **O casamento era um acordo entre os pais, não tinha amor, era só baixar a cabeça e aceitar o que o marido estava mandando**. A mulher só ficava dentro de casa, não tinha voz porque em tudo estava o coronel atrás, imagina outras situações como sair na rua, ir à igreja, até isso era proibido algumas vezes, então a mulher não tinha voz para nada. **O casamento era uma imposição, não digo na minha época, existiam mulheres dependentes e os pais criavam os filhos e principalmente as filhas só para o casamento, porque achavam que estudar não era necessário** (Zircônia, grifo nosso)

Nota-se que Zircônia apreendeu os mesmos conteúdos descritos por Jade e Ametista, pois alegou que a mulher não tinha voz ativa, que nos casamentos não havia o sentimento do amor, pois era um arranjo entre os pais dos nubentes, e a mulher caberia um ideal de comportamento que "era o da submissão, porquanto deveria servir ao marido, à família e a Deus, como convinha aos ensinamentos da Igreja, uma das gestoras e mentoras dessa sociedade" (SANTANA, 2011: 101). Portanto, estando a mulher submetida a este ideal de comportamento social, definido em grande parte pela Igreja, era transfigurada num ser sem vontade própria, não podendo questionar a vontade do homem, restando-lhe uma posição de submissão.

Zircônia seguiu sua narrativa descrevendo sua própria experiência com o casamento:

> Hoje, **eu sou casada já há 33 anos**, então vou falar do meu casamento. Eu **tenho liberdade de expressão, de sentar e conversar, de expressar o que eu sinto em qualquer ocasião. Sinto que eu tenho um companheiro que me apoia em qualquer decisão que eu tomar**. Quando a gente senta e conversa os dois chegam num consenso, ele não é capaz de ir contra mim**. A relação entre homem e mulher mudou, eu digo isso porque tive uma vivencia com os meus pais de um casamento conturbado, no regime de antigamente**. **Minha mãe jamais podia botar o pé fora de casa. Minha mãe foi agredida muitas vezes, não chegou a ser fisicamente, mas com palavras e ameaças. Então eu vivi esse lado do casamento com os meus pais, e hoje eu vivo o meu. Eu posso dizer que estou num mundo completamente diferente** do que eu imaginava de um casamento (Zircônia, grifo nosso)

A participante nos descreveu que seu casamento é diferente daqueles mostrados nas cenas da telenovela. Que em sua relação existe liberdade de expressão, que o casal conversa e toma decisões conjuntas, não havendo a imposição da vontade de um sobre o outro. Na expressão "A relação entre homem e mulher mudou" demonstrou entender que a relação entre os casais vem se transformando.

Zircônia explicou que vivenciou também a experiência do casamento de seus

pais, neste momento não era a protagonista da relação, mas uma coadjuvante. Contudo, tem em sua memória esta experiência que tem uma qualidade temporal diferente da atual e da representada na telenovela e que proporciona maior aprendizado (RÜSEN, 2012), pois lhe permitiu experienciar o tratamento à mulher na relação matrimonial em diferentes épocas. Foram essas experiências de temporalidades distintas, as quais são reconhecidas pela participante, que lhe permitiram compreender que o relacionamento entre homens e mulheres dentro do casamento evoluiu ao longo dos tempos (RÜSEN, 2010 a). Este fator apontou para uma consciência histórica genética, pois Zircônia através da fala "eu vivi esse lado do casamento com os meus pais, e hoje eu vivo o meu. Eu posso dizer que estou num mundo completamente diferente do que eu imaginava de um casamento" não negou as relações matrimonias anteriores a sua época, mas constatou uma mudança.

> Eu ainda **sei de alguns casamentos a moda antiga. Eu tenho bastante conhecidos**, não vou citar nomes, **que ainda vivem os casamentos a moda do meu pai, mas hoje em dia eu vejo muitas outras mulheres indo a luta, saindo para trabalhar que era proibido, saindo para estudar e eu acho que isso está abrindo, conscientizando que é precisos os dois estarem de acordo para o casal sair para trabalhar**, eu acho que é por aí (Zircônia, grifo nosso)

Finalmente Zircônia fechou sua narrativa com a fala "Eu ainda sei de alguns casamentos a moda antiga". Neste momento Zircônia confirmou uma consciência histórica do tipo genética, a qual conforme Rüsen (2010 a), revela sua aceitação de modos de agir distintos do seu, mas reforça novamente a necessidade da mudança e da transformação como forma de chegar a uma situação mais aceitável.

A ideia do casamento como reconhecimento social para a mulher foi construída por Jade, Ametista, Turquesa e Pérola conforme as narrativas a seguir:

> ele casa de novo e **tinha duas senhoras que eram pretendentes dele e pra elas também era normal ele ter matado a dona Sinhazinha.... ele era idolatrado por elas**. Primeiro porque **elas eram solteironas** então, quando ele quis casar de novo elas acharam que podia ser com elas e **isso seria muito bom porque elas iam sair dessa condição que não era bem aceita pela sociedade**. Depois porque **todo mundo pensava que ele tinha mesmo que lavar a honra** e a mulher não tinha nenhuma lei que a protegesse (Jade, grifo nosso)

Jade referiu-se ao coronel Jesuíno que após assassinar Dona Sinhazinha, sua primeira esposa, buscou na comunidade outra mulher para substituí-la. Ocorreu que as irmãs dos Reis acabaram achando que uma delas poderia ser sua noiva e

segundo a participante sair da condição de solteirona para serem mais valorizadas socialmente.

> Eu vejo **o casamento como um rearranjo social, para a mulher como uma forma de libertação e é justamente o contrário, é mais um momento de prisão porque ela sai do domínio paterno e vai para o domínio matrimonial,** então não é nenhum momento de libertação é justamente o contrário, porém ele promove a aceitação social. Assim, **naquela época, se eu fosse solteira e fosse para a capital desenvolver meus estudos eu seria mal vista pela sociedade, uma sociedade provinciana, que é o caso mostrado na novela.** Também era uma sociedade fechada onde só era bem visto quem nutrisse os valores por ela estabelecidos, então **o casamento é o retrato da manifestação social e desse modo nessa época o casamento para a mulher era muito importante porque era uma forma dela ser valorizada socialmente** (Turquesa, grifo nosso)
>
> **A mulher também era responsável por dar filhos homens para esses maridos.** A necessidade do filho homem vinha justamente da questão eleitoral. Se o coronel tivesse um filho ele poderia manter ele na política, manter sua autoridade na região, então é o poder da família sobre a população. **A mulher que casava e tinha filhos era bem vista socialmente. No caso da Sinhazinha, ela era infrutífera, não tinha capacidade de ser mulher e de cumprir o que eles entendiam como a principal função da mulher**. Ela não era vista na sociedade por pensar, por buscar um futuro melhor, ela era vista só como progenitora ... **A mulher daquela época entendia o casamento como uma forma de valorização quando eu vejo como o contrário,** como uma forma de prisão (Turquesa, grifo nosso)

Para Turquesa o casamento era um engano para a mulher, pois ela saía do domínio do pai para cair sob a dominação do marido, logo mantinha sua condição de submissão. Em sua fala Turquesa também destacou a questão da mulher como progenitora, pois a mulher que era casada e tinha filhos era bem vista socialmente. Desse modo, para Turquesa o casamento era uma forma de obter reconhecimento social, pois somente assim a mulher seria valorizada. O saber construído pelas participantes Jade e Turquesa está respaldo na historiografia.

> Se “todas as mulheres” desde o momento em que nasciam e diziam que era do sexo feminino seus pais lhe educavam e construíam as mesmas como sendo aquele ser que teria um destino traçado que seria um casamento. E aquela que chegasse ao casamento e depois se separasse era considerada a culpada por aquela relação Ter chegado ao fim e ser tachada por toda a sociedade como mulher da vida. As mulheres do fim do século XIX e início do XX eram senhoras respeitadas pela alta sociedade por serem casadas... (SANTOS, 2006: s/p)

De acordo com este autor, quando nascia uma menina, ela já tinha o seu destino traçado, pois ela seria educada para o casamento. Para o autor, a mulher

que chegava ao casamento e não conseguia mantê-lo seria responsabilizada por isso, pois as mulheres do século XIX e XX somente eram consideradas senhoras respeitadas porque eram casadas, fato que, como entenderam as participantes Jade e Turquesa, colocou o casamento como responsável pelo reconhecimento social da mulher.

No entanto, Turquesa, ao final de sua narrativa, pela fala "A mulher daquela época entendia o casamento como uma forma de valorização quando eu vejo como o contrário, como uma forma de prisão" revelou sua postura crítica frente ao casamento, demonstrando que não via o casamento como uma forma de reconhecimento social e sim como uma prisão. Na interpretação de Turquesa, o casamento permanece na atualidade como convenção social, porém já não tem mais o status de tempos atrás. Ela apontou para o fato da mulher dever ser reconhecida na sociedade por pensar, por buscar um futuro melhor e não somente como progenitora, pois usou estas expressões para enumerar formas com que a mulher não teria reconhecimento no sistema coronelista.

Conforme Pérola:

> **O Jesuíno mata a mulher, então ele vai arrumar uma nova esposa,** que estudava junto com as filhas do coronel. Então duas mulheres se interessam por ele, as duas estavam apaixonadíssimas, devia ter casado com uma delas ficaria mais feliz ele**. Elas queriam casar porque ele era um bom partido e elas já estavam solteironas, naquele tempo dizia-se solteirona. Eram virgens e velhas então queriam casar para deixar de ser titia, para serem mais respeitadas na sociedade** (Pérola, grifo nosso)

Pela fala "então queriam casar para deixar de ser titia, para serem mais respeitadas na sociedade". Pérola demonstrou partilhar do saber construído por Jade e Turquesa sobre o casamento como reconhecimento social.

> **O casamento, até na minha família, tinha que casar de véu e grinalda. Uma menina que aparecesse grávida, era expulsa de casa, já não tinha amizade mais de uma moça, não tinha de mais ninguém. Aonde que elas tinham que ir, para o Bataclan, um cabaré**, porque já ninguém mais namorava elas, ninguém mais dava bola para aquela menina que um dia se entregasse para uma rapaz e o filho dela era bastardo, ia ficar marcado para o resto da vida como bastardo. **Se a mulher não casasse ela ficava como solteirona, mas como moça e também não namorava mais. Mas, às vezes os pais não aceitavam, era muito difícil. Naquele tempo o casamento era muito importante para a mulher, porque se achava que a mulher casada o marido tinha obrigações,** porque naquele tempo a mulher não trabalhava tanto, então o marido tinha obrigações com a esposa e de construir uma família. **Sendo só casada que ela podia construir uma família, se não os filhos seriam bastardos**. **A função da mulher era dar**

> **filhos, limpar e cozinhar.** Como vida, a mulher era escrava, porque até para ir num lugar ela tinha que avisar, vou aqui, vou ali (Pérola, grifo nosso)

Observamos que Pérola reafirmou a ideia do casamento como motivo de reconhecimento social, pois somente as mulheres casadas podiam construir uma família respeitada. Ela acrescentou ainda a experiência obtida nos casamentos de sua própria família, revelando a construção de outro saber a importância do véu e da grinalda, símbolos de pureza que remetem imediatamente a ideia da virgindade. Saber este que também esteve presente nas cenas protagonizadas por Lindinalva e de Berto na telenovela.

Com relação à virgindade na literatura científica encontramos que:

> havia três classificações para as mulheres: honradas, desonradas e sem honra. As mulheres desonradas eram aquelas que praticavam relações extraconjugais, perdiam a virgindade antes do casamento ou possuíam um comportamento desajustado socialmente. Elas manchavam a honra da família ou de seus maridos e, por isso, eram exemplarmente punidas pelos familiares ou condenadas ao ódio da sociedade. As mulheres honradas eram aquelas que seguiam os padrões e normas que a sociedade impunha, seguindo também o ideal de pureza mariano. (FOLLADOR, 2009:10)

De acordo com o autor as mulheres que perdiam a virgindade antes do casamento eram desonradas e se constituíam como uma vergonha para suas famílias, sendo, portanto, punidas por isso com o ódio da sociedade. Situação esta que vem ao encontro da fala “Uma menina que aparecesse grávida, era expulsa de casa, já não tinha amizade mais de uma moça, não tinha de mais ninguém” que foi mencionada pela participante Pérola. Este fato evidenciou apreensão do conteúdo mostrado na telenovela e caracterizou a narrativa de Pérola como aprendizado histórico.

Segundo Granada:

> Antigamente **a mulher era criada para casar e ter filhos para proliferar Elas se moldavam aos hábitos do marido, as situações que o marido vivia, as condições financeiras, ao mercado de trabalho, onde o homem trabalhava e elas se julgavam felizes**, mas não eram. **Elas não tinham reconhecimento profissional, cultural...elas eram esposas de fulano e nada mais ou...mães de cicrano e nada mais**(Granada, grifo nosso)

> Hoje a mulher **se quiser ter filhos ela tem, se não quiser tanto faz**, tanto fez. **Ela não precisa mais demonstrar seu reconhecimento social através de um casamento porque o reconhecimento social ela reconhece através da cultura, da educação, da sua formação** (Granada, grifo nosso)

> **a partir do momento que souberam que aquele engenheiro era casado, a guria (Malvina) já percebeu que foi enganada e o pai já a agrediu ela não pode ter a liberdade de viver com ele porque ele não podia se separar porque ele era um homem marcado na sociedade, marcado por um contrato** que de certa forma não deixa de representar um pouco até a nossa realidade, porque **esse contrato ainda prevalece com algumas obrigações, inclusive quem é companheira também faz parte de um contrato e de um vínculo, isso se mantém até hoje** (Granada, grifo nosso)

Para Granada a mulher era educada para casar e ter filhos, não lhes cabia outro tipo de reconhecimento social a não ser o de esposa e de mãe, construção de conhecimento semelhante a das participantes, Jade, Turquesa e Pérola. Porém Granada comparou presente e passado e destacou que a mulher de hoje somente conceberá filhos se tiver vontade de tê-los e não os terá por uma imposição social. Da mesma forma, houve uma mudança no status do casamento, pois ele ainda permanece, mas não é mais o motivo de reconhecimento social para a mulher, uma vez que ela é reconhecida por sua cultura, educação e formação.

Essa mudança na mentalidade social apontada por Granada foi discutida por Follador:

> após a década de 1970 as discussões acadêmicas deram ênfase às pesquisas que denotavam a "libertação feminina do jugo que lhe foi imposto pela sociedade durante milênios", destacando não só aspectos da vida social da mulher, mas também temas vinculados à saúde, ao sexo, à maternidade, casamento, divórcio, profissão, salário, escolaridade, movimento feminista, enfim, uma série de assuntos que envolvem o gênero feminino. (FOLLADOR, 2009: 6)

Segundo a autora depois de 1970 foi mostrado, por meio de pesquisas, a libertação feminina do que socialmente lhe havia sido imposto, entrando nas pautas de discussão questões relacionadas à saúde, ao sexo, a maternidade, casamento entre outras, as quais envolviam o gênero.

Granada seguiu sua narrativa:

> Hoje ainda**, por mais que uma família diga que é inovadora mantém os traços, por exemplo, querendo que o filho seja heterossexual**. Ficam referindo que é a questão da violência, mas não é. **É o conservadorismo da época que permanece nas bases de todo o sistema. Hoje a gente até vê conceitos de família diversificados, mas a essência do conservadorismo se mantém. Tanto se mantém que permanece a imagem do casamento entre um homem e uma mulher, então se tudo fosse liberado poderia ser uma imagem entre dois homens, ou duas mulheres, mas nós não conseguimos ainda nos adaptar a estas mudanças. Eu acredito que algum dia nós possamos aceitar sem críticas esses novos conceitos de família, mas agora ainda permanecemos com os conceitos alicerçados na época coronelista e**

> **isso pode se manter por pelo menos uns bons 50 ou 100 anos porque as crianças ainda: menina se veste de rosa, menino de azul, as questões de gênero se mantém no seio familiar**. E...**se nós tivéssemos sofrido tanta fragmentação, tantas mudanças, não teríamos tão embutida essa questão de cores e contratos familiares** (Granada, grifo nosso)

Para Granada a sociedade ainda mantém traços do conservadorismo. Para ela as famílias colocam-se como inovadoras, mas isso não é real, pois mantem-se a ideia do hetrerossexualismo, do casamento tradicional entre homem e mulher, apesar de saber-se que o conceito de família também sofreu mudanças. Ainda se mantem as determinações conservadoras de menino usar azul e menina usar rosa, ficando ambos os sexos sujeitos a cor. O casamento, mesmo na atualidade sendo possível entre pessoas do mesmo sexo, mantem a imagem tradicional da união entre homem e mulher. Finalmente ela revelou sua orientação, para a aceitação da mudança, a qual entende que será lenta devido aos conceitos conservadores que provém de outra época.

Foi possível perceber todas as etapas do processo de aprendizagem histórica na narrativa desta participante. Conforme Rüsen (2009 a), inicialmente ela compreendeu o conteúdo a cerca do casamento em outra época e entendeu que se tratava de uma outra temporalidade, depois ela comparou presente e passado e finalmente expressou sua orientação para o presente e futuro pela fala “mas nós não conseguimos ainda nos adaptar a estas mudanças. Eu acredito que algum dia nós possamos aceitar sem críticas esses novos conceitos de família”, pois entendeu que houveram mudanças e que a sociedade ainda não conseguiu se adaptar inteiramente a elas, mas acredita que isso acontecerá no futuro.

De acordo com as participantes Granada, Turmalina e Pérola a traição masculina era constante nos casamentos no período estudado, conforme expuseram em suas narrativas:

> a questão da mulher, pois **a mulher não tinha expressão de voz nunca, era só presença;** do **filho do Ramiro que traia a esposa porque isso fazia parte do casamento na época, a traição era do homem e não da mulher** ... (Granada, grifo nosso)

Na fala de Granada observamos a referência ao casamento de Tonico Bastos e Olga Bastos, no qual a mulher era traída pelo marido que frequentava todas as noites o bordel da cidade. Sua fala encontrou respaldo no estudo de Mazzieiro

(1998, sp), que relatou que o meretrício era visto como uma necessidade social e não se conhecia um meio de coagir essa prática, pois uma parte significativa das mulheres sobrevivia por meio da prostituição.

> **No passado era aceito que o homem traísse. Eu me lembro de uma tia-avó falando, que o marido dela era um homem muito bom, mas que ele desejava coisas que mulheres direitas não faziam, então ele frequentava casas de prostituição** como os coronéis (Turmalina, grifo nosso)

Turmalina comentou a experiência de casamento de uma tia-avó. Alegou que, segundo sua tia, os homens traíam porque desejavam "coisas" que mulheres de família não faziam. Isso, de acordo com a historiografia ocorria por que:

> A sexualidade no lar tinha seus limites, devendo ser respeitada a "natureza" e contidos os excessos. A relação sexual ali era mantida dentro dos padrões tradicionais, extirpando-se desvios, mantendo-se a reprodução e a sexualidade sadia. O submundo da sexualidade devia ser exercido fora do lar, com o sadio e o desvio podendo existir, mas de formas separadas: eles não caberiam no mesmo teto, nem na mesma rua. A perversão só era possível, portanto, no mundo da prostituição, cabendo dentro do lar o respeito. (MAZZIEIRO, 1998: s/p)

Para Mazzieiro, a relação sexual no casamento tinha que respeitar algumas determinações, servindo mais aos propósitos da reprodução do que ao prazer sexual propriamente dito. As mulheres de família deviam ter um comportamento mais recatado durante o ato sexual, motivo pelo qual os homens procuravam a satisfação de seus desejos sexuais com outras parceiras, amantes ou prostitutas. Assim, entendemos que a colocação da experiência obtida por Turmalina através das memórias de sua tia justifica-se através da historiografia.

> **A traição de uma mulher era a morte**. **Deus nos defenda que uma mulher traísse o marido, que uma filha aparecesse grávida, que uma filha fugisse de casa era a morte para eles** e eles nunca mais iam querer ver os filhos. Já **o homem podia trair a vontade, a mulher sabia, mas, não se importava. Ela tendo comida e tudo dentro de casa fazia que não via e o homem podia ter até amante. Ela sabia o que o marido fazia, mas fazia que não via, a mulher aceitava tudo**. Elas tendo conforto é o que valia, homem era homem diziam elas. (Pérola, grifo nosso)

Pérola relatou a questão do adultério, ou seja, da traição, argumentando que ao homem era permitido relações extraconjugais, fato que era tratado com severidade quando oriunda da parte da mulher. Conforme a historiografia,

> O adultério feminino é mais grave não só porque acarretava desonra ao marido, como também poderia gerar filho intruso à prole familiar. O adultério do marido era diminuído e até aceitável; Os filhos advindos de relação extraconjugal não traziam desonra ao marido. Assim, sobre o adultério, tem-se dois momentos em que as relações de gênero se diferenciam em muito; em um primeiro momento ao diferenciar o valor/juízo do adultério do marido e da esposa, sendo o da esposa muito mais grave e culpável, sendo a do marido na maioria da vezes tolerada, e em um segundo momento, o uso do adultério feminino como justificativa para crime de homicídio praticado pelo marido em face da esposa, tanto através de excludente de ilicitude (legítima defesa) como por excludente de punibilidade (privação dos sentidos e inteligência) (AZEREDO; SERAFIM, 2012: 140-141)

Segundo autor o adultério feminino, além de submeter à família a desonra, poderia impor um intruso a família, ou seja, um filho fruto da relação extraconjugal. Já o adultério masculino era aceitável e os filhos que surgissem deste ato não se constituíam como desonra. Diante disso, o autor pontuou que as relações de gênero se mostraram distintas entre os sexos. Em primeira instância, o homem podia trair e a mulher não; já, numa segunda instância, o adultério feminino era usado como justificativa paras crimes de honra, fato este representado na telenovela, pois o coronel Jesuíno afirmava que havia matado a esposa, Dona Sinhazinha, porque esta o havia traído.

Percebemos que Granada, Pérola e Turmalina foram unânimes na construção do saber a cerca da traição masculina como parte do casamento. A traição dos maridos era aceita pelas mulheres e, nos casos de traição feminina, o homem tinha como cultura lavar a honra, fato já precedente. Seus saberes foram construídos por meio da experiência com a telenovela, estando alinhados aos apontamentos da historiografia. Na construção deste saber observamos uma aprendizagem histórica parcial, pois nem todas as operações mentais foram processadas, já que as participantes Granada, Pérola e Turmalina demonstraram apenas a operação mental da experiência. Notamos que Pérola e Turmalina acrescentaram suas próprias experiências de família, momento em que demonstraram maior possibilidade de aprendizagem. No entanto, não realizaram a operação mental da interpretação e da orientação fim ao qual a aprendizagem histórica se propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> [...] firma-se a tese de que a ação humana no tempo e no espaço ocorre pela pessoa, por ação da pessoa, por causa da pessoa e para a pessoa [...] (MARTINS, 2012)

É mesmo possível obter aprendizagem história assistindo televisão, assistindo telenovelas? Para muitos, com mentes mais conservadoras em relação ao ensino, não. Mas, nossa pesquisa mostrou justamente o contrário.

Nos propomos aqui a analisar as relações dialéticas entre uma cultura histórica construída através da historiografia sobre os conceitos de coronelismo e clientelismo e a representação desses conceitos na telenovela **Gabriela**, e essa como meio de massificação da aprendizagem Histórica.

Dividimos a pesquisa em duas partes, uma análise documental e outra um estudo de casos múltiplos.

Na primeira parte da pesquisa avaliamos o Documento que é a telenovela. Encontramos, então, como temas para aprendizagem histórica: o coronelismo e seu representante, a gente do coronel, a política coronelista e finalmente, as artimanhas coronelistas.

Do ponto de vista da aprendizagem histórica, a telenovela **Gabriela** se constituiu como uma narrativa histórica, e foi mais além, pois expressou uma espécie de literacia histórica de seu autor. Consideramos a telenovela como literacia do autor porque ele narrou fatos históricos e dentro desta narrativa estiveram presentes conceitos chaves para o entendimento do passado e, através destes, fazer escolhas a respeito deste passado, utilizando-o como forma de orientação para a vida.

Nesta perspectiva, as mensagens veiculadas em **Gabriela** podem impulsionar a aprendizagem histórica, pois ao assistir cenas que representaram os fatos do passado, mais precisamente o período coronelista, o telespectador pode iniciar o debate sobre as mesmas com outros, telespectadores ou não da telenovela, instigando o conhecimento, fator que oportuniza a aprendizagem histórica.

Esta aprendizagem foi confirmada na segunda parte do estudo, a qual foi realizada num ambiente público sem qualquer ligação com o ensino de história, pois nossos questionamentos foram despertados pelos constantes comentários relativos às telenovelas.

Neste ponto destacamos como ponto negativo para a pesquisa a dificuldade na captação de participantes do sexo masculino para compor a amostra do estudo de caso. Isso ocorreu porque após haverem concordado em participar da pesquisa, alguns sujeitos do sexo masculino retiraram suas entrevistas, ou seja, seu consentimento para uso das mesmas, por receio de serem expostos e não desejarem o conhecimento de outras pessoas sobre sua prática de assistir telenovelas. Essa negativa evidenciou que ainda ocorre um preconceito do sexo masculino com relação a este tipo de programa, pois mesmo tendo assistido as telenovelas, alguns sujeitos do sexo masculino preferiram guardar sigilo desta prática. Isso sinalizou para a permanência da tradição no que se refere as relações de gênero, pois ainda se mantém internalizados o que seria ocupação do homem e da mulher.

Nas entrevistas realizadas, os participantes narraram a história contada em **Gabriela** e nesse momento percebemos que muitos dos telespectadores da trama novelística apresentavam certa identificação com os personagens, ou com a história dos mesmos. Observamos que essa identificação ocorreu de forma tão intensa que mesmo os telespectadores nunca tendo convivido um com o outro, partilharam de uma experiência coletiva, que em muitos casos orientou seu modo de ação.

A narrativa de cada participante demonstrou que as cenas exibidas em **Gabriela** podem provocar na população telespectadora uma troca de conhecimentos, pois cada telespectador que assistiu os capítulos da telenovela decodificou/ interpretou a mensagem exibida na telenovela com base em sua própria cultura repassando a outros telespectadores. Esta troca de informações que se deu em ambientes cotidianos proporcionou a aprendizagem histórica.

A aprendizagem se deu de forma distinta entre os participantes da pesquisa, a qual se mostrou sob a forma de duas categorias: coronelismo/clientelismo e sociedade.

Na categoria coronelismo/clientelismo foram construídos cinco saberes: o mando, o coronel e sua gente, fragmentação do sistema, violência e finalmente política, clientelismo e alianças. É importante comentar que houve unanimidade na construção do saber do mando e da política, clientelismo e alianças.

A categoria sociedade foi subsidiada pelos seguintes saberes: mulher, violência e casamento. A situação da mulher, bem como a violência destinada a mesma foi uma constante para todos os participantes. Sobre esta categoria é

importante destacá-la como um dado positivo para a aprendizagem histórica e um ponto positivo para a pesquisa, já que quando propusemos a pesquisa focamos a questão dos conceitos de coronelismo/ clientelismo pensando na questão política. Logo, os saberes que subsidiaram a categoria sociedade, tal qual preconizou Rüsen, surgiram como forma de responder questionamentos, digo, carências de orientação dos participantes. Deste modo, comprovamos que não é o conteúdo em si ou a quantidade deste que incide sobre a educação histórica, mas a necessidade de orientação sobre determinado assunto que desencadeia o processo de aprendizagem.

Observamos que a categoria coronelismo/coronelismo atendeu amplamente a sua proposta no que se refere à educação histórica, mais precisamente, no que tange o aprendizado histórico.

Destacamos que o aprendizado ocorreu de forma distinta entre os participantes, fato evidenciado pela metodologia do estudo de casos múltiplos. Pois foi esta metodologia que permitiu conhecer cada processo de aprendizagem, estando incluso nele a forma com que o conteúdo histórico foi apreendido, e o reconhecimento dos fatos encenados na telenovela como pertencentes à outra temporalidade, a forma com que foram interpretados, ou seja, como foram reduzidas as diferenças temporais entre presente e passado e futuro, a fim de re-significar os fatos e a forma com que os telespectadores orientaram-se para a práxis cotidiana.

Observamos que alguns dos telespectadores lançaram mão de experiências próprias, ocorridas numa temporalidade distinta da atual, ou seja, do seu presente histórico, na interpretação dos fatos representados em **Gabriela**. Eles aprenderam o conteúdo através da experiência com **Gabriela** e usaram experiências que tiveram numa temporalidade distinta da atual e da representada na telenovela reconhecendo-a como outra, para descrever a evolução de um determinado conteúdo exibido na telenovela. Essa prática aumentou seu nível de aprendizagem.

Dentre as narrativas encontramos os tipos: tradicional, exemplar, crítico e genético, predominando este último. Observamos também que as narrativas vistas individualmente, não se classificaram de forma igual para os saberes construídos. Os participantes transitaram entre os vários tipos de narrativa, conforme o tipo de saber, demostrando que sua consciência histórica oscilou em conformidade com o assunto que estava sendo explorado.

Outro dado importante é que nem todos os participantes conseguiram expressar em sua narrativa as três operações mentais: da experiência, da interpretação e da orientação, de modo que, conforme o assunto, o seu aprendizado não se evidenciou na íntegra.

No entanto, confirmamos que as cenas exibidas na telenovela **Gabriela** podem ser consideradas como instrumento de massificação da aprendizagem histórica, pois este conhecimento se construiu também em espaços além da academia, mediante a alocação do telespectador num espaço de cultura mediada que possibilitou a formação de uma memória coletiva a cerca dos processos históricos. Esta aprendizagem esteve diretamente ligada ao tempo de exposição do telespectador a mensagem, a sua cultura histórica, a forma com que a mensagem foi produzida e às carências de orientação deste receptor/ aprendiz.

Sendo assim, destacamos que a consciência histórica de cada um dos participantes sofreu influencia da experiência de assistir a telenovela **Gabriela**, pois quando narraram os fatos envolvendo coronelismo/ clientelismo e sociedade os indivíduos realizaram operações mentais que incidiram sobre sua própria postura histórica. Deste modo, afirmamos que a aprendizagem histórica aprimora a consciência dos homens empoderando-os para a tomada de decisões, que poderão de alguma forma, interferir na história da qual são partícipes.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a educação histórica já que revelou um elemento da cultura popular, a telenovela, como uma nova fonte para o ensino de história. Tendo isso em mente, pretendemos, em pesquisas futuras, levar as telenovelas épicas para o espaço escolar, usando-as como fonte de aprendizagem também neste meio, de forma a podermos identificar e compreender as possibilidades de diálogo entre elementos da cultura popular e da cultura escolar, bem como na aprendizagem obtida por pessoas sujeitas a estas diferentes culturas.

FONTES

Gabriela. Telenovela. Produção Rede Globo de Televisão. Autoria: Walcyr Carrasco. Direção: Mauro Mendonça Filho Mauro Mendonça Filho, Frederico Mayrinc e Noa Bressane, 2012. Disponível em: http://gshow.globo.com/novelas/gabriela/index.html (acesso em 10/08/2014 às 18h00min)

Entrevistas dos participantes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, K.M. A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. HISTORIA, São Paulo, 2003, 22(1), 183-93. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf (acesso em 09/08/2014 às 08h00min)

Alves, MOP. Concepções de professores e alunos sobre significância histórica: um estudo no 3º ciclo do ensino básico. Dissertação (Mestrado em Educação Supervisão Pedagógica em Ensino da História) – Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2007.

ÀVILA, JA. Funcionalidade da pessoa idosa institucionalizada com riscos de quedas: proposta de cuidado de enfermagem. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – PPGEnf., FURG, 2012. Disponível em: http://www.ppgenf.furg.br/images/janainaavila.pdf (acesso em 10/09/2013 às 16h10 min.)

AZEREDO, JL; SERAFIM, JG. Relações de gêneros: (des)construindo conceitos a partir dos códigos penais de 1890 e 1940. Rev. Técnico Científica (IFSC), v. 3, n. 1 (2012). Disponível em: https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/view/598 (acesso em 09/08/2014 às 08h00min)

BARBALHO, A. Os modernos e os tradicionais: cultura política no Ceará contemporâneo. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.12, n.22, p.27-42, 2007. Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/347 (acesso em 09/08/2014 às 08h00min)

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, E. J.L. O Cuidado de Enfermagem complexo, ecossistêmico e gerontotecnológico ao idoso estomizado. Tese (Doutorado em Enfermagem) – PPGEnf., FURG, 2012. Disponível em: http://www.ppgenf.furg.br/images/edaianebarros.pdf (acesso em 10/09/2013 às 15h00min)

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo: fatos e mitos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BESSE, SK. Crimes passionais: a campanha contra os assassinatos de mulheres no Brasil 1910- 1940. Rev. Bras. de Hist. São Paulo. V.9, n.18, 1989, p. 181- 197 ago. set. 1989 Disponível em: http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=23 (acesso em 06/07/2014 às 15h00min)

BLOCH, M. Apologia da história, ou, o oficio do historiador. Rio de Janeiro, Zahar Ed.: 2001

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. Dicionário de política. 11ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. Disponível em: http://www.capitalsocialsul.com.br/capitalsocialsul/analisedeconjuntura/DICION%C3%81RIO_DE_POL%C3%8DTICA%5B1%5D.pdf (acesso em 22/07/2014 as 22h00min)

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRASIL, Medida provisória 143, lei 8009/90. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8009.htm (acesso em 10/05/2012 às 16h10 min.)

BRASIL. Presidência da República. Lei Nº 11.340. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

CARVALHO, JM. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. In: Dados Scielo. vol. 40 no. 2. Rio de Janeiro 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200003 (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

CAVALCANTE, JL. A lei de terras de 1850 e reafirmação do poder básico do estado sobre a terra. Disponível em: http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/qdica~02/materia02/ (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

CERRI, L.F. Ensino de história e consciência histórica. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHRISTILLINO, C. Gritos no silêncio: a resistência dos ervateiros no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. In: Identidades. XIII encontro de historia Apuhn- Rio. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1205339972_ARQUIVO_artigoregistroanpuh.pdf (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

FAORO, R. Os donos do poder: formação do patronato brasileiro. 5 ed. São Paulo: Globo, 2012.

FERREIRA, EZ. Discussões sobre coronelismo e clientelismo na telenovela brasileira. Rio Grande: Pluscom, 2010

FERREIRA, EZ. O perfil do idoso apresentado na telenovela brasileira: implicações para a enfermagem. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – PPGEnf., FURG, 2013. Disponível em: http://www.ppgenf.furg.br/images/dissertacoes/elisabete.pdf (acesso em 10/12/2013 às 15h00min)

FERRO M. O Filme. In: LE GOFF, J & NORA, P. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editoras. A, 1976.

FOLLADOR, KJ. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. Revista fato & versões . v.1, n.2, 2009, p. 3-16. Disponível em: http://www.academia.edu/3784126/A_MULHER_NO_PATRIARCADO_BRASILEIRO (acesso em 05/08/2014 as 10h00min)

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, AL. História e gênero. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Síntese de Indicadores de 2009. Rio de Janeiro, 2010

LEAL, VN. Coronelismo, enxada e voto: o município e regime representativo no Brasil. 7ª ed. Saõ Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA, FR. O novo estupro na ótica constitucional. Jus Navigandi, Dez 2009. Disponível em: http://jus.com.br/revista/texto/14020/o-novo-estupro-na-otica-constitucional/2 (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

LOPEZ, LR. História do Brasil contemporâneo. 7ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

MARIUCCI, EMS; NALESSO, APP. A mulher na perspectiva do mercado de trabalho no Brasil. Iniciação Científica CESUMAR. Edição Especial, v. 08, n.01, 2006, p.43-48. Disponível em: http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/iccesumar/article/view/135/73 (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

MARTINS, E.C.R. Aprendizagem histórica: desafio e projeto. In: RÜSEN, J. Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012

MARTINS, G.A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. RCO – Revista de Contabilidade e Organizacoes – FEARP/USP, v. 2, n. 2, p. 08 – 18, 2008. Disponível em: http://www.redalyc.org/pdf/2352/235217215002.pdf (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

MARX K. O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte. São Paulo: Centauro, 2006.

Mazzieiro, JB. Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e outros *delitos* - São Paulo 1870/1920 Rev. bras. Hist. vol. 18 n. 35 São aulo 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100012 (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

MINAYO, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª ed. São Paulo. HUCITEC, 2010

NAPOLITANO, M. A televisão como documento. In: Bittencourt, C. O saber histórico na sala de aula. 12ª Ed. São Paulo: contexto, 2012

NOHARA IP, SILVA MOM. Coronelismo, enxada e voto: da imprescindibilidade da análise de Víctor Leal para a compreensão das raízes da manifestação do poder privado no âmbito das Administrações Municipais da Velha República. Disponível em: HTTP://.cantareira.br/thesis/coronelismo-enxada-e-voto-da-imprescindibilidade-da-análise-de-victor-nunes-leal-para-a-comprensao-das-raizes-do-poder-privado-no-ambito-das-administrcoes-publicas-da-velha-republica-v/ (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

PERROT, M. As mulheres, o poder e a história. In: Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIERANTI, OP. A radiodifusão e os coronéis da mídia: uma discussão conceitual acerca do "coronelismo eletrônico". ECO-PÓS- v.11, n.1, janeiro-julho 2008, pp.128-145. Disponível em: http://www.e-papers.com.br/carrinho_livre.asp?codigo_produto=1525 (acesso em 21/07/2014 às 16:00h)

PINSKI, J; PINSKI, CB. Por uma história prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, L. (org.) História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 6ª edição. São Paulo, Contexto, 2010, p. 17- 36

POPE, C.; MAYS, N. Pesquisa qualitativa na atenção à saúde. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

POUPART, J. et al. (ORG.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PROST, A. Dose lições sobre a história. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

QUEIRÓZ MIP. Coronelismo. In: HOLANDA SB (org.). O coronelismo numa interpretação sociológica. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano: Estrutura de poder e economia (1889-1930). Tomo III, V.1. São Paulo: Difel, 1975.

RAMOS, MD. Reflexões sobre o processo histórico-discursivo do uso da legítima defesa da honra no Brasil e a construção das mulheres. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 20, v. 1, p. 53-73, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2012000100004&script=sci_arttext (acesso em 04/08/2014 as 10h00min)

ROCHA, H.; MAGALHÃES, M.; CONTIJO, R. A aula de história como texto: historiografia e ensino de história. In:_____ A escrita da história escolar: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

RÜSEN, J. Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012

RÜSEN, J. Aprendizado histórico in: SCHMIDT, MA; BARCA, I; MARTINS, ER. Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: ED. UFPR, 2010 a.

RÜSEN, J. História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010 b.

RÜSEN, J. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa a consciência moral.in: SCHMIDT, MA; BARCA, I; MARTINS, ER. Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba: ED. UFPR, 2010 a.

RÜSEN, J. Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010 c

SAAD,MSS. Casamento: a complexidade do conceito. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FDir/Artigos_2008/CASAMENTO_a_complexidade_do_conceito_Martha_Saad.pdf (acesso em 06/08/2014 às 15h00min)

SANTANA, RO. Práticas amorosas e afetivas na Paraíba (Séculos XIX e XX): O papel da família, da igreja e do estado nas tentativas de regularização social. Veredas da história. Ano IV - Ed. 2 2º Semestre de 2011– 2011. Disponível em: http://veredasdahistoria.kea.kinghost.net/edicao6/DOSSIE_06.pdf (acesso em 06/07/2014 às 15h00min)

SANTOS, CL. Mulheres Honestas, Homens Honrados: a honra sexual entre o tradicional e o moderno – Feira de Santana (1940-1960). Anais do XIX encontro regional de história: Poder, violência e exclusão. ANPUH/SP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Disponível em: http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Cristiane%20Lima%20Santos.pdf (acesso em: 22/05/2014 às 3h00min)

SANTOS, S; CAPPARELLI, S. Coronelismo, radiodifusão e voto: a nova face de um velho conceito In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.) . Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia.1 ed.São Paulo : Paulus, v.1, 2005 p. 77- 101. Disponível em: http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/10.%20Coronelismo,%20Radiodifus%C3%A3o%20e%20Voto%20a%20nova%20face%20de%20um%20velho%20conceito.pdf (acesso em 21/07/2014 às 16h00min)

SANTOS, SG. A mulher no coronelismo: cama, mesa e banho. Disponível em: http://www.recantodasletras.com.br/artigos/147933 (acesso em 01/07/2014 às 18h00min)

SCHIMIDT MA. Literacia histórica: Um desafio para educação histórica no século XXI. Historia & Ensino, Londrina, V. 15, , 2009, p. 09-22Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11424 (acesso em 04/08/2013 as 10h00min)

SCHIMIDT, M. A. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITENCOURT, C. (org). O saber histórico na sala de aula. 11ª edição. São Paulo, Contexto: 2010. p. 54- 66

SCHIMIDT, M. A. Ensinar história. 2ª edição. São Paulo, Scipione, 2009

SENNA, AK. A instituição matrimonial: os casamentos em Rio Grande (1889- 1914). Rio Grande, Fundação Universidade do Rio Grande, 2001.

SILVA, RBV. Coronelismo e banditismo no sul de MATO GROSSO: uma análise sobre a violência costumeira em Sant'ana de Paranaíba. Disponível em: http://www.cptl.ufms.br/hist/ndhist/Anais/Anais%202010/Aceitos%20em%20ordem%20alfabetica/Rodolfo%20Batista%20VALERIO%20da%20SILVA.pdf (acesso em 21/07/2014 às 16:00h)

THOMPSON, J.B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 11ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes: 2009 a

THOMPSON, J.B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes: 2009 b.

TONON, J.B. Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela “mulheres apaixonadas. [Dissertação] Bauru, 2005. http://www4.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/joseana.pdf (acesso em 09/08/2014 às 08h00min)

VASCONCELOS, SGT. Homens provisórios. Coronelismo e jagunçagem em Grande Sertão: Veredas. SCRIPTA, v. 5, n. 10, 2002, p. 321-333. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta10/Conteudo/N10_Parte01_art25.pdf (acesso em 22/07/2014 as 22h00min)

YIN, RK. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A

PROTOCOLO ESTUDO DE CASO

Caracterização dos participantes da pesquisa		
Sujeito: Jade		
Sexo: Feminino	**Idade:** 37 anos	**Escolaridade:** Superior
Estado civil: Casada	**Cor:** Negra	**Religião:** Umbanda
Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Enfermeira
Atividades: Atua como enfermeira/ Cursa Especialização		
Sujeito: Esmeralda		
Sexo: Feminino	**Idade:** 35 anos	**Escolaridade:** Mestrado
Estado civil: Casada	**Cor:** Negra	**Religião:** católica
Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Enfermeira
Atividades: Atua como enfermeira		
Sujeito: Granada		
Sexo: Feminino	**Idade:** 37 anos	**Escolaridade:** Mestrado
Estado civil: Solteira	**Cor:** Branca	**Religião:** Católica
Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Enfermeira
Atividades: Atua como enfermeira/ Cursa Doutorado		
Sujeito: Ágata		
Sexo: Feminino	**Idade:** 37 anos	**Escolaridade:** Mestrado
Estado civil: Casada	**Cor:** Branca	**Religião:** Umbanda
Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Enfermeira
Atividades: Atua como enfermeira		
Sujeito: Ametista		
Sexo: Feminino	**Idade:** 50 anos	**Escolaridade:** Mestrado
Estado civil: Casada	**Cor:** Negra	**Religião:** Católica
Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Enfermeira
Atividades: Atua como enfermeira		
Sujeito: Turquesa		
Sexo: Feminino	**Idade:** 32 anos	**Escolaridade:** Doutorado
Estado civil: Casada	**Cor:** Branca	**Religião:** Evangélica

Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Enfermeira
Atividades: Atua como enfermeira		
Sujeito: Pérola		
Sexo: Feminino	**Idade:** 68 anos	**Escolaridade:** Ens. Fundamental
Estado civil: Viúva	**Cor:** Branca	**Religião:** Católica
Naturalidade: Jaguarão		**Profissão:** Costureira
Atividades: Aposentada		
Sujeito: Zircônia		
Sexo: Feminino	**Idade:** 50 anos	**Escolaridade:** Ens. Médio
Estado civil: Casada	**Cor:** Negra	**Religião:** Católica
Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Do Lar
Atividades: Atua como consultora Natura		
Sujeito: Turmalina		
Sexo: Feminino	**Idade:** 39 anos	**Escolaridade:** Ens. Superior
Estado civil: Solteira	**Cor:** Branca	**Religião:** Espírita
Naturalidade: São José do Norte		**Profissão: Advogada**
Atividades: Atua como advogada		
Sujeito: Citrino		
Sexo: Masculino	**Idade:** 29 anos	**Escolaridade:** Ens. Superior
Estado civil: Casado	**Cor:** Branco	**Religião:** Católico
Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Servidor Público
Atividades: Programador		
Sujeito: Ônix		
Sexo: Masculino	**Idade:** 57 anos	**Escolaridade:** Ens. Médio
Estado civil: Casado	**Cor:** Negro	**Religião:** Católico
Naturalidade: Rio Grande		**Profissão:** Servidor Público
Atividades: Aposentado		

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa, Rio Grande – RS, 2014

APÊNDICE B

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Inicialmente é preciso eu comentar que nesta pesquisa eu utilizo a novela Gabriela, ambientada em Ilhéus e no ano de 1925, como um instrumento para a massificação da aprendizagem histórica. Deste modo, vou buscar na tua narrativa e nas tuas observações elementos que demonstrem a ocorrência da aprendizagem histórica, sendo estas suportadas na narrativa histórica contida em Gabriela.

1. Quais os personagens que você lembra na novela?
2. Que história esse personagem contou?
3. O que você aprendeu com essa história?
4. As cenas representadas em Gabriela ainda permanecem hoje?
5. Qual a ligação destas cenas com a atualidade?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) ..... para participar da Pesquisa **APRENDIZAGEM HISTÓRICA: DIÁLOGOS ENTRE A NOVELA "GABRIELA" E A HISTORIOGRAFIA**, sob a responsabilidade da pesquisadora Elisabete Zimmer Ferreira, a qual pretende: **Analisar as relações dialéticas entre uma cultura histórica construída através da historiografia sobre os conceitos de coronelismo e clientelismo e a narrativa desses conceitos na novela Gabriela e essa como meio de massificação da aprendizagem Histórica**.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas, as quais serão gravadas e transcritas pela pesquisadora para posterior estudo. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o conhecimento na área da educação histórica.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em História/FURG, R. Cap-tem. Heitor Perdigão, nº 10, Rio Grande-RS, 96200-580 ou pelo telefone 53- 2125-9749.

Consentimento Pós–Informação

Eu,..... fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

..... Data: ...../ ...../ .....

Assinatura do participante

.....

Assinatura do Pesquisador Responsável

Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

APÊNDICE D

EXTRATOS DAS NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES - APRENDIZAGEM HISTÓRICA: CORONELISMO/CLIENTELISMO

CORONELISMO/CLIENTELISMO					
Extratos das narrativas dos participantes/ Unidades de referência	Poder/ Mando/ Submis-são	O coro-nel e sua gente	Fragmen-tação do sistema	Política:Cliente-lismo e Alianças	Vio-lên-cia
Os coronéis dominavam a política porque antes era assim, um coronel **mandava** em toda a cidade na questão do voto, então era sempre ele que **mandava** na cidade. E, quando o Mundinho chega ele **tenta mudar** aquilo ali, mas os coronéis tentam se manter unidos para não perder o poder(Jade)	X		X		
o Mundinho chega na cidade eu vejo ele **vindo para mudar**, para revolucionar, ele é um cara que tem ideias novas, é um visionário. Ele vem da capital e lá era diferente, então ele vem com a ideia de modernizar. Ele queria construir estradas, ampliar e pra ele ilhéus foi uma cidade muito chocante, onde o coronel mandava e todos obedeciam. **Ele vem com uma ideia diferente de política, de sociedade, de relacionamento. Ele tinha uma ideia diferente da politica dos coronéis,** porque na capital até podia ter um pouco da política do coronelismo, mas ali era muito forte porque **o coronel mandava desde o padre, até o mais miserável**. Eu acredito que na capital isso era menor, porque na época da novela o sistema do coronelismo já está falindo. Na capital ainda se tinha partidos que se enfrentavam e **ali não tinha, era o partido do coronel porque os outros tinham que votar nele ou em quem ele queria** porque eram amigos, ou porque o filho tinha casado com a filha (Jade)	X		X		
Primeiro ele **era um título militar**, depois ele passou a ser de quem tinha mais poder. Porque ele tomou aquele lugar e ele acabou tendo a maior terra, a maior plantação de cacau. Na verdade na época da novela **não é coronelismo por militarismo, eles não eram graduados por serem militares**. Eram os coronéis do café, do cacau, graduados pelo poder pela posse e pelo poder de mando (Jade)	X	X			
os **filhos de coronéis casavam entre eles**, para manter os bens e para manter a estrutura do coronelismo. Assim eles mantinham o mesmo estilo de vida. Se o pai já fosse coronel, o filho agiria da mesma forma que o pai e que o sogro pensavam. **O casamento interferia também na política** porque era conveniente. Casar a filha com o filho do fulano era conveniente porque aí era **mais um aliado** por causa da família (Jade)		X		X	
A violência era usada para tudo. No primeiro capitulo mostra uma família que morava na terra e eles chegaram, tiraram, mataram e tomaram a terra e já se colocaram, então já começa a crescer aquela sociedade **e um, que tem mais força passa a mandar ali.** Eles **também usavam a violência para impor a lei, só que a lei era próprio corone**l (Jade)	X				X
Não tinha lei, era **o coronel que decidia e usava a violência para impor a sua vontade.** Do mesmo modo que foi com o Jesuíno, quando ele matou a sinhazinha **o Ramiro que mandava na cidade não deixou o delgado prender o Jesuíno porque era amigo dele** (Jade)	X			X	X
quando a Jerusa defendeu mundinho, porque para mim o Ramiro ter colocado ela num convento foi uma violência. Ele tirou a liberdade dela, que era o que ela e a Malvina prezavam muito, e ninguém fez nada nem o pai nem a mãe dela. **Todos, mesmo não concordando fizeram a vontade do coronel** (Jade)	X				

Eu lembro do **Ramiro dizer que conhecia o governador, então ele tinha aliança que ia além daquelas com os coronéis**. O poder dele ia um pouco mais além da cidade de ilhéus e **isso era uma forma dele também conseguir se manter**. (Jade)	X			X	
o Ramiro captava os votos pelos poder que tinha na cidade até sobre os outros coronéis. O Mundinho começou a captar trazendo aliados para ele, mas oferecendo mudança que trariam vantagens para a cidade e por consequência para quem se aliasse a ele. **É uma troca de favor, é assim tu manténs as trocas. A maneira com que vai ser feito é diferente, mas chega no mesmo ponto**. O Ramiro oferece algumas vantagens, e quando não funciona ele impõe e quem não trabalhava no ritmo dele vai sofrer as consequências, eu via todo mundo com medo dele. O Mundinho não usa a mesma coisa**, mas no final ele também usa a troca** (Jade)	X			X	
A aliança se mantinha também pela troca de favor, assim como o Mundinho não vai se diferenciar muito nisso. **Do tipo eu conheço o fulano que trabalha, ai tem uma troca de favor no meio, até que se consiga chegar no presidente e ele autorizar,** que seja essa autorização federal vai além do estado, que era o que o Ramiro ia só até o estado.... Eu acho que **os dois constroem seus nichos políticos com favorecimento** e o Ramiro usa também a violência (Jade)				X	
.....**continuou tendo as mesmas trocas de favor**, mas não tanto com a força, não usando tanto a força para conseguir tudo o que queria. Então, **hoje o que se vê nas eleições é venda de voto, um grupo de pessoas que não têm nada, troca o voto por uma televisão, um voto por um sacolão** (Jade)				X	
Um miserável sem cultura, que não sabe ler nem escrever, em cidades menores que **são mandadas sempre pelas mesmas pessoas**, ganham um **titulo de eleitor e usam como as pessoas dizem**, vota aqui que é nesse que vocês tem que votar, então continua acontecendo as mesmas coisas ainda (Jade)	X				
Total (Jade)	**9**	**3**	**2**	**6**	**2**
È um período que tem **a busca pelo poder**, a **briga pelo poder,** o autoritarismo dos coronéis, **as trocas de favores** que envolvem o não crescimento da cidade porque alguns coronéis e outros governantes lucram com isso, pois eles fazem isso visando a parte financeira e a **manutenção do seu poder** (Esmeralda)	X			X	
A **busca do poder relacionada com a violência**, como adquirir terras, determinadas propriedades que são do outro, **usando para isso a violência**, assim o maior engole o menor, ou seja, quem tem mais armas e maior poder de fogo acaba tirando as pessoas de seus lares e até **matam para isso** (Esmeralda)	X				X
O Melk é um dos coronéis, é poderoso, e aliado dos outros coronéis, mais do Ramiro. O Melk deixa bem claro aquele político que se **alia a outros políticos pelo poder**, pela vantagem financeira, que é o que ele fazia (Esmeralda)	X			X	
atualmente ainda ocorrem atos como os do Mundinho Falcão e os do coronel Ramiro. Tanto que em algumas regiões aqui do sul, do norte e nordeste você consegue **visualizar essas trocas de favores, de intimidação com as pessoas, esse crescimento financeiro, essa intimidação das pessoas para conseguir votos, outros favores financeiros,** eu acho essa política muito visível, isso é uma permanência daquela época, mesmo que um pouquinho mais camuflada, mas que se for pesquisar a fundo está ali (Esmeralda)				X	
E na política existem os Melks que como mostrou a novela era **aliado dos outros coronéis e do que era o que mandava mais**, que era o Ramiro. Eu acho que eu estou muito desacreditada do ser humano, ou da política, porque eu acredito nas vantagens. Eu acho que as pessoas vão onde tem vantagem, é claro que tem algumas que acreditam em proporcionar uma vida melhor para os outros, mas se a gente analisar os partidos políticos se **aliam para ter vantagem uns sobre os outros** (Esmeralda)				X	

Total (Esmeralda)	3	0	0	4	1
O mundinho é o novo porque ele vem com transformações.... para o povo que estava cansado do mando dos coronéis ele foi a salvação daquela cidade, para aqueles mais revoltosos, para os partidos que faziam oposição ao Ramiro e como ele tinha poder e dinheiro e conseguiu também afrontar os demais que eram do Ramiro Bastos por influências não só financeiras mas políticas é assim que eu vejo, o predomínio do coronelismo naquela época marcando um período histórico que perdurou por um bom tempo, talvez uns 50 anos, não sei com certeza o período(Granada)			X		
o sistema coronelista é **um sistema de mando**, onde a **política tem as trocas de favores** e vai em busca dos benefícios próprios (Granada)	X			X	
A política era bem troca, tu votas em mim que tu vais ter tal privilégio, seja ele por prestígio social, por recursos financeiros ou por terras, foi bem visto isso também, o domínio do voto (Granada)				X	
A filha mulher era apenas uma moeda de troca, o filho de um coronel que casasse com filha de coronel recebia um dote por terras, ou então isso repercutia em expressão política. Como todos tinham ideia de estar no domínio daquela cidade porque era uma cidade muito rica pela cultura do cacau, era uma **cidade muito produtiva, então isso gerava muitos frutos não só para ele, mas, também para quem estava no poder, tanto em nível estadual, mas principalmente em nível municipal, tanto que o coronel não queria sair do poder** tentando comprar todos os coronéis e as pessoas que estavam na cidade. **Ele tinha uma poder tão grande que comprava votos, bem específico do coronelismo as eleições anteriores ao Mundinho Falcão eram só fictícias, só para constar**, só para iludir o povo que tinha poder e liberdade de escolher, mas a escolha não existia porque a escolha já estava traçada, bem assim dava para perceber na novela (Granada)	X				
o Ramiro Bastos que tem **um filho que é médico e outro que é dono do cartório** em Ilhéus, e eu me lembro que a Gabriela não tinha documentos e o cara, aquele, eu não lembro o nome, o do bigodinho que vivia no bordéu, **providencia os documentos** para ela, para mim isso era comum na época. Então eu acho que isso existia também para outras coisas (Granada)				X	
Esse coronelismo ainda se mantém por causa do domínio de partidos mais ricos sobre os mais pobres. Tem esse domínio, claro não que com a força física, mas o domínio com outra força implícita que é dominante também por causa do sistema capitalista porque tem a questão do lucro sempre em detrimento de uns para enriquecimento de outros (Granada)	X				
Vão mudando os regimes políticos e econômicos, essas mudanças e transformações vão ocorrendo também pelas próprias mudanças de pensamento das pessoas. De qualquer forma **tem o fim do coronelismo**, mas mantem-se os traços porque ainda **permanece o poder focado numa pessoas só**, essa pessoa **comprando votos**, mantendo a compra de votos e posições sociais, coisas que perduram até hoje (Granada)	X		X		
O **coronelismo terminou**, porque se tu fores ver **não tem mais coronéis, mas isso ainda ocorre.** Por exemplo: hoje em dia nós temos a Dilma que é uma representação do Lula, porque o Lula trouxe mudanças, mas mudanças que persistem um pouco da linha direita. **Ele teve que se vincular a linha direita para poder se eleger, então isso foi troca, também como foi relacionado com o Mundinho Falcão** O Lula se aliou a linha da direita que eram os grandes poderosos, foi o mesmo que o Mundinho fez cooptou os coronéis que eram favoráveis ao Ramiro Bastos e acabou se dando bem e se elegendo claro que de uma forma diferenciada porque o tempo é outro, o espaço é outro, com acesso a informação, porque é um período diferente, mas a essência é a mesma... hoje é assim, um se alia a outro em troca de favores, um exemplo disso é que quem está em cargo de confiança ganha as vezes quatro			X	X	

vezes do que os outros para ser os olhos e ouvidos de quem manda, aqui na prefeitura é assim (Granada)					
Essa parte histórica também traduz a nossa realidade como o domínio político, o domínio de poucos sobre muitos, a influência daqueles que detém o poder e o dinheiro sobre os minoritários. Os minoritários tendo que acatar ordens e naquela época sofrendo domínio físico porque não se tinha direito a liberdade e direito de ir e vir, porque quem determinava todos os passos dos seus funcionários era o coronel, hoje há esse direito, mas a gente ainda tem a liberdade violada (Granada)	X				
Total (Granada)	**5**	**0**	**3**	**4**	**0**
Pelo que eu entendi coronelismo era uma época política que **já havia uma estrutura de lei**, **tinha um governador, um presidente** e isso é salientado na novela, porém isso não tinha valor nenhum. **Isso não interessava ali**, o que **interessava era o que o coronel decidia e como mandava** (Ágata)	X				
em relação ao Mundinho, eu até nunca tinha pensado nele como um coronel, eu não penso nele como um coronel. Eu **pensei nele como o contrário do coronel**, sempre ele como o contrário do coronel. **Ele veio para quebrar a impunidade**, pelo menos na minha cabeça, não sei se estou certa (Ágata)			X		
era um grupo de coronéis, onde se tinha o chefão principal, depois os **mais próximos a ele** que também eram dominantes e depois tinham **aqueles que eram mais afastados** e que não vou me lembrar o nome mas, eram mais frágeis. Eu lembro também de um coronel que se submetia ao coronel Ramiro, mas ele já tinha ideias contrárias (referência ao coronel Altino), eu não lembro com clareza as situações, mas sei que existia uma fragmentação (Ágata)	X	X	X		
Pelo que eu entendi coronelismo era uma época política que **já havia uma estrutura de lei**, **tinha um governador, um presidente** e isso é salientado na novela, porém isso não tinha valor nenhum. **Isso não interessava ali**, o que **interessava era o que o coronel decidia e como mandava** (Ágata)	X				
se o coronel queria alguma coisa não tinha que impedisse, tu tinha que ceder de alguma forma ou tu morria, porque era assim que funcionava, pela **questão da violência** (Ágata)					X
.....acho que a novela trás e mostra a realidade do que é a política sim, porque a política é assim mesmo. Eu **enxergo a política assim: um jogo de favores**, hoje eu cedo para ti que amanhã tu cede para mim. Eu acho que os políticos dominam, não sei nem se não são os coronéis daquela época porque na verdade quando a gente acaba descobrindo alguma coisa, já tem uma proporção tão grande que a gente é ignorante, eu me sinto as vezes ignorante em relação a política (Ágata)				X	
Existe ainda a questão de **votar com quem o mandante vota**, até hoje se discute a **compra de votos**, tem um processo rolando aí de cassação, isso e aquilo, de cassação. Isso é a nossa realidade que está por baixo do pano e a gente só descobre depois, mas isso está por baixo do pano: as **compras de voto**. E eu tive uma experiência de vida num local pequeno, morei num local pequeno, numa cidade muito pequena onde isso é nítido. As **pessoas mandavam vota no fulano agora, entro contigo e voto contigo para ti votar no fulano....e o fulano** é o dono da cidade, **mas ele não tem o nome de coronel, ele tem o nome de prefeito**, entendeste? E aí o prefeito sai, mas fica no lugar dele, e isso não é tão longe da gente, quem ele determinou, é assim que acontece, não é mais coronel o nome (Ágata)			X		
Eu tive essa experiência muito próxima de mim, e eu vivi isso muito próximo porque lá a política era muito forte, e eu trabalhava na rede básica, e se **fazia muita política** ali, a saúde era muito envolvida com a política, então mesmo sem eu querer eu estava envolvida, eu não tinha porque, pois não era minha cidade, não era meu estado, foi muito distante daqui, e eu vivi apenas 1 ano e ½ ali. **Nós tínhamos um dia para não trabalhar, que nós não**	X			X	

trabalhávamos porque nós tínhamos que sair e fazer carreata com o prefeito, eu sendo ou não do partido dele, eu tinha que pegar o meu carro e colocar a bandeira dele e sair atrás, só que **eu não ia, por isso que eu fui demitida** (Ágata)					
Total (Ágata)	**4**	**1**	**3**	**2**	**1**
eu aprendi sobre o **poder dos coronéis**. **Eles mandavam** na cidade, no povo e não aceitavam que outro viesse de fora com ideias diferentes, que quisesse mudar aquela realidade porque eles queriam manter o monopólio, **manter o poder** (Ametista)	X				
O coronel Ramiro era **todo o poder**, era própria essência do coronelismo e o Mundinho representava o antagonismo às ideias do coronel. Tanto que no fim da novela o **Ramiro morre e o Mundinho passa a ter o poder**. Isso representa a mudança, porque ele conseguiu fazer algumas pessoas enxergar outra realidade e ele veio trazer uma realidade diferente, interferir na realidade das pessoas, de alguns, porque talvez houvesse os que continuassem fiéis àquele ser humano que morreu, pois ele era o que detinha maior poder. Mas **a morte do Ramiro mostra o fim e o Mundinho a transição, a mudança**, mas que é lenta, como toda mudança (Ametista)	X		X		
O primeiro capítulo trouxe a invasão das terras que era uma forma de centrar o poder e os demais **a política o mando** e a família. O coronel tinha uma filho, este filho **herdava o poder do mando**, o poder ficava nas famílias, **os casamentos eram entre os filhos dos coronéis, ou pessoas de influencia e sempre entre pessoas com as mesmas ideias**, não aceitando o novo, era tudo imposto sempre de cima para baixo. Eu acho que **o casamento era para os homens uma forma de manter o poder político**. (Ametista)	X	X			
Tinha **violência que era extrema**; tudo era na base da violência. Havia **violência na política**, entre adversários políticos que fossem contra as ideias do coronel, então a **violência era permitida**, aceita, era parte do sistema, tudo em nome do poder (Ametista)	X				X
Hoje, de certa forma, tem coisas que permanecem daquela época, como **a troca de favor**. É questão da política, o favor político, na questão do poder. Tem os partidos políticos: eles concorrem, concorrem de novo, então é aquela **disputa de poder, do voto, é a compra de votos.** Seguidamente próximo às eleições tem casos de **denúncias de compra de votos, como dar churrasco**, mas a gente sabe que não é só isso, **é oferecido o churrasco como forma de conseguir votos** e na novela foi mostrado de outra forma, mas é o que ainda acontece hoje (Ametista)	X			X	
O sistema na época **era o coronelismo, hoje a gente não vê mais falar nesse nome**, mas, algumas coisas daquela essência ainda permanecem (Ametista)			X		
A novela mostrou a sociedade daquela época e como a política era feita, também **tinha essa coisa de um se aliar a outro,** coisa que nós ainda podemos ver hoje. Isso acontece muito na própria política: no próprio congresso, em relação ao partido do governo, quando quer ganhar votação, ele **oferece cargos políticos para fazer com que um projeto seja aprovado**, **isso é uma troca de favor**, como a gente chama, e isso também acontece com a população porque próximo às eleições aparece coisas como: têm problemas que não se resolvem num mandato inteiro, ai as pessoas querem continuar no poder, então a estrada tal que era para ser duplicada há muitos anos, começa a obra a ser feita. E **quando a gente tem uma troca de poder tocam os cargos de confiança**, como as secretárias da saúde ou daquilo outro, igual o coronel tinha, pessoas de confiança em pontos chaves, o principio é esse e se mantem (Ametista)				X	
Total (Ametista)	**5**	**1**	**2**	**2**	**1**
Os coronéis queriam explorar a população e não só a exploração, mas a **acumulação de riqueza e de poder**, no sentido de eles se sobressaírem como donos e proprietários da região onde eles moravam, de certa **forma mantendo a**					

população submissa a eles (Turquesa)	X				
O **Mundinho é diferente dos coronéis.** Eu acho que ele age diferente porque ele vem de outra região com outros valores. **Quando o Ramiro morre ocorre a quebra, a fragmentação de um período e a ascensão de outro**. Eu acho que não há manutenção justamente porque o Mundinho vem de outra região com outros valores, e ele já vem com esses valores contextualizados no dia a dia dele (Turquesa)			X		
O **poder dos coronéis está muito atrelado à submissão** do povo, justamente por ser oprimido pelo **curral eleitoral** mantido pelos coronéis, então o povo idolatrava essas pessoas e votavam conforme o coronel votava. Então, o **poder do coronel tornava as pessoas submissas**, oprimia o dia a dia dessas pessoas para que eles ficassem donos da região e **pudessem mandar** nesta região (Turquesa)	X				
os coronéis da região **achavam que tinham grande poder**, mas quando a novela mostrou que o Mundinho Falcão conseguiu começar a estrada de Ilhéus, aquela que morreram os pais da Lindinalva, eles viram que o **Mundinho Falcão tinha influência numa esfera de poder bem maior, que é a federal**, e, **o coronel que mandava na região só chegava até o estado porque ele tinha um filho que era deputado**....aquela nova figura política que está se instalando na região como alguém melhor que eles, inclusive ao Ramiro, que **mandava em todos os outros coronéis**, porque mesmo que ele tivesse contato com o governador o outro tinha contato com o presidente e isso é uma influência política muito maior, muito mais superior...Isso surge como um desafio, como uma ameaça, acho que a palavra certa é essa: ameaça, a esse poder que eles desenvolviam sobre as pessoas, então, para eles é muito complicado ter esse cara novo com influência em esferas muito maiores que as deles (Turquesa)	X			X	
O casamento também interferia na política porque se eu casasse com m rico ou então alguém casa comigo eu sendo **filha de um coronel era muito mais fácil manter os negócios e o poder político**. O poder político nessa época está muito atrelado ao ser fazendeiro, a ter um poder aquisitivo maior, então **quem tinha mais poder mandava na região justamente pela opressão social**, porque as pessoas eram subjugadas pelos coronéis que **detinham o poder** justamente por ter um poder aquisitivo maior. Então **o casamento era com certeza uma forma de trocar favores e construir alianças políticas para em períodos de eleição** garantir a estabilização no poder político (Turquesa)	X	X		X	
a violência estava ligada ao fato de que **quanto mais terras o coronel tinha maior era o seu poder**. Então, **a violência era uma forma de coação, uma forma de exercer ações coercitivas sobre a população, também obrigando as pessoas a votar em quem o coronel queria**, porque se não podiam **mata-la, ou retirar sua casa**. Então, muitos desses **coronéis se afirmavam justamente por meio da violência** (Turquesa)	X				X
Vamos para a questão política então. Bom então a gente tem algumas questões do país que não mudaram muito. É bem visível o quadro que foi retratado na novela que é o **curral eleitoral.** O que seria isso? **Eu dou algo para alguém** de menor valor, não com boas características, mas para aquela pessoa o receber ou dar alguma coisa funcionaria como moeda de troca como o voto ou outras coisas relacionadas a política e a novela mostra bem isso. **Eu dou alguma coisa para ti, ou faço uma melhoria na tua casa, logo tu tens o compromisso de me dar um voto, de estar comigo**, ou de idolatrar a mim como alguém que realmente pode fazer alguma modificação e muitas vezes isso era só momentâneo e logo a região passava a ser desvalorizada novamente (Turquesa)				X	
A própria forma de fazer política mudou, mas ainda mantém algumas coisas veladas. Tem algumas regiões, principalmente aquelas representadas na novela, como o nordeste e o norte têm essas coisas bem definidas. Um					

exemplo disso é **o pleito eleitoral**, **eu tenho mais poder**, então **te dou um saquinho de feijão; Aí tu ficas feliz, então tu votas em mim**. Então tem algumas questões, como isso que eu falei agora é mantido, em algumas regiões é escancarado e em outras é velado. Só que eu acho que isso **a nível nacional é tão escancarado que tomou outro formato, exemplo é o bolsa família.** O Bolsa Família é uma forma de manter o curral eleitoral porque se estou no poder e dou R$ 70,00 e apareço na televisão dizendo que dou 10% de aumento no bolsa família, usando uma mídia que é vista nacionalmente. Então, eu não estou dizendo diretamente vota em mim, mas estou mostrando como sou bom. De certa forma, de forma indireta, digo: vota em mim, até porque eu também sou candidato nas próximas eleições. É aí que a gente percebe que **o curral eleitoral** e as antigas ações se mantêm (Turquesa)				X	
Total (Turquesa)	**5**	**1**	**1**	**4**	**1**
O coronel Ramiro Bastos era o grande coronel e tinha também o Dr. Mundinho Falcão, acontece que eles eram rivais um do outro, mas o Mundinho não era coronel. Só que o **coronel é quem mandava na cidade**. O Mundinho era diferente do Ramiro, ele veio do Rio de Janeiro, **tinha inteligência e poder**. O **Ramiro não tinha poder, quer dizer só na cidade onde ele morava**, ele era bem dizer uma **pessoa ignorante**. **Ele era coronel porque ele comprou o nome de coronel** (Pérola)	X	X			
Os **amigos do coronel Ramiro eram da família**, filhos, netos e **depois todos aqueles coronéis**. **O Dr. Mundinho Falcão era só, ele veio sozinho do Rio de Janeiro, a onde começou a construir amizade com o repórter e outro mais que era advogado.** Assim que ele começou a fazer amizade e eles se aproximam dele por causa da inimizade que tinham com o coronel Ramiro. Eles queriam derrotar o coronel Ramiro e não sabiam como até que vem o Mundinho para ali. **O Ramiro tinha também outros amigos que eram os coronéis dali e os empregados dele** (Pérola)		X			
os coronéis sempre mandaram e ainda continuaram mandando, porque eles eram ricos, tinham muita terra, então ainda mandavam porque ainda tinha os que dependiam dele. **O fim do coronel foi quando o Ramiro faleceu sentado na praça. Aí começou o fim dos coronéis**. Isso eu acho que era o fim do governo dos coronéis e **o começo do governo das pessoas com mais estudo como o Mundinho** (Pérola)	X		X		
Eles eram uns homens brutos, uns animais e quando começaram a enriquecer **compraram o título de coronel e ficavam coronel mesmo** (Pérola)		X			
Também tinha o porto que o Ramiro não queria que melhorasse, então o Mundinho começou entrar nesse negocio de política e trouxe o engenheiro, para que entrasse os navios para poder levar o cacau. Com isso, **o coronel Ramiro não pode mais levar o cacau, então ele não deu mais apoio para o governador, porque tudo na política é assim, acordo com um e acordo com outro, é uma troca de favor porque nada é gratuito** (Pérola)				X	
O voto naquela época **era como o coronel mandava**. Eles também **trocavam favor entre os coronéis** (Pérola)	X			X	
as cenas do primeiro capítulo foram horríveis, mas era assim mesmo. No tempo dos meus pais a minha mãe dizia que quando chegavam aqueles coronéis, **eles entravam na casa de uma família e até matavam o homem para pegar a terra**. Foi aí que eles começaram a pegar **a riqueza por causa de matar as pessoas e pegar as terras das pessoas**. Minha mãe contava que chegavam certas fazendas, diz que até na fazenda da finada vovó foram, que eles faziam estripulias, mas quando chegaram na fazenda da vovó, a vovó deu comida para todos eles e eles não fizeram nada então. A minha mãe viveu isso porque se ela fosse viva ela ia estar com 95 anos (Pérola)					X
Eles conseguiam **tudo abaixo de violência, matar e mandar matar com os capangas,** né. Ele **mandou tocaiar o Mundinho** porque ele viu que a cidade ia ser construída e eles não queriam porque queriam ficar mandando na coisa					

de cidadezinha pequena. **Mandaram matar ele** porque queriam que ele parasse com aquela coisa de construir a cidade, porque viram que ele era muito inteligente. Se as coisas que o mundinho queria acontecessem todos **os coronéis iam perder o poder**, principalmente o Ramiro porque era ele que mandava em todos os coronéis. Ele **não queria perder o poder** que tinha na cidade, aquilo era um reino (Pérola)	X				X
Houve **muita violência**, teve a **cena da castração** que foi horrível, mas naquele tempo as coisas eram assim mesmo. Foi mais uma **demonstração de poder dele**, do Ramiro Bastos, pois **era ele que mandava** em tudo. Foi para mostrar que com ele ninguém podia mexer que ele mandava matar em seguidinha (Pérola)	X				X
Quando eles **casavam filhos de coronéis com filhas de coronéis também interferia na política**. Porque aquele dinheiro que eles custaram a adquirir matando as pessoas não podia se dividir, então eles costumavam juntar os filhos para adquirir mais alta fortuna, eles não podiam casar com gente pobre. **O casamento também servia pra botar um no poder e tirar outro, então poder dos que se juntavam era maior que o do outro.** Minha filha, naquela época o casamento era sagrado, era usado para tudo, eu fui cria da assim (Pérola)	X			X	
o Mundinho e um coronel que era amigo dele se veste de padre para tentar resgatar a Jerusa, mas não deu certo **porque a madre tem medo do coronel porque o coronel mandava lá. Mandava no padre, na escola em tudo, o coronel mandava em tudo.** O coronel Ramiro mandava em todos na cidade, até nos outros coronéis (Pérola)	X				
O Ramiro **tinha dois filhos** um que era **médico e que era deputado**, mas ele não gostava; e **o outro, que era dono do cartório**... Ele **falsificou os documentos** dela pra ela poder casar, porque ela não tinha nada e isso era normal naquela época, sabe porque vou te fazer um caso: meu tio, vinha as pessoas do Uruguai e ele dava o endereço dele e fazia certidão para todo mundo. Até para minha prima que morava lá no Uruguai ele deu certidão porque ele tinha amizade lá dentro com as pessoas, isso valia pra tudo até para a posse da terra. **A terra era roubada, claro que valia. Era bom ter uma parente ou um amigo nos lugares importantes**, tu vê: o filho era médico, mas não fazia essa função, ele era político. O Ramiro não queria que ele fosse médico, queria que fosse deputado para ter uma pessoa no rio de janeiro como conhecimento com os outros políticos. O filho foi lá, mas não fez nada. Também **o Ramiro era amigo do delegado e quando o aquele coronel matou a mulher ele até veio para prender, mas todo mundo foi a favor dele, então o delegado desistiu**. A Lei só valia para quem não fosse da turma do coronel Ramiro. Se fosse do lado do coronel podia até matar, porque o que ele fazia nem que fosse malfeito estava certo (Pérola)		x		X	
A política é a mesma coisa que o coronel fazia, é o que é em Brasília, a mesma do coronel, roubavam. **Continua a mesma coisa uns se aliando** aos outros, só que hoje as coisas são mais escondidas porque tem televisão, internet, então tem que cuidar um pouco mais, mas é mesma coisa que estão fazendo (Pérola)				X	
hoje como se vê por ai se **oferece um rancho para as pessoas pobres por um voto,** ou levam de ônibus de uma cidade a outra **e as pessoas vendem o voto**, é mesma coisa, o mundo é igual, só que agora tem o modernismos da televisão do computador e fica mais difícil de enganar o povo como se enganava antigamente. O povo hoje é mais ativo, o povo está sabendo e aceita se quer. **Hoje a gente vê, se revolta e não aceita, não vê o que está acontecendo em Porto alegre por causa da nossa copa,** atiraram pedras e fizeram estripulias. Não vê o que está acontecendo agora com os nossos vereadores, vão pagar R$ 40.000, 00 para o Fábio Branco, diz que de atrasado e também para os vereadores, mas o nosso prefeito está se debatendo que diz que não tem para pagar. Tu não vê: **o Fábio Branco era um coronel**. **Cresceu na política e só trabalhou na política, e política só ficou na família,**				X	

começou com o tio depois para o Fábio, depois para o primo e o Fábio de novo, só na família e não fazem nada, o povo aceita eu não sei o que o povo pensa A política segue toda igual, têm as trocas de favor, as alianças, tudo é a mesma coisa minha filha (Pérola)					
Total (Pérola)	**7**	**4**	**1**	**6**	**3**
O coronel **mandava em todos**, ou pelo menos queria mandar, já o **Mundinho veio para revolucionar e tirar aquele mando do coronel, fazer algumas mudanças**. O coronel Jesuíno era um machão, era um homem que não deixava nem sequer ter opinião própria, as coisas tinham que ser do jeito dele, nada podia ser de outro jeito (Zircônia)	X			X	
Um coronel tem a visão de que a cidade é dele e que ele não pode ser contrariado. Quem o contrariasse tornava-se seu inimigo e dali ele **mandava fazer coisas horríveis com as pessoas, até matar.**. Na cidade do coronel **ele era a lei, era ele quem fazia a lei** (Zircônia))	X				X
O mundinho veio de uma cidade grande com outra visão e então se deparou com uma cidade a moda antiga. Ele quer mudanças, não aceita o que o coronel vinha impondo na cidade aquelas leis absurdas, e nem era lei, era o mando mesmo. Então eu entendi que no fim, **a morte do Ramiro quis dizer que ia haver mudanças,** devagar, mas ia haver mudanças. **Alguns coronéis iam ser contra** as leis que o Mundinho ia lançar, as decisões que ele ia tomar porque ia ser diferente do eles tinham vivido, **mas ia acontecer muita coisa ainda** (Zircônia)	X		X		
Ele tinha um grupo de amigos que se formavam por interesses, cada um queria ganhar uma vantagem, ser amigo do poderoso porque por ser o coronel era o mais rico, ele podia tudo (Zircônia)		X			
O coronel tinha os filhos, um que era deputado e outro que era do cartório, isso facilitava as coisas para ele. Se ele precisava de um **papel forjado tinha como conseguir**, se precisava de alguma coisa lá de cima, do estado, ele conseguia (Zircônia)				X	
O **coronel matou a mulher, e o delegado até veio prender ele, mas como ele era amigo do Ramiro que mandava na cidade ele não foi preso.** O delegado chegou a conclusão que tinha que prender ele, mas os outros coronéis esconderam ele e **o Ramiro disse para o delegado que ele não podia prender o coronel, então o delegado desistiu**. Isso mostra que uns ajudavam os outros e que eles passavam por cima da lei para proteger os amigos. **O Mundinho mesmo pede um juiz de fora para julgar o coronel Jesuíno**, para que eles não pudessem se proteger Naquela época, e até hoje, em alguns lugares, eu acredito que ainda exista isso de mandar matar. Eles acham que vão ficar impunes por um tempo, ou talvez eles consigam ficar para sempre, não sei. Mas existe isso de mandar matar por alguma coisa que ficou contra as pessoas (Zircônia)	X			X	
Total (Zircônia)	**4**	**1**	**1**	**3**	**1**
Em cidades pequenas onde **o poder é muito grande**, o poder é muito aflorado, onde o **estado não manda tanto**, existem as leis, **é o coronel que assume as responsabilidades e vai mandar** como se fosse o dono da cidade, ele é aquele antigo senhor de escravos, ou o dono de terras, e, ele **acaba mandando no juiz, no delegado,** ele é o dono da cidade (Turmalina)	X				
Ele vai ser o político, pois quando não **pode mandar mais pela dominação total** eles entram na política**. Quando eles não se elegem, eles têm seus conchavos**, porque tudo gira em torno de poder e dinheiro (Turmalina)	X			X	
Na novela **o coronel queria ter um filho** para mostrar que além de ser poderoso, era macho e tinha para quem **passar o seu poder de mando**. Essa necessidade já é algo mais antropológico, e algo do animal interno do ser humano, perpetuar a família e o poder (Turmalina)		X			
As **relações de troca**, como os **casamentos**, pois as mulheres sempre foram moedas de troca, estiveram presentes na política coronelistas. Isso **de ter um amigo em cada parte, em geral é por troca de favores**, e dá um característica ao coronelismo, pois o coronel que tinha		X		X	

poder, comprava a amizade dos outros integrantes da cidade, como os tabeliões, mercadores (Turmalina)					
a gente vê a evolução da sociedade, as guerras, as lutas que as pessoas têm para ter um pouco de humanidade, mas nunca a gente perde **essa questão do coronelismo, do mando, é cultural.** Primeiro a gente foi súdito de reis, depois foi **apadrinhado do coronel**. Se tu fores ver na cidade e observar a prefeitura verás **cargos de comissão**, tem o amigo do fulaninho que consegue sempre ascender, isso a gente viu na novela e continua vendo nos dias de hoje, são os **favorecimentos** (Turmalina)	X	X		X	
Essas trocas sempre aconteceram na política e continuam acontecendo, mas hoje, está camuflado, com uma nova maquiagem. E isso é usado em favorecer os políticos. São **trocas que favorecem alguns e deixam a grande maioria de lado** pois se tu tens certo poder, tu colocas um filho como empregado de fulano, tu pensa em uma carreira política para o filho, para ter o poder em varias regiões (Turmalina)	X			X	
Total (Turmalina)	**4**	**3**	**0**	**4**	**0**
Para mim coronelismo, era um tipo de **governo arcaico** de **imposição de força bruta**, de domínio dos mais ricos, dos que tinham poder, por uma massa ignorante (Citrino)	X				X
O mundinho não era um coronel da forma tradicional, ele era mais um representante politico, e em certos pontos ele tem que agir como tal, mas era mais um líder carismático.O mundinho era chegado a democracia, mesmo tendo bastante força até por que **a maior força dele era governantes de fora, ele veio com um peso de ancoragem politica até maior que o de um coronel** (Citrino)				X	
A morte do Ramiro representa algo poético**, a morte do coronelismo e o inicio da democracia.** Na grande maioria não muda muita coisa, pois **no nordeste o coronelismo era muito forte naquela época** (Citrino)			X		
O coronel é uma pessoa que no geral não tinha um tratamento pessoal muito suave, era uma pessoa de atitude mais bruta, mais malvada, com maldade **em muitas atitudes para poder dominar pela força,** então **as pessoas se uniam a ele e em troca ele dava a segurança**, até contra ele mesmo, como nós temos as milícias hoje, para dar um favor em troca para proteger da milícia (Citrino)	X			X	X
Havia a necessidade de ter filhos, principalmente o filho homem, para ter um herdeiro masculino, e continuar perpetuando o nome da família. Essa parte era muito cobrada, e como ninguém nunca colocava quem era o infértil, se era o homem ou a mulher, a culpa caia em cima da mulher, mesmo que o casal tivesse filhas, a culpa ainda seria da mulher (Citrino)		X			
Já os coronéis, mesmo sem achar uma terra sem dono, em varias ocasiões, **as pessoas eram obrigadas a ceder a terra, ou caso não cedessem, era exterminada toda a família** e não ia ter dono mesmo e agrupavam ao seu prazer (Citrino)					X
Da maneira que eu vejo, **as eleições eram de acordo com o candidato que cada coronel ia apoiar**, o apoio era **baseado em uma troca de favores**, e em troca, o politico tinha certeza de que os empregados do coronel e ele próprio iriam votar em tal politico. O coronel com mais poder nem sempre precisava de falsificação, pois já era garantida a vitória (Citrino)				X	
Existiram **alianças de casamento** e algo assim era bem forte, pois garante que o bem das famílias não se dissipe, e isso **para a aliança politica era bem comum**(Citrino)		x		X	
Os coronéis se **uniam para fazer uma troca de favores**, e terem poder para se reafirmarem e poder derrubar algum deles caso precisassem Hoje **ainda acontecem trocas de favores nas eleições**, pois um determinado vereador estava lá embaixo na contagem de votos e após um tempo ele começou a subir de posição, se tornando uma cabeça de chave. **Isso não ocorre pela força, mas sim pela troca de favores** Hoje as **artimanhas politicas são mais sutis** que no coronelismo, talvez tão difíceis de se ver quanto de				X	

ser combatidas, ate porque antigamente, tu via como acontecia com a violência por exemplo. Hoje são **contratos fraudulentos**, envolvimento com o trafico, ocorre utilizando outros braços (Citrino)					
Total (Citrino)	**2**	**2**	**1**	**5**	**3**
O coronelismo, naquela época, foi **um sistema de mando visível.** Eu me lembro do Amâncio, do Ramiro do Jesuíno. Eles praticavam a força, **tinham dinheiro e poder**, principalmente poder, e **aquele que apresentava mais conquistas era superior aos outros** (Ônix)	X				
O Mundinho tinha uma cultura diferente, ele procurou meios de enfrentamento para bater de frente com a cultura que existia. Ao invés de ele entrar em sua zona de conforto, ele **resolveu utilizar-se de seus conhecimentos e sua política para combater os coronéis**. Naquela região, o que existia era um costume e não leis ou politicas de direitos. **Ele era um mensageiro de uma nova política na região então, com os coronéis, ele tinha certo confronto,** pois ele contrariava as culturas da região, sendo considerado um rebelde. A política que ele queria implantar, que seria a politica correta e justa, era uma política rebelde, eram leis completamente estranhas para os moradores da cidade, **leis que tiveram apoio externo** (Ônix)			X		
A terra era um grande problema, naquela época a terra era conquistada por meio de lutas, barganhas**. Tinha latifundiários, e empregados, que eram colocados na ponta de uma parte de terra e os latifundiários compravam a terra por mixaria das pessoas porque forçavam eles a sair**. Então o que se via era o latifundiário empurrando o mais pobre para fora de tal terreno, com um convite particular, sair ou sair **Por eu ter morado para fora, eu conheço bem essa parte da terra**. A quantidade de campo não era conhecida ao todo, não se tinha uma base de distância, mas era **o desejo do espaço deste campo pelo poder que fazia aumentar as propriedades,** quanto mais, melhor. **Hoje, aquele espaço não é importante ou interessante para os filhos e parentes de quem conquistou tal terra, pois geralmente não se sabe como lidar com esse espaço todo, e ele acaba sendo vendido ou deixado de lado**. Essa novela teve tantos anos, e se tratando de hoje, existe muito disso até hoje (Ônix)	X				X
Na novela a política era bem representada, **era uma política que era baseada no poder**, quem tem mais força, era o mais respeitado. **Os coronéis se respeitavam, pois sabiam que não deviam fazer uma briga entre eles**, pois logo após de uma briga, geraria certo apadrinhamento, e uma **junção de forças, pois se uniriam dois coronéis para derrubarem outro**, união que **ocorria por meio de casamentos**, o filho de um casaria com a filha de outro (Ônix)	X	X		X	
Eu acho que o que acontecia era **eu sou amigo do coronel**, se eu sou amigo do rei, **eu tenho que botar meu interesse** perto do coronel, e se eu estou perto do coronel estou bem. Hoje na cidade ela representa que **a cada troca de governo eu sou amigo do governo e do governador,** e se eu estivar próximo, **eu tenho minhas vantagens,** eu ganho alguma coisa. E isso continua até hoje (Ônix) .		X		X	
Total (Ônix)	**3**	**2**	**1**	**2**	**1**
Total Geral	**51**	**18**	**15**	**42**	**14**

Quadro 2 – Extratos das narrativas dos participantes a cerca de coronelismo/ clientelismo, Rio Grande – RS, 2014.

APÊNDICE E

EXTRATOS DAS NARRATIVAS DOS PARTICIPANTES - APRENDIZAGEM HISTÓRICA: SOCIEDADE

Sociedade			
Extratos das narrativas dos participantes/ Unidades de referência	Casamento	Mulher	Violência
.... começa as histórias que a gente sabe que aconteceu, da **esposa ter que obedecer o marido**, **a mulher como objeto** que foi demonstrado pela Sinhazinha que tinha que ser submissa ao marido**. As filhas e netas tinham que cumprir a vontade dos pais dos avôs** que mandavam em todas as mulheres, no caso, a mulher não tinha direito. **O casamento era arranjado**. A mulher **tinha que casar com o homem que o pai escolhesse**. Ainda se **mantém a cultura da mulher casar**, porque ainda se fala da mulher não ter casado, é solteirona, sempre alguém fala. Mas, a mulher consegue estudar, hoje já mudou, primeiro a mulher estuda e depois pensa em casar (Jade)	X	X	
O Jesuíno também foi importante porque mostrou como a **mulher tinha que ser submissa**, no caso a ele. No relacionamento dele com a dona Sinhazinha o homem mandava e **a mulher tinha que ser submissa, ela só estava ali para servir o homem**, por consequência ela traiu ele, por falta de amor, de atenção. Mas, aí mostra que ela não era totalmente submissa. Então **ele a matou** e lá entre eles, tanto que os coronéis defenderam ele, e a Dorotéia que o fez descobrir a traição achavam que era normal ele lavar a honra dele com a morte dela, que era um direito. **A mulher não podia trair e o homem podia matar por ela era uma propriedade dele**. (Jade)	X	X	X
ele casa de novo e **tinha duas senhoras que eram pretendentes dele e pra elas também era normal ele ter matado a dona Sinhazinha.... ele era idolatrado por elas**. Primeiro porque **elas eram solteironas** então, quando ele quis casar de novo elas acharam que podia ser com elas e **isso seria muito bom porque elas iam sair dessa condição que não era bem aceita pela sociedade**. Depois porque **todo mundo pensava que ele tinha mesmo que lavar a honra** e a mulher não tinha nenhuma lei que a protegesse (Jade)	X	X	X
tinha outras **mulheres que confrontavam esse modo de vida da mulher. As mais novas, a Jerusa e a Malvina mostravam que queriam mais liberdade**, principalmente a Malvina que buscava outra literatura. Ela e a Jerusa liam livros em casa que eram proibidos, a mãe delas até pegou elas lendo. Eram livros considerados proibidos, mas elas tinham essa necessidade. Elas já viam isso como uma forma de se libertar. **As duas personagens, elas vão mostrar que não iam aceitar a criação das mães** (Jade)		X	
A Gabriela barbarizou. Ela chocou porque a educação era completamente diferente. **Ela também casou**, mas ela casou por amor e **ela não queria ser preza ao marido**. **Ela era diferente das outras que já viviam naquela cultura de casar por conveniência e se submeter ao marido.** A diferença dela é que **ela casa por amor**, por amar o Nacib, então **o casamento dela não é arranjado**. Eu acho que **ela não chega a se submeter**. Ela começou a tentar mudar para agradar ele porque ele queria ser uma dama da sociedade, ela se esforçou para mudar, mas não conseguiu, tanto que ela presava a liberdade e a maneira dela ser (Jade)		X	
a maioria das mulheres do Bataclan, foi parar lá por não se encaixar naquela cultura, por ter sido usadas por outros homens, tiveram um **relacionamento sem serem casadas** e acabaram ali (Jade)		X	
Tinha aquelas que eram submissas e as que não eram submissas como a Sinhazinha. Também tinha as **filhas que não concordavam com a submissão das mães** e **viam no estudo uma forma de mudança.** Elas faziam de tudo para não perder a oportunidade de estudar (Jade)		X	
No final da novela **a Malvina foge, e, isso é uma forma de subversão, de buscar a mudança**. Foi o momento que **ela se libertou**, porque **ela nunca aceitou aquilo ali**, tanto que **ela vivia apanhando do pai**. Ela não baixava para ele tanto que **ela sabia que ia apanhar, mas ela fazia o que ela achava que era certo para ela** (Jade)		X	X
Naquela época a mulher não tinha contato com dinheiro, pelo menos eu tive essa visão da novela, **tanto que quando os pais da Lindinalva morrem, ela não sabe lidar com dinheiro e provavelmente a mãe dela também não sabia porque o pai é que lidava com o dinheiro**. A **mãe também não ia trabalhar no comercio por causa do que a sociedade ia dizer**, e, aí quanto		X	

ocorre a morte dos pais ela não sabia o que fazer (Jade)			
Ainda **tem uma certa submissão por parte da mulher. É claro que isso mudou porque a mulher ocupou espaço.** Primeiro **começou a trabalhar, a casar com quem amava, depois a estudar, aí conforme ela estuda ela vai ter uma profissão**. A gente vê que muitas mulheres já **trabalham e tem boa remuneração, só que a submissão ainda continua, é pela questão do emocional, porque muitas mulheres ainda continuam dependentes emocionalmente do homem**. Eu acho que isso é cultural e que isso ainda vem lá do pai, porque a minha mãe não trabalhava , mas era dona da casa; ela não trabalhava, mas o pai trabalhava e subsidiava a família, então ela cuidava da casa, do pai, da educação dos filhos (Jade)		X	
Muda a questão da mulher não mandar no seu próprio dinheiro, pois antes a mulher saia das ordens do pai e passava para as do marido, na novela mostra isso. **A mulher casava e o marido passava a mandar, então ela saia do domínio do pai para o do marido, inclusive no dinheiro. A mulher era dona de casa, mas não tinha poder sobre o dinheiro. Hoje em dia a mulher mantém esse domínio, é ela quem administra** mesmo não trabalhando porque seus maridos não permitem porque são machistas. Hoje a mulher sabe lidar com dinheiro **ela não é mais dona de casa, ela é que é a dona da casa** (Jade)		X	
Ainda por dependência emocional eu acho que a mulher se submete hoje ao homem como a Lindinalva ...A mesma coisa é o que aconteceu com a dona sinhazinha. Parece que a sociedade está regredindo ao tempo da novela, mas por motivos diferentes**. Os homens pensam assim: eu não aceito, ou tu ficas comigo, ou não ficas com ninguém. Não é mais aquela questão de lavar a honra, mas a posse. Eu estou vendo que os homens não aceitam o fim do relacionamento. E está acontecendo cada vez mais.** A questão não é nem por traição, mas simplesmente por não aceitar que a mulher deixe-os. Eu acho que quanto mais a gente evolui na tecnologia e em outros sentidos, parece que o homem está regredindo e isso há pouco tempo não tinha (Jade)			X
Hoje estão acontecendo as mesmas ações de violência, mas por outros motivos. Na novela **ele matou porque lavou a honra, porque tinha toda uma sociedade que ele tinha que satisfazer, mas hoje a violência ocorre pela possessividade.** (Jade)			X
Total (Jade)	**3**	**11**	**5**
tem, o **autoritarismo do pai e do marido, a existência de um desrespeito muito grande com mulher**, **por que tem aquela para casar e aquela mulher que é para ser usada e não respeitada**. Então há uma **falta de respeito com a mulher, ela não exerce nenhum de seus direitos de ir e vir, nem de resposta diante do marido**, ele fala e a mulher: filha ou esposa respeitam (Esmeralda)		X	
A novela nos mostra mulheres dependentes, conformadas, e outra rebelde como a Malvina, que era filha do coronel Melk. **Mulheres como a Malvina que queria sair daquele mundo que vivia buscaram o enfrentamento e foi esse enfrentamento de mulheres corajosas do tipo da Malvina que foi criando a mulher mais independente** (Esmeralda)		X	
depois que **o Jesuíno matou a esposa,** ele buscou casar de novo porque ele queria filhos e **a Sinhazinha não tinha filhos e isso era um problema na época** (Esmeralda)		X	X
hoje existem leis, uma punição prevista para quem desrespeita essas leis, o que antes não existia, pois **era possível matar em prol da honra... a sociedade hoje esta tentando mudar algumas coisas, com a punição aos agressores**, mas não podemos negar que **a existe bastante violência dirigida a mulher**. Eu acredito que naquele tempo as mulheres sofreram muita violência, como foi mostrado na novela (Esmeralda)			X
a mulher ainda sofre muita violência calada, por medo , por submissão, por dependência financeira, dependência afetiva. Acho eu **essa violência está muito aflorada, acho que estão existindo mudanças, mas que ainda é um passo muito pequeno, porque hoje mesmo tendo a lei Maria da Penha, a mulher ainda é agredida porque não há um policial 24h na porta dela**, ai o marido volta e executa o queria fazer antes, alguns se intimidam, mas outros não. Eu **acho que violência ainda está muito forte, mesmo tendo leis que intimidem** (Esmeralda)			X
Eu acho que **no casamento hoje ainda tem essa submissão da mulher, mais com o homem que é mais violento, ou que é provedor,** e com isso a mulher se intimida e se submete por dependência física, financeira, ou afetiva. **Nesse sentido eu acho que o casamento para algumas mulheres ainda é muito parecido com o do coronel Jesuíno com a Dona Sinhazinha**...mas mesmo algumas mulheres sendo independentes financeiramente são vitimas de violência (Esmeralda)	X		
E **hoje tem um monte de Dorotéias por aí**. São aquelas pessoas que falam do outro, mas não se enxergam; porque com ela foi nítido, **a cobrança da moral, do machismo, porque ela fazia também o machismo funcionar dentro da família, a violência também era estimulada por ela** (Esmeralda)			X
Hoje a ciência está a favor da mulher e se prova que o homem também tem problemas e que em muitos casos é o homem que é infértil. As coisas que se dizia naquela época como a mulher que não pode ter filhos, a mulher que é vazia,			

então a ciência colabora nessa parte, que as vezes não tem um problema tão grande, coisas que naquela época não tinha que se descobrir. Hoje tem tratamento para infertilidade e outros (Esmeralda)		X	
Total (Esmeralda)	**1**	**4**	**4**
a questão da mulher, pois **a mulher não tinha expressão de voz nunca, era só presença;** do **filho do Ramiro que traia a esposa porque isso fazia parte do casamento na época, a traição era do homem e não da mulher** (Granada)	X	X	
Jesuíno que representa bem a figura forte do homem dominante da família, onde **todos os dias praticamente ele estuprava a mulher, o estupro mostra a questão da mulher não ter vontade na relação sexual**. (Granada)			X
da agressão do homem, coisa que acontecia tanto com as esposas quanto com as filhas mulheres também porque de certa forma eles viam elas como propriedade. **A violência era uma coisa muito intensa, principalmente contra a mulher porque a mulher passava a ser uma propriedade do homem no momento que ela casava**. O pai deixava de ter ela como propriedade e passava para o marido, então **ele se achava no direito de violenta-la de estupra-la, de agredi-la porque ela era uma propriedade**. **Ela não era vista como um ser humano com desejos, anseios, vontades**, não era uma pessoa que pudesse dizer em qualquer momento eu não quero mais porque era uma propriedade. (Granada)	X	X	X
a partir do momento que souberam que aquele engenheiro era casado, a guria (Malvina) já percebeu que foi enganada e o pai já a agrediu ela não pode ter a liberdade de viver com ele porque ele não podia se separar porque ele era um homem marcado na sociedade, marcado por um contrato que de certa forma não deixa de representar um pouco até a nossa realidade, porque **esse contrato ainda prevalece com algumas obrigações, inclusive quem é companheira também faz parte de um contrato e de um vínculo, isso se mantém até hoje** (Granada)	X		
Antigamente **a mulher era criada para casar e ter filhos para proliferar** (Granada)	X		
Elas se moldavam aos hábitos do marido, as situações que o marido vivia, as condições financeiras, ao mercado de trabalho, onde o homem trabalhava e elas se julgavam felizes, mas não eram. **Elas não tinham reconhecimento profissional, cultural...elas eram esposas de fulano e nada mais ou...mães de cicrano e nada mais** (Granada)	X	X	
a prostituta não podia participar da missa da procissão porque ela era vista como indigna aos olhos da igreja que traçava a família como o padrão normal da época (Granada)		X	
se tu fores ver mantem-se os traços da época, a mulher ainda é subjugada, **a mulher ainda para conseguir um espaço no mercado tem que comprovar muito conhecimento e além do conhecimento ela tem que estar sempre se atualizando e mesmo assim ela sofre discriminações** e ela nunca vai ter aquela mesma credibilidade masculina as vistas dos olhos da sociedade desde aquela época, que **claro era muito pior porque ela era vista como propriedade e não como um ser humano com direito de ir e vir e de se posicionar** (Granada)		X	
Eu vejo um desenvolvimento muito grande principalmente dos anos 80 para cá. Até a nossa geração a família ainda instituía essas figuras na cabeça da mulher. **Hoje eu vejo que as mulheres estão se inserindo mais no mercado de trabalho tendo uma representatibilidade bem maior, hoje tem mulheres com um salário bem maior que de alguns homens.** Isso tu visualiza nas condições financeiras e capitalistas, tu vê mulheres com carros melhores, propriedades melhores porque ela lutou mais para ter isso e em função disso ela deixa de ter outras, ou de experienciar algumas situações para poder alcançar suas metas. **Hoje eu vejo a mulher não se preocupando tanto com o casamento. Ela se preocupa com a felicidade, que seja momentânea, pois hoje os casamentos são muito fragilizados**. Isso, porque a mulher tem tanto poder de decisão e de escolha quanto o homem, tantos recursos quanto o homem. Hoje ela pode dizer eu não quero cozinhar, não quero lavar a roupa, quero ir a tal lugar sem dar satisfações como antes (Granada)	X	X	
Hoje a mulher **se quiser ter filhos ela tem, se não quiser tanto faz**, tanto fez. **Ela não precisa mais demonstrar seu reconhecimento social através de um casamento porque o reconhecimento social ela reconhece através da cultura, da educação, da sua formação** (Granada)	X		
Hoje mudou, mas ainda há permanências bem fortes, tanto que alguns maridos ainda continuam agredindo esposas, não só maridos, mas homens em geral. Até hoje **os homens criam em alguns aspectos estereótipos para as mulheres que são muito libertárias, o que não deveria porque tanto o homem quanto a mulher tem direito sexual, liberdade.** Então, se tu fores pensar, **mantêm-se alguns traços muito fortes do passado** (Granada)			X
eles estão mais aberto a questionamentos, mas mantém a mesma postura do traço da família, do contexto de tentar induzir nas pessoas que o certo é seguir esta linha de pensamento e não a coisas como o uso da camisinha. Mas, **hoje os tempos mudaram, as doenças sexualmente transmissíveis se proliferaram**. Então não se pensa na condição do ser humano, mas na condição econômica,	X		

desse modo se mantem os traços ainda daquela época implícitos, onde só as pessoas mais criticas tem condições de questionar (Granada)			
Hoje ainda**, por mais que uma família diga que é inovadora mantém os traços, por exemplo, querendo que o filho seja heterossexual**. Ficam referindo que é a questão da violência, mas não é. **É o conservadorismo da época que permanece nas bases de todo o sistema. Hoje a gente até vê conceitos de família diversificados, mas a essência do conservadorismo se mantém. Tanto se mantém que permanece a imagem do casamento entre um homem e uma mulher, então se tudo fosse liberado poderia ser uma imagem entre dois homens, ou duas mulheres, mas nós não conseguimos ainda nos adaptar a estas mudanças. Eu acredito que algum dia nós possamos aceitar sem críticas esses novos conceitos de família, mas agora ainda permanecemos com os conceitos alicerçados na época coronelista e isso pode se manter por pelo menos uns bons 50 ou 100 anos porque as crianças ainda: menina se veste de rosa, menino de azul, as questões de gênero se mantém no seio familiar**. E...**se nós tivéssemos sofrido tanta fragmentação, tantas mudanças, não teríamos tão embutida essa questão de cores e contratos familiares** (Granada)	X		
Total (Granada)	9	6	3
me chamou atenção na época, até porque **se divulgou muito na mídia foi aquele coronel que matou a esposa. Me chamou muito a atenção, acho que pela questão do machismo, da impunidade**, até porque para acontecer tudo aquilo, as coisas aconteciam como aquela pessoa determinava (Ágata)			X
A mulher que é extremamente submissa, a mulher é um objeto e vem a figura de uma mulher tentando sair disso. Alguns homens concordando com isso, mas a grande maioria não, a submissão da mulher é muito forte ali (Ágata)		X	
Tem também **aquela questão da menina que luta muito, da Malvina, isso me chama atenção, a luta que a mulher teve para tentar conquistar um espaço igual, o que não é nada além de ter os direitos dela.** Isso, nessa novela, está muito relacionado com a história. Eu acho que **eu percebo mais as coisas da novela hoje pela própria novela e aliada ao fato de eu estar mais velha, pela minha experiência de vida, pelas vivências e por poder refletir sobre o que aquilo ali está te mostrando**. (Ágata)		X	
.....**infelizmente o que eu penso disso até os dias de hoje é que a mulher continua submissa, a mulher ainda é... exemplos que eu vou te dar: a mulher ainda é vista como menor, como menos, claro que como bem menos clareza, porque naquela época isso é escancarado**. **Ainda hoje as profissões femininas são as que têm remuneração menor, tem menor importância digamos assim, as profissões que tem um predomínio do sexo feminino são aquelas que tem menos valor,** entre aspas, as professoras, as enfermeiras, são profissões predominantemente do sexo feminino e elas aparecem muito menos valoradas socialmente, culturalmente (Ágata)		X	
Total (Ágata)	0	3	1
a Sinhazinha que era mulher do Jesuíno, porque mostrou que o poder dos coronéis não era só na política, mas também sobre a mulher. Com **aquela frase que ficou marcada, eu acho que ninguém vai esquecer "vou lhe usar"** (risos), **mostra que o marido era dono da mulher, o poder que ele tinha sobre ela** (Ametista)	X	X	
A mulher que muda, que cansou de ser submissa, como a Malvina que é diferente das outras mulheres dos coronéis que eram submissas. Aquilo ali era uma cultura, mas cultura aceita (Ametista)		X	
Era assim mesmo, **a mulher que era adultera tinha que pagar, era normal a mulher apanhar do marido**. **Até a cena que eu me lembro, quando o Jesuíno, ele a mata, ele vem descendo as escadas todo mundo esta ali assistindo e ninguém fala nada**. Até a Dorotéia acha muito bem feito (Ametista)			X
A Dorotéia também tem um poder de mando na cidade, talvez por estar envolvida com essas questões morais ela influencia as outras mulheres como um exemplo no ideal de vida, ela era a mulher ideal da época. **Eu diria que ela chega a ser tão importante quanto um coronel, não influencia diretamente na política, mas tem influencia na estrutura, porque diz com quem os netos podem casar ou não** (Ametista)	X	X	
Para a mulher o casamento era um sofrimento, uma coisa sempre imposta. A mulher servia só para tornar aquilo possível. A mulher se fosse de uma família influente casava, mas ninguém levava em conta se ela gostava, **ela não tinha o direito de se apaixonar por ninguém, então ela casava e ficava submissa,** isso acontecia frequentemente (Ametista)	X		
A própria **mulher sofria violência, era permitido ao homem o direito de matar, de bater** (Ametista)			X
Eu acho que a novela representa o que se viveu naquela época, e que **nossas famílias passaram por alguma coisa semelhante**. **O pai mesmo nunca deixou a mãe trabalhar,** era cultura da época dele, "não quero que tu trabalhes", e **ela se submetia**, isso era cultural. **Isso a gente não consegue ver naturalmente, mas sabe que aconteceu** (Ametista)		X	

Total (Ametista)	3	4	2
Eu vejo **o casamento como um rearranjo social, para a mulher como uma forma de libertação e é justamente o contrário, é mais um momento de prisão porque ela sai do domínio paterno e vai para o domínio matrimonial,** então não é nenhum momento de libertação é justamente o contrário, porém ele promove a aceitação social. Assim, **naquela época, se eu fosse solteira e fosse para a capital desenvolver meus estudos eu seria mal vista pela sociedade, uma sociedade provinciana, que é o caso mostrado na novela.** Também era uma sociedade fechada onde só era bem visto quem nutrisse os valores por ela estabelecidos, então **o casamento é o retrato da manifestação social e desse modo nessa época o casamento para a mulher era muito importante porque era uma forma dela ser valorizada socialmente** (Turquesa)	X		
A mulher também era responsável por dar filhos homens para esses maridos. A necessidade do filho homem vinha justamente da questão eleitoral. Se o coronel tivesse um filho ele poderia manter ele na política, manter sua autoridade na região, então é o poder da família sobre a população. **A mulher que casava e tinha filhos era bem vista socialmente. No caso da Sinhazinha, ela era infrutífera, não tinha capacidade de ser mulher e de cumprir o que eles entendiam como a principal função da mulher**. Ela não era vista na sociedade por pensar, por buscar um futuro melhor, ela era vista só como progenitora (Turquesa)	X	X	
A mulher não tinha voz, ela não era um sujeito pensante. Ou então, por mais que ela **demonstrasse pensar e querer despontar socialmente, ela era mal vista pela sociedade**. **A violência era uma forma de manter essa mulher calada, de subjugar seus direitos,** era uma forma de fazê-la entender que o casamento era a coisa mais importante, então na escala social ela sempre ficava abaixo do homem. **Essa violência era uma forma coercitiva que eu posso até comparar com a violência eleitoral. Então, existia tanta violência contra a mulher naquele período porque ela não tinha vez, não tinha voz, não tinha leis que a protegessem porque a sociedade retratada era predominantemente paternalista, masculina. Esses homens faziam leis para defesa de si próprios, desse modo a mulher não tinha nenhuma representatividade na sociedade**, assim a violência era com certeza uma forma de opressão (Turquesa)		X	X
Então **a mulher tem essa figura oprimida, violentada que a gente pode pensar como uma personagem desfigurada socialmente.** Ela é desfigurada porque ela não tem o ressalte das suas características, **não é vista como mulher por suas características de indivíduo, mas como a mulher que dá o filho, casa, que obedece**, então é uma mulher que fica submissa ao seu marido, e é uma figura contemplativa. Ela **faz parte de um arranjo social, onde todas as coisas da sociedade tinham que estar alinhadas aos ideais masculinos** (Turquesa)		X	X
hoje em dia a mulher em si despontou para o mercado de trabalho, busca algo melhor bem diferente do que era antigamente, porque era uma mulher mais oprimida, mais submissa, só que ainda a gente vê que alguns salários são desparelhos se a gente comparar, porque o homem sempre foi melhor em algumas situações na questão social. Hoje em dia deixa de acontecer isso aí**. Nesse período novo que está se instalando se percebe ainda vão se manter algumas coisas porque é difícil romper com alguns valores sóciais até porque esses valores sociais segundo algumas pessoas é que mantem a estabilidade** (Turquesa)		X	
A mulher daquela época entendia o casamento como uma forma de valorização quando eu vejo como o contrário, como uma forma de prisão (Turquesa)	X		
Hoje ainda tem violência contra a mulher até porque como mostrava a novela, uma visão paternalista masculina, **hoje o homem percebeu que tem muito mais mulheres no mercado de trabalho**. A mulher está desenvolvendo algum produto, **ela está conseguindo ficar páreo a páreo com o homem, para ele isso é uma forma de perda e ainda se mantém a tentativa da manutenção do homem como superior na sociedade,** então é muito mais fácil agredir essa mulher porque dessa forma talvez eu pare ela, **não deixa de ser uma forma de calar o outro... Hoje a gente vê campanhas que querem definir qual a roupa que a mulher tem que usar, mas em afronta se vê outras, que mostram o rompimento com aquele tempo**, como essas que estão circulando na internet, aquelas que as mulheres apareceram nuas e colocaram dizeres que não mereciam serem estupradas, e a própria lei Maria da Penha. A televisão também surge como um ícone para que as mulheres e não só elas, mas **a sociedade como um todo, possam demonstrar esses micro rompimentos que são os geradores da mudança** (Turquesa)		X	X
Total (Turquesa)	3	5	3
A vida da mulher era assim mesmo, como a da dona Sinhazinha. Diz que o marido chegava, não fazia carinho, era frio assim, só valia para a cama e mais nada. **O homem mandava nos filhos, na mulher, na casa.** A mulher não mandava em coisa nenhuma, nem na casa, nem nos filhos. Isso mesmo é vida real até quase os dias de hoje bem dizer (Pérola)		X	

A Malvina era um espírito mais moderno. Era filha de pais sem muito estudo, mas que deram estudo para ela, então ela viu que não era tudo como eles imaginavam na cabeça deles. **Ela queria ter a vida dela, ser uma professora, queria ser independente.** Ela começou a estudar e viu como era a vida, então ela queria ser independente da família. **O pai batia nela sempre, mas isso era normal.** A filha não podia falar nada que os pais batiam mesmo, isso era normal. **Era normal bater em mulher, bater em filhos, isso a minha mãe dizia era normal naquele tempo**. **Eles tinham as mulheres como bichos** (Pérola)		X	X
A traição de uma mulher era a morte. **Deus nos defenda que uma mulher traísse o marido, que uma filha aparecesse grávida, que uma filha fugisse de casa era a morte para eles** e eles nunca mais iam querer ver os filhos. Já **o homem podia trair a vontade, a mulher sabia, mas, não se importava. Ela tendo comida e tudo dentro de casa fazia que não via e o homem podia ter até amante. Ela sabia o que o marido fazia mas, fazia que não via, a mulher aceitava tudo**. Elas tendo conforto e o que valia, homem era homem diziam elas. (Pérola)		X	X
O casamento, até na minha família, tinha que casar de véu e grinalda. Uma menina que aparecesse grávida, era expulsa de casa, já não tinha amizade mais de uma moça, não tinha de mais ninguém. A onde que elas tinham que ir, para o Bataclan, um cabaré, porque já ninguém mais namorava elas, ninguém mais dava bola para aquela menina que um dia se entregasse para uma rapaz e o filho dela era bastardo, ia ficar marcado para o resto da vida como bastardo. **Se a mulher não casasse ela ficava como solteirona, mas como moça e também não namorava mais. Mas as vezes os pais não aceitavam, era muito difícil. Naquele tempo o casamento era muito importante para a mulher, porque se achava que a mulher casada o marido tinha obrigações,** porque naquele tempo a mulher não trabalhava tanto, então o marido tinha obrigações com a esposa e de construir uma família. **Sendo só casada que ela podia construir uma família, se não os filhos seriam bastardos**. **A função da mulher era dar filhos, limpar e cozinhar.** Como vida, a mulher era escrava, porque até para ir num lugar ela tinha que avisar, vou aqui, vou ali (Pérola)	X	X	
Ele matou e todo mundo sabia, até o pai da moça, todo mundo na cidade sabia. Só que **todo mundo achava que ele estava certo, tanto é que ele não foi preso, só depois. Ele lavou a honra, matando ele teve honra de novo, naquele tempo era assim mesmo** porque **Deus nos livre de uma mulher trair um homem**, agora o homem podia trai a vontade (Pérola)			X
O Jesuíno mata a mulher, então ele vai arrumar uma nova esposa, que estudava junto com as filhas do coronel. Então duas mulheres se interessam por ele, as duas estavam apaixonadíssimas, devia ter casado com uma delas ficaria mais feliz ele**. Elas queriam casar porque ele era um bom partido e elas já estavam solteironas, naquele tempo dizia-se solteirona. Eram virgens e velhas então queriam casar para deixar de ser titia, para serem mais respeitadas na sociedade** (Pérola)	X	X	
A Jerusa era apaixonada pelo Mundinho, até ia fugir com ele porque o Ramiro não aceitava o casamento deles. Ele manda ela para um convento porque naquele tempo era assim mesmo, mandar para um convento quando não obedecia, **naquele tempo era assim, a mulher se submetia** (Pérola)	X	X	
o que acontece com a Lindinalva é que **o Berto faz ela se entregar para ele antes do casamento, mas a velha não deixa depois ele casar com a coitadinha a onde ela vai para uma cabaré** porque não tinha comida, nem ninguém para lhe dar uma mão. **É como te digo, moça naquele tempo se entregava e se descobriam não tinha mais amizade. Era como na novela, ela chegava nas portas, batia e ninguém atendia,** então o que elas iam porque não tinham mais nada iam parar nos cabaré como os da Maria Machadão. A Lindinalva não gostava do cabaré, de ser meretriz, então ela aguentou tudo que pôde; ai o irmão dele se apaixonou por ela e combinaram de fugir. Ai **ele quase matou ela dando nela porque ele a amava, ele não casou com ela por causa da avó, por causa da família** (Pérola)	X	X	X
Minha filha **até hoje tem mulher que é espancada, que apanha do marido porque tem muitos homens que acham que tem direito de bater nas mulheres não sei se porque as mulheres não se dão o valor, se são muito humildes. Eu tenho impressão que é porque elas ficam muito humildes, que fazem tudo o que eles mandam fazer**: vem aqui, não vai ali, não faz isso, **então ele vai se achando como dono da pessoa**, posso fazer dela o que bem entender porque ela vai me aceitar sempre (Pérola)		X	X
A mulher que está diferente, não tem mais a mesma necessidade de casar. Hoje eu vejo a mulher liberal, é dona de si. Ela não aguenta mais desaforo de homem, hoje uma menina com 13 anos já é mulher, Deus nos livre que naquele tempo já fosse, com treze anos muitas já são mães. **Hoje a mulher é liberal, hoje ela manda na sua vida, não aguenta desaforo de homem, desse jeito muitas não querem casamento porque não querem ser escravas de homens** (Pérola)	X	X	
Os interesses das mulheres estão voltados para outras coisas. Tu vê minha filha, **hoje elas estão na marinha, no exercito, na brigada, estão em tudo**			

isso aí. Então se a mulher está em todos esses lugares ela é dona de si como o homem também é, e se tu pensar isso era só dos homens, antes os homens mandavam e hoje elas até mandam nos homens. **Teve uma evolução muito grande da mulher na sociedade, até na política** (Pérola)		X	
Total (Pérola)	5	10	5
Nos tempos antigos a gente notava que a mulher não tinha voz ativa. **O casamento era um acordo entre os pais, não tinha amor, era só baixar a cabeça e aceitar o que o marido estava mandando**. A mulher só ficava dentro de casa, não tinha voz porque em tudo estava o coronel atrás, imagina outras situações como sair na rua, ir à igreja, até isso era proibido algumas vezes, então a mulher não tinha voz para nada. **O casamento era uma imposição, não digo na minha época, existiam mulheres dependentes e os pais criavam os filhos e principalmente as filhas só para o casamento, porque achavam que estudar não era necessário** (Zircônia)	X	X	
Naquela época se a mulher se entregasse antes do casamento ela ficava mal vista e falada, não tinha mais para onde seguir, que rumo tomar depois de dar esse mau passo, vamos dizer assim (Zircônia)		X	
Hoje, **eu sou casada já há 33 anos**, então vou falar do meu casamento. Eu **tenho liberdade de expressão, de sentar e conversar, de expressar o que eu sinto em qualquer ocasião. Sinto que eu tenho um companheiro que me apoia em qualquer decisão que eu tomar**. Quando a gente senta e conversa os dois chegam num consenso, ele não é capaz de ir contra mim**. A relação entre homem e mulher mudou, eu digo isso porque tive uma vivencia com os meus pais de um casamento conturbado, no regime de antigamente**. **Minha mãe jamais podia botar o pé fora de casa. Minha mãe foi agredida muitas vezes, não chegou a ser fisicamente, mas com palavras e ameaças. Então eu vivi esse lado do casamento com os meus pais, e hoje eu vivo o meu e u posso dizer que estou num mundo completamente diferente** do que eu imaginava de um casamento (Zircônia)	X		
Eu ainda **sei de alguns casamentos a moda antiga. Eu tenho bastante conhecidos**, não vou citar nomes, **que ainda vivem os casamentos a moda do meu pai, mas hoje em dia eu vejo muitas outras mulheres indo a luta, saindo para trabalhar que era proibido, saindo para estudar e eu acho que isso está abrindo, conscientizando que é precisos os dois estarem de acordo para o casal sair para trabalhar**, eu acho que é por aí (Zircônia)	X	X	
Eu não me vejo apanhando de um homem, sendo agredida, então eu não vivi isso, mas o que eu posso dizer é que eu sei que tem um circulo, onde fica difícil, e , eu estou me guiando por alguns casos que eu sei de pessoas que eu conheço, **que estão vivendo isso, é que o convívio do companheiro que é drogado e então não deixa a mulher sair dessa relação**. Outras vezes eu vejo que a s mulheres até pensam em sair, mas voltam atrás e não denunciam e quando denunciam voltam atrás. Eu não sei bem o que passa na cabeça das mulheres, mas **hoje em dia aceitar ser espancada, violentada pelo companheiro, eu acho um pouco demais, mas sei que ainda acontece.** Acho que pela submissão e pela falta de recursos, é o pai dos filhos que trás algum bem material, algum alimento para dentro de casa. Acho que aí ela se sujeita a ser espancada, violentada e se pensar bem não vale a pena (Zircônia)			X
Hoje a mulher é criada diferente, aqui em casa nós fizemos questão que as nossas filhas estudem, que tenham como sobreviver independente ou não de casarem, nos botamos na cabeça deles de estudarem, porque o estudo é para eles mesmos e não para nós. **Eu vivo esse outro lado que eu vivi na minha infância, a sexta série era de noite e meu pai dizia que as filhas dele não podiam sair de noite**. Agora **com as minhas filhas eu noto que o meu marido dá muita força para elas estudarem**. A de 17 anos já está no cursinho para fazer o ENEM, já com meu pai era a 5ª série e as meninas já não estudavam mais e era só dobrar a esquina e estava no Mascarenhas(colégio), meu pai não nos deixava estudar, ele criou sete filhas para casar. **A mulher que não casava era mal vista, não saia de casa na época dos coronéis, na minha época já era difícil** (Zircônia)	X	X	
Outra coisa**, a mulher ter filhos era uma imposição, acho que a mulher que não tivesse filhos era excomungada pelo marido, porque essa que não tinha filhos não era digna de ser esposa**. Mas hoje é diferente existem vários recursos. **Eu fiz vários tratamentos para engravidar das meninas e sei te dizer foram 13 anos de luta porque a gente queria, o casal,** nunca foi um só (Zircônia)		X	
hoje acontece ainda de alguns homens matarem suas esposas, só que não é mais para lavar a honra, mas por se sentirem donos de suas esposas. Tem homens que não aceitam a separação e também as mulheres cometem crimes como assassinatos. **Os crimes de hoje ainda vêm daquele tempo antigo, porque mantém o pensamento: eu sou teu dono, se não fores minha não vais ser de mais ninguém**. Eu **acho que isso ainda permanece do passado, talvez pela nossa criação, apesar de toda a evolução** (Zircônia)			X
Total (Zircônia)	4	5	2

No passado era aceito que o homem traísse. Eu me lembro de uma tia-avó falando, que o marido dela era um homem muito bom, mas que ele desejava coisas que mulheres direitas não faziam, então ele frequentava casas de prostituição como os coronéis (Turmalina)	X		
A gente vê os nichos sociais da religião, do futebol e outros, todos mantem os preceitos religiosos, do poder, do casamento. Na minha percepção a filha se apaixona, mas não pode dar vazão aos seus sentimentos porque está atrelada a esses preceitos, por exemplo, no meu caso porque eu não podia ter outra profissão? **Eu queria ser aeromoça, minha mãe era professora e meu pai me forçou a fazer direito porque advogado ganhava mais e eu acabei fazendo direito não para isso, mas para agradar meu pai porque eu queria agradar meu pai.** Então você abandona seus sonhos para contentar o pai. **A gente acaba se submetendo a coisas porque brigar com o sistema é muito doloroso** (Turmalina)		X	
A questão da moral, na novela foi mostrada com a senhora aquela que era mais velha, mas não existe repressão moral hoje? Existe, a gente tem que estar sempre naquele padrão. **Temos que ser moralmente aceitos e ai entra a questão da sexualidade. Só para ter uma ideia, para fazer uma comparação meu namorado não é exatamente o que a minha família espera de mim. Meu namorado é negro, mais jovem, pobre e tem um cabelo black e jamais será aceito na minha família.** Pelo meu pai claramente porque ele é um homem racista, é um advogado, culto, viajado e nele eu enxergo o coronel (Turmalina)	X		
Eu me vi na Malvina, porque eu passei por muitas coisas. Eu fui espancada, minha mãe foi espancada, meu pai tentou me matar quando eu saí de casa, ele foi atrás e atirou em mim. Então eu me vejo na personagem por tudo o que o coronel fez com a filha, só que comigo não foi por causa de namorado porque eu já era noiva, mas ele queria que eu cassasse e eu queria levar mais tempo para casar. **Eu saí de casa, pois ele me forçou a casar.** Ele pensava no que os outros iriam dizer, com a própria filha dele morando na casa da tia. Ele ofereceu carro e apartamento para eu ir para outra cidade. Isso é um pensamento de um coronel, e isso é tão arraigado que existe em uma pessoa moderna, **minha mãe, mesmo que com estudos, ainda se submete a isso.** Tudo isso tu nota na atualidade de uma cidade pequena, pois são cidades que não abriram as portas para o conhecimento externo (Turmalina)		X	X
hoje as coisas são estranhas, se vê meninas com velhos acabados, pois ao invés de no passado, terem dinheiro e não terem amor, hoje elas querem dinheiro e não querem o amor, **Ao invés de a mulher ser ensinada a casar para viver a sua vida, ser feliz, parece que regredimos e ela foi ensinada a casar com quem possa sustenta-la** e dar tudo de bom e do melhor (Turmalina)		X	
Total (Turmalina)	2	3	1
antigamente era difícil de se ver mulher trabalhando, e eram poucos nichos em que existiam mulheres trabalhando então **puxando mais para o inicio do século, as imposições que existiam do pai ou do marido de acordo com o que eles quisessem,** sem um pensamento próprio era o normal da época (Citrino)		X	
Para a parte politica a e social, **a mulher era um troféu do marido, algo que ele apresentaria para a sociedade,** como uma boa mãe, uma boa cozinheira, bonita, nunca uma pessoa com ideias próprias, mas que estivesse ali só pra posar do lado do marido (Citrino)		X	
Antigamente lavar a honra com sangue era quase que uma lei, um homem traído, poderia ter o nome com honra, e para isso devia matar a mulher. Considerar isso crime era uma nova politica, era como se hoje pegássemos algo permitido na sociedade, quase como uma lei, e fosse proibido da noite para o dia. Eles pensavam naquilo como um absurdo. Um juiz local estava coagido pelos coronéis locais, e não conseguiria agir de maneira justa e pessoal, pois a segurança dele e da família estaria em risco por tomar a decisão correta (Citrino)			X
Uma coisa que **me chamou a atenção foi o bordel, pois naquela época, as prostitutas eram algo aceito.** Socialmente, elas não podiam entrar em certos lugares, eram discriminadas e a mulher, esposa, não podia fazer algumas coisas que eram de prostitutas, então, **era necessário um bordel para os coronéis**. Existiam algumas regalias e vantagens para as prostitutas se manterem no local (Citrino)		X	
Hoje, apesar de não ter a visão da mesma liberdade dos homens, já há uma liberdade bem mais aberta para as mulheres. Mas, **ainda se tem a visão de que se o homem dormiu com dez mulheres, ele é o cara, e se a mulher dormiu com 10 homens, ela é uma vadia.** Isso eu até acho que é culpa da educação que foi dada a mulher, pois **em muitos casos de a mulher não estar satisfeita com o casamento, ela fica nesse casamento, pois não teria condições de sair de dona de casa para uma mulher de trabalho** (Citrino)	X	X	

Se tu aliar essa natureza a homens opressores e violentos, tem a agressão dentro de casa. Normalmente o pai e a mãe tinham esse perfil. É isso, e visto mais em pessoas com baixo nível escolar. Isso é uma questão que ocorre mais por educação do que por cultura, é o contato do filho com a família, e, a sociedade muda a visão de tudo (Citrino)			X
Hoje a sociedade mudou, e o que prova isso é, num estado considerado machista, ter uma mulher como governante. Isso vem da própria mudança de cultura e a mulher já tem um nicho bem maior dentro do governo. **O mercado de trabalho mudou a ponto de que só com o salario do marido, seja muito difícil de manter uma família sem um salário extra, ou seja, o da mulher que vai para o trabalho** (Citrino)		X	
Total (Citrino)	1	5	2
A mulher nessa época, a mulher era unida aos coronéis: esposa, empregada, ou moradora da região, ou então ela era uma prostituta (mulher da vida), ou era um tipo ou outro, pois não existia um meio termo (Ônix)		X	
A novela representa bem a época do coronelismo por retratar a agressão à mulher, que era um tanto desvalorizada, era tratada como um objeto pelos coronéis (Ônix)		X	X
na época, se a mulher não dava muito carinho para o homem, iriam para um bordel, e quanto **a discriminação, não era entre os homens, mas sim entre as mulheres, que tinham inveja umas das outras**. No pensamento delas, eram formados grupos, um grupo de elite, que era o grupo discriminador, e o grupo que tinha uma classe mais baixa, o grupo discriminado (Ônix)		X	
naquela época **eles trancavam a mulher na fazenda, pois achavam que se houvesse contato somente com os empregados, não haveria traição**, e ela traiu ele. Naquela época, **ele matou ela para defender a própria honra,** em defesa da honra dele, ele assumia que havia matado a esposa, e **existia uma conivência na justiça, e a lei era burlada** (Ônix)			X
hoje a mulher conseguiu um espaço muito grande na sociedade. Naquela época, **os homens pensavam que ao casar, teriam as mulheres como sua propriedade, coisa que ainda existe muito hoje em dia**. **Hoje ainda existe violência contra a mulher, isso algumas vezes existe nos casos de quando a mulher estuda ou trabalha, pois se um estuda, dificulta o espaço de vida do outro, e vai trabalhar, e o homem não sente seguro quando sua mulher não fez o serviço, pois se foi uma empregada, não foi a mulher**. **Isso vem da educação do homem, uma cultura que todo homem tem dentro de si.** Alguns praticam essa cultura ao pé da letra, mesmo que sem o conhecimento, mas praticam. Hoje existe violência, às vezes batem nas mulheres, e existe um desnivelamento total só que **atualmente, as mulheres tem mais poder, e escolhem o que querem e não querem fazer, mas o homem não aceita isso, por ter desenvolvido um pensamento de domínio** (Ônix)		X	X
Os casos de violência contra a mulher, eu conheço por parte de experiência com familiares, e sei que esses casos diminuíram muito hoje, mas, uma mulher que tenta denunciar um agressor, volta atrás por necessidade, por querer estar com o agressor, e se sentir com medo, ameaçada. Desse modo, elas se retraem, e ficam em uma zona de conforto, pensando que está ruim com ele, mas sem ele ficaria pior. Essa zona de conforto acostuma, mesmo apanhando, sendo surrada (Ônix)			X
Elas sentiam a necessidade de casar, pois seriam melhores aceitas na sociedade, mas para o pensamento delas **não era a solução só o casamento e ali começava a revolução das mulheres**, por mais liberdade, para estudar, trabalhar e separar de seus maridos, aí as mulheres que foram mães solteiras, que traziam uma problemática para a sociedade **começaram a ter mais espaço e a mulher foi se liberando daqueles que oprimiam elas** (Ônix)	X	X	
Hoje os homens são julgados, pelos vizinhos pela morte da esposa, da companheira, **então o homem tem medo, pois ele terá de pagar na justiça, pois a lei é cumprida, e não burlada como antigamente** (Ônix)			X
Total (P11)	1	5	5
Total Geral	32	61	33

Quadro 3 – Extratos das narrativas dos participantes a cerca do tema sociedade, Rio Grande – RS, 2014.